

Regina Maria Macedo Costa Dantas

CASA INCA OU PAVILHÃO DA AMAZÔNIA?

A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889
em Paris

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia.

Orientador: Nadja Paraense dos Santos

Rio de Janeiro
2012

Dantas, Regina Maria Macedo Costa

Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris / Regina Maria Macedo Costa Dantas - Rio de Janeiro, 2012.

xi, 280 f.: il.

Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadora: Nadja Paraense dos Santos

1. História das Ciências no Brasil 2. Exposição Universal de 1889.
I. Santos, Nadja Paraense dos. II. Título.

CDD: 507.4044

Regina Maria Macedo Costa Dantas

CASA INCA OU PAVILHÃO DA AMAZÔNIA?

A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889
em Paris

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia.

Aprovada em 26.10.12

Nadja Paraense dos Santos (D.Sc.) HCTE/UFRJ

Alda Lucia Heizer (D.Sc.) JBRJ

Heloisa Maria Silveira Barbuy (D.Sc.) USP

Maria Margaret Lopes (D.Sc.) MAST

Ricardo Silva Kubrusly (Ph.D) HCTE/UFRJ

Para Aguinaldo,

Dandara,

Gabriel,

Vitor e

Vinicius

Agradecimentos

Início pela minha querida orientadora, a professora Nadja Paranes dos Santos, que me estimulou com valiosas sugestões para a produção deste trabalho.

Ao professor Ricardo Silva Kubrusly que demonstrou interesse pela pesquisa e me apresentou o mundo interdisciplinar – o HCTE.

À professora Alda Heizer pelo apoio na defesa do projeto e por disponibilizar documentos e obras relevantes para a investigação.

À profa. Heloisa Barbuy pela generosidade em fornecer textos e imagens. Suas análises sobre a Exposição de 1889 foram decisivas para o desenvolvimento da pesquisa.

À profa. Maria Margaret Lopes que naturalmente me motivou por meio de seus estudos que relacionam o Museu Nacional ao desenvolvimento das ciências no Brasil.

À profa. Heloisa Bertol Domingues (MAST) agradeço pelas sugestões dadas à pesquisa no momento do exame de qualificação.

Ao professor José Carlos de Oliveira (HCTE) pelas conversas sobre História das Ciências no Brasil e indicações bibliográficas para a escrita da tese.

Aos professores do HCTE, importantes nessa trajetória por proporcionar reflexões para a realização da pesquisa, em especial, ao Aloísio Teixeira (*in memoriam*) pelo incentivo à releitura dos “Intérpretes do Brasil” (e Caio Prado Jr. foi redescoberto).

Aos colegas de turma do HCTE (2008-2012) que estimulam e são estimulados pela magia do curso.

À « Mulher Pássaro » e ao « Respifala », companheiros nas muitas reflexões que só o HCTE pode proporcionar.

À equipe da secretaria do HCTE, Mariah Martins, Gabriela Evangelista e Aracy Castro meus sinceros agradecimentos pela paciência e envolvimento para facilitar a conclusão da pesquisa.

À ex-pró-reitora de pós-graduação e pesquisa/PR-2, professora Angela Uller, que foi compreensiva e incentivadora durante o difícil momento de conciliação entre o trabalho na PR-2 e o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos da PR-2 que acompanharam o início da pesquisa: Braz Guimarães, Marília Lopes e Claudia Damiana.

Ao amigo e ex-diretor do Museu Nacional, professor Luiz Fernando Dias Duarte que, mesmo distante, esteve presente na realização da escrita por meio de seus ensinamentos adquiridos no período em que trabalhamos juntos na instituição.

Ao ex-diretor do Museu Nacional, professor Sergio Alex Kugland de Azevedo por acreditar neste projeto e ter proporcionado os deslocamentos para levantamento de dados nos diferentes locais de Petrópolis à Paris.

À atual diretora do Museu Nacional, professora Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho, pela atenção e carinho ao longo da pesquisa.

Aos professores e curadores do Museu Nacional que auxiliaram nas análises das coleções: Elizabeth Zucolotto (meteorítica), Antonio Carlos Fernandes (DGP), Tania Andrade Lima (Arqueologia) e Luci de Sena Valle (Botânica).

Aos pesquisadores que contribuíram com indicações de bibliografias e de documentos no Museu Nacional: Gustavo Moreira, Fátima Nascimento, Angela Rabelo e Cleide Maria da Conceição Martins.

À Edson Vargas e a equipe da Biblioteca Central do Museu Nacional por disponibilizar os preciosos periódicos em todos os momentos necessários.

Agradeço em especial ao Roosevelt Mota, pelo empenho nos registros fotográficos e à Jaçanã Elizabeth e Marilene Alves pelas buscas nos bastidores da exposição permanente.

À Maria José Veloso da Costa Santos, amiga inseparável que vem acompanhando minhas investigações desde 1994.

Ao amigo Wagner Martins, diretor adjunto do Museu Nacional, maior incentivador de minhas divagações.

À amiga Rhoneds Aldora Perez por proporcionar rico debate sobre a arqueologia brasileira. Sua participação foi decisiva no fechamento da pesquisa.

Aos bolsistas da SEMEAR/MN Flavio Morgado da Silva, Davi Bonela e Felipe Santos da Costa por terem auxiliado na seleção dos documentos em bibliotecas e arquivos no Rio.

À Sílvia Ninita (Arquivo Nacional) por contribuir no levantamento documental e com o empréstimo de catálogos sobre a exposição de 1889.

Ao Pedro Tórtima (IHGB) e seu prestimoso envolvimento com a pesquisa.

À Neibe Costa (Arquivo Histórico do Museu Imperial) e sua incansável ajuda na identificação dos documentos necessários ao trabalho.

Ao pesquisador Roberto Khatlab (Université Saint-Esprit de Kaslik/Liban), companheiro de viagens pelos arquivos, bibliotecas e museus parisienses.

Ao revisor Felipe Luccas pelas análises da escrita que foram fundamentais para fortalecer a consistência de minhas ideias.

Ao Claudio Basílio (carinhosamente conhecido com Djavan) pelo trabalho de reprodução da tese.

Aos meus pais, Oswaldo e Elzira que sempre incentivaram meus estudos.

A minha família: Aguinaldo, Dandara, Gabriel, Vitor, Vinicius e Petit por acompanharem de perto cada fase dessa longa caminhada. Obrigada por tudo.

Fosse a hora que haver ou que havia
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,
Foi a alma a Ciência e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fernando Pessoa

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa Dantas. **Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia?** A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

A presente pesquisa tem por finalidade destacar a participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris. Diante dos estudos realizados no Brasil, a partir de 1980, sobre as Grandes Exposições, sublinhamos a relevância em desenvolver análise no viés da História das Ciências especificando uma instituição científica brasileira. Para a investigação, foram utilizados distintos documentos manuscritos (correspondências oficiais, correspondências pessoais e diários), impressos: relatórios, atas, ofícios, catálogos, guias, revistas, jornais; outros materiais, tais como, cartazes e plantas; além de fontes iconográficas (pinturas, fotografias, desenhos); obras analíticas e acadêmicas e, finalmente, objetos tridimensionais que constituem o acervo científico do Museu Nacional. A articulação desses diferentes materiais proporcionará conexões entre o acervo exposto pelo Museu Nacional e as áreas do conhecimento científico desenvolvidas na instituição durante a segunda metade do século XIX. A investigação é uma contribuição para a História das Grandes Exposições e para a História das Instituições Científicas do Brasil.

Palavras-chave: História das Ciências no Brasil; Museu Nacional; Exposição Universal de 1889 em Paris.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa Dantas. **Chambre Inca ou Pavillon d'Amazônia?** La participation du Musée National de l'Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado dans l'histoire de la Science et de la technologie et d'épistémologie) – Programme de post-graduation dans l'Histoire des Sciences et Technologies et Epistemologies/HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Cette recherche est de mettre en surbrillance la participation du Musée National de l'Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris. Dans le visage des études de l'année 1980 sur les Grands Expositions, nous insistons sur l'importance dans le développement analyse de la partialité de l'histoire des sciences spécifiant un Brésilien institution scientifique. Pour l'analyse, ont été utilisés dans les différents documents manuscrits (correspondance, journal correspondance personnelle et quotidienne), imprimés: rapports, d'actes, l'artisanat, des catalogues, des guides, magazines, journaux; d'autres matériaux, tels que, affiches et des végétaux; en outre à des sources iconográficas (peintures, photographies, dessins); fonctionne et universitaires analytique et, enfin, les effets 3D qui constituent l'acquis scientifique le Musée National. L'articulation des différents matériaux fournir des approches institutionnelles sur les connexions dans le domaine de la science dans les études au niveau national et international d'exposition. La recherche est une contribution à l'Histoire de les Grands Expositions et l'histoire d'institutions scientifiques au Brésil.

Mots-clés: L'Histoire de las Sciences au Brésil; Musée National; Exposition Universelle de 1889 à Paris.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Torre Eiffel

Bulletin Officiel de L'Exposition Universelle de 1889 – 2a. Serie, n. 2, Vendredi 19 Mai, 1889.

Figura 2 – Cópia das plantas da Exposição de 1889.

Guide Blue du Figaro et du Petit Journal.

Figura 3 - Pavilhão do Brasil

Bulletin Officiel de L'Exposition Universelle de 1889 – 2a. Serie, n. 55, Lundi 8 Juillet, 1889.

Figura 4 – A iluminação noturna da Torre Eiffel

Bulletin Officiel de L'Exposition Universelle de 1889 – 2a. Serie, n. 62, Lundi et Mardi, 15 et 16 Juillet, 1889.

Figura 5 – Foto interna do Palácio das Belas Artes

Relatório Geral da Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris.

Conservatório Nacional de Artes e Ofícios. <http://cnun.cnam.fr/redir?8XAE349.1>.

Figura 6 – Seção de Relojoaria

Álbum do Arquivo Histórico do Museu Imperial – Exposição 1889 (s/autor).

Fotografia e Poema de Ricardo Silva Kubrusly(HCTE/UFRJ).

Figura 7 – Parte central do Palácio das Indústrias Diversas

Relatório Geral da Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris.

Conservatório Nacional de Artes e Ofícios. <http://cnun.cnam.fr/redir?8XAE349.1>.

Figura 8 – Palácio das Máquinas

Relatório Geral da Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris.

Conservatório Nacional de Artes e Ofícios. <http://cnun.cnam.fr/redir?8XAE349.1>.

Figura 9 – Pavilhão do Brasil

Relatório Geral da Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris.

Conservatório Nacional de Artes e Ofícios. <http://cnun.cnam.fr/redir?8XAE349.1>.

Figura 10 – Pavilhão da Argentina

Relatório Geral da Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris.

Conservatório Nacional de Artes e Ofícios. <http://cnun.cnam.fr/redir?8XAE349.1>.

Figura 11 – Vitória-régia

site do Museu Paraense Emílio Goeldi. <http://www.museu-goeldi.br/>

Figura 12 – Registro da saída da «collecção de madeiras do Brasil» para figurar na Exposição Universal de Paris – 6 de Julho de 1889

Acervo SEMEAR - Museu Nacional/UFRJ.

Figura 13 – Coleção de madeiras do Departamento de Botânica/MN que figurou na Exposição Universal de 1889.

Foto Roosevelt Mota - Museu Nacional/UFRJ.

Figura 14 – Capa do Relatório de José Carlos de Carvalho, feito em 1888, sobre o complexo trabalho de expedição para o transporte do meteorito do interior da Bahia para o Rio de Janeiro.

Acervo Biblioteca Central - Museu Nacional/UFRJ.

Figura 15 – O meteorito de Bendegó, recém chegado do Rio de Janeiro, no local do corte – antigo Armazém do Sal (instalações atuais do 1. Distrito Naval).

LAGO, 2008. p. 230.

Figura 16 – Fotografia de Albert Einstein ao lado do meteorito de Bendegó por ocasião de sua visita ao Brasil em 1925.

Acervo Observatório Nacional MCT.

Figura 17 – Fotografia do vice-almirante José Carlos de Carvalho e o diretor do Museu Nacional, Roquette Pinto entre o meteorito de Bendegó.

Acervo SEMEAR - Museu Nacional/UFRJ.

Figura 18 – Transferência do meteorito de Bendegó para o hall de entrada do palácio.

Acervo diretoria do Museu Nacional/UFRJ.

Figura 19 – Fotos da réplica em madeira do meteorito de Bendegó - *Palais de la Découverte* – 2007.

Acervo Roberto Khatlab – Directeur, Centre des Etudes et Cultures de l'Amérique Latine – Université Saint-Esprit de Kaslik – Beirute/Líbano.

Figura 20 – Informativo *Mineral* sobre a notícia «Meteorito de Bendegó pode voltar para a Bahia».

Acervo diretoria do Museu Nacional/UFRJ.

Figura 21 – Cópia da capa do primeiro volume do periódico *Archivos do Museu Nacional*.

Acervo SEMEAR - Museu Nacional/UFRJ.

Figura 22 – Foto do diploma da medalha de ouro conferido ao Museu Nacional pela participação do *Archivos do Museu Nacional*.

Acervo SEMEAR - Museu Nacional/UFRJ.

Figura 23 – Foto do diploma da medalha de ouro conferida à viscondessa de Cavalcanti. Fundação Museu Mariano Procópio, 2010, p. 116.

Figura 24 – Foto da Exposição Antropológica Brasileira de 1882.

LACERDA, 1905, p. 97.

Figura 25 – Capa do Guia da Exposição Antropológica Brasileira de 1882.

Acervo Biblioteca Central do Museu Nacional/UFRJ.

Figura 26 – Caricatura de Angelo Agostini da Revista Ilustrada.
SCHWARCZ, 1998, p. 149.

Figura 27 – Vista externa da Casa Inca (ou Pavilhão da Amazônia).
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 150 Anos. (org) Isa Adonis. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990, p. 305.

Figura 28 – Adorno indígena – Tembetá.
Acervo Setor de Arqueologia – Museu Nacional/UFRJ.

Figura 29 – Vista interna da Casa Inca (ou Pavilhão da Amazônia) – **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. 150 Anos. (org) Isa Adonis. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990, p. 305.

Inserção de artefatos.
Acervo fotográfico do Setor de Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ.

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 – Exposições Universais (1851-1900)	32
Quadro 2 – Exposições Universais na França	40
Quadro 3 – Visitantes nas Exposições de 1878 e 1889	47
Quadro 4 – Algumas das conferências realizadas em 1889	48
Quadro 5 – Seções do Museu Nacional - Regulamento de 1842	68
Quadro 6 – Seções do Museu Nacional - Regulamento de 1876	72
Quadro 7 – Alguns dos Naturalistas Estrangeiros contratados para o Museu Nacional (1874-1891)	74
Quadro 8 – Seções do Museu Nacional – Regulamento de 1888	77
Quadro 9 – Participação do Museu Nacional nas Exposições Nacionais, Universais e Internacionais da segunda metade do século XIX	79
Quadro 10 - Organização das Exposições Nacionais 1861-1889	85
Quadro 11 – Documentos que auxiliam na análise sobre a permanência de Netto na Europa	99
Quadro 12 – Distribuição das amostras do meteorito de Bendegó pelo mundo	124
Quadro 13 – Total de cidades envolvidas em permutas com os <i>Archivos do Museu Nacional</i>	132
Quadro 14 – Conjunto das publicações premiadas do Museu Nacional na Exposição Universal de 1889	133
Quadro 15 – Total dos acervos por sala na Exposição Antropológica de 1882	148
Quadro 16 – Centro de Lavoura e Comércio – administração	153
Quadro 17 - Centro de Lavoura e Comércio – Comissão da Exposição do Café	154
Quadro 18 – Classificação da Exposição Retrospectiva da Habitação Humana	163
Quadro 19 – As Habitações Humanas e seus espaços	164
Gráfico 1 – Expositores na Exposição Antropológica Brasileira de 1882	149

LISTA DE SIGLAS

BN	Biblioteca Nacional
BMN	Biblioteca do Museu Nacional
BOEU	<i>Bulletin Officiel de l'Exposition Universelle</i>
CEDIC	Centro de Documentação e Informação Científica
CNAM	<i>Conservatoire National des Arts et Métiers</i>
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MN	Museu Nacional
MP	Museu Paulista
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
SEE	Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional
SEMEAR	Seção de Memória e Arquivo do MN/UFRJ
WWW	<i>World Wide Web</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 FESTAS DO PROGRESSO	29
1.1 AS GRANDES EXPOSIÇÕES DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	29
1.2 A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1889	39
1.2.1 O Brasil na exposição francesa	53
CAPÍTULO 2 O MUSEU NACIONAL E A EXPOSIÇÃO PREPARATÓRIA DE 1888	65
2.1 O MUSEU NACIONAL - PRELIMINARES	65
2.2 O MUSEU NACIONAL NAS EXPOSIÇÕES NACIONAIS E UNIVERSAIS	78
2.3 O MUSEU NA EXPOSIÇÃO PREPARATÓRIA BRASILEIRA DE 1888	82
CAPÍTULO 3 O MUSEU NACIONAL ENTRE MADEIRAS	101
3.1 GABINETES E MUSEUS	101
3.2 AS COLEÇÕES CIENTÍFICAS DO MUSEU NA EXPOSIÇÃO DE 1889	103
3.2.1 O Museu Nacional no Pavilhão do Brasil	104
3.2.1.1 O acervo da Seção de Botânica	106
3.2.1.2 O acervo da Seção de Mineralogia	114
3.2.1.3 A publicação <i>Archivos do Museu Nacional</i>	126
CAPÍTULO 4 O MUSEU NACIONAL ENTRE CRÂNIOS E CERÂMICAS	136
4.1 O BOTÂNICO LADISLAU NETTO E SUA INSERÇÃO NA ANTROPOLOGIA	136
4.2 OS CAMINHOS DO ACERVO ANTROPOLÓGICO BRASILEIRO	142
4.2.1 A Exposição Antropológica Brasileira do Museu Nacional de 1882	142

4.2.2 A instituição na Exposição Universal da Antuérpia em 1885	153
4.2.3 A instituição no Congresso Americanista em 1888	156
4.3 AS COLEÇÕES CIENTÍFICAS DO MUSEU NA EXPOSIÇÃO	
RETROSPECTIVA DA HABITAÇÃO HUMANA DE 1889	158
4.3.1 A RETROSPECTIVA DA HABITAÇÃO HUMANA DE 1889	159
4.3.2 O Museu Nacional na Casa Inca	166
4.3.2.1 O acervo etnográfico e arqueológico brasileiro	166
4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUSEU APÓS A EXPOSIÇÃO DE 1889	174
4.4.1 Sobre as coleções analisadas	177
CONCLUSÃO	180
REFERÊNCIAS	184
ANEXOS	216
APÊNDICES	246

INTRODUÇÃO

“Exposição: objeto de delírio do século XIX”
Gustave Flaubert

O presente trabalho é resultado de investigações que já vínhamos desenvolvendo no Museu Nacional e que tiveram início na ocasião da necessidade de restaurar o antigo Paço de São Cristóvão, prédio que sedia o Museu Nacional/UFRJ desde 1892.

Diante do desafio, a direção do Museu criou, em 1996, o *Projeto Memória do Paço de São Cristóvão e do Museu Nacional*, com o objetivo de organizar as pesquisas realizadas sobre a história da instituição, subsidiando, assim, as atividades de restauração do palácio e o projeto de revitalização das exposições e seu acervo.

Devido ao crescente desenvolvimento do Projeto, a partir de 2002 foi institucionalizada a criação da Seção de Memória e Arquivo/SEMEAR, constituída de acervo documental e museográfico que registra a história da instituição e que possibilita o estudo do desenvolvimento das ciências naturais e antropológicas no Brasil durante o século XIX.

Desde então, as atividades de pesquisa realizadas na SEMEAR culminaram na priorização de reflexões sobre o palácio, antiga residência em que morou d. João VI, d. Pedro I e local em que nasceu e viveu d. Pedro II. Assim, foi se desenvolvendo o tema da dissertação de mestrado *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*.

A dissertação¹ foi concluída em março de 2007 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com orientação da antropóloga Regina Abreu e contando com os seguintes professores na banca: a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (USP) e o museólogo e poeta Mário Chagas (UNIRIO).

¹ A direção da instituição passou a fazer uso da pesquisa para contextualização histórica de projetos e para realização dos eventos do Museu Nacional (www.museunacional.ufrj.br). No mesmo ano, a dissertação foi transformada em tema de uma das escolas de Samba do Grupo C da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, no evento comemorativo aos 192 anos do Museu Nacional, em 2010, foi realizado o lançamento do link – *Redescobrimo a Casa do Imperador* – no site do Museu Nacional, baseado na dissertação da autora. No site, algumas das salas e objetos do antigo palácio podem ser identificados (www.museunacional.ufrj.br/MuseuNacional/casadoimperador/index.html).

O último capítulo da dissertação proporcionou a descoberta de um museu² de d. Pedro II (DANTAS, 2007, 190-242) no palácio, identificou o perfil colecionista do monarca e destacou o Museu Nacional como órgão consultor do Império. A pesquisa apontou três motivos da transferência do Museu Nacional do atual Campo de Santana para o palácio da Quinta da Boa Vista em 1892: a necessidade de ampliação de espaço, a falta de recursos para construção de um prédio e o interesse do diretor Ladislau de Souza Mello Netto (1874-1893) em se apropriar do acervo do “Museu do Imperador” d. Pedro II³ existente na antiga residência.

Com a conclusão da dissertação, tendo proporcionado a contribuição desejada à história do Paço de São Cristóvão e dando continuidade às pesquisas da SEMEAR, tornou-se necessário o desenvolvimento de análises que organizassem os estudos sobre as coleções científicas do Museu Nacional.

Dessa forma, foi iniciada a elaboração de um projeto para doutoramento, com tema que conectasse as pesquisas desenvolvidas no Museu Nacional, na segunda metade do século XIX, às suas coleções.

Diante do interesse e da disponibilidade de acervos documental e museográfico no Museu Nacional, decidiu-se participar de um curso de pós-graduação em que pudéssemos mesclar as áreas do conhecimento desenvolvidas no Museu (ciências naturais e antropológicas) com outros saberes na esteira do desenvolvimento das práticas científicas do Brasil no século XIX.

A partir desse cenário, optamos por desenvolver a pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia no HCTE/UFRJ, único curso *stricto sensu* na área de História das Ciências de caráter interdisciplinar na UFRJ.

Assim, durante os seminários de algumas das disciplinas cursadas, aconteceram trocas de experiências entre as áreas desenvolvidas no Museu Nacional (botânica, antropologia e mineralogia) e os diferentes saberes (astronomia, sociologia, lógicas, química, entre outros), envolvidos em análises filosóficas e artísticas.

Durante a realização das disciplinas do HCTE, foi fortalecida a ideia de apresentar as ciências desenvolvidas no Museu Nacional como práticas científicas

² O museu é narrado em diários de viajantes estrangeiros e citado por historiadores como *gabinete de curiosidades*, porém foi identificado pela autora como o “Museu do Imperador”.

³ O interesse de Ladislau pelo “Museu do Imperador” será analisado no quarto capítulo da presente pesquisa.

do Brasil durante a segunda metade do século XIX. Por meio das abordagens, percebemos que as Grandes Exposições formavam o cenário propício para esta apresentação.

Portanto, incentivados pela leitura de obras clássicas brasileiras da década de 30, associada às recentes publicações em História das Ciências, foi identificado o capítulo de Margarida de Souza Neves (2001, p. 173-174) sobre sua releitura de Caio Prado Júnior (1963, p. 202), em que o autor propõe a utilização de catálogos e publicações sobre as Grandes Exposições do século XIX. Caio Prado já indicava a relevância do assunto e a ausência de estudos sobre o tema.

Cabe destacar que a historiografia da ciência era voltada para o conhecimento produzido no mundo Ocidental, especialmente pelo europeu até o século XIX, e pelos norte-americanos no século XX.

Para entendermos os caminhos percorridos pela historiografia brasileira temos que, inicialmente, considerar as mudanças ocorridas na disciplina História das Ciências, a partir do ano de 1960, quando se travaram fortes questionamentos sobre a conceituação de ciência e de sua historicidade. (DANTES, APRESENTAÇÃO *apud* SILVA, 2002).

Maria Amélia M. Dantes destaca a obra de Thomas Kuhn “A Estrutura das Revoluções Científicas”, de 1962, como um marco no desenvolvimento de novos olhares nas áreas de História e Filosofia da Ciência “com seu entendimento da ciência como uma prática que, apesar de detentora de uma normatividade específica, se estabelece por mecanismos sociais⁴.” (DANTES, APRESENTAÇÃO *apud* SILVA, 2002).

A autora registra que até o final da década de 1970, alguns trabalhos brasileiros eram conduzidos pela obra de Fernando de Azevedo, “As Ciências no Brasil” (1955), que apresentava as universidades dos anos de 1930 como início das ciências experimentais no país, assim como pelo trabalho de Simon Schwartzmann, “Formação da Comunidade Científica no Brasil” (1979) que discursava sobre a falta de valorização das elites em relação às ciências. (DANTES, APRESENTAÇÃO *apud* SILVA, 2002).

⁴ Sobre os estudos sociais das ciências, ver: Dominique Pestre, 1992.

Com a nova abordagem da historiografia das ciências foi possível realizar análises sobre a ciência latino-americana (SALDANA, 1996, p. 21). Os pesquisadores “tiveram a preocupação de contextualizar a história local, privilegiando os homens, as instituições e as atividades científicas, articulando-a ao contexto internacional da ciência”. (KEULLER, 2008, p. 50).

Nessa perspectiva, a partir da década de 80, identificamos novos trabalhos na historiografia brasileira sobre os processos de implantação de práticas científicas em instituições antes do período republicano. É nessa perspectiva que sublinhamos os estudos sobre as Grandes Exposições da segunda metade do século XIX nas obras brasileiras.

Nesse sentido, destacamos o Museu Nacional como uma instituição bastante citada na historiografia que abrange a história das ciências, entretanto, com pouca análise específica sobre sua participação em eventos que associam o progresso à industrialização com ênfase em sua relevância científica. Essa análise é fundamentada pela reflexão de Marta de Almeida:

(...) A historiografia voltada para as grandes exposições apresenta pouca reflexão sobre a presença de ciências nesses eventos, cuja ênfase está mais voltada para a noção de progresso, capitalismo industrial, urbanização, arquitetura, arte, técnica (...). Ainda que exista sólida bibliografia dedicada ao tema das exposições e que boa parte de seus autores tenha reconhecido a dimensão científica desses eventos, são raras as reflexões que possibilitam um olhar mais atento sobre essa relação. O que predominou nas análises foi uma ampla discussão em torno da modernidade e industrialização, concebendo o Estado e setores da burguesia como seus grandes agentes. (ALMEIDA, 2010, p. 197-198).

Diante do exposto e após a análise do arquivo documental existente no Museu Nacional, ficamos motivados em fazer um recorte temporal que privilegiasse as práticas e conhecimentos científicos desenvolvidos pelo Museu Nacional, a partir de sua participação na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris e, conseqüentemente, fortalecer o debate sobre a institucionalização da pesquisa científica no Brasil do século XIX.

O mapeamento sobre as interpretações do processo de institucionalização das ciências naturais no Brasil, apresentado por Silvia Figueirôa (1998, p. 107-111), sacramentou o interesse em desenvolver estudos sobre as Grandes Exposições da segunda metade do século XIX. Dessa forma, fortaleceu a proposta metodológica da presente pesquisa: ao invés de buscar uma relevante contribuição nacional (talvez

realizando estudos comparativos), sentimo-nos à vontade para identificar as práticas e conhecimentos científicos do Museu Nacional, como um estudo de caso, por meio da participação da instituição no certame proposto.

Nessa perspectiva, selecionamos o período referente à gestão do ex-diretor Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), que atuou no momento considerado como o mais fecundo da instituição (1876 a 1893)⁵ e consagrado como “a idade de ouro do Museu Nacional”⁶ por João Baptista de Lacerda (1846-1915), diretor da gestão de 1895-1915.

Foi este o início do período mais fecundo, de maior atividade e de mais intenso brilho na história do Museu Nacional. Ele cresceu muito no valor do cabedal que possuía e na reputação científica que já havia adquirido, até nivelar-se com as melhores instituições congêneres existentes em outros países da Europa e da América. Seu brilho actual ainda é, por assim dizer, um reflexo da luz intensa projectada por aquella reforma [1876], em pós a qual veio o que se poderia com razão chamar a idade de ouro do Museu Nacional (LACERDA, 1905, p. 37).

O período foi marcado por três reformas administrativas (1876, 1888 e 1890), pela inauguração dos cursos públicos (1875), pela criação da revista *Archivos do Museu Nacional* (1876), a realização da Exposição Antropológica Brasileira (1882), pela participação nas exposições nacionais (1875 e 1888) e nas internacionais (Filadélfia – 1876, Antuérpia – 1885 e Paris – 1889), pela mudança da forma de governo Monárquico para Republicano (1889) e pela transferência do Museu Nacional do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista (1892)⁷.

Além da análise documental, a leitura do trabalho de Maria Margaret Lopes (1997) sobre a instituição foi fundamental para a pesquisa e fortaleceu a relevância do período administrado por Ladislau Netto.

Foi nesse trajeto que escolhemos pesquisar a participação do Museu Nacional em um evento republicano francês, nos últimos meses do período monárquico brasileiro - a Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris.

Nesse momento inicial, esclarecemos que em vez de utilizarmos, ao longo da tese, a nomenclatura *Exposição Universal e Internacional*, designação oficial

⁵ Destacamos que Ladislau Netto atuou como diretor interino na instituição desde 1870.

⁶ Termo cunhado por Lacerda (1905, p. 37), divulgado por Maria Margaret Lopes (1997, p. 158) e utilizado por outros pesquisadores (GUALTIERI, 2008, p. 38).

⁷ Informações levantadas na documentação existente na SEMEAR/UFRJ.

comprovada pelo relatório geral da exposição (PICARD, 1889a), apenas utilizaremos o termo *Exposição Universal* para facilitar a identificação do evento na tese.

José Luiz Werneck da Silva apresenta a distinção entre as categorias:

A literatura secundária distingue sem restrições os termos universal indicando a totalidade do campo temático coberto pela exposição – o conjunto da atividade humana remetida habitualmente à agricultura, à indústria e às belas artes – e internacional enviando à pluralidade nacional dos participantes. (GUDEHUS e RASMUSSEN, 1992, p. 9-10 *apud* WERNECK DA SILVA, 1992, p. 100).

Com vistas ao estudo, a presente pesquisa tem como objetivo geral apresentar a participação do Museu Nacional na Exposição Universal de 1889, desenvolvendo conexões entre o acervo exposto pelo Museu e as áreas do conhecimento científico desenvolvidas na instituição durante a segunda metade do século XIX.

Diante da escolha por estudar o Museu Nacional na Exposição de 1889, a direção da instituição investiu no projeto e foi possível a realização de pesquisa documental e iconográfica em arquivos e museus no Brasil e na França.

A hipótese do trabalho considera o Museu Nacional como instituição relevante para a representação das ciências na participação brasileira do certame francês, inclusive, por ter participado dos dois espaços físicos: no Pavilhão do Brasil e na *Casa Inca*. Veremos de qual maneira a instituição participou desse evento.

Portanto, a investigação visa apresentar a participação do Museu Nacional, por meio de seu acervo, nos dois espaços separadamente.

Diante do levantamento bibliográfico, identificamos a pesquisa de Heloisa Barbuy que apresenta a participação do país no Pavilhão do Brasil e a informação de que o diretor do Museu Nacional, Ladislau de Souza Mello Netto (1874-1893), organizou uma exposição sobre os índios da Amazônia dentro da *Casa Inca* (BARBUY, 1996, p. 228), porém, a documentação existente no arquivo do Museu Nacional ignora a participação do Museu em outro local fora do Pavilhão do Brasil. Essas questões nos motivaram a conhecer melhor a participação do Museu nesses dois espaços.

O assunto remete-nos ao título da presente tese: “Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia?” A indagação mostra duas nomenclaturas, porém se referem ao mesmo espaço físico. Pretendemos destacar a relevância do acervo antropológico da região

Amazônica, organizado por Netto na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana (na Casa Inca). Aproveitaremos, motivados por Heloisa Barbuy (1996, p. 229), para apontar outros motivos pelo qual a documentação brasileira denomina de “Pavilhão da Amazônia” o espaço oficialmente registrado como “Casa Inca”, dirigido pelo arquiteto francês Charles Garnier (1825-1898).⁸

Na fase de levantamento dos objetos que participaram da mostra francesa de 1889, constatamos que os pesquisadores do Museu Nacional desconhecem que o evento foi realizado em dois locais (ao mesmo tempo) e que a instituição foi representada em ambos os espaços. Durante a pesquisa, identificamos com o apoio do periódico o *Auxiliador*, que acervos da botânica, da mineralogia e da antropologia participaram do certame francês⁹.

No Pavilhão do Brasil, o Museu Nacional participou com materiais da botânica e de mineralogia (BARBUY, 1996, p. 223-224) e na Casa Inca¹⁰ foram apresentados artefatos antropológicos. A *Casa Inca* foi uma das edificações da Exposição Retrospectiva da Habitação Humana, parte integrante da Exposição Universal de 1889 (BARBUY, 1996, p. 228-230).

Diante do exposto, uma das questões de nossa investigação será identificar de que maneira o botânico Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional, conquistou a notoriedade científica para ser responsável pela organização dos artefatos antropológicos expostos na *Casa Inca* (ou Pavilhão da Amazônia).

Propomos que a realização da Exposição Antropológica Brasileira de 1882 (maior evento organizado pelo Museu Nacional no século XIX), por consequência, possa ser analisada como uma espécie de certame preparatório para a participação da instituição científica na Exposição Universal de Paris de 1889.

A análise do período que abrange a gestão do botânico Netto, como diretor da instituição, até a inserção do país na Exposição francesa de 1889, poderá respaldar essa nossa proposta.

Outro ponto que move o desenvolvimento da investigação é a constatação de que as pesquisas acadêmicas desenvolvidas no Brasil sobre as Grandes Exposições da segunda metade do século XIX, a partir de 1980, apresentadas em

⁸ Garnier dirigiu 44 construções, ao longo do rio Sena, para mostrar as habitações humanas em três grupos: período pré-histórico, histórico e civilizações isoladas. A Casa Inca era a última construção.

⁹ Cabe informar que, durante a pesquisa, encontramos no Museu Nacional mais artefatos e informações sobre o acervo etnográfico do que sobre os objetos da botânica e da mineralogia.

¹⁰ Grifos nossos.

diferentes análises e em distintas áreas do conhecimento, carecem de ser analisadas na ótica da História das Ciências (ALMEIDA, 2010, p. 197)

Nesse momento, vale destacar o interesse de Maria Amélia Dantes em fortalecer a importância da História das Instituições para a historiografia das ciências no Brasil.

A história institucional, tradicionalmente inserida na linha externalista da História da Ciência tem recebido um destaque especial na nova historiografia, já que as formas organizacionais passaram a ser vistas como indissociáveis dos desenvolvimentos conceituais das ciências. [...] A história institucional brasileira está assim perfeitamente integrada às tendências historiográficas do momento. E as instituições imperiais têm recebido uma atenção especial. (DANTES, 2001b, p. 230-231).

O ineditismo da pesquisa está em estimular debates sobre a participação do primeiro museu de história natural brasileiro, por meio de seu acervo, na Exposição Universal Internacional de Paris em 1889, “provavelmente, de todas a mais histórica” (ORY, 1984, p. 541; BEGUET, 1889, p.141-142). Nessa perspectiva, buscamos refletir sobre a participação do Museu Nacional destacando um processo de construção social das ciências.

Como delimitação temporal, a abordagem será iniciada a partir de 1870, marco na história do império brasileiro, demarcado pelo fim da extensa guerra contra o Paraguai (DORATIOTO, 2002; SALLES, 2003), privilegiando a gestão do diretor do Museu, Ladislau Netto (1874-1893), para compor o cenário da participação do Museu Nacional na exposição citada, realizada entre o período de 6 de Maio a 31 de Outubro de 1889, no último ano da monarquia brasileira.

A partir da década de 1870, foram criadas comissões geológicas, laboratórios (LOPES, 1997, p. 327), “bem como difundidas teorias evolucionistas, doutrinas positivistas e pesquisas experimentais” (SANJAD, 2010, p. 20).

Foi neste momento que a sociedade passou por fortes transformações. A elite sofreu de um “cosmopolismo introjetado” no seu modo de pensar, pois se nutriam do “repertório europeu” (ALONSO, 2002, p. 53). Movimentos intelectuais no período pós 1870 até a crise do império evidenciaram uma geração na história do país.¹¹

Entretanto, sem ignorar a relevante “questão da escravidão, força ativa e pano de fundo da construção da Nação, do Estado e do próprio regime”

¹¹ Sobre o movimento intelectual em uma dimensão política, ver: Angela Alonso. *Idéias em Movimento: A Geração 1870 na crise do Brasil-império*, 2002.

(GRINBERG, SALLES, 2009, p.11), pois a temática racial atravessou esse momento e passou a fazer parte de quase todo o pensamento social brasileiro (SCHWARCZ, 1993), passaremos na esteira da história por esses acontecimentos, privilegiando especificamente a participação do Museu Nacional no evento proposto, foco central de nossa pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram coletados e organizados diferentes documentos entre ofícios, relatórios, atas, catálogos, guias, jornais, revistas etc. Além de fotografias, telas, plantas, outros tipos de imagens e alguns dos objetos das coleções científicas do Museu Nacional.

A exposição em questão conta com uma variedade de documentos, além de livros e de periódicos disponibilizados (inclusive, pela internet), porém nossa pretensão não foi esgotar o levantamento existente, mas analisar a documentação que auxilia o objetivo da tese. Nessa perspectiva, percebemos que não existe uma pesquisa específica sobre a participação do Museu Nacional na exposição francesa de 1889, o que justifica o presente trabalho.

Em relação ao tema das Grandes Exposições na segunda metade do século XIX, um aspecto presente na historiografia brasileira é a utilização de nomenclaturas glorificadas por autores quando se referem às mostras universais, como por exemplo, “Vitrines do Progresso” (NEVES, 1986), “Arenas Pacíficas do Progresso” (WERNECK DA SILVA, 1992), “Espetáculos da Modernidade” (PESAVENTO, 1997), “Era do Espetáculo” (TURAZZI, 1995) e “Festas Didáticas” (KUHLMANN, 2001), questão bem apresentada por Alda Heizer (2005, p. 15).

Esses espetáculos tiveram início pela prática francesa de impulsionar, a cada cinco anos, uma exposição nacional a partir de 1798. Outra tradição, iniciada em 1851 na Inglaterra, também irá desencadear mostras agrupando e disputando premiações, a partir da exposição de atividades humanas – as chamadas Exposições Universais.

Diante da historiografia sobre o tema, ao longo da segunda metade do século XIX, as Exposições Universais podem ser analisadas como o sonho pelo progresso que ocasionou o aumento de prodigiosos eventos, com o objetivo de festejar as conquistas da civilização e arrolar as realizações da indústria humana.

O Brasil se fez representar¹² oficialmente a partir da terceira exposição universal realizada em Londres em 1862 e, a partir de 1861, foram realizadas mostras nacionais e provinciais com vistas a preparar o país para a participação nas Exposições Universais. (VAINFAS, 2002, p. 252).

Pormenorizando a pesquisa, no primeiro capítulo optamos por inserir a questão da utopia do progresso como o motor que irá ensejar as Exposições Universais. Desse modo, motivados pela revisão bibliográfica desenvolvida por Alda Heizer, faremos a passagem pelas Exposições Universais da segunda metade do século XIX, a partir dos autores e obras relevantes sobre o assunto para chegarmos à Exposição Universal de Paris em 1889. Nessa ocasião, revisitaremos a inserção brasileira na mostra francesa.

A utilização de vários materiais de outros pesquisadores para a apresentação de um período de longa duração é justificada por Eric Hobsbawm, no prefácio de sua obra *A Era das Revoluções 1789-1848* (2004):

(...) Todos os historiadores são mais versados (ou colocando o fato de outra maneira, mais ignorantes) em alguns campos do que em outro. Fora de uma área razoavelmente estreita, eles precisam contar em grande parte com o trabalho de outros historiadores. (HOBBSAWM, 2004, p. 14).

Parafraseando Heloisa Barbuy (1999, p. 18), as exposições da segunda metade do século XIX, podem ser analisadas por todo tipo de abordagem e de corte temático, pois formam um inesgotável campo de pesquisa.

Além disso, a pesquisa contribui para a realização de reflexões sobre a temática das exposições sob a perspectiva da História das Ciências, desenvolvimento pouco identificado nas obras e essa ideia é fortalecida na abordagem de Marta de Almeida:

A realização de congressos e exposições científicas é uma tradição do século XIX que se manteve nos dias de hoje nas mais diversas áreas do conhecimento. Debruçar-se sobre a diversidade material produzida nesses eventos possibilita ver conexões institucionais ou pessoais no campo científico nacional e internacional pouco destacadas ou não perceptíveis em outras fontes. (ALMEIDA, 2010, p. 197).

¹² Houve participações de brasileiros em exposições anteriores, porém sem o apoio do governo imperial. Sobre o assunto ver: Nadja Paraense dos Santos, 2002 e Paulo Strauch, 2008.

O segundo capítulo é iniciado por uma breve contextualização histórica para situar o Museu no cenário político e social até chegarmos ao ano de 1870 e passarmos pelas transformações no cenário científico brasileiro.

Dessa forma, transcorremos pelas reformas administrativas do Museu Nacional para apresentar uma abordagem sobre a experiência da instituição científica nas Exposições Nacionais e Universais.

Utilizamos o periódico *o Auxiliador da Indústria Nacional* (1883-1892), veículo de divulgação da Sociedade Auxiliadora da Indústria nacional (SAIN) para acompanhar o processo de organização da Exposição Preparatória de 1888 na Corte do Rio de Janeiro visando identificar o acervo da instituição científica.

O terceiro capítulo irá apresentar o acervo científico do Museu Nacional e, por isso, o tema *coleção* nos auxilia, por meio da análise sobre gabinetes e museus, na introdução do assunto. Posteriormente, problematizaremos os objetos do Museu Nacional, que foram enviados para o evento francês para figurarem no Pavilhão do Brasil.

Nessa ocasião, apresentaremos cada seção e seu respectivo acervo escolhido para compor a exposição no Pavilhão do Brasil, acompanhado do resultado da participação (premiação) e sua situação atual na instituição.

Cabe registrar que, o quarto e capítulo último é dedicado aos resultados da investigação sobre o acervo que foi apresentado na *Casa Inca*. Nossa análise é iniciada a partir do perfil do diretor do Museu Nacional e, posteriormente, apresentamos os caminhos do acervo antropológico brasileiro.

Nessa trajetória, partimos da Exposição Nacional de 1882, percorremos a Exposição Internacional da Antuérpia de 1885 e o Congresso Americanista de 1888, em Berlim, visando acompanhar o acervo antropológico que acreditamos ter sido utilizado desde a Exposição de 1882 até o evento francês de 1889.

Com o intuito de deixar registrada a nossa passagem pelos departamentos e seções do Museu Nacional na identificação das coleções, reservamos um espaço para considerações sobre a instituição após o evento e para marcar a participação e envolvimento dos pesquisadores de cada local da instituição, além das perspectivas sobre as coleções analisadas.

Optamos por colocar todas as figuras (imagens que ilustram o trabalho) no final da tese, na parte referente aos ANEXOS. Algumas traduções e transcrições foram inseridas nos APÊNDICES como complementação da investigação.

Por fim, no que tange às fontes e à bibliografia em língua estrangeira utilizada na investigação, optamos por traduzir para a língua portuguesa os documentos publicados em francês, espanhol e inglês. Permaneceram no idioma original os títulos de documentos utilizados e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 FESTAS DO PROGRESSO

1.1 AS GRANDES EXPOSIÇÕES DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de “agoras”, que ele fez explodir do *continuum* da história. A Revolução Francesa se via como uma Roma ressureta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Somente, ele se dá numa arena comandada pela classe dominante. O mesmo salto, sob o livre céu da história é o salto dialético da Revolução (...)

Walter Benjamin

No exercício de elucidar o sentido de progresso/reação, Jacques Le Goff desenvolveu análise sobre o progresso, como um conceito fortemente ocidental, distinguindo-o como uma ideia dupla, sendo de um lado, **o progresso científico e técnico**, e do outro **o progresso moral**¹³ (2003, p. 235-237).

Quais os critérios e valores em que deve assentar a ideia de progresso? É aqui que intervém a distinção entre progresso científico e técnico e progresso moral. Se o primeiro foi, desde a Antiguidade, semipercebido, o segundo foi negado quase sistematicamente até o século XVIII. Em seguida, espalhou-se a ideia – não necessariamente nos meios “materialistas” – de que o progresso tecnológico arrastava consigo o progresso político, senão o moral, enquanto em outros meios, sobretudo desde há uns cinquenta anos, impunha-se a ideia de que não só o progresso moral não tinha seguido o progresso técnico como tinha também efeitos deletérios sobre a moralidade individual e coletiva (LE GOFF, 2003, p. 237).

A análise de Le Goff nos auxilia a pensar na ideia de progresso em diferentes momentos históricos: na Antiguidade, na Idade média e no seu “nascimento” durante os séculos XV a XVIII. Em uma trajetória histórica, podemos identificar que a “ideia explícita do progresso” se desenvolveu com o aparecimento da imprensa e com a Revolução Francesa, pois visualizamos um impulso das ciências e das técnicas. (LE GOFF, 2003, p. 235-281).

Esclarecemos a opção por iniciar nosso trabalho com uma abordagem sobre a “ideia de progresso”, pois após analisarmos alguns autores que pesquisam sobre o tema das Grandes Exposições, constatamos que este ideal é uma constante nas escritas juntamente com a ênfase no capitalismo industrial. Além disso, durante o

¹³ Grifos nossos.

desenvolvimento da pesquisa sobre a organização da exposição francesa de 1889, a ideia de progresso técnico foi se unindo à preocupação com os valores morais da sociedade trabalhadora, desta maneira, a escolha pelo recorte inicial de Le Goff foi estimulante.

Diante do exposto inicial, elevamos a revolução que continua sendo uma das questões que mais provoca debates entre os historiadores - a Revolução Francesa (Dicionário das Ciências Históricas, 1993, p. 684-691), e que nos auxilia na associação da ideia de progresso com as comemorações realizadas na França em 1889, por ocasião do centenário da revolução.

Os centenários foram inventados no fim do século XIX. Em algum momento entre o centésimo aniversário da Revolução Americana (1876) e o da Revolução Francesa (1889) – ambos comemorados com as exposições internacionais de praxe – os cidadãos instruídos do mundo ocidental tomaram consciência do fato de que aquele mundo, nascido entre a Declaração de Independência, a construção da primeira ponte de ferro do mundo e a tomada da Bastilha, estava completando cem anos. (HOBSBAWM, 1988, p. 29).

A Revolução Francesa foi um fenômeno ocidental que influenciou movimentos de libertação inclusive na América Latina (HOBSBAWM, 2004, p. 85), entretanto, esclarecemos não ser este o foco de nossa pesquisa, pois a intenção é destacar não o desenvolvimento da revolução que proporcionou uma nova economia e sociedade, mas o seu sucesso: o triunfo da revolução diante do avanço do progresso comemorado na Exposição Universal em 1889.

Distinguimos no século XIX, principalmente por volta de 1880, a discrepância entre os países do Ocidente, “base da revolução econômica que estava transformando o mundo”, e os demais aumentou; de início, lentamente, e posteriormente em um ritmo acelerado. Essa discrepância foi ampliada não só econômica como politicamente, tendo como uma das principais causas - a tecnologia (HOBSBAWM, 1988, p. 32).

Portanto, cem anos após a Revolução Francesa, ficou mais perceptível que os países menos ricos e “atrasados” poderiam ser derrotados e conquistados, diante da inferioridade técnica de seus armamentos. Enquanto isso, nos países considerados “desenvolvidos”, o perfil mínimo exigido pela sociedade burguesa eram os homens serem juridicamente livres e iguais. Constatamos, portanto, a escravidão ter sido extinta em quase todo o mundo ocidental após 1880.

Dessa maneira, tanto o progresso técnico e científico era mais nítido no mundo “desenvolvido” diante do avanço da produção material, quanto o progresso moral, neste caso, bem caracterizado pelos ideais de liberdade, igualdade e pelo processo de alfabetização.

Por volta de 1880, predominavam no mundo “desenvolvido” países ou regiões em que a maioria da população masculina e, cada vez mais, feminina era alfabetizada; onde a vida política, econômica e intelectual havia, de maneira geral se emancipado da tutela das religiões antigas, baluartes do tradicionalismo e da superstição; e que praticamente monopolizavam o tipo de ciência que era cada vez mais essencial à tecnologia moderna. (HOBBSAWM, 1988, p. 44).

Na pesquisa recente de Cristina Araripe Ferreira (2011) ao discutir a difusão do conhecimento científico e tecnológico e a circulação do progresso, apresenta as exposições:

como um tema único e privilegiado de pesquisa graças aos intensos debates que ainda hoje suscitam paixões, seja por causa das críticas às utopias do progresso que a ciência e a tecnologia modernas vêm desde então semeando, seja em razão da consciência histórica que cada um de nós possui acerca da noção de progresso. (FERREIRA, 2011, p. 16).

Portanto, iniciaremos a passagem pelas Grandes Exposições da segunda metade do século XIX enfatizando o que elas tem em comum, o caráter universal que evidenciou a noção de progresso relacionada ao desenvolvimento industrial e à modernidade.

Nessa perspectiva torna-se necessário apresentarmos um quadro com as Exposições Universais realizadas ao longo do século XIX, com a intenção de apresentar a variedade de cidades e a evolução dos certames em relação ao número de expositores e participantes (Quadro 1). Cabe registrar que, após a exposição de 1876, na Filadélfia, foi firmada a prática de construção de pavilhões nacionais. (BARBUY, 1996, p. 213).

Quadro 1 - EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS (1851-1900)

Data	Local	Nº de expositores	Lucros + Prejuízos –	Nº de visitantes (Milhões)	Tamanho (acres)	Duração (meses)
1851	Londres	13.937	+	6,0	26	4,8
1855	Paris	20.839	-	5,2	34	6,7
1862	Londres	28.653	-	6,2	25	5,7
1867	Paris	43.217	+	6,8	215	7,2
1873	Viena	25.760	-	7,3	42	6,2
1876	Filadélfia	60.000	-	9,9	285	5,3
1878	Paris	52.835	-	16,0	192	6,5
1883	Amsterdã					
1885	Antuérpia					
1889	Paris	61.722	+	32,3	237	5,7
1893	Chicago		+	27,5	685	6,1
1900	Paris	83.000		48,1		

Fonte: HARDMANN, 1988, p. 67-68, 86; SCHWARCZ, 1998, p. 391.

Para se ter uma ideia do crescente interesse em exposições como tema de pesquisa, identificamos a obra *International Exhibitions, Expositions Universelles and World's Fairs, 1851-2005: A Bibliography*, publicada em 2000, atualizada em 2002 e completada em 2006. Esta apresenta o total de 1869 citações (livros, capítulos de livros, teses, artigos em periódicos) sobre as exposições realizadas em 24 países (GEPPERT, COFFEY, LAU, 2006, p. 33-41), um rico catálogo para pesquisa.

Dentre as citações existentes neste catálogo referentes à primeira Exposição Universal realizada em Londres em 1851, destacamos uma das obras consagradas pelos pesquisadores, a do historiador inglês Asa Briggs. O autor pontuou a característica pioneira do evento, a de ter sido a primeira de caráter universal, e enfatizou a mensagem do trabalho e da paz como significados principais da mostra: “O Evangelho da paz era pregado com o mesmo fervor que o Evangelho do

trabalho. Várias Exposições Industriais tiveram lugar antes de 1851. A marca especial da Exposição de 1851 residia no fato de ser Universal". (BRIGGS, 1982, p. 49).

Margarida de Souza Neves (2001, p. 179-183), analisou a abordagem de Briggs e nos brindou com o destaque à ideia de progresso que estava sendo formada.

Sem deixar de concordar com Asa Briggs quanto à afirmação de que as tônicas de um trabalho idealizado como meio de dignificação e ascensão social e de uma paz universal entre as nações, sonhada e metaforizada pela própria realização das mostras universais, constituem notas essenciais do que as Exposições Internacionais pretendem assegurar como fundamentos da modernidade que representam, parece igualmente essencial sublinhar que tais notas se inscrevem numa pauta que lhes confere sentido: aquela constituída pela ideologia do progresso, que, então, se constrói teoricamente como também na prática política. O progresso nelas figura como ideal comum e permite ao mesmo tempo equalizar todas as nações e justificar suas inequívocas diferenças. A partir de seus pressupostos, todos os povos são iguais, posto que sua história particular ganha sentido como avanço no mesmo caminho constituído pelo ideal do progresso ou pela conquista da civilização, que torna-se seu sinônimo perfeito. (NEVES, 2001, p.181).

Essa abordagem nos ajuda a pensar no ideal de progresso que estava sendo construído, e que Neves bem enfatiza, pois se os povos eram considerados iguais e os valores universais sublinhavam o ideal de progresso ou a conquista de civilização, a resposta para o desenvolvimento desordenado era pautada nas diferenças de cultura e na história dos povos, minimizadas em desigualdades.

(...) e nenhum dos ideólogos do progresso parece lembrar-se que é justamente a subordinação dos povos e países tidos como bárbaros e atrasados que permite a confortável situação hegemônica dos que se arvoram como padrão de civilização e paladinos do progresso. (NEVES, 2001, p. 181-182).

Outros autores de trabalhos relevantes estão presentes na bibliografia das exposições, publicada em 2006, que não nos cabe destacá-los exaustivamente aqui. A proposta é exemplificar a permanência da utilização de autores estrangeiros no debate sobre as Grandes Exposições, nos trabalhos de pesquisadores brasileiros.

Com vistas aos estudos sobre a temática, algumas obras são referências necessárias para a análise sobre a mostra de 1889, com este propósito, destacamos

o livro do historiador francês, Pascal Ory, (1989). A obra foi elaborada, entre outras, motivada pela ideia de comemorar o bicentenário da exposição, evento que acabou não acontecendo. (BARBUY, 1999, p. 23).

Diante do exposto, iniciaremos a passagem pelo evento a partir da apresentação identificada na obra de Pascal Ory. Seu primeiro capítulo intitulado Festa do Progresso, mistura as questões históricas, econômicas e políticas com produtos industriais e de belas artes para esclarecer o caráter universal das exposições.

Esta é uma história simples. Os atores nos são conhecidos. Um casal. Dois casais. Mais tarde, um terceiro. A Inglaterra e a França, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, os produtos industriais e aqueles de belas-artes. O país natal da revolução industrial inventa, em 1761, a exposição de objetos manufaturados e de fabricação de máquinas [...] Depois de meio século, passam os veleiros e as ferrovias. Deixe fazer, deixe passar e Turner¹⁴ pintou a locomotiva do mundo ocidental correndo corajosamente na névoa que ilumina: *chuva, vapor e velocidade*, na véspera da grande batalha do livre-comércio. O casal franco-inglês não mais retornará. A Exposição Nacional com os franceses já estava universal devido a universalidade dos objetos, do comércio e da indústria (com um pouco de agricultura em volta); havia se tornado internacional. (ORY, 1989, p. 9).

Em seguida, Ory esclarece que Londres foi pioneiro em adotar o livre comércio e também o primeiro a realizar uma exposição de caráter universal, em 1851¹⁵, porém, o autor reforça que a exposição francesa “em 1889, se chamará mais precisamente exposição universal internacional”.¹⁶

Ainda sobre a primeira exposição inglesa de caráter universal, o autor ressalta a importância da decisão de “não demolir o Palácio de Cristal após o encerramento (...) testemunho eterno da engenharia moderna.” (ORY, 1989, p. 9).

Visando proporcionar uma visão das exposições do século XIX, nos apropriaremos da abordagem de Werner Plum:

(...) quando naquela época ainda não se dispunha da quantidade de possibilidades de formação e de informação que existem atualmente, as exposições universais internacionais brindavam a opinião pública interessada com uma imagem ampla e clara da progressiva tecnificação. (PLUM, 1979, p, 10).

¹⁴ Joseph Mallord William Turner (1775-1851) um pintor romântico inglês considerado um dos precursores do impressionismo devido aos seus estudos sobre cor e luz.

¹⁵ Sobre a Exposição Universal de 1851, ver: Auerbach, 1999 e Strauch, 2008.

¹⁶ O relatório geral da exposição de 1889 explica o duplo perfil (nacional e internacional) e será apresentado ainda nesse capítulo.

Além do caráter comercial apresentado por alguns autores, outros enfoques sobre as Exposições Universais são identificados em guias e catálogos das exposições, como por exemplo, o caráter social dos eventos registrado no *Guide Bleu du Figaro et du Petit Journal*¹⁷.

As exposições universais são para o gênero humano o que eram os jogos olímpicos para os gregos, uma reunião de família onde se repelem ao menos por um período os ódios acanhados e as competições cegas e onde os espíritos receberão novas simpatias. (GUIDE BLEU ET DU PETIT JOURNAL, 1889).

Esse assunto vem suscitando interesses dos pesquisadores brasileiros de diferentes áreas do conhecimento, a partir da década de 1980. Nesse contexto, outros trabalhos de caráter obrigatório para o desenvolvimento de estudos sobre as exposições, poderiam ser citados e estão devidamente abordados na tese de doutoramento de Alda Heizer, que trata da participação do império brasileiro, em especial, na Exposição Universal de Paris em 1889.

Em seu primeiro capítulo de título “Imagens do Progresso” (HEIZER, 2005, p. 15-38), a autora elencou obras que se tornaram referências para a temática e que proporcionou um diálogo entre essas pesquisas, tais como, o historiador Almir Pita (1986), com estudos sobre instrumentos científicos; Margarida de Souza Neves e o caráter regional dos estudos do Rio como sede das exposições (NEVES, 1986); o trabalho de Foot Hardmann desperta a atenção para a ação do otimismo progressista junto à burguesia em formação (1988); a dissertação de Marcos Olender e a análise da modernidade e a prática burguesa (1992); Maria Inez Turazzi e a fotografia nas exposições (1995); Sandra Pesavento e as mostras universais do século XIX como espetáculos da modernidade (1997); a tese de Luís Werneck da Silva e as exposições na ótica capitalista (1992); Lilia Schwarcz e o capítulo dedicado aos eventos universais (1998); Heloísa Barbuy e a dimensão visual no certame de 1889 (1999); Heloisa Bertol Domingues e seu artigo sobre o intercâmbio científico e a participação do Brasil nos eventos (1999); Ana Maria Daou colocando a Amazônia no cenário da exposição de 1876 (2000); Kuhlmann e a abordagem sobre a questão pedagógica nas exposições (2001). Além disso, Heizer acrescentou

¹⁷ Guia elaborado para a Exposição Universal de Paris em 1889.

informações sobre a participação do Ceará na exposição de Chicago (OLIVEIRA, 2003).

É nesse elenco de trabalhos que identificamos a falta de pesquisa sobre a participação da primeira instituição brasileira de história natural e antropológica – o Museu Nacional - na Exposição de Paris de 1889.

Uma das características identificadas pelos autores, além da busca pela compreensão da modernidade brasileira nas mostras, é a apresentada por Margarida de Souza Neves, quando narra sobre as Exposições Universais como espaço de lazer “eminentemente didático”.

Surgem contemporaneamente a outros espaços de lazer urbano, como os grandes parques que são construídos nas metrópoles ou como os parques de diversões destinados ao ócio das multidões. Sua função será, como a destes outros espaços, divertir e disciplinar a multidão, mas revestida de um caráter primordialmente educativo” (NEVES, 1988, p. 31).

Portanto, sem desejar repetir análises historiográficas já tão bem apresentadas (HEIZER, 2005), interessa-nos apontar a permanência de algumas obras relevantes para as investigações sobre as Exposições Universais. Alguns destes trabalhos auxiliam nossa abordagem para mostrar, por exemplo, o quanto as exposições formaram um palco para diferentes análises, como no caso de Hardmann, sobre o triunfo do capitalismo.

As exposições universais da segunda metade do século passado e princípios deste constituem certamente um dos veios mais férteis para o estudo da ideologia articulada à da “riqueza das nações”. Os catálogos e relatórios desses eventos iluminam de forma ímpar vários aspectos do otimismo progressista que impregnava a atmosfera da sociedade burguesa em formação. (HARDMANN, 1988, p. 49).

As exposições funcionaram como vitrine para a modernidade apresentando produtos e também “para abrigar congressos científicos, demonstrações públicas das novidades técnicas como telefone de Graham Bell, na Exposição da Filadélfia, em 1876.” (HEIZER, 2005, p. 24).

Além das teses, capítulos e artigos identificados anteriormente, alguns desses autores deram continuidade às suas investigações, como a própria Heizer, a Neves e a Turazzi, que participaram do *Colóquio Ciência, Civilização e Império nos*

*Trópicos*¹⁸ e nos brindaram com pesquisas em História e História das Ciências, reafirmando o interesse pela temática das Exposições Universais (2001).

No que diz respeito ao crescente interesse dos pesquisadores sobre a temática das exposições, a dissertação de Paulo Coelho Mesquita Santos (2009, p. 7-39) é aqui abordada como exemplo de contribuição para o tema, no sentido de proporcionar a atualização bibliográfica sobre o assunto, tão bem analisada por Heizer, e devido ao seu novo olhar sobre o papel do Brasil nas exposições como incremento da atividade mineral no país.

O estudo de Paulo Santos (2009) traz contribuições de autores, tais como, os dois artigos de Almir Pita Freitas Filho (1991, 1996), que despertaram a atenção para o papel propagador dos avanços da ciência e da tecnologia nas mostras nacionais, e o Relatório do mesmo autor (1986), que analisou as oficinas dos comerciantes portugueses José Maria dos Reis e José Hermida Pazos. Santos ainda apresentou os estudos de Laure Godineau (1989) sobre a inserção da categoria “Economia Social” na classificação dos produtos da exposição de 1889, item criado exclusivamente para a mostra francesa.

Cabe ressaltar que as pesquisas apontam para mostrar as exposições como um movimento para o futuro rumo ao progresso e a tão divulgada “civilização”. A autora Sandra Pesavento, em seu estudo sobre as Exposições Universais, aponta o caminho dos desejos "como um instrumento de sedução social ou ainda um lugar de celebração da utopia. Ser moderno, progressista, tecnificado, quem não desejaria? Qual nação não aspiraria trilhar estes caminhos?" (PESAVENTO, 1997, p. 17-16).

Quando analisamos algumas das obras sobre as Exposições Universais da segunda metade do século XIX, utilizamos as abordagens como se os eventos tivessem uma similaridade, desse modo conseguimos construir uma definição/conclusão válida para todas, utilizando a análise de Barbuy:

¹⁸ Evento organizado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, nos dias 7 e 8 de novembro de 2000. A publicação de 2001 (de mesmo título) proporciona o conhecimento dos estudos sobre a relação entre o Império e as práticas científicas no século XIX: foi organizada por Alda Heizer e Antonio Augusto Passos Videira.

Sua origem tem uma base comum: são projetos de uma burguesia cujo dogmatismo, cuja crença numa verdade universal, num sistema social hegemônico, vigem por todo o século XIX e só perdem a força já no início do século XX. [...] Essa imposição se dá, no caso das exposições universais, por meio da sedução e da pedagogia: os modelos burgueses são considerados indiscutíveis, mas precisam ainda ser difundidos e ensinados em caráter missionário. Passa-se então para as estratégias do convencimento. (BARBUY, 1999, p. 39).

Apropriando-nos da análise de Heloisa Barbuy, a exposição de 1851, em Londres, tinha um caráter inicial de “feira industrial” para exibição e comércio de produtos, entretanto, imediatamente esses eventos extrapolaram esse perfil para se caracterizarem como “representações do mundo”. “As exposições do século XIX tinham como referência uma concepção dogmática e universalizante do mundo, sob a égide do progresso.” (BARBUY, 1999, p. 40).

Um aspecto a ser considerado diz respeito ao sistema de representação das exposições, inicialmente apontado por Pascal Ory, relacionando os eventos à mentalidade cientificista a partir dos sistemas classificatórios enciclopedistas.

[...] filhas do conde de Saint-Simon¹⁹, as exposições são, evidentemente, “da mão esquerda”. Do espírito de sistema e do tipo de raciocínio utópico do ancestral, emprestaram o sonho de um lugar fechado onde o universo comungaria no catequismo dos industriais. Isso tem um mau nome: a classificação. Cada exposição será, antes de mais nada, uma proposta de classificação da totalidade dos produtos do gênio humano. (ORY, 1989, 10).

Heloisa Barbuy aborda os estudos de Anne Rasmussen (1992, *apud* BARBUY, 1999, p. 41-43) somados aos de Pascal Ory, sobre as classificações nas exposições como regulamentações aos expositores determinando categorias por classes e grupos.

¹⁹ Claude Henri Saint-Simon, conde de (1760-1825), filósofo e economista francês. Criou a doutrina sansimonista com alguns discípulos. Preconizava o coletivismo e criticava a propriedade privada pois achava que conduzia a uma organização anárquica da produção e consagrava a exploração do homem pelo homem (KOOGAN/HOUAISS, 1997, p. 1442).

Tais classificações dizem respeito às categorias de produtos brutos e indústrias extrativas (como ferro e metalurgia), manufaturados (como tecidos, roupas e móveis), de indústrias em geral (como a mecânica, a elétrica), de obras de arte e a outras categorias de gênero, conforme as particularidades de cada exposição (a categoria de produtos agrícolas surge em 1867, a de atividades de ensino técnico, em 1878, a de “economia social”, em 1889). [...] O que fica evidenciado no trabalho de Rasmussen é que mudam as formas de classificar, mas nunca se abandona o princípio da classificação [...] (BARBUY, 1999, p. 43).

As classificações foram sendo atualizadas a cada exposição e esses regulamentos eram distribuídos antecipadamente aos países participantes, tais catálogos são propícios para a análise das especificidades de cada evento.

Paulo Santos (2009) ao realizar seus estudos sobre a participação do Brasil nas exposições universais reafirmou a relevância da articulação de folhetos promocionais e catálogos para a investigação sobre o cotidiano e o contexto em que foram realizados os eventos, o que nos faz destacar o papel da fotografia na construção imagética dos certames.

A exposição, por sua vez, “ilustrava” a fotografia, concedendo-lhe a oportunidade de revelar e propagandear para um público enorme e diversificado, que incluía estudiosos e profissionais do meio, toda uma gama de novas aplicações, equipamentos, processos, formatos e recursos disponíveis, mas até então relativamente desconhecidos. (TURAZZI, 1995, p. 48).

1.2 A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1889

Com vistas ao nosso estudo, utilizamos o catálogo bibliográfico já citado (GEPPERT, COFFEY, LAU, 2006) sobre as exposições de 1851-2005, para a realização de um exercício que consistiu em selecionar apenas as publicações das cinco Exposições Universais realizadas na França durante o século XIX (Quadro 2), com exceção de 67 obras de caráter geral sobre os eventos franceses.

Quadro 2 – Exposições Universais na França

ANO	PUBLICAÇÕES
1855	7
1867	18
1878	8
1889	75
1900	37

Fonte: GEPPERT, COFFEY, LAU, 2006.

O resultado da tabela apresenta as publicações sobre a exposição de 1889 em maior número e provavelmente, seu caráter comemorativo (inclusive após o bicentenário da Revolução Francesa) pode ter fortalecido o interesse sobre o assunto (BARBUY, 1999, p. 23).

As obras identificadas no Quadro 2 podem apresentar, sobre uma mesma exposição, abordagens de distintas naturezas, como: econômica, política, social, cultural, arquitetônica, museográfica, entre outras.

Assim, mesmo com a disponibilização quantitativa e qualitativa de estudos e documentos sobre a Exposição Universal de 1889, nos apropriamos do argumento de Ulpiano T. B. de Menezes, elaborado para o prefácio da obra de Heloísa Barbuy: “acredito ser na novidade dos problemas, e não na dos documentos, que se abrem, efetivamente, os caminhos novos.” (BARBUY, 1999, p. 9).

Ainda numa perspectiva de contribuir para as leituras atuais sobre as exposições organizadas pela França, aproveitamos para reforçar a importância das análises dos registros de exposições, a partir da apresentação de dois catálogos da recente exposição parisiense *Exotiques Expositions...Les Expositions Universelles et Les Cultures Extra-Européennes France, 1855-1937*²⁰, (ARCHIVES NATIONALES, 2010).

Os catálogos, um com textos e fotografias, e outro com legendas, reúnem as exposições francesas do período de 1855 até 1937. Nesse material é possível

²⁰ Exóticas Exposições... As Exposições Universais e as Culturas Extra-européias na França, 1855-1937. O evento foi realizado durante o período de 31 de março à 28 de junho de 2010, organizado pelos Arquivos Nacionais e apresentado no Hotel *Soubise*.

conhecer a abordagem atual não tão preocupada em mostrar o desenvolvimento industrial dos diferentes países, mas interessada em expor as principais características culturais dos distintos participantes em diferentes épocas.

Dessa forma, selecionamos um dos catálogos com o texto de título “Inventário do Mundo” que nos apresenta uma breve abordagem sobre a trajetória das instituições antropológicas e etnográficas francesas.

A curiosidade pelo outro ou o diferente não era próprio do século XIX. Porém, graças ao progresso tecnológico que facilitou as viagens, a fotografia também, que está crescendo como nenhum outro aparelho, este século amplifica o “Inventário do Mundo” realizado por cientistas-naturalistas, ampliando os campos das pesquisas da natureza, das espécies vegetais e animais, das populações e das culturas. A Antropologia e a Etnografia tornam-se as disciplinas científicas consagradas com, notadamente, a criação da cadeira de Antropologia no Museu de História Natural, em 1855, e a fundação, pelo médico Paul Broca, da Sociedade de Antropologia de Paris e da Sociedade Etnográfica Oriental e Americana, em 1858-1859. Em 1879, o Museu de Etnografia do Trocadero foi criado. O desenvolvimento das ciências foi favorecido pela multiplicação e a diversificação de missões de apoio ao Estado. As grandes exposições também desempenham um papel importante: permitem um amplo acesso do público ao conhecimento das culturas anteriormente reservadas aos especialistas. (CATALOGUE, 2010, p. 80)

Essa narrativa fortalece a análise de cunho antropológico e etnográfico nas exposições e pode ser somada à apresentação do outro catálogo da mesma mostra de 2010, que destaca o esforço de alguns países latino-americanos em mostrar a cultura indígena, especificamente no evento de 1889, sob o título *La Découverte des Nations Latino-Américaines et de leur cultures*.²¹

Alguns países, como o México, acabam por assumir seu passado, a maioria prefere ao contrário ocultar a “alteridade” indígena que eles consideram como pouco valorizada. Terras de imigração estão buscando atrair população, capital e apresentando uma imagem moderna e empreendedora. Este é o caso notadamente da Argentina e do Brasil que, na Exposição de 1889, reivindicaram seus espaços dentro da modernidade econômica e política. (ARCHIVES NATIONALES, 2010 p. 168).

Nesse contexto, percebemos a presença do Brasil na exposição de 1889 por um viés antropológico, a partir de uma abordagem atual na leitura de uma exposição

²¹ A descoberta das Nações Latino-Americanas e de suas Culturas.

realizada em 2010, com narrativas que nos favorecerão em nossas reflexões sobre a participação brasileira na mostra de 1889.

Um trabalho que pode dar uma imprescindível ideia da organização do evento francês é a publicação *Exposition Universelle e Internationale de 1889 à Paris: Rapport General*²², constituído de dez volumes que tratam da Exposição de 1889.

- 1 - História das Exposições Universais;
- 2 - Trabalhos da Exposição Universal de 1889;
- 3 - Operações, serviços diversos, arranjos financeiros e revisão a Exposição Universal de 1889;
- 4 - As artes plásticas, educação, artes liberais (grupos I e II da Exposição Universal de 1889. Exposição do Centenário da arte francesa);
- 5 - Móveis tecidos e vestuários (grupos III e IV da Exposição Universal de 1889);
- 6 - Mineração, matérias-primas e funcionamento. Os equipamentos e indústrias de processo de engenharia (Grupos V e VI da Exposição Universal de 1889);
- 7- Os equipamentos e os procedimentos das indústrias de engenharia. Eletricidade (continuação) (Grupo VI da Exposição Universal de 1889);
- 8 - Produtos alimentícios. Agricultura e da horticultura. (Grupos VII, VIII e IX da Exposição Universal de 1889);
- 9 - A Economia Social. A exposição retrospectiva do trabalho e das ciências antropológicas. Resumo e conclusões;
- 10 - Documentos comprovativos. Atos oficiais. Quadros estatísticos e financeiros. (PICARD, 1889a).

Seu autor, o engenheiro Alfred Picard (1844-1913), iniciou o primeiro volume por meio de um histórico resumido sobre as exposições universais francesas de 1798 a 1849, com objetivo de contribuir para a história das exposições da França. A publicação é uma fonte relevante para acompanhar a construção do certame de 1889 desde os estudos preliminares iniciados em 1884 até a relação de receitas e despesas computadas em 1892.

O Decreto de 8 de novembro de 1884, registrado no *Rapport Général*, instituiu a exposição com antecedência de quase cinco anos :

Art.1 Uma Exposição Universal de produtos industriais será inaugurada em Paris em 5 de maio de 1889 e será encerrada em 31 de outubro do mesmo ano. Art.2 Um decreto posterior determinará as condições em que será realizada a Exposição Universal, o regime em que serão colocadas as mercadorias expostas e os diversos gêneros de produtos suscetíveis de serem admitidos. Art. 3 O Ministro do Comércio é o responsável em executar o presente decreto. (PICARD, 1889a, p. 3).

²² Exposição Universal e Internacional de 1889 em Paris: Relatório Geral.

Posteriormente, a partir do Decreto de 10 de julho de 1886, foi instituída a realização de uma exposição internacional de belas-artes, independente da exposição anual de obras de artistas vivos, em Paris, no mesmo local e data da Exposição universal de produtos industriais. Porém, o decreto de 26 de agosto do mesmo ano, irá propor por meio do Ministro do Comércio e da Indústria e do Ministro da Instrução Pública, das belas-artes e dos cultos, uma exposição universal internacional que será realizada, em Paris, em 6 de maio de 1889, e será concluída em 31 de outubro do mesmo ano. (PICARD, 1889a, p. 13).

A união das duas exposições francesas (de produtos industriais e a de Belas-artes) deu o caráter universal internacional que Pascal Ory sublinhou para destacar a Exposição Universal Internacional de 1889²³.

Na introdução da *Revista de La Exposición Universal de Paris* (1889)²⁴, organizada por François Guillaume Dumas e Louis de Foucard, identificamos o resumo das duas características essenciais para entender a exposição de 1889: marca o final do século mais laborioso e progressivo de todos e, exibe ao mesmo tempo, o minucioso quadro da produção internacional destes últimos anos com um grande resumo do movimento intelectual e moral de um período centenário.

Há muito tempo, os filósofos vêm mostrando as estreitas relações da vida de uma época e de suas artes, melhor dizendo, do conjunto de sua produção. Em manifestações desta espécie é onde resplandece especialmente esta verdade, e os organizadores da Exposição compreenderam tão perfeitamente que lhe acrescentaram uma seção retrospectiva da História do Trabalho e outra seção relativa às Belas Artes do século. (DUMAS & FOURCAUD, 1889, introdução).

A realização de exposições retrospectivas ao mesmo tempo pretendia “reconstituir materialmente o passado e permitir comparações de capacidade humana, entre os vários períodos, no caminho evolutivo do progresso.” (BARBUY, 1999, p. 52).

Destacamos duas principais: 1ª) a exposição Retrospectiva do Trabalho e das Ciências Antropológicas, dividida em quatro partes: arqueologia e ciências antropológicas; artes liberais; meios de transporte e artes e ofícios; 2ª) Exposição Retrospectiva da Habitação Humana, com 44 reconstituições de habitações que

²³ Grifo nosso para destacar o duplo perfil do evento francês já anunciado anteriormente neste capítulo. Conforme informado, inicialmente, utilizaremos o termo Universal como padronização na escrita da pesquisa.

²⁴ Edição impressa em Barcelona.

representavam desde a pré-história até o Renascimento (o Brasil participou na Casa Inca, última das 44 casas construídas), ambas as exposições se localizaram no Campo de Marte (BARBUY, 1999, p. 52).

As exposições retrospectivas já aconteceram durante outros certames, porém em 1889, a estratégia foi elaborar uma exposição de caráter diferente, com o tempo apresentado em forma linear. Para o desafio, destacamos a Exposição Retrospectiva da Habitação Humana, pois dentre as 44 edificações, idealizadas pelo arquiteto Charles Garnier (1825-1898), identificamos a presença do Brasil. A Exposição teve como objetivo contar a história da habitação humana como uma “evocação semelhante a dos anos de Pompéia para a civilização romana”, porém mais completa, pois tentou reviver todos os aspectos da humanidade em diversos períodos (CHAMPIER, *apud* DUMAS & FOUCARD, 1889, p. 99).

Dentre os itens do regulamento da exposição, identificamos o Decreto de 24 de Maio de 1889, autorizou a Tombola (sorteio durante o evento) chamado de “Tombola da Exposição de 1889”. O objetivo desta tombola era para utilizar os recursos para facilitar a viagem e a permanência em Paris das delegações operárias, industriais e agrícolas, assim também para as instituições que seriam chamadas para visitarem a exposição. O Decreto especificou que o valor do bilhete seria 1 franco e a tiragem não poderia ultrapassar a 15 milhões. A tombola no evento foi de caráter oficial, impressa e carimbada pela Casa da Moeda. (PICARD, 1889a, p. 295).

Podemos ter uma visão sobre a participação do Estado na exposição francesa, a partir da análise de Paulo Santos sobre o artigo de Xavier Ryckelynck, que investigou a trajetória do engenheiro Alfred Picard, como um atuante funcionário do Estado francês, selecionado por sua credibilidade e competência para a organização das exposições universais (RYCKELYNCK, 1989 *apud* SANTOS, 2009, p. 25-26). Destacamos, mais uma vez, a relevante atuação de Picard na Exposição Universal de 1889, por meio da elaboração da obra *Exposition Universelle e Internationale de 1889 à Paris: Rapport General*, em dez volumes.

Madeleine Rebérioux já havia apontado a determinação do poder público em identificar perfis para atuarem como organizadores de toda a documentação oficial e da divulgação das exposições (REBÉRIOUX, 1979 *apud* BARBUY, 1999, p. 25).

Para marcar arquitetonicamente o espetáculo do progresso de 1889, foi elaborada a construção de um símbolo tanto para as celebrações do centenário da

Revolução Francesa quanto para fortalecer o ideal de modernidade. Para isso, foi edificada a Torre Eiffel (Figura 1), construída pelo engenheiro francês Alexandre Gustave Eiffel (1832-1923).

Muitas das estruturas projetadas para exposições deveriam ter caráter temporário, sendo desmontadas no final do evento, “porém algumas exceções tornaram-se permanentes, entre elas o Palácio de Cristal, construído para Exposição Internacional de Londres em 1851, e a Torre Eiffel”. (MONASTÉRIO, 2006, p. 17).

Identificamos na obra de Sandra Pesavento (1997) a explicação de Roland Barthes (em seu texto sobre a Torre) como uma das mais interessantes em que ele irá chamá-la de “inutilidade libertadora”.

Matéria telúrica, a pedra é símbolo de assentamento e de imutabilidade [...]. A mitologia do ferro é toda outra: o ferro participa do mito do fogo [...] da ordem energética; o ferro é ao mesmo tempo forte e leve, mas ele é sobretudo ligado a uma imaginação de trabalho: resistência pura, ele é o produto de um elemento sublime, a chama, e de energia humana, a do músculo; seu deus é Vulcano, seu lugar de criação o ateliê [...] se compreende que esta matéria seja simbolicamente ligada à ideia de uma dominação rude, triunfante, dos homens sobre a natureza: a história do ferro é, com efeito, uma das mais progressistas [...] Eiffel não fez senão coroar esta história, fazendo de um lado, do ferro a matéria única de suas construções, de outro imaginando um objeto todo em ferro (a Torre) erguido no céu de Paris como uma estrela consagrada ao ferro: neste material se resume toda a paixão do século, balzaquiano e faustiano. (BARTHES, p. 15-16, *apud* PESAVENTO, 1997, p. 181).

A necessidade de demonstrar o poderio técnico do homem sobre a matéria, destacando a presença do ferro como marca do progresso, fez criar uma torre com o objetivo único de ser um símbolo.

O local previsto para o evento tinha ao todo setenta hectares que incluíam *Champ de Mars, Palais du Trocadéro, Esplanades des Invalides e Quai d’Orsay* (Figura 2), tendo a torre como atração máxima. A Torre Eiffel virou o fetiche para os visitantes da mostra e, ao longo dos anos, dos visitantes de Paris (e virou o símbolo da cidade).

Em 1851, a Exposição de Londres fascinou o mundo com o seu Palácio de Cristal. Os Estados Unidos também já haviam erguido a famosa Estátua da Liberdade, presenteada pela França e exibida ainda inacabada na Exposição Universal de Paris de 1878. Agora a construção da torre mais alta do mundo e, inclusive, acessível às pessoas, erguia-se em ferro sobre uma base de concreto, anunciando os novos desafios que a tecnologia moderna era capaz de fazer (TURAZZI, 1995 p. 81).

Para a realização da visita ao longo espaço da exposição, foi idealizado o deslocamento por meio do trenzinho *Decauville*, constituído de pequenos vagões abertos que transportavam entre 3 a 4 mil pessoas por hora (LENÔTRE, 1889a, p. 178; BARBUY, 1996, p. 218).

O trajeto de 3 km ligava cinco estações: *l'Esplanade des Invalides*, de la Concorde, parada de agricultura, perto do palácio da Espanha, parada de Alimentos, perto do Palácio das Indústrias Alimentares e *du Trocadero/Torre Eiffel*. Durante o caminho, passava por dois túneis, o primeiro de 20 metros (túnel da Alma), o segundo, de cento e seis metros (da Torre Eiffel) e por espaços arborizados que continham cartazes (de trinta e quatro línguas diferentes) alertando sobre o perigo das árvores: “Atenção. Guardar-se das árvores. Não adiantar nem os pés nem a cabeça”. (DUMAS & FOURCAUD, 1889, p. 381-389; LENÔTRE, 1889a, p. 178; BARBUY, 1996, p. 218).

O *Bulletin Officiel de l'Exposition Universelle de 1889* (BOEU) é um periódico diário que foi editado desde a inauguração da exposição (6 de maio) até período posterior ao evento (7 de novembro), de caráter informativo, narrou em colunas os acontecimentos, as visitas de personalidades ilustres, locais para alimentação, vendas de produtos, realização de congressos, conferências, concertos, peças teatrais, reclamações, propagou sobre os diferentes espaços da grande exposição etc. (Figura 3).

Vale registrar o nível de detalhamento do BOEU que divulgou os acontecimentos e auxiliou a organização do evento informando os horários dos elevadores para acesso à Torre Eiffel: para o 1º andar, de 10h00min às 22h00min; para o 2º andar e a parte superior, de 10h15min às 21h30min. O 1º andar permanecia aberto até às 23h, o 2º e o 3º andares até às 22h. Caso o visitante quisesse subir ao 3º andar, deveria procurar o guichê do 2º andar para a compra de bilhete suplementar.

Além da divulgação de serviços remunerados, algumas apresentações eram noticiadas diariamente como os espetáculos com o uso da eletricidade na exposição²⁵. Os efeitos luminosos tinham a duração de 20 minutos projetados na Torre Eiffel e na Fonte Coutan. Desse modo, o BOEU anunciou a “Festa Noturna” (Figura 4):

²⁵ Sobre os espetáculos noturnos com o uso da eletricidade, ver: Heloisa Barbuy, 1999, p. 72-89.

Todas as noites, de 20h até 23h:
 Torre de 300 metros - iluminações, projeções elétricas sobre Paris e sobre a Fonte Coutan. Luzes ao farol.
 Fontes Luminosas - efeitos d'água, iluminação elétrica e multicolor de jatos de água da Fonte Coutan e do rio por 40 metros.
 1º efeito – de 21h às 21h20min;
 2º efeito – de 21h40min às 22h;
 3º efeito – de 22h20min à 22h40min (BULLETIM OFFICIEL DE L'EXPOSITION UNIVERSELLE DE 1889, 1889).

Analisando o BOEU, identificamos que fazia constantes divulgações de preços e, diante da constatação do aumento do público, o periódico chegou a publicar uma planilha de visitantes (Quadro 3) comparando os ingressos vendidos na exposição anterior francesa, realizada em 1878, e a atual, em pleno acontecimento.

Diante do exercício de comparação de um período de quinze dias, o BOEU apresentou uma simulação que previu o número de visitantes e de recursos até o fim da mostra. Com isso, anunciava que a exposição de 1889 não iria dar prejuízo conforme havia acontecido na exposição de 1878 (apresentado no Quadro 1).

Quadro 3 – VISITANTES NAS EXPOSIÇÕES DE 1878 e 1889

	Em 1878	Em 1889
16 junho Domingo	107.771	204.382
17 junho	76.330	113.073
18 junho	64.064	101.700
19 junho	52.296	101.417
20 junho	51.933	109.215
21 junho	62.715	91.370
22 junho	49.213	81.601
23 junho Domingo	84.091	220.118
24 junho	57.430	105.774
25 junho	51.766	95.345
26 junho	45.572	87.055
27 junho	48.326	106.820

28 junho	45.479	85.257
29 junho	52.350	79.532
30 junho Domingo	119.599	201.323
Total	968.935	1.783.982

Fonte: Planilha do BOEU vol.1. [2e série] n.1, 6 maio 1889 - n.86, 9 agosto 1889.

As Exposições Universais formavam o espaço propício para a realização de discussões sobre as diferentes áreas do saber por meio de congressos e conferências. Nas divulgações realizadas no BOEU, a quantidade dos congressos e das conferências no certame pode ser justificada pela “perspectiva de definir caminhos e procedimentos para se atingir a modernidade” (KUHLMANN, 2001, p. 87).

Diante da discreta informação sobre conferências e congressos científicos em exposições universais, no viés da História das Ciências em obras brasileiras (ALMEIDA, 2010, p. 197), realizamos uma busca no BOEU e selecionamos um período aproximado de um mês (Quadro 4) para termos a noção da periodicidade das conferências e dos temas abordados. Identificamos os dados pulverizados no periódico que estavam sob a responsabilidade da Comissão Superior dos Congressos e Conferências.

Quadro 4 – ALGUMAS DAS CONFERÊNCIAS REALIZADAS EM 1889

Dia, horário e local	Conferencista	Título
2/07 – 16h Palácio das Crianças	Dureau – Administrador-redator do Jornal dos Fabricantes de Açúcar	A Expansão da Indústria do Açúcar
3/07 – 16h Palácio do Trocadero	Rolland – Engenheiro do Corpo Nacional de Minas da França	A Colonização Francesa na Sahara
9/07/ – 10:20h Palácio das Crianças	Fleury – Engenheiro Chefe do Secretariado da Companhia de Suez	Os canais navegáveis na exposição
12/07 – 16h Palácio do Trocadero	Quinette de Rochemont – Engenheiro e Chefe de Pontes e Estradas	Os Portos Marítimos: Havre

5/07 – 16h Palácio do Trocadero	Lafenestre – Conservador Adjunto do Museu do Louvre	História da Pintura Francesa desde 1879
16/07 – 10:20h Palácio das Crianças	Napolis – Engenheiro principal do Laboratório de Estradas de Ferro do Estado	Os aparelhos de precisão
17/07 – 16h Palácio do Trocadero	De Lanessan	A Colonização do Extremo Oriente
18/07 – 16h Palácio do Trocadero	H. de Hapommerayé – Presidente da Associação Politécnica	Os Antepassados da Crítica Literária Moderna: Chateaubriand et Madame de Staël.
19/07 – 16h Palácio do Trocadero	E. Trélat – Diretor da Escola Superior de Arquitetura, professor do Conservatório de Artes e Ofício	A segurança em casa e na cidade
20/07 – 16 h Palácio do Trocadero	Courajod – Conservador Adjunto do Museu do Louvre	A influência da França do Norte nas obras da Renascença
20/07 – 16h Esplanada dos Ministérios	Lucas – Arquiteto. Vice-presidente da Seção de Treinamento da Exp. de Economia social de 1889	O ensinamento profissional na França desde 1789
23/07 – 10:20h Palácio das Crianças	G. Dumont – Engenheiro, Inspetor Chefe do Serv. Telegráfico e da Cia. de Estrada de Ferro do Estado	A Iluminação Elétrica e as Fontes Luminosas
25/07 – 16h Palácio do Trocadero	Magne – Arquiteto	A Arquitetura Francesa do Século
28/07 – 16h Palácio do Trocadero	Pottier – Colaborador do Museu do Louvre	A Cerâmica Grega
29/07 – 16h Palácio do Trocadero	Le Colonel Laussedat – Diretor do Conservatório das Artes e Ofício	As Escolas e Museus Industriais nos EUA 1886
30/07 – 10:20h Palácio das Crianças	Villard – Engenheiro, Membro do Comitê Consultivo das Estradas de Ferros	A Geografia e a Estatística em 1889
13/08 – 10:20h Palácio das Crianças	Perissé – Engenheiro Perito	As Máquinas à Vapor na Exposição

Fonte: Conferências selecionadas do BOEU vol.1. [2e série] n.1, 6 maio 1889 - n.86, 9 agosto 1889.

Identificamos, inicialmente, que a Comissão havia convidado palestrantes da nação organizadora do evento para discutirem sobre assuntos específicos ou não da França. Cabe ressaltar que as conferências divulgadas de maneira constante no BOEU comprovam o interesse dos participantes sobre as atividades.

Uma frase no BOEU despertou nossa atenção em relação ao público que a organização do evento queria atingir. No periódico, encontramos avisos esclarecendo que as conferências eram públicas, gratuitas e as damas eram “admitidas”.

Em relação aos congressos realizados ao longo da exposição, vale registrar que foram iniciados no mês de junho e é possível acompanhar o resumo de cada atividade no periódico semanal *Le Moniteur de l'Exposition de 1889*, na coluna *Les Congrès de l'Exposition*²⁶ (LE MONITEUR DE L'EXPOSITION, 30 de junho, 1889).

Os dados expostos no Quadro 4, referentes a quinze dias, podem demonstrar que os organizadores, além de terem unido as duas exposições (de produção e inovação industrial e a de Belas Artes), e a categoria de “Economia Social” (criada unicamente para a mostra de 1889), queriam promover a discussão da interação entre a produção humana e a vida dos trabalhadores.

Sobre a criação da categoria “Economia Social”, Heloísa Barbuy nos explica que a expressão significava “para seus organizadores, os meios destinados a melhorar as condições materiais e morais dos operários, diminuindo os conflitos sociais e contribuindo, assim, para o progresso.” (BARBUY, 1999, p. 69).

Esta tentativa da conquista do progresso pela união da técnica e da moral nos faz lembrar o início deste capítulo, sobre o recorte de Le Goff, aqui somente para reflexão²⁷.

Em outra perspectiva sobre a exposição de 1889, sublinhamos as pesquisas de Heloisa Barbuy por destacar o evento francês como fenômeno visual, pois “as exposições constituem para além do projeto pedagógico de seus organizadores, uma forma de expressão (de representação) que encontra na materialidade visualmente apreensível o código de comunicação em vigor” (BARBUY, 1999, p. 50). A partir de seus estudos, Barbuy proporciona em detalhes uma visão clara sobre a exposição francesa que nos estimula e auxilia de maneira determinante.

²⁶ Monitor da Exposição de 1889, coluna *Os Congressos da Exposição*.

²⁷ Grifos nossos.

Examinando a exposição pontualmente, vamos encontrar assuntos sobre os quais se pretende instruir as massas: história do trabalho (na verdade uma espécie, de história das técnicas de produção industrial), história da habitação humana (das técnicas construtivas), técnicas de higiene (Pavilhão da Higiene e Pavilhão da Cidade de Paris), exposições coloniais (reconstituições de aldeias de colônias francesas, com presença de nativos) etc etc. Mas em termos globais, o grande objetivo parece ser mesmo o de instruir (ou industrializar) sobre a vida moderna da sociedade industrial; ensina a massa um modelo de mundo. (BARBUY, 1999, p. 55).

Por meio da dissertação de Barbuy é possível identificar a grandiosidade do evento e os diferentes espaços, suas funções e o aspecto de permanência da ideia do progresso, que vem acompanhando a discussão sobre as Exposições Universais ao longo do século XIX.

Barbuy destaca que algumas obras facilitam o entendimento físico da exposição dividindo-a em quatro partes:

Champ de Mars (parte principal, onde se encontra o Palácio das Indústrias Diversas, o Palácio das Máquinas, o Palácio de Artes Liberais, o Palácio de Belas Artes e a Torre Eiffel): *Trocadéro* (destinado, sobretudo, às conferências, festas e solenidades da Exposição) *Esplanade des Invalides* (espaço, principalmente, das exposições coloniais) e *Quai d'Orsay* (exposição de agricultura e produtos alimentares). (BARBUY, 1999, p. 27).

Em seu trabalho, a autora nos guia pelos espaços representativos da exposição apresentando imagens que favorecem o entendimento sobre as “experiências visuais”. Em “mil coisas para ver”, o leitor é conduzido a passar pelo pórtico principal do Palácio das Indústrias Diversas, “a catedral da indústria, onde se cultua o progresso universal”, local em que ficavam as seções nacionais e de alguns países europeus, Estados Unidos, e outros como Egito e Japão (BARBUY, 1999, p. 61-121), próximo à Galeria de Honra e ao Palácio das Artes Liberais.

Barbuy destaca que, sobre os países latino-americanos, “os fornecedores de matéria-prima” ocuparam pavilhões individuais fora do Palácio das Indústrias Diversas. Estes pavilhões eram localizados no Campo de Marte, próximos à Torre Eiffel. Foram nos pavilhões que os países se esforçaram para fortalecer suas nações a partir da exposição de seus produtos/coleções.

Os espaços dos pavilhões nacionais serviram também para o fortalecimento da cultura dos povos, a partir de distintas categorias das quais destacamos a música (FÖLLMI, 2002), os tipos de alimentação apresentados e as danças.

As exposições dos produtos industriais estiveram presentes tanto no Palácio das Indústrias Diversas quanto no Palácio das Belas Artes (Figura 5), pois alguns equipamentos eram verdadeiros objetos de arte em detalhes artesanais. As exposições de móveis e acessórios (ourivesaria, cristais, cerâmicas, metais) representavam a fusão entre os materiais e a produção industrial.

Assim, destacamos a seção de relojoaria, com peças que narram o progresso da indústria francesa, máquinas de diferentes países (principalmente da Europa) e a conhecida qualidade dos relógios suíços. (PICARD, 1889a, v. 5, p. 188-195).

Cabe registrar que encontramos no arquivo histórico do Museu Imperial de Petrópolis a obra *Álbum da Exposição Universal de Paris* (1889, III-8-31), de autor desconhecido e contendo 28 fotografias sobre o evento. A beleza dos detalhes na imagem referente à seção de Relojoaria (desse álbum do Museu Imperial) inspirou o poeta Ricardo Kubrusly a criar um poema e somente por esse motivo foi autorizado o registro fotográfico da imagem (Figura 6)²⁸.

O ponto máximo da representação industrial estava na Galeria das Máquinas²⁹ (próximo ao Palácio das Indústrias Diversas – Figura 7), ali estavam os “princípios de acumulação e de classificação, acrescidos dos efeitos das demonstrações tecnológicas: tudo está em movimento.” (BARBUY, 1999, p. 70).

Cabe ressaltar que o Pavilhão das Máquinas (Figura 8) foi considerado a construção mais espetacular, pois “apresentava uma cobertura de aproximadamente 46.000 m², com medidas em torno dos 420 metros de comprimento, 115 metros de largura” e com aproximadamente 43,5 metros de altura (GÖESSEL e LEUTHAÄUSER, 1996 *apud* MONASTÉRIO, 2006, p. 17).

No *Quai d’Orsay*, eram encontradas as exposições de agricultura e alimentação, além do espaço voltado às influências sociais, o que continha o ensino técnico e a área denominada “Economia Social”, criada especialmente neste evento, “tratava-se, museograficamente, da montagem de uma vila operária, onde quinze seções giravam em torno de temas sobre remuneração do trabalho, seguros contra acidentes e habitação operária” (BARBUY, 1999, 69), assuntos discutidos nas conferências do evento, conforme podemos observar na leitura do Quadro 4.

²⁸ O professor Ricardo Kubrusly (HCTE/UFRJ) esteve presente na visita técnica realizada no ano de 2011 ao arquivo histórico do Museu Imperial de Petrópolis para análise do *Álbum da Exposição Universal de Paris*. Diante de termos acompanhado o encantamento do poeta com a imagem, decidimos registrar o resultado na presente tese.

²⁹ Também chamado de Palácio das Máquinas.

1.2.1 O Brasil na exposição francesa

Aproveitamos a oportunidade para registrar que no Brasil foram realizadas exposições provinciais (para organizar a participação das províncias nas exposições nacionais realizadas na Corte), exposições nacionais, para selecionar o que seria enviado para representar o país nas Exposições Universais (periódicas de amplo alcance temático) e que o país também participou de algumas Exposições Internacionais (de temática específica). Dessa forma, a cada participação do Brasil em Exposições Universais, o governo imperial organizava (no ano anterior) uma exposição preparatória na Corte do Rio de Janeiro, que, por sua vez, recebia os materiais oriundos das Exposições Provinciais.

Em relação às Exposições Provinciais, algumas pesquisas sobre o papel das Províncias nas Exposições Nacionais da Corte têm sido realizadas, como por exemplo, a dissertação de Cinthia da Silva Cunha, “As Exposições Provinciais do Império: a Bahia e as Exposições Universais (1866-1888)”, mostrando que estes eventos não foram puros receptores de ideologia, mas a “elaboração de um repertório simbólico” sobre a Província para o Brasil e para o Exterior. (CUNHA, 2010, p. 109).

A partir de 1887, d. Pedro II visitou o canteiro de obras na França, referente ao espaço da Exposição, acompanhado por Georges Berges, diretor geral de obras (*LE MONITEUR DE L'EXPOSITION*, 1887, 9-10, p. 2; PESAVENTO, 1997, p. 188; *Visite de l'Empereur*, 1887, *apud* BARBUY, 1996, p. 213).

O monarca solicitou, posteriormente em carta manuscrita, que a localização do Pavilhão do Brasil ficasse ao lado da Torre Eiffel (SANTA-ANNA NERY, 1889: apresentação; GUIDE BLUE, 1889, p. 170-171; ORY, 1989, p. 83-85; *Empire du Brésil*, 1889, p. 4-5; O AUXILIADOR, 1888, Dez, n. 12, p. 269; BARBUY, 1996, p. 213), o que foi atendido após momentos de indecisão oriundos da troca de comando no Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, quando Rodrigo Augusto da Silva desempenhava o cargo de ministro. Em 1887, Antonio da Silva Prado, que havia precedido Rodrigo Augusto da Silva, voltava ao comando.

O retorno de Antonio da Silva Prado ao Ministério, favorável à participação brasileira à exposição francesa desde 1885, a atuação do Comitê Franco-brasileiro em solicitar patrocínio da iniciativa privada e participação de d. Pedro II são fatores

que contribuíram para que o Brasil comparecesse ao evento de 1889 (*LE MONITEUR de l'EXPOSITION apud* PESAVENTO, 1997, p. 188-189).

A hesitação também foi pelo fato de o Brasil representar o único país monarquista da América no evento comemorativo à república, pois o avô de D. Pedro II³⁰ havia resistido ao império do primeiro Napoleão (o que criou relações de parentesco com alguns reinos europeus).

Esses fatores, somados à limitação orçamentária, provavelmente contribuíram para o Governo Imperial proporcionar a inserção do país em caráter oficioso. Consequentemente, o Brasil participou do evento um mês após a inauguração, em 6 de maio de 1889. Além disso, cabe registrar que diversos setores da opinião pública nacional consideravam que o Brasil não poderia ficar ausente do “inventário comparativo do mundo”. (ALMEIDA, 2001, p. 240-241).

A área inicialmente prevista para jardins e restaurantes, próxima a Torre Eiffel, foi cedida aos países do continente americano diante da demora na confirmação da participação, semelhante ao Brasil. Assim, o Pavilhão do Brasil (Figura 9) ficou em espaço pequeno, porém entre os grandes pavilhões da Argentina (Figura 10), do México e próximo a Torre Eiffel, conforme planta da exposição (GUIDE BLUE, 1889).

Para organizar a exposição do Brasil em Paris³¹, foi criado o Comitê Franco-Brasileiro³², com a participação de Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (1829-1899), o Visconde de Cavalcanti como presidente do Comissariado Geral, composto pelos senhores Eduardo da Silva Prado (1860-1901) e E. Lourdelet (presidente da Câmara Sindical dos Negociantes Comissionários de Paris) como comissários gerais adjuntos e Amédée Prince (vice-presidente da Câmara Sindical dos Negociantes Comissionários de Paris) como secretário geral e Raymond Benoist d'Etiveaud (negociante) como secretário adjunto.

Ao montarmos a relação dos 14 comissários participantes do Comitê Franco-Brasileiro (com exceção do presidente e do secretário geral), temos: (1) Manuel Artur de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Barão de Albuquerque; (2) Carlos F. de

³⁰ Estamos nos referindo à D. João VI e a vinda da Corte portuguesa ao Brasil em 1808.

³¹ A inserção do Brasil no evento de 1889 será apresentada no próximo capítulo quando passaremos pela Exposição Preparatória Nacional de 1888.

³² Acreditamos que o grupo de negociantes franceses unido aos brasileiros moradores na França, preocupados em manter as relações comerciais entre os dois países propiciou, dentre outros motivos, a organização do Comitê. Sobre história das relações comerciais entre França e Brasil, ver: Horace Say, 1839.

Almeida, (negociante); (3) Eduardo F. Cardoso, (adido à legação do Brasil); (4) Rodolfo E. de Souza Dantas (jornalista e político); (5) José J. de Maia Monteiro, Barão de Estrela; (6) Raymond Benoist d'Etiveaud; (7) Francisco de Figueiredo, Visconde de Figueiredo, presidente do Banco Internacional do Brasil; (8) Adolfo Klingelhoefer; (9) E. Lourdelet; (10) Pector, presidente da câmara sindical do comércio de exportação de Paris; (11) C. Pra, também vice-presidente da câmara sindical dos comerciantes comissionários de Paris; (12) Eduardo Prado; (13) F. J. de Sant'Anna Nery; diretor do Jornal América e (14) Manuel Augusto Teixeira, engenheiro³³.

No dia 25/03/1889, reunidos a convite do Sr. Visconde de Cavalcanti os brasileiros – Marechal Moraes Ancora, Chefe da Divisão Barão de Tefé, Barão de Saboia, de Albuquerque, de Marajó, Conselheiro Ladislau Netto [diretor do Museu Nacional], capitães-tenentes Alves Barbosa e Huet Bacellar, engenheiros Fernandes Pinheiro e Augusto Teixeira, doutores Sant'Anna Nery e Eduardo Prado, commendadores Victor Meirelles, Adolpho Klinghoeffter e Domécio da Gama, foi resolvido que além do commissariado geral já nomeado, (...) e das Commissions de Construcção, de Publicidade, de Finanças e de Installação, auxiliadas pelos diferentes delegados, fosse creada pelo concurso, de todos os delegados e commissários existentes em Paris, que a isso se prestassem, uma commissão de estudos que se encarregasse de em relatórios parciaes descrever e estudar o que de útil encontrasse para o Brasil na Exposição Universal; sendo adoptada a idea, para este fim forão distribuídas, conforme a proposta do Sr. Fernandes Pinheiro, as 82 classes do catálogo geral official, em 32 secções das quaes se encarregaram os srs. Benício da Gama, Barão de Albuquerque, Julio Balla, Eduardo Prado, Conselheiro Rodolpho Dantas, Ladislau Netto, Dr. Augusto Duprat, La Valle, Barão de Saboia, Souza Leite, Barão de Tefé, Araújo Pinheiro, Alves Barbosa Argollo Ferrão, Fernandes Pinheiro, Arthur Alvim, Huet Bacellar, Benjamin de Mello, Augusto Teixeira, Silva Lima, Lemos Bastos, Adolpho Klinghoeffter, Sant'Anna Nery e Marechal Moraes Ancora. (MARAJÓ, 1890, p. 15).

No grupo de estudos para a elaboração dos relatórios, José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó (1832-1906)³⁴, ficou responsável por analisar todo o material têxtil no evento francês, porém seu Relatório tem um nível de detalhamento que apresenta desde correspondências sobre as comissões até a apresentação das salas do Pavilhão do Brasil e da Casa Inca³⁵.

³³ Os nomes da Comissão Franco-Brasileira estão cunhados em duas medalhas recebidas pelo Museu Nacional.

³⁴ Presidente da Comissão do Pará para participação do Brasil na Exposição Universal de Paris em 1889.

³⁵ A nomenclatura *Casa Inca* não é utilizada, mas o espaço é chamado de Palácio ou Pavilhão do Amazonas (ou Amazônia).

Dentre os membros das comissões, o jornalista paraense Frederico José de Santa Anna-Nery (1848-1901), o “propagandista voluntário da Amazônia”, foi um integrante de relevante destaque no evento. Seu projeto de divulgar o país e a Amazônia visando o seu desenvolvimento, é percebido principalmente na participação no comitê fundador da *Revue du Monde Latin em 1883*, e na Exposição de Paris em 1889. Aos 26 anos, mudou-se para Paris e trabalhou como correspondente de jornais franceses produzindo artigos sobre o Brasil, além de ter sido correspondente do *Jornal do Commercio*, assinando a coluna: *Ver, ouvir e contar*. (COELHO, 2007).

Santa Anna-Nery é destacado pelo seu trabalho em publicações elaboradas durante a exposição francesa, tais como, *Le Brésil en 1889* (1889a), obra com 25 capítulos e seiscentas páginas, examinada por Foot Hardmann e Heloisa Barbuy, o *Guide de l'emigrant au Brésil* (1889b) e o jornal semanal *L'Amérique* (1889); além de sua participação em congressos. O Barão do Marajó em seu relatório o distingue pelos serviços prestados por se tornar “mais útil para o Brasil na Europa do que a maior parte dos nossos diplomatas”. (MARAJÓ, 1890, p. 29).

Cabe-nos registrar o artigo das autoras Gabriela N. Ferreira, Maria Fernanda L. Fernandes e Rossana R. Reis, publicado na *Lua Nova* sobre a análise da obra de Santa Anna-Nery com o título “O Brasil em 1889’: um país para consumo externo”. O artigo apresenta análise sobre alguns dos textos do *Le Brésil en 1889* para apresentar a imagem do Brasil monárquico que o autor e seus colaboradores (Barão do Rio Branco, André Rebouças e Eduardo Prado) pretendiam passar para a França republicana. Algumas questões são bem sublinhadas, após a abolição da escravidão, tais como a necessidade de mão de obra, as soluções imigrantistas e a reorganização econômica do país. (FERREIRA, FERNANDES, REIS, 2010, p. 75-113).

É na introdução da obra *Le Brésil en 1889*, de Santa Anna-Nery, que o autor apresenta sua propaganda sobre a vida dos negros no Brasil após a abolição da escravidão:

O Brasil conta hoje ao menos quatorze milhões de habitantes, e mais nenhum escravo! A própria palavra escravidão desapareceu de nosso país, foi riscada de nossas leis. Só restam cidadãos livres, submetidos aos mesmos deveres e gozando dos mesmos direitos (1889a, p. XV).

Na mesma obra de Santa Anna-Nery, Eduardo Prado apresenta a imigração sem qualquer necessidade de reforma na sociedade brasileira, opinião divergente da posição de André Rebouças que clama por “aprofundamento das reformas após a abolição, em direção à verdadeira emancipação do trabalho”. (FERREIRA, FERNANDES, REIS 2010, p. 111).

Em nosso estudo, destacamos as pesquisas de Alda Heizer e Heloísa Barbuy sobre o assunto, que priorizaram a exposição preparatória brasileira de 1888 (HEIZER, 2005, p. 81-98) e o detalhamento sobre o Brasil na grande exposição francesa (BARBUY, 1996). Essas contribuições são fortes referências para a temática ora investigada.

Heizer analisou os volumes, em especial, dos periódicos o *Auxiliador da Indústria Nacional* e a *Revue Scientifique* correspondentes aos anos de 1888, 1889 e 1890 para apresentar o “Império do Brasil na Exposição de Paris”, reforçando a relevância da utilização de periódicos para o acompanhamento e análise do certame francês. (HEIZER, 2005, 57-80).

É possível realizar uma visita à exposição, por meio do trabalho de Heloísa Barbuy, a partir do passeio no pequeno trem *Decauville* em passagem pela Torre *Eiffel*, o “gigantesco mirante de ferro” de 300 metros de altura, um marco da edificação em tempo recorde que celebrava a “capacidade de construir”.

Barbuy descreve detalhes da vista externa do Pavilhão do Brasil, palácio projetado pelo arquiteto francês, vencedor do concurso para escolha do projeto para a edificação – Louis Dauvergne (1828-1899). Apesar do estilo “hispanico”, o pavilhão é decorado por seis esculturas de índios³⁶, em que cada imagem representava um rio brasileiro: Paraná, Amazonas, São Francisco, Paraíba, Tietê e Tocantins.

O Pavilhão do Brasil fazia parte de um conjunto chamado Seção Brasileira, destinado a uma vida curta, composto de elementos articulados situados no *Champ de Mars*, à margem esquerda do Sena. A estética exótica na decoração externa e interna ajudou a melhor expor os produtos agrícolas e as matérias primas. (WERNECK DA SILVA, 1989, p. 417).

A partir de imagens³⁷ e da apresentação de Barbuy, a edificação era internamente feita de ferro contendo, ao centro, um átrio que permitia avistar os dois andares superiores. A autora resume os três andares da seguinte forma: “o andar

³⁶ A autora destaca que os tipos físicos eram de europeus.

³⁷ Fotografias do álbum *Exposição Universal de Pariz: exposição brasileira*. Fotógrafo não identificado. Acervo IHGB.

térreo espelhava (...) apenas o país da natureza pródiga; no 1º andar, o panorama já mudava de figura, revelando esforços manufatureiros e no 2º avançava ainda mais, buscando mostrar requintes culturais. (BARBUY, 1996, p. 222).

O térreo era caracterizado com um piso de madeira todo em marcheteria produzido no Rio de Janeiro, para a exposição das riquezas naturais do país, tais como amostras de café, minerais, madeiras, borracha, mate, algodão, tabaco e produtos alimentares, como cereais. Era o espaço que causava entusiasmo aos visitantes devido à variedade das matérias-primas.

No 1º andar estavam as matérias-primas já manufaturadas pela indústria nacional: “fios e tecidos, chapéus, sapatos e luvas; tabacos (...), vidraria, alimentos em conserva, cerâmica, perfumaria, velas; licores, cacau e chocolates, extrato de carnes; instrumentos de música,” e alguns aparelhos. (BARBUY, 1996, p. 223).

O 2º andar foi reservado para a apresentação de objetos para caracterizar o país letrado, com vitrines contendo litografias, gravuras, livros, encadernações e completadas com utensílios do cotidiano burguês, tais como mobiliário, malas, valises, sedas, lingerie e artigos para pesca. “Uma coleção de medalhas e outra de insetos davam um toque de refinamento, se vistos como requinte e sinal de história e ciência, respectivamente”. (BARBUY, 1996, p. 223).

Os cronistas analisados por Barbuy, ao externarem suas opiniões sobre a visita ao Pavilhão do Brasil, demonstram um interesse maior aos produtos naturais do país, aqueles apresentados no térreo, destacando-se as coleções de madeiras, plantas medicinais, minerais e, em especial o meteorito de Bendegó³⁸.

Ao lado externo do Pavilhão do Brasil, foi erguida uma galeria, aberta com colunas de ferro, medindo 30 metros de comprimento que ligavam o Pavilhão a uma estufa de plantas. “A galeria era decorada com vasos em faiança artística, uma varanda graciosa e sombreada por plantas trepadeiras e um gracioso pórtico com arcadas em metal”. (GUIDE BLEU, 1889, p. 170; LENÔTRE, 1889a, p. 178; GAUTIER, 1889, p. 72 *apud* BARBUY, 1996, p. 227).

Além da estufa, o Pavilhão era cercado por um jardim que continha um lago como projeto de embelezamento dos jardins do Champ de Mars. Parte deste lago foi concedida ao Comitê Franco-Brasileiro para a realização de sistema de aquecimento

³⁸ Réplica em madeira do fragmento do meteorito de Bendegó, considerado o maior do mundo na época da exposição. Seu original ficava no Museu Nacional, por isso, a representação da réplica na Exposição será analisada no terceiro capítulo.

para sustentar a temperatura de 30 graus, visando a manutenção e cultivo da vitória-régia (PICARD, 1890b, p. 216),

Barbuy selecionou os mais interessantes comentários de cronistas sobre a beleza e o gigantismo da vitória-régia (Figura 11), que causava curiosidade aos visitantes, principalmente pela propaganda de que a planta poderia sustentar o peso equivalente a uma criança pequena. (BARBUY, 1996, p. 228).

As publicações estrangeiras despertavam o interesse pelas riquezas naturais detalhando a exuberância das plantas como uma grande marca da participação brasileira na exposição.

O Brasil é um dos mais formosos países do mundo, e em especial as beiras do caudaloso rio Amazonas. Lá está ostentada vegetação dos trópicos com toda a sua magnificência e variedade. Árvores prodigiosas às quais se entrelaçam enormes lianas, e em cuja ramagem mil aves entoam cantos alegres engalanadas com as cores das flores e das pedras preciosas. No solo, ou sobre as nossas cabeças fantásticas florações que rutilam na primeira camada ou formam esmeradas guirlandas sobre as segundas camadas, e até na superfície do rio, maravilhas como a admirável *Vitória régia*, flor acetinada, imensa e tão sólida que um menino poderia ser sustentado sobre seu caule. (D'ERVY in DUMAS & FOURCAUD, 1889, p. 521).

Por fim, ao lado do pequeno lago estava localizado um Quiosque de Degustação dos sabores tropicais, no qual a autora destaca o interesse dos visitantes após terem conhecido a exuberância da natureza brasileira.

Portanto, o Brasil esteve em um total de 1.200m² de superfície contando com o interior do Pavilhão, os jardins tropicais a volta da edificação, o pequeno lago com as plantas amazônicas e o quiosque para degustação dos produtos. (BARBUY, 1996, p. 217-228).

Barbuy também nos apresenta a outra exposição brasileira, distante do Pavilhão do Brasil, organizada pelo então diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, sobre os índios do Amazonas na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana – na Casa Inca³⁹. (BARBUY, 1996, p. 228-229).

O historiador Pedro Tórtima analisou que a participação do Brasil na exposição de 1889, exaltando a “elegância dos dois pavilhões brasileiros e a qualidade dos produtos aí expostos, mereceu os aplausos da crítica especializada”, (TÓRTIMA, 1990, p. 293). Tórtima estava se referindo ao Pavilhão Brasileiro e à

³⁹ Assunto que será analisado no terceiro capítulo.

Casa Inca⁴⁰, dois espaços no Campo de Marte, porém o primeiro ao lado da Torre Eiffel.

Fora do espaço especificamente criado para o Brasil, o país foi também representado no Pavilhão das Máquinas (espetáculo formado pela coletânea de equipamentos e suas demonstrações) “em um espaço ocupado por machinas expostas por Alfredo Michel, dentre elas um novo systema de alambique para a destillação no vácuo” (MARAJO, 1890, p. 16).

A garantia da participação brasileira nos debates dos congressos realizados no evento é identificada nas observações registradas pelo Barão de Marajó no Relatório da Província do Pará.

Afora dos trabalhos da exposição propriamente dita, e dos pertences a Comissão de Estudos de que no começo d'este trabalho me occupei, foram designados diferentes delegados e commissarios, e entre estes eu, para tomarem parte nos diversos congressos internacionais em número de 53, que foram organisados com a maior solemnidade para tratar de vários assumptos, figurando n'elles os homens mais eminentes dos diferentes paizes. (MARAJO, 1890, p. 29).

O evento proporcionou a apresentação do país em periódicos e publicações específicas para a exposição. Neste sentido, identificamos a publicação de Pierre Émile Levasseur (1828-1911)⁴¹ com a participação de José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), o Barão do Rio Branco – *Le Brésil (1889)*⁴².

A publicação é composta de um álbum de fotografias com quase uma centena de imagens selecionadas pelo Barão do Rio Branco, que a considerou como a obra mais completa, neste gênero, sobre o Brasil desde a edição publicada em 1861 de “O Brasil Pittoresco” de Victor Frond com texto de Charles Ribeyrolles (ÁLBUM DE VUES DO BRÉSIL, 1889; TURAZZI, 1995, p. 153).

(...) a representação do Brasil no universal convívio do trabalho humano foi ocasião azada para diferentes publicações de alto interesse que eficaz influência hão de ter para tornar conhecido o rico território que habitamos, os elementos naturais que nos asseguram o porvir e o grau de civilização e de progresso que temos atingido. (MARAJO, 1890, p. 12).

⁴⁰ A participação do Museu Nacional nos dois espaços será analisada no capítulo terceiro do presente trabalho.

⁴¹ Sobre Levasseur, ver dissertação de Paulo Coelho Mesquita Santos, 2009, p. 78-82.

⁴² Tanto a publicação *Le Brésil en 1889*, de Santa Anna-Nery, quando a *Lé Brésil* de Lévasseur foram expostas e comercializadas no pavilhão do Brasil em 1889.

A publicação *Le Brésil* é uma separata de *La Grande Encyclopédie*⁴³ (verbetes Brasil – páginas de 1.077 a 1.127 do tomo VII, edição francesa). A edição esgotou-se antes do término da exposição, portanto, foi providenciada a segunda edição francesa acrescida de documentos complementares e de duas dissertações.

A obra *Le Brésil* consiste em um resumo metódico que, em vez de exibir a participação brasileira na exposição de 1889, apresenta informações sobre o Brasil, divididas na seguinte ordem: geografia física; política, história, administração, população e econômica.

Em 2000, 111 anos após a primeira publicação francesa, duas editoras brasileiras reeditaram a obra, constituída de 192 páginas, pois foi acrescentado o álbum, com as imagens distribuídas pelo livro⁴⁴.

A primeira edição francesa foi reunida por Pierre Émile Levasseur⁴⁵, que contou com o auxílio dos colaboradores usuais da enciclopédia: Édouard Louis Trouessart (1842-1927), doutor em medicina, Paul Maury, do Museu de História Natural, doutor em ciências, e Sigismond Zaborowski-Moindron (1851-1928), publicista e ex-secretário da Sociedade de Antropologia de Paris que cuidaram da fauna, flora, paleontologia e antropologia. (LEVASSEUR, 1889, prefácio 1ª. edição, p. 10).

Complementaram o apoio, Claude Henri Gorceix (1842-1919), ex-aluno da Escola Normal Superior da França e Diretor da Escola das Minas de Ouro Preto, para a escrita sobre geologia, José Carlos de Almeida Areias (1825-1892), Visconde de Ourém, advogado, membro do Conselho do Império e do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), para a legislação e notas sobre a questão do crédito, Eduardo Prado (1860-1901), escritor responsável pela música, língua e literatura e, o Barão do Rio Branco, quem mais auxiliou com capítulos sobre imprensa, belas-artes, história, antropologia e que participou da elaboração geral da obra, além da organização do álbum de imagens. (LEVASSEUR, 1889, prefácio 1ª. edição, p. 10).

A segunda edição francesa foi enriquecida com duas dissertações incluídas no apêndice final, que consistia em um trabalho sobre a Língua Tupi, sem

⁴³ Enciclopédia composta de 25 volumes, publicada pelo Sindicato Franco-brasileiro para a Exposição Universal de Paris em 1889.

⁴⁴ Para fins estéticos, segundo explicação no prefácio.

⁴⁵ Membro do Instituto da França e professor do Colégio de França e do Conservatório de Artes e Ofícios.

identificação nominal, e um segundo, sobre as Instituições Primitivas no Brasil, elaborada por E. Glasson⁴⁶.

No prefácio consta que a primeira dissertação “nos foi endereçada do Rio de Janeiro por um membro do *Institut de France*, que sabe dividir seu tempo entre as grandes preocupações da política e o culto às letras”. Na contracapa, era anunciado: “Apêndice por *** e E. Glasson”.

Curiosas foram as análises realizadas sobre as três estrelas e a definição do perfil de quem havia enviado a dissertação. Na segunda edição, devido aos “autores dirigirem seus respeitosos agradecimentos a Sua Majestade Dom Pedro II, membro do *Institut de France*,” por ter contribuído com documentos complementares e fotografias, alguns autores atribuíram ao monarca a autoria do texto, tais como, Rodolfo Garcia em sua obra “Dom Pedro II e as Línguas Americanas” (1925, p. 129) e Visconde de Taunay em “O Grande Imperador” (1932, p. 84).

Entretanto, após a publicação da *Brasiliana* de volume 294 em 1956, *Correspondência entre D. Pedro II e o Barão do Rio Branco*, a troca de cartas do imperador citou a autoria da dissertação como sendo Seybold, seu professor de Línguas Orientais.

A publicação da *Brasiliana*, apresentada por Miguel do Rio-Branco, divulga a correspondência trocada entre d. Pedro II e o Barão do Rio Branco no período correspondido entre 24 de abril de 1889 a 12 de junho de 1891. A maior parte da obra versa sobre a troca de informações sobre a publicação *Le Brésil*, que só foi recebida por d. Pedro II em 1890, enviada pelo Barão do Rio Branco. Sobre o autor da dissertação, em carta enviada de Petrópolis ao Rio Branco em 28 de abril de 1889, disse: “O artigo *Brésil* está muito bom. Revi-o, e fiz-lhe algumas observações à margem, juntando outras de Olegário [amigo historiador], e um trabalho sobre línguas indígenas do Brasil, que eu revi, foi feito pelo Dr. Seybold, meu mestre de línguas orientais” (BRASILIANA, 1956, p. 13).

Em análise de Rosane de Souza (2010, p. 32), a autora nos mostra que não foi possível ainda obter informações concretas sobre o nome do professor de árabe e sânscrito de D. Pedro II. Segundo Lyra (1938), é Fritz Seybold, porém outros autores referem-se a ele como Christian Friedrich Seybold.

⁴⁶ A primeira edição brasileira data de 2000, repetiu o sucesso de tiragem semelhante ao ano de 1889, pois esgotou rapidamente. A segunda tiragem foi lançada em 2001.

O interesse no Brasil pela publicação pode ser identificado em artigo jornalístico de Rui Barbosa (1849- 1923)⁴⁷, no Diário de Notícias em 14 de outubro de 1889, quase um mês antes da mudança do regime político do Brasil.

Quem doravante quiser conhecer o Brasil, seu passado, sua evolução, seu estado atual, encontrará todos os elementos de uma completa iniciação nesta monografia que deve ocupar por direito um lugar de honra na biblioteca de todos os brasileiros que souberem traduzir o francês até o dia em que, graças a uma boa tradução de nossa língua, venha a figurar sobre a mesa de trabalho de todos aqueles que souberem ler. (BARBOSA, 1889).

Voltando à Exposição Universal de 1889, os periódicos⁴⁸ faziam com que o leitor visitasse a mostra por meio da riqueza de seus detalhes. A “Revista Ilustrada” proporcionou em suas narrativas as primeiras impressões sobre a exposição e sua marca, a Torre Eiffel, a edificação mais alta do mundo naquele momento.

Eleva-se ella a 300 metros de altura, abrangendo um panorama, dos mais extraordinários, que pode ser dado à vista gozar. De noite, os seus focos de electricidade, iluminam, como um luar mágico, a grande capital do mundo moderno. O efeito é maravilhoso e todos os cálculos dessa grande obra gigantesca, foram tão bem feitos que na realidade verificaram-se, sem exceção. Desejando sempre acompanhar os acontecimentos mais importantes da nossa época, damos hoje uma interessante gravura da torre Eiffel, comparada com a altura das maiores construções conhecidas (Pirâmide, catedral de Viena, Estátua da Liberdade, São Pedro em Roma, Arco do Trinpho, Rathaus de Berlim, Catedral de Colônia, Pantheon, A Germânia, Coluna da Vitória em Berlim, Notre Dame de Paris). Concordamos que seria mais interessante ver o original. (REVISTA ILLUSTRADA, 1º de junho de 1889),

Outros trabalhos poderiam ser citados, porém interessa-nos constatar que as exposições universais se relacionavam com a temática do progresso seja no âmbito econômico, como a industrialização e a consolidação do sistema capitalista, no âmbito político-cultural, como a consolidação de um *ethus* burguês e o cientificismo.

O Brasil enviou, para as exposições que contou com sua participação, produtos relacionados ao setor agrícola, principalmente o café, além de mostruários dos recursos minerais, entre outros. Entretanto, em fase anterior à Exposição Universal de Paris, diversos fatores de naturezas variadas contribuíram para o

⁴⁷ Jurista, diplomata engajado na campanha da abolição da escravatura.

⁴⁸ Sobre os periódicos na exposição de 1889, ver: Heizer, 2009.

agrupamento e seleção do acervo do Museu Nacional que mais tarde seria exposto em 1889.

Dentre os diversos livros que lemos sobre a exposição francesa, a obra do cubano Jose Marti (1853-1895) - *A Idade de Ouro*, dedicada ao público infantil, é a escrita que proporciona uma didática apresentação sobre a exposição de 1889 em nossa opinião. Por esse motivo, transcrevemos seu capítulo para aqueles que desejam ter uma visão ampla sobre o evento francês. (APÊNDICE A).

CAPÍTULO 2 O MUSEU NACIONAL E A EXPOSIÇÃO PREPARATÓRIA DE 1888

É a exposição universal de Paris um inventario comparativo da actividade humana nas duas épocas 1789-1889 e a sciencia teve a maior parte na enorme expansão realisada. É sob este ponto de vista que os iniciadores do nosso comparecimento, talvez, assentassem a sua resolução e ninguém negará a sua utilidade e respeitabilidade desta philantropica decisão.

Jornal do Commercio *apud* O AUXILIADOR DA INDÚSTRIA NACIONAL

2.1 O MUSEU NACIONAL – PRELIMINARES

A história do Museu Nacional vem sendo analisada por pesquisadores que apresentam a relevância da instituição desde a constituição da cultura científica no Brasil joanino (OLIVEIRA, 1998, 2005, 2008) quanto ao longo do século XIX (LOPES, 1999; DANTAS, 2007; GUALTIERI, 2008; KEULER, 2008). As pesquisas que abordam o Museu vêm contribuindo com estudos sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (FIGUEIRÔA, 1998) e com análises sobre a história das instituições científicas brasileiras (DANTES, 2001a; 2001b; 1979-1980).

Nessa ocasião, buscamos preencher a lacuna apontada por Marta de Almeida de que, apesar do aumento de estudos sobre as Grandes Exposições da segunda metade do século XIX, identifica-se “pouca reflexão sobre a presença de ciências nesses eventos” (ALMEIDA, 2010, p. 197-200).

Diante do exposto, passaremos por uma breve abordagem sobre os primeiros momentos da instituição científica para alcançarmos o nosso propósito no capítulo, analisar a participação da instituição científica na exposição nacional preparatória de 1888, visando a inserção do Brasil (em especial, do Museu Nacional) na Exposição Universal de Paris em 1889.

O Museu Real (atual Museu Nacional) foi instituído em 6 de junho de 1818 por decreto de D. João VI no Campo de Santana. Seu perfil nacional foi evidenciado desde sua criação como o primeiro museu de ciências naturais do país:

DECRETO – 6 de junho de 1818

Crêa um Museu nesta Côrte, e manda que elle seja estabelecido em um predio do Campo de Sant'Anna que manda comprar e incorporar aos proprios da Corôa.

Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes do Reino do Brazil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em beneficio do commércio, da indústria e das artes que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça hum Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos logares; ficando tudo a cargo das pessoas que eu para o futuro nomear. E sendo-me presente que a morada de casas que no Campo de Santa Anna occupa o seu proprietário, João Rodrigues Pereira de Almeida, reúne as proporções e commodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietário voluntariamente se presta a vendel-a pela quantia de 32:000\$000, por me fazer serviço: sou servido acceitar a referida offerta, e que se procedendo à competente escriptura de compra, para ser depois enviada ao Conselho da Fazenda, e incorporar-se a mesma casa nos próprios da Corôa, se entregue pelo Real Erario com toda a brevidade ao sobredito João Rodrigues a mencionada importância de 32:000\$000. Thomaz Antonio de Villanova Portugal, do meu Conselho de Estado, Ministro, Ministro e Secretário de Estado dos Negocios do Reino, encarregado da presidencia de mesmo Real Erario, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários. Palacio do Rio de Janeiro em 6 de junho de 1818.

Com a rubrica de Sua Magestade.⁴⁹

Na história do Museu Nacional, historiógrafos consideram a iniciativa do Vice-rei Luís de Vasconcellos e Souza (a construção da Casa de História Natural e a Casa dos Pássaros, na segunda metade do século XVIII) um embrião do Museu Real.⁵⁰

A instituição, no período oitocentista, foi um museu metropolitano, universal e de caráter nacional (que contava com o apoio do Governo Imperial). Dessa forma, assumiu o papel de propagador das práticas científicas como o primeiro museu de Ciências Naturais do país, “pois diferente do que ocorreu na Europa, o conhecimento científico desenvolvido no Brasil do século XIX não veio das Universidades” (LOPES, 2010, p. 59-63).

Na esteira de seu desenvolvimento, o Museu serviu como órgão consultor do Governo Imperial e, durante a primeira metade do século XIX, abrigou algumas

⁴⁹ Decreto de criação do Museu Real. BR MN MN AO, pasta 1, doc. 2, 6.06.1818.

⁵⁰ Concordamos com Maria Margaret Lopes que tem visão oposta sobre esta afirmativa, pois a Casa dos Pássaros funcionou como um entreposto colonial, diferente da proposta de criação de 1818 do Museu Real. Ver Maria Margaret Lopes, 1997, p. 324.

instituições científicas, dentre elas: a Academia de Belas-Artes⁵¹, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional/SAIN⁵², o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/IHGB⁵³ e a Sociedade Velosiana⁵⁴.

Ao longo da trajetória da instituição científica, sua denominação foi alterada devido às mudanças políticas do país e podendo ser facilmente identificada a partir da análise dos documentos oficiais⁵⁵. Criado como Museu Real, assim foi identificado até 1824, ano da Constituição Política do Brasil outorgada por d. Pedro I. Entre 1824 e 1825, a nomenclatura mudou para Museu Nacional e Imperial. Posteriormente, o nome foi alterado para Museu Imperial e Nacional e permaneceu este até 1842.

Enquanto o cenário político do país passava pelas Revoluções Liberais (1842)⁵⁶, a instituição teve seu caráter nacional fortalecido e passou a ser identificada como Museu Nacional, mesmo ano da divulgação do Regulamento de 3 de fevereiro, quando é implementada uma nova organização administrativa no Museu.

Em seus primeiros anos de atividade no então Museu Real, o mineralogista Frei José da Costa Azevedo (1763-1822) esteve responsável pelo período entre 1818 e 1822 e sua gestão foi marcada por ações que visavam a abertura do museu para visitação. O segundo diretor, o médico e químico João da Silveira Caldeira (1800-1854), tendo atuado entre os anos de 1823-1827, um ano após assumir a direção, criou o primeiro Laboratório Químico do Museu Nacional. Durante este período, o Museu se fortaleceu como órgão consultivo do Império e recebeu doações de objetos de várias partes do país.

Em artigo recente de Sabrina Parracho Sant'Anna (2010), durante levantamento de documentos existentes no arquivo do Itamaraty para elaboração de

⁵¹ Instituição criada em 1816, seu acervo foi transferido para a principal sala de exposição do museu, após a independência em 1822, por ocasião de sua reinauguração com a presença de d. Pedro I, mudando a nomenclatura para Academia Imperial de Belas Artes.

⁵² Iniciada em 1831, utilizou uma das salas do Museu Nacional para a realização de sessões de reuniões e para sua exposição de máquinas BR MN MN, DR, CO, 107. 16.08.1821.

⁵³ Criado em 1838 em sessão realizada no Museu Nacional, utilizou as instalações até 1840.

⁵⁴ Fundada no Museu Nacional, em 1850, pelo botânico e posterior diretor da instituição, Freire Allemão.

⁵⁵ Alterações registradas nos documentos da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ – SEMEAR. A Seção detém a guarda do acervo documental administrativo, histórico e científico da instituição.

⁵⁶ Movimento revolucionário que atingiu as regiões do Norte e Nordeste (1837-1848), Rio Grande do Sul em guerra civil (1835-1845), São Paulo e Minas Gerais (1842) de resistência ao Império durante o período Regencial e a Maioridade de D. Pedro II. Sobre o assunto ver: Emília Viotti da Costa. Da Monarquia à República, 1999. p. 149-168.

catálogo sobre as ações do Ministério dos Negócios Estrangeiros referente à transferência de ciência e tecnologia no Império brasileiro, foi analisado um documento que registra a participação de Silveira Caldeira em ação com o governo imperial brasileiro e o português. O artigo “trata de um episódio em que João da Silveira Caldeira, então diretor do Museu Nacional, foi incumbido de coligir objetos para confecção de um presente encomendado por D. Pedro I para ser remetido ao ultramar em meados de 1825.” (SANT’ANNA, 2010, p. 2).

A gestão do terceiro diretor do Museu, o mineralogista Frei Custódio Alves Serrão (1799-1873), responsável pela instituição no período entre 1828-1847, é caracterizada pela realização da primeira divisão administrativa do Museu Nacional (as chamadas seções) implementada pelo Regulamento de 1842 (Quadro 5), visando dar ao Museu Nacional “uma organização accommodada à melhor classificação e conservação dos objectos.” (NETTO, 1870, p. 68).

Quadro 5 - Seções do Museu Nacional - Regulamento de 1842

Seções do Museu Nacional	
1ª. Seção	Anatomia comparada e zoologia;
2ª. Seção	Botânica, agricultura e artes mecânicas;
3ª. Seção	Mineralogia, geologia e ciências físicas;
4ª. Seção	Numismática, artes liberais, arqueologia, usos e costumes das nações antigas e modernas

Fonte: LACERDA, 1905, p. 17.

Sublinhamos a nova organização administrativa para compreendermos, posteriormente, as alterações que foram realizadas nos regulamentos seguintes. A priorização de determinadas áreas do conhecimento é um assunto apontado por Lopes e que será reforçado em nossa investigação.

Durante os anos de 1847-1866, a instituição foi administrada pelo quarto diretor Francisco Leopoldo Cesar Burlamaqui (1803-1866), mineralogista, botânico e matemático. Neste período, destacamos sua participação como secretário na

comissão organizadora da Exposição Preparatória Nacional de 1861⁵⁷ visando selecionar os produtos que iriam garantir a presença do Brasil na Exposição Universal de Londres no ano seguinte⁵⁸. Burlamaqui foi escolhido para compor a Comissão Julgadora do mérito dos produtos nacionais, por iniciativa do próprio Imperador.⁵⁹

Antes de passarmos pela gestão do botânico Francisco Freire Allemão de Cysneiros (1797-1874), referente ao período entre 1866 e 1874, optamos por relevar o período pós 1870 - cenário em que o país esteve envolvido em questões de cunho sócio-político, para apresentarmos o momento em que o ambiente científico estava em transformação.

Nesta perspectiva, o ano de 1870 é um momento limite na história do império brasileiro, tendo como demarcador o fim da Guerra do Paraguai (1864-1870): “para o império do Brasil, a Guerra do Paraguai expôs sua fragilidade militar, em grande parte estrutural, devido ao regime escravocrata” (DORATIOTO, 2002, p. 483), Portanto, este período pós-guerra contribuiu para acelerar as questões internas do Estado, que por sua vez, propiciou a trajetória rumo à queda do regime monárquico.

A “questão servil”⁶⁰ entrou em pauta com a lei de 28 de setembro de 1871, que, como se sabe, “decretara a liberdade do ventre da mulher escrava e previa ainda que a criança liberta permaneceria, até a idade de oito anos completos,” em poder dos senhores, que poderiam entregá-la ao Estado ou utilizar seus serviços até a idade de 21 anos (SALLES, 2009, p. 41-42).

O abolicionista Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910), em sua obra *Minha Formação*, apresenta a ideia de duração do processo da abolição.

⁵⁷ Conforme já informado, o Governo Imperial organizava exposições nacionais na Corte para preparar o país para participar das Exposições Universais com, aproximadamente, um ano de antecedência. A comissão organizadora de 1861 foi presidida por Miguel Calmon Du Pin e Almeida (1796-1865), o Marques de Abrantes, primeiro presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (1860-1897).

⁵⁸ O Museu participou da Exposição Nacional de 1861 expondo duplicatas de pedras preciosas (BR MN MN DR.CO, AO. 990 Pasta 7 doc 3) e da Exposição Universal de Londres em 1862 por meio de envio de coleção de minerais (BR MN MN DR.CO, AO. Pasta 7 doc 7).

⁵⁹ BR MN MN DR.CO, Pasta 6, AO 966.

⁶⁰ Termo utilizado pelos estadistas do período imperial brasileiro. Ver: Keila Grinberg e Ricardo Salles, *O Brasil Imperial*, 2009, p. 11.

Quando a campanha da abolição foi iniciada, restavam ainda quase dois milhões de escravos, enquanto que os seus filhos de menos de oito anos e todos os que viessem a nascer, apesar de *ingênuos*, estavam sujeitos até aos vinte e um anos a um regime praticamente igual ao cativo. Foi esse imenso bloco que atacamos em 1879, acreditando gastar a nossa vida sem chegar a entalhá-lo. No fim de dez anos não restava dele senão o pó. (NABUCO, 1964, p. 243).

Nesse momento histórico, a “impossibilidade de o país seguir a marcha da civilização carregando os pilares coloniais da sociedade imperial – um regime político aristocrático, uma economia escravista, uma monarquia católica” – despertou interpretações ocasionando as escritas da chamada “geração 1870”, que Angela Afonso as definiu, em uma frase, como “a contestação dos valores e instituições da ordem imperial.” (ALONSO, 2009, p. 108).

Não entraremos aqui neste debate, somente pretendemos registrar a atmosfera de renovação social que existiu no mesmo momento em que identificamos a criação de “um notável despertar no Brasil para a importância da pesquisa científica”, na opinião de Orville Adelbert Derby⁶¹ (1851-1915), registrado em seu artigo publicado na Revista *Science* em 1883⁶² (DERBY, 1883 *apud* CARVALHO, 2002).

Em relação ao cenário de renovação social, deixamos registrado para futuras pesquisas a existência de documentos na SEMEAR/MN sobre a alforria de negros no Museu Nacional⁶³ e a utilização de libertos a serviço da instituição⁶⁴ e sobre a presença de negros no estabelecimento, ambos datados de 1871.

A partir da década de 1870, alguns museus e instituições foram reformulados, e outros criados, orientados pelo ideário positivista e evolucionista (LOPES, 1997, p. 158; GUALTIERI, 2008, p. 16; SANJAD, 2010, p. 26). Como exemplos de criações desta época, citamos o Museu Paraense (1871); a Escola de Minas de Ouro Preto (1876); a Comissão Geológica do Império (1875-1877); o Museu Paranaense (em 1876 e reformulado em 1913) e o Museu Botânico do Amazonas (funcionou entre os anos de 1883-1890); e dentre as reformulações, destacamos o Imperial Observatório Nacional (1871) e o Museu Nacional (1976).

⁶¹ Geólogo e geógrafo norte-americano atuou no Museu Nacional na 3ª. Seção - Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral (1879-1886) e na Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (1886-1904). Importante ator no cenário científico do período.

⁶² *Science*, vol. 1, n. 8, 1883, pp. 214 -221.

⁶³ Carta de alforria de negros no Museu Nacional. BR MN MN Pasta 10 doc. 68 de 8/11/1871.

⁶⁴ Libertos a serviço do Museu Nacional. BR MN MN Pasta 10 doc. 78 de 12/12/1871.

Cabe evidenciar neste período, a contratação de estrangeiros para dirigirem instituições científicas, por exemplo o francês Claude Henri-Gorceix (1842-1919), professor de Mineralogia, Geologia, Física e Química. Em 1874, aceitou convite de d. Pedro II para fundar uma escola de minas no Brasil, graças à indicação de Gabriel Auguste Daubrè (1814-1896), Diretor da Escola de Minas de Paris. (CARVALHO, 2002, p. 46). Gorceix esteve à frente da Escola no período de 1874 a 1891.

Outro estrangeiro contratado para dirigir instituição brasileira foi Emmanuel Liais (1826-1900), astrônomo francês, assumiu o cargo de diretor do Observatório Imperial no Rio de Janeiro de janeiro a julho de 1871 e, novamente, de 1874 a 1881. (ROBERTY, VIDEIRA, 2003, p. 8).

No cenário das renovações e criações dos museus de História Natural, destacamos o Museu Nacional, instituição de caráter nacional durante todo o período imperial, como nosso *locus* de ciências que nos auxiliará nas análises sobre sua participação na Exposição Universal de 1889 e, conseqüentemente, nos paradigmas que passavam as Ciências Naturais e Antropológicas no Brasil da segunda metade do século XIX.

Voltando ao período referente à gestão do quinto diretor do Museu Nacional, o botânico Freire Allemão, referente aos anos entre 1866 e 1874, evidencia nossa proposta de associar a instituição científica às iniciativas para participação em Exposições Universais. Dentre suas atuações a frente do Museu Nacional, Freire Allemão presidiu a comissão de estudo e classificação de vegetais para compor a coleção de madeiras para o pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris de 1867.

A Comissão foi composta pelos botânicos Ladislau de Souza Mello Netto (Diretor da Seção de Botânica)⁶⁵, Custódio Alves Serrão⁶⁶ (1799-1873) e João Saldanha da Gama⁶⁷ (1839-1905).

Com o falecimento de Freire Allemão, em 11 de novembro de 1874, Ladislau Netto assumiu a direção do Museu Nacional e o período de sua administração entre 1876 e 1893 é considerado o mais fecundo da instituição (LACERDA, 1905, p. 37).

⁶⁵ Nomeado para o cargo por Decreto de 22 de Março de 1865, assumiu as funções no ano seguinte (DUARTE, 1950, p. 114), mas acumulou com a função de substituto do Diretor Geral.

⁶⁶ Dirigiu o Museu Nacional no período entre 1828-1847 e o Jardim Botânico durante 1849-1861.

⁶⁷ A partir de 1861, passou a atuar no magistério na Escola Politécnica como lente de Botânica, no lugar de Freire Allemão.

Esse período é marcado pela implementação de três regulamentos para organização das atividades administrativas e científicas da instituição: em 1876 (Quadro 6), 1888 e 1890.

Em 9 de fevereiro de 1876, foram nomeados Ladislau Netto, na função de Diretor Geral do Museu; além dos diretores e dos sub-diretores das Seções. Enfatizamos que Netto acumulou a direção geral com o cargo de diretor da 2ª seção. Podemos dizer que a gestão de Ladislau representa o limite temporal e o cenário de nossa investigação.

Quadro 6 - Seções do Museu Nacional - Regulamento de 1876

SEÇÕES DO MUSEU NACIONAL	
1ª. Seção	Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal;
2ª. Seção -	Botânica Geral e Aplicada e Paleontologia Vegetal;
3ª. Seção	Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral.
Devido à falta de um estabelecimento especial para os estudos de arqueologia, etnografia e numismática, estas matérias ficarão em seção anexa ao Museu Nacional.	

Fonte: LACERDA, 1905, p. 38.

Ao compararmos o primeiro Regulamento do Museu em 1842⁶⁸ (Quadro 5), com o Regulamento de 1876 (Quadro 6), apesar da diminuição em três seções, a paleontologia foi valorizada, e tanto a antropologia quanto a etnografia passaram a ser identificadas.

Essa alteração de nomes e ordens de prioridade evidenciam não exatamente o início de um processo, mas o grau de relevância de que já dispunham os trabalhos já então efetuados nessa área de conhecimentos, além dos interesses do próprio diretor. (LOPES, 1997, p. 328).

⁶⁸ Regulamento criado durante a gestão de Serrão, quando dividiu a organização das áreas do conhecimento em quatro seções.

E por falar em interesse do próprio diretor, Netto é o caso curioso que identificamos em nossa investigação: um botânico reconhecido e que terá seu nome identificado na área da antropologia (arqueologia e etnografia).

Não querendo ficar com a sua actividade intellectual adstricta aos limites mui conhecidos e assaz explorados da Botanica, Lasdisláo, depois que assumiu effectivamente a direcção do Museu, volveu a sua atenção e cuidados para o exame de algumas theses insolúveis dos domínios da ethnografia americana. (LACERDA, 1905, p. 46-47).

Esse ponto nos estimulou a analisar a gestão Netto como principal ator no processo de fortalecimento da participação do Museu Nacional em congressos e exposições durante a segunda metade do século XIX.

Outros marcos da gestão de Netto foram registrados no Regulamento de 1876, tais como, a criação da publicação científica brasileira específica sobre ciências naturais: o *Archivos do Museu Nacional*; os cursos públicos, por meio de apresentações realizadas pelos diretores e subdiretores das seções⁶⁹; concursos para acesso ao museu e a fundação do Laboratório de Fisiologia Experimental em 1880 (LOPES, 1997, p. 179-204). Netto tinha como meta divulgar as pesquisas do Museu e aumentar o número de especialistas nas áreas de ciências naturais e antropológicas.

Em análise no *Almanak Laemmmert*⁷⁰ referente ao ano de 1876, identificamos que Ladislau Netto, além de Diretor Geral e Diretor da 2ª Seção do Museu Nacional; era membro do IHGB; da Comissão de Archeologia e Etnografia; da SAIN; da Seção de Agricultura; do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura; da Associação Brasileira de Aclimação; da Seção de Botânica (ALMANAK LAEMMERT, 1876, p. 114, 415, 416, 418, 421, 509). Constatamos sua comprovada participação na área da botânica e uma crescente atuação na área da antropologia, o que reforça o argumento de que o botânico Netto já tinha interesses sobre assuntos antropológicos no início de sua gestão como diretor da instituição científica.

Nesse momento, cabe destacar a abordagem de Luiz de Castro Faria⁷¹ (1913-2004), que, em conferência de 1947, por ocasião da reabertura das novas

⁶⁹ Ofício de Netto para o Ministério da Agricultura anunciando sobre a primeira aula no Museu. AN IE7 65, 1875. Os cursos noturnos foram inaugurados em 6/03/1876. BR MN MN Pasta 15 doc. 25 1876.

⁷⁰ Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1844-1889).

⁷¹ Diretor do Museu Nacional no período de 1964-1967.

exposições de antropologia e arqueologia do Museu Nacional⁷², lembrou “que o nome de Ladislau Netto é hoje mais familiar aos antropólogos que aos botânicos”.⁷³

Já dissemos que a partir da década de 1870, o período foi marcado pela atuação de naturalistas estrangeiros que participaram de cargos relevantes em expedições e em instituições, neste momento, identificamos alguns que fizeram parte do quadro de naturalistas do Museu Nacional (Quadro 7). “Essas contratações, se foram um grande impulso para o desenvolvimento do museu à época, na verdade também estiveram na base de muitas das contradições que marcariam o fim da ‘idade de ouro’ do Museu Nacional”.⁷⁴ (LOPES, 1997, p. 191).

Quadro 7 – Alguns dos Naturalistas Estrangeiros contratados para o Museu Nacional (1874-1891)

NOMES	FORMAÇÃO E NACIONALIDADE	FUNÇÃO E PERÍODO NO MUSEU NACIONAL
Theodoro Peckolt (1822-1912)	Farmacêutico alemão	Responsável pela reorganização do Laboratório de Química (1874-1876)
Charles Frederick Hartt (1851-1915)	Geólogo norte-americano	Diretor da 3ª. Seção (1876-1878)
Johann Friedrich Theodor Müller (1821-1897)	Biólogo e médico alemão	Contribuições para a 2ª. Seção (1876-1891)
Orville Adelbert Derby (1851-1915)	Geógrafo e geólogo norte-americano	Diretor da 3ª. Seção (1879/1890)

⁷² E como parte das comemorações da Semana do Índio.

⁷³ Este fato nos fez lembrar outro episódio. Por ocasião da comemoração dos cento e setenta anos do nascimento do alagoano Ladislau Netto, em março de 2008, o Jornal *Gazeta de Alagoas* entrou em contato com a historiadora autora da presente tese para realizar uma entrevista sobre a atuação de Netto no Museu Nacional. Quando a historiadora mencionou as pesquisas e publicações de Netto na área da antropologia, além da organização da Exposição Antropológica de 1882, foi uma surpresa para os editores, pois a matéria só iria abordar os seus estudos na área da botânica. Em sua terra natal, o lado botânico de Netto era mais conhecido. Sobre a matéria, ver: ÁVILA, Janayna. O último Romântico – Ladislau Netto. *Gazeta de Alagoas*. Alagoas, 23 mar, 2008. Caderno B, p. B1-B3.

⁷⁴ O último Regulamento da administração de Netto em 1890, já no período republicano, obrigou a assinatura diária do ponto pelos naturalistas do Museu (inclusive dos afastados do RJ), com isso, ocasionou a saída dos naturalistas estrangeiros da instituição. Eis uma das contradições que Lopes se refere.

Louis Couty (1854-1884)	Médico, fisiologista francês	Auxiliar do diretor do Laboratório de Physiologia Experimental (1880-1884)
Herman Friedrich Albrecht von Ihering (1850-1930)	Médico, professor e ornitólogo alemão	Naturalista ligado à 1ª. Seção (1883-1891)
Emil August Göldi ⁷⁵ (1859-1917)	Zoólogo suíço	Sub-diretor da 1a. Seção (1885-1890)

Fontes: BR MN MN D6 RA 6; BR MN MN D7 RA 7 e BR MN MN D8 RA 8 (1874-1884).

Convém fortalecer o debate de que esses naturalistas estrangeiros contribuíram para o processo de institucionalização das Ciências Naturais no país (LOPES, 1997, p. 327). Dentre eles, destacamos: Charles Frederick Hartt, que atuou nas expedições Morgan (1870) e Geológica do Império (1875-1877) (FREITAS, 2001 e 2002); Johann Friedrich Theodor Müller (1821-1897), biólogo e médico alemão (conhecido como Fritz Müller), mesmo morando em Santa Catarina, contribuiu para o desenvolvimento da Seção de Botânica; Orville Derby, geógrafo e geólogo norte-americano, que dirigiu a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo⁷⁶ (1886-1890); o farmacêutico alemão Theodoro Peckolt, que detém o recorde brasileiro de análise química das plantas da flora nacional do século XIX (DOSSANTOS, 2002; 2005); o alemão Hermann von Ihering, que chegou ao Brasil em 1880 patrocinado pelo Governo Imperial para se dedicar às pesquisas científicas (CIÊNCIA PARA TODOS, 1950, p. 6-7). Posteriormente em 1894, Hermann Von Ihering foi diretor do Museu Paulista e o suíço alemão Emílio Goeldi, naturalista, zoólogo, atuou como diretor do Museu Paraense (SANJAD, 2010, p. 210),

⁷⁵ Emil August Göldi ou Emílio Augusto Goeldi. Ver: Nelson Sanjad. A Coruja de Minerva, 2010, p. 174.

⁷⁶ Derby em 1886 assumiu a direção da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e manteve seus vencimentos no Museu Nacional, sem prejuízo para a instituição. BR MN MN DR 9 Atas 9/07/1886.

Vinculados funcionalmente ao Museu Nacional do Rio de Janeiro ou dirigindo posteriormente suas próprias instituições [os naturalistas estrangeiros], foram autênticos “seekers”⁷⁷, entre os quais, talvez, para o caso dos museus, Goeldi e Ihering sejam suas expressões maiores. (LOPES, 1997, p. 327).

Cabe ressaltar que o pouco tempo de permanência de Peckolt no Museu Nacional, a partir da análise de Nadja Paraense dos Santos, é devido ao farmacêutico “não ter se adaptado em ser um funcionário do museu e em exercer funções que não se enquadravam em seu perfil de pesquisador”. Especialista nos estudos da fitoquímica de plantas brasileiras, além das atividades de reorganização do Laboratório de Química, esteve envolvido com análise de diferentes materiais que não faziam parte de seu interesse de estudos. (DOSSANTOS, 2002; 2005).

Ihering foi indicado para a função de naturalista viajante do Museu Nacional por ofício de 23 de Janeiro de 1883 e nomeado em 13 de Fevereiro⁷⁸. Residia na Província do Rio Grande do Sul e seus estudos abrangiam diferentes áreas da história natural, porém, dedicou-se principalmente à Zoologia e Paleozoologia de moluscos (LOPES, 2002-2003, p.28).

Goeldi, naturalista auxiliar do Museu Nacional, recém-chegado da cidade alemã de Bremen, trazia na bagagem objetos destinados à Instituição, conforme ofício de 1º de dezembro de 1884. Onze dias depois, o diretor geral do Museu pediu autorização ao ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas para nomeá-lo subdiretor interino da 1ª Seção.⁷⁹

A atuação de Goeldi é registrada na publicação de 1905 do ex-diretor do museu, João Baptista de Lacerda (1846-1915), responsável pela instituição no período de 1895 a 1915:

⁷⁷ Termo cunhado por Pyenson (1985): naturalistas independentes, não financiados por suas metrópoles de origem, inseridos em instituições para diálogos, pesquisas e publicações com seus pares. Sobre o assunto, ver: Maria Margaret Lopes, 1997, p. 199.

⁷⁸ BR MN MN D8 RA 8 . 23 de junho de 1883.

⁷⁹ BR MN MN D8 RA 8 de 1/12/1884.

Este distincto zoólogo, suíço de nascimento, educado nas escolas da Suíça e da Alemanha, activo investigador, com o desejo ardente de estudar de perto a fauna do Brazil, foi um excellente auxiliar da secção de zoologia [do Museu Nacional]. Foi elle que commissionedo pelo Governo para estudar a praga do cafeeiro⁸⁰, reconheceu ser ella devida a um pequeno nematóide, enkystado nas radículas do arbusto. Contractado para organizar o Museu do Para, elle conseguiu, em poucos annos, dar grande amplidão áquelle estabelecimento e tornal-o hoje conhecido em toda a America. (LACERDA, 1905, p. 60).

A partir do Regulamento de 1888 (Quadro 8), a antropologia ganhou espaço como nova especialidade do Museu Nacional. Desde o Regulamento de 1876, esta área do saber estava sob a direção de Netto contando com Luís Ferreira Lagos como adjunto até o período de 1887.

Quadro 8 - Seções do Museu Nacional - Regulamento de 1888

SEÇÕES DO MUSEU NACIONAL	
1ª. Seção	Zoologia, Anatomia e Embriologia Comparada;
2ª. Seção	Botânica;
3ª. Seção	Mineralogia, Geologia e Paleontologia;
4ª. Seção	Antropologia, Etnologia e Arqueologia

As alterações nos nomes das seções nos permitem observar a mudança de foco nos estudos da instituição e a criação de novas especialidades, conforme identificamos o surgimento da quarta seção no Regulamento de 1888. Para nossa análise, destacamos que a Antropologia (nesse momento ainda como Antropologia Física, porém, afastada da Zoologia), a Etnologia e a Arqueologia foram fortalecidas.

Em sua publicação elaborada por ocasião da Exposição Universal de Paris em 1889, Netto justifica sua sensibilidade e preocupação com as áreas de

⁸⁰ Analisamos no Arquivo Histórico do Museu Imperial, o ofício de Netto para Göldi que se refere às instruções para “descobrir e debellar a origem de tão funesto flagelo de um dos mais importantes ramos da indústria agrícola brasileira” [a moléstia do café]. MI Maço195. Doc. 8845. Arquivo Casa Imperial do Brasil de 21/07/1886.

arqueologia e etnografia e deixa registrada que desde seu primeiro momento na direção da instituição pensou em transformar essa seção⁸¹ em Museu Arqueológico e Etnográfico independente. (NETTO, 1889, p. 19).

Esta seção especial, com a exclusão, evidente, da Numismática, estava então, como hoje, destinada a servir de base a um museu de arqueologia e etnografia americana. Estas [arqueologia e etnografia] são ciências que, tendo como objetivo o estudo da raça americana assim que da arte dos povos selvagens primitivos ou modernos do novo continente, deve assumir, sem delongas, o maior desenvolvimento no Brasil: brevemente, com efeito, os últimos vestígios que nos restam de nossas tribos indígenas não serão mais visíveis. Um grande número dessas antigas e nobres nações cujos caracteres étnicos, as crônicas e as lendas quase milenares poderiam nos guiar no estudo de seus antepassados, já desapareceu completamente. As febres, a varíola e sobretudo as afecções sífilíticas, assim como a falta de alimento e outras causas de destruição, entre as quais devemos enumerar o desenraizamento ou o deslocamento de seu antigo meio de existência, reduziram as populações ainda prósperas no século passado a um centésimo de seu número. Outros foram completamente aniquilados e as ruínas de suas moradias desaparecem sob florestas já gigantescas. Foi nessa mesma época, que pensei ser necessário ampliar meus estudos arqueológicos no norte do Brasil e particularmente no vale do Amazonas, estudos sobre os quais havia lido na Sociedade Velosiana, em meados dos anos 70, duas memórias que os jornais do Rio haviam reproduzido e que, transcritas pela imprensa das províncias, me valeram a adesão de várias pessoas interessadas nos mesmos assuntos, assim como numerosas doações de algumas províncias. (NETTO, 1889 *apud* NEVES, 1999, p. 174).

2.2 O MUSEU NACIONAL NAS EXPOSIÇÕES NACIONAIS E UNIVERSAIS

O Museu Nacional foi fortalecendo sua participação nas Exposições Nacionais e Universais ao longo da segunda metade do século XIX, conforme alguns documentos analisados na SEMEAR, os quais registram o envio de acervos da instituição desde a Exposição Nacional de 1861 (preparatória para a Exposição Universal de Londres em 1862) até a participação na Exposição de 1889⁸².

Identificamos também que a instituição havia solicitado a concessão de uma área de 150m² para expor seu acervo⁸³ na Exposição Nacional preparatória para a

⁸¹ Refere-se à seção de Antropologia, Etnologia e Arqueologia.

⁸² Nosso objeto de investigação – participação do Museu Nacional no evento francês de 1889, porém cabe ressaltar que a SEMEAR detém documentos sobre a participação do Museu Nacional nas exposições estrangeiras até o início do século XX.

⁸³ Aviso para a Comissão da Exposição Nacional sobre a concessão de uma área de 150 m² no edifício para expor as coleções do museu. BR MN MN Pasta 14 doc. 35 de 5/07/1875.

participação do Brasil na Exposição Universal da Filadélfia em 1876⁸⁴. Na análise dos documentos da instituição, constatamos que, após a exposição de 1876, foram intensificados os contatos com instituições científicas para troca de acervo ou análise do material exposto em Exposições Universais.⁸⁵

O Museu Nacional esteve presente nas principais exposições nacionais e internacionais realizadas ao longo da segunda metade do século XIX, conforme podemos observar no Quadro 9.

Quadro 9 - Participação do Museu Nacional nas Exposições Nacionais, Universais e Internacionais da segunda metade do século XIX

REFERÊNCIAS	DATA	EXPOSIÇÃO	ASSUNTO
BR MN MN.DR.CO, AO. 990 Pasta 7 doc 3	21/01/1862	Exposição Nacional (1861)	Ministro autoriza envio de duplicatas de pedras preciosas
BR MN MN.DR.CO, AO. Pasta 7 doc 7		Exposição Universal (1862: Londres)	Ministro cientificado do envio da coleção de minerais
BR MN MN.DR.CO, AO. 1165 Pasta 7 doc 177	31/08/1865	Exposição Internacional (1865: Eifürt)	Amostras de fibras vegetais e madeira para a Exposição
BR MN MN.DR.CO, AO. 1194 Pasta 8 doc 23	30/08/1866	Exposição Nacional (1866)	Classificação das madeiras do Brasil para a Exposição
BR MN MN.DR.CO, AO. 1201 Pasta 8 doc 31	07/11/1866	Exposição Universal (1867 : Paris)	Classificação das madeiras do Brasil para a Exposição

⁸⁴ Lista dos objetos que foram enviados à Exposição da Filadélfia. BR MN MN Pasta 15 doc. 12 e 13 de 21/02/1876.

⁸⁵ Carta de Spencer Bairo, do *Smithsonian Institution*, comunicando os exames feitos nas amostras brasileiras que participaram da Exposição de Filadélfia. BR MN MN Pasta 15 doc. 109 de 25/12/1876.

BR MN MN.DR.CO, AO. 1239 Pasta 8 doc 69	31/05/1867	Exposição Universal (1867: Paris)	Relação de minerais enviados
BR MN MN.DR.CO, AO. 1440 Pasta 10 doc 64	1871	Exposição Universal (1871: Londres)	Sobre envio de produtos fibrosos à Londres
BR MN MN.DR.CO, AO. 1579 Pasta 11 doc 90	28/12/1872	Exposição Nacional	Autorização de envio de cópias das análises e exames de minerais
BR MN MN.DR.CO, AO. 1636 Pasta 13 doc 4	13/01/1874	Exposição Universal (1873 : Viena)	Relação dos minerais enviados
BR MN MN.DR.CO, AO. 1734 Pasta 14 doc 35	05/07/1875	Exposição Nacional (1875)	Solicitação de área no edifício para a Exposição do Museu
BR MN MN DR Pasta 14 doc 50	16/08/1875	Exposição (1875: Santiago do Chile)	Remessa de amostras de madeiras para a Exposição
BR MN MN.DR.CO, AO. 1778 Pasta 15 doc 11	19/02/1876	Exposição Internacional (1876: Filadélfia)	Remessa de lista de objetos que seguiram para a Exposição
BR MN MN.DR.CO, AO. 1798 Pasta 15 doc 32	29/03/1876	Exposição Internacional (1876: Filadélfia)	Catálogo de minerais enviados à Exposição
BR MN MN.DR.CO, AO. 2168 Pasta 17 doc 32	02/04/1878	Exposição Nacional	Remessa de medalhas
BR MN MN.DR.CO, AO. 2224 Pasta 17 doc 85	11/09/1878	Exposição Industrial Fluminense (1878)	Informe sobre abertura da Expo Industrial
BR MN MN.DR.CO, AO. 2311 Pasta 18 doc 51A	26/03/1879	Exposição Nacional	Medalhas recebidas

BR MN MN.DR.CO, AO. 2444 Pasta 19 doc 9	10/03/1880	Exposição Internacional (1880 : Berlim)	Envio de material de pesca para figurar na Exposição
BR MN MN.DR.CO, AO. 2779 Pasta 20 doc 216	29/11/1881	Exposição Nacional	Reclamação de premiações concedidas na Exposição de 1875 (16 medalhas)
BR MN MN.DR.CO, AO. 2893 Pasta 21 doc 76	25/04/1882	Exposição Internacional (1883 : Londres)	Prospecto da Exposição de Londres
BR MN MN.DR.CO, AO. Pasta 28		Exposição Internacional (1885: Antuérpia)	Relação de objetos etnográficos
BR MN MN DR Pasta 34 doc 140	29/07/1889	Exposição Universal (1889: Paris)	Remessa de 2 volumes contendo publicações do Museu Nacional

Fonte: Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/MN.

Para a montagem do quadro acima, utilizamos a seguinte metodologia: selecionamos um documento⁸⁶ para cada exposição (nas categorias nacional, universal e internacional), para representar a participação da instituição em diferentes eventos. Posteriormente, identificamos os tipos de objetos enviados para cada mostra selecionada.

Nesse exercício, inicialmente para comprovar a participação do Museu em diferentes eventos, constatamos que, além do diversificado acervo existente na instituição, o material enviado às exposições, em sua maioria, era composto por minerais e madeiras. Este nosso estranhamento foi relevante para a investigação, pois o acervo do Museu Nacional apresentado na Exposição de 1889, no Pavilhão do Brasil, foi também composto por madeiras e minerais. Além desse acervo, a investigação somada à pesquisa de Barbuy e aos catálogos da Exposição de 1889, identificou o material antropológico organizado por Netto, que figurou na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana como parte da mostra francesa de 1889.

⁸⁶ Correspondências da Diretoria do Museu Nacional.

Diante do exposto, ficamos determinados em analisar a elaboração da exposição preparatória de 1888 na corte do Rio de Janeiro visando identificar os materiais do Museu Nacional que participaram da mostra brasileira e, posteriormente, aqueles que foram enviados para a Exposição Universal de 1889.

2.3 O MUSEU NA EXPOSIÇÃO PREPARATÓRIA BRASILEIRA DE 1888

(...) He para concorrer, e para apressar a realização de bens, que só a propagação das luzes póde produzir no Brazil, que a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional aqui estabelecida, emprehende esta publicação periódica de Memórias e Notícias interessantes a todas as classes industriosas. (AUXILIADOR, n.1, Jan., ano1833, p 10).

Seguimos a orientação de Alda Heizer que diz ser fundamental para o estudo da participação do Império do Brasil nas Grandes Exposições da segunda metade do século XIX a análise do periódico *Auxiliador da Indústria Nacional* como “uma fonte inesgotável de pesquisa”. Sua “leitura também permite ao pesquisador atual e ao leitor daquela época visitar as Exposições Universais sem sair do país.” (HEIZER, 2005, p. 82).

Cabe, inicialmente, ressaltar que Heizer se dedicou, em um dos capítulos de sua tese (HEIZER, 2005) ao periódico *Auxiliador* (1888, 1890 e 1890) com a intenção de apresentar a mostra preparatória para sua análise da participação do Império brasileiro no evento de 1889, em nosso caso, percorremos o mesmo periódico para destacar, durante a atividade preparatória, a participação do Museu Nacional⁸⁷.

A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional/SAIN⁸⁸, fundada em 1827 e substituída em 1904 pelo Centro Industrial do Brasil, a partir de 15 de Janeiro de 1833 passou a publicar o periódico mensal *Auxiliador da Indústria Nacional*, que assim se apresentava na primeira página:

⁸⁷ Na ocasião, aproveitamos para identificar alguns de seus representantes (ou ex-funcionários) na Exposição Nacional de 1888.

⁸⁸ A historiadora Patrícia Regina Correa Barreto analisa em sua tese o perfil da instituição e sua relação com o conhecimento científico. Sobre o assunto, ver: Patrícia Regina Correa Barreto. Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: o Templo Carioca de Palas Atena, 2009.

O *Auxiliador da Indústria Nacional* ou *Colleção de Memórias e Notícias*, aos fazendeiros, fabricantes, artistas e classes industriosas no Brazil, tanto originaes, como traduzidas das melhores obras, que neste genero se publicação, nos Estados Unidos, França, Inglaterra, & c. (AUXILIADOR, 1833, p. 1).

O periódico *Auxiliador* é composto por memórias sobre produtos agrícolas, atas, pareceres, relatórios, informações transcritas do *Jornal do Comércio* e é a fonte que apresenta com detalhes o processo de organização da *Exposição Preparatória de 1888* e a inserção do Brasil na *Exposição de 1889* em Paris.

O estatuto da SAIN aponta para a mesclagem entre os interesses econômicos do Governo Imperial e o desenvolvimento científico visando “o melhoramento e prosperidade da indústria no Império do Brasil” (ESTATUTO DA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDÚSTRIA NACIONAL, 1831, p. 1).

O significado da palavra *indústria* neste período é bem lembrado por José Murilo de Carvalho, que destaca o termo como “uma atividade produtiva em geral e a principal indústria era a agrícola, dela cuidando principalmente a Sociedade” e seu caráter era mais técnico, de natureza científica, do que política (CARVALHO, 2007, p. 52).

Antes de entrarmos na apresentação da *Exposição Preparatória de 1888* para identificarmos a participação do Museu Nacional, cabe lembrar que a inserção do Brasil na *Exposição Universal de Paris em 1889* foi em caráter oficioso, e a importância da participação do país no evento francês foi assunto debatido no *Auxiliador*⁸⁹.

Cabe lembrar que a *Exposição Universal de Paris, em 1889*, idealizada para comemorar o centenário da *Revolução Francesa*, foi criticada por monarquistas franceses e sofreu boicote de alguns reinos da Europa, porém esta informação chegou oficialmente ao Brasil por telegrama em abril de 1889, enviado pelo embaixador do Brasil na Europa, Francisco Inácio de Carvalho Pereira, o Barão de Penedo (1815-1906)⁹⁰. O embaixador se colocava favorável à presença brasileira no certame e reforçava que seu dever era cultivar as boas relações entre os dois países. Seu antecessor, Tomás Furtado de Brito (?-1894), o Visconde de Arinos, já fortalecia o coro favorável à participação brasileira no evento.

⁸⁹ Assunto já abordado na presente pesquisa.

⁹⁰ Legação Imperial do Brasil em Paris, ofício n° 7, 2ª. Seção, Offícios 1889, Paris. Arquivo Histórico do Itamaraty.

Nesta ocasião, a Exposição Preparatória já havia sido concluída e não mais existia a possibilidade do Brasil não se fazer presente na festa republicana, mesmo que de forma oficiosa.

O debate sobre a importância de o Brasil estar representado no evento francês, muito pautado no viés abolicionista e na necessidade de se organizar uma Exposição Preparatória na Corte contando com o setor privado, está registrado no periódico *Auxiliador*.

Em abril de 1888, o Comendador Alexandre A. R. Sattamini, Diretor da Reunião dos Expositores da Indústria Brasileira⁹¹, convidou a SAIN para:

de commum acordo, encarregarem-se de promover uma Exposição Preparatória nesta Corte e, remetterem os productos escolhidos à Exposição Universal de Paris em 1889, visto terem ambas as sociedades por fim concorrer para o engrandecimento da indústria brasileira. (AUXILIADOR, 1888, n. 4, p. 76).

Os discursos favoráveis à preparação do Brasil para participar do evento francês são identificados por meio de pareceres da Sessão Extraordinária do Conselho Administrativo da SAIN, presidida por Nicolau Joaquim Moreira (1824-1894) e com a participação do diretor Sattamini e demais membros dos Expositores da Indústria Brasileira.

O Exm. Sr. Conselheiro Dr. Nicolau Joaquim Moreira, presidente da Sociedade, expôs em eloqüentes palavras os intuitos desta no sentido de tornar effectivo o comparecimento do Brazil na exposição universal de Paris de 1889, para o que tinham sido convidadas diversas associações que se achavão representadas, das quais esperava todo apoio, e concluo dizendo, no meio de geraes applausos que, quando mesmo o Brasil nada tivesse a expor, bastar-lhe-hia mandar para a França o Decreto n. 3353⁹² e a Penna com que foi ele sancionado, para que o Brazil fosse glorificado entre as nações mais cultas. (AUXILIADOR, 1888, n. 5, p. 106).

Em alguns registros do *Auxiliador*, identificamos a euforia pelo Decreto de nº 3.353, de 13 de maio de 1888, que aboliu a escravidão no Brasil e o evento francês seria uma oportunidade de tornar pública a novidade brasileira.

⁹¹ Este título também aparece no *Auxiliador* como Diretor das Exposições.

⁹² Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888 que extinguiu a escravidão no Brasil.

Visando garantir a participação brasileira nos certames universais e no auxílio da seleção dos produtos do país, a Corte Imperial realizava Exposições Preparatórias⁹³, conforme apresentamos no quadro abaixo.

Quadro 10 – Organização das Exposições Nacionais, 1861-1889

ANO	CIDADE	EVENTO
1861	Rio de Janeiro	Preparatória para a Exposição Internacional de Londres (1862). Exposição Nacional na Escola Central (Politécnica); 50 mil visitantes durante 45 dias de duração.
1866	Rio de Janeiro	Preparatória para a Exposição Universal de Paris (1867). Exposição Nacional na Casa da Moeda; quase 53 mil visitantes em 57 dias de duração.
1873	Rio de Janeiro	Preparatória para a Exposição Internacional de Viena (1873). Exposição Nacional na Escola Central (Politécnica); 42 mil visitantes durante 33 dias de duração.
1875	Rio de Janeiro	Preparatória para a Exposição Internacional da Filadélfia (1876). Exposição Nacional na Secretaria de Agricultura; 67 mil pessoas em 45 dias, com uma média de 1,5 mil pessoas por dia.
1888	Rio de Janeiro	Preparatória para a Exposição Universal e Internacional de Paris (1889). Exposição Nacional no Liceu de Artes e Ofícios

Fonte: adaptação da obra de Paulo Roberto de Almeida. Formação da Diplomacia Econômica no Brasil, 2001, p. 247.

Aprovada a ideia da participação do Brasil na Exposição de 1889, a discussão passou a ser em torno da relevância em organizar uma exposição prévia e sobre os recursos necessários para o empreendimento. Uma das somas levantadas foi a de 300:000\$000 (trezentos contos de réis) para custear tanto a exposição prévia quanto a participação em Paris. Cabe registrar que, enquanto o Brasil realizava o debate sobre a participação no evento francês, os países convidados da América, “com exceção única do Brasil, até este momento já aderirão oficialmente ao apelo da república”. (AUXILIADOR, 1888, n. 5, p. 109).

⁹³ Que, por sua vez, eram fortalecidas pelas Exposições Provinciais. Já em 2 de maio de 1888, o *Auxiliador* anunciava o início dos trabalhos da Exposição Provincial de São Paulo.

Visando a organização da exposição prévia, foram criadas duas comissões: a primeira encaminharia ao Governo e ao Parlamento as aprovações da reunião; a segunda seria uma grande comissão executiva permanente.

A primeira comissão foi composta pelos senhores Nicolau Joaquim Moreira, presidente da SAIN; Henrique de Beaurepaire-Hohan, presidente da Sociedade Central de Imigração; comendador Hermida Pazzos, comendador João Carlos de Souza Ferreira, representando a imprensa da Corte; Honório Augusto Ribeiro, presidente do Centro da Lavoura e Comércio; Miguel Calmon Menezes de Macedo, presidente da Reunião dos Expositores da Indústria Brasileira; José Américo dos Santos, presidente da Associação Industrial; Francisco Joaquim Bettencourt da Silva, Sociedade Propagadora das Belas Artes e Francisco de Assis Mascarenhas, pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

A segunda comissão seria composta por membros da SAIN “e de um representante de cada uma das associações litterarias, scientificas, industriaes e artisticas, com sede na corte, sob a presidência do Exm. Sr. Senador Diogo Velho [visconde de Cavalcanti]”. (AUXILIADOR, 1888, n. 5, p. 107).

Com o avanço da discussão, em 26 de Maio, foi instituída uma Comissão Central Brasileira na corte para cuidar dos assuntos referentes à Exposição de 1889 com a seguinte composição: como presidente, senador Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (1829-1899), o visconde de Cavalcanti⁹⁴; como vice-presidente, Nicolau Joaquim Moreira (da SAIN); como membros, o Barão de São Francisco e o comendador Tobias; como secretário geral, Agostinho José de Souza Lima e o tesoureiro, José Botelho de Araújo Carvalho.

Visconde de Cavalcanti, conforme registro do periódico, ia procurar a SAIN, pois estando em Paris, entendeu, de acordo com outros brasileiros ali residentes e franceses amigos do nosso país, “que se devia promover a representação do Brazil naquella exposição, senão official ao menos officiosamente, formando-se para esse fim a commissão franco-brazileira”. (AUXILIADOR, 1888, n. 5, p. 104).

A primeira atividade a ser realizada seria a divulgação da organização da exposição prévia ao governo aos presidentes das províncias, repartições públicas, associações diversas, solicitando a participação de todos.

⁹⁴ Senador no período de 1886 a 1889. Destacamos sua atuação relevante em Paris na Exposição de 1889 ao presidir a comissão franco brasileira com seus 14 comissários. Cabe registrar que a viscondessa de Cavalcanti participou do evento de 1889 com rico acervo que está guardado no Museu Mariano Procópio. Ver: FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO, 2010

Ao término do mês, o presidente da SAIN entregou à Câmara dos Deputados uma representação, lida em sessão pelo deputado Afonso Celso Junior, solicitando apoio oficial e financeiro para a participação das associações na tarefa de garantir a presença do Brasil no evento de 1889, o que resume a pressão das associações:

“Augustos e Digníssimos Senhores e Representantes da Nação. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e diversas outras associações desta Côrte, representadas pelos abaixo assignados, convencidas da alta conveniência, senão verdadeira necessidade do comparecimento do Brazil na exposição universal de Paris em 1889, no interesse não só de patentear-se alli os nossos ricos e vários productos, diariamente augmentados e aperfeiçoados; mas também de poupar-se a este vasto e florescente Imperio a pungente humilhação.” (AUXILIADOR, 1888, n. 6, p. 109).

Aprovado o projeto no Senado em 11 e sancionado em 21 de Junho, o periódico noticiou os trabalhos da Comissão Central Brasileira, presidida por Visconde de Cavalcanti, envolvida na composição das comissões de propaganda e catálogo; e das comissões consultivas para os diferentes grupos e classes dos produtos que participariam da exposição prévia.

No *Auxiliador*, estão apresentados os resumos das sessões da Comissão Central Brasileira sobre a concordância da participação de repartições públicas e instituições diversas para a prévia na Corte; apresentação da atuação das províncias; a definição das comissões parciais para comporem os grupos elaborados pela comissão de catálogos dos produtos, e a escolha do melhor local para a prévia, estudo solicitado à comissão executiva.

O Governo Imperial, não podendo tomar parte oficial na exposição francesa de 1889, dirigiu-se às Províncias por intermédio do Presidente do Conselho e do Ministro do Império, recomendando a participação e o envio de produtos para prévia da Corte. (MARAJO, 1890).

Sobre os grupos elaborados para o catálogo da exposição, dos cinco grupos definidos em Junho, um deles, o Grupo 2, contou com a participação de representante do Museu Nacional: Ensino e Educação – com a participação de João Baptista de Lacerda, diretor da 1ª. Seção (Antropologia, Zoologia e Paleontologia) da instituição científica e substituto do diretor geral do museu (Ladislau Netto).

Mesmo não fazendo parte do quadro de funcionários do Museu Nacional nesta época, destacamos a presença de Theodoro Peckolt no Grupo 5 (indústrias

extrativas, brutos produtos e manufaturados). Lembramos que Peckolt foi o responsável pela reorganização do Laboratório Químico do Museu Nacional no período de 1874 a 1876.

As províncias passaram a se organizar compondo comissões para auxiliarem a sua participação na Exposição Preparatória da Corte, neste sentido destacamos a organização do Pará por meio do ofício de 28 de julho de 1888⁹⁵ enviado do presidente da Província ao encarregado da comissão do Pará para participar da prévia na Corte, o advogado e político Tito Franco de Almeida (1829-1899).

Belém, 28 de Julho de 1888.

No louvável intuito de obter-se o concurso do Brasil na Exposição Universal de Paris, que vae ser effectuada em 1889, foi alli organizada uma commissão franco-brasileira e na Corte uma commissão central, incumbidas de conseguir por todos os meios ao seu alcance e esforços particulares o comparecimento dos productos brasileiros àquella Exposição. Convencido de que a Província do Pará, uma das mais importantes do Império, pela variedade e riqueza de seus productos naturaes, não deve recusar-se a tomar parte n'aquella Exposição [1888], e confiando no patriotismo e espirito civilizador de seus habitantes, resolvi nomear uma commissão (...) a fim de promover a obtenção de productos d'esta Província, que deverão ser em tempo remettidos à commissão organizada na Corte, onde terá lugar uma exposição preparatória no dia 11 de novembro próximo futuro. (MARAJO, 1890.)

O periódico *Auxiliador* passou a relatar detalhadamente o envolvimento das instituições, por exemplo, a ordem do Ministério dos Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas para que as diretorias das estradas de ferro transportassem gratuitamente os produtos das Províncias para a Corte; além da relação de produtos que seriam enviados por algumas instituições.

Enquanto isso, o Editorial do *Jornal do Commercio*, publicado no *Auxiliador*, anunciava um histórico da inserção brasileira na Exposição Universal de Paris iniciando com a recusa do Brasil em participar do certame francês, as atuações das associações contrárias à opinião do governo, as pressões para que fossem garantidas a presença do país e a opinião favorável do Imperador (então em

⁹⁵ O documento trata da participação da província paraense na Preparatória de 1888 e é parte integrante do relatório do Barão de Marajó sobre a participação do Pará na Exposição Universal de Paris em 1889.

Cannes) à ideia de o Brasil fazer parte do evento de 1889 (AUXILIADOR, 1888, n. 6, p. 128-129).

Dentre as questões levantadas para justificar de maneira positiva a participação do Brasil em Paris, destacamos a preocupação em incentivar a imigração ao país. O assunto foi abordado nos diálogos na SAIN, citado no próprio *Jornal do Comércio* e que foi abertamente apresentado em Paris⁹⁶.

O periódico, durante o mês de Julho, publicou o trabalho das comissões consultivas dos grupos na elaboração dos catálogos dos produtos, lembrando que haviam sido escolhidos apenas cinco grupos no mês anterior. Assim, mais quatro grupos foram montados e dentre eles, o 8º. Grupo – da agricultura – para o qual fora nomeado o diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto.

O envolvimento do Ministério da Agricultura na exposição prévia pode ser constatado também a partir da leitura de pedidos junto aos presidentes provinciais para que solicitassem gratuidade aos serviços férreos e aos de navegação visando facilitar o transporte dos produtos e outros objetos à Corte do Rio de Janeiro e, posteriormente, à exposição de Paris.

O *Auxiliador* explica que, para a organização da exposição brasileira no evento de Paris em 1889, na mesma capital foi firmado um contrato para formação de um sindicato para atuar ao lado da comissão franco-brasileira, presidida por visconde de Cavalcanti e composta por 14 membros (já apresentados)⁹⁷.

O sindicato seria representado no Brasil, durante ausência ou impedimento de visconde de Cavalcanti, pelo visconde de Figueiredo para assinaturas junto ao Governo. A partir de então, o *Auxiliador* registrou as reuniões presididas por visconde de Cavalcanti na Comissão Central Brasileira, para a Exposição Universal de 1889 em Paris, apresentando as gratuidades dos serviços e participações das províncias para a prévia e para a exposição francesa. O periódico informava sobre a exposição prévia da Corte e também sobre a organização da Exposição Universal em Paris.

Durante o início do mês de Julho de 1888, o *Auxiliador* informou notícias de Paris sobre o concurso aberto pela Comissão Franco-Brasileira para a escolha do

⁹⁶ Inclusive em publicações do comitê franco-brasileiro distribuídas no Pavilhão do Brasil. Ver: Sant'Anna Nery. *Guide de l'emigrant au Brésil. Paris: C. Delagrave/Syndicat du Comité franco-brésilien*, 1889a.

⁹⁷ Barão de Albuquerque, Carlos de Almeida, Eduardo Cardoso, Rodolpho Dantas, Barão de Estrela, R. B. d'Etiveaud, visconde de Figueiredo, Adolfo Klingelhoef, E. Lourdelet, E. Pector, C. Pra, Eduardo Prado, Sant'Anna Nery e Augusto Teixeira.

projeto para a construção do Pavilhão do Brasil no Campo de Marte. Oito concorrentes apresentaram plantas de edificações bem elaboradas e o vencedor foi o arquiteto francês Louis Dauvergne, licenciado em direito, perito junto da prefeitura do Sena, arquiteto da igreja de Neuilly e do paço da camara municipal de Maisons-Laffitte. Os três primeiros projetos foram expostos no Hotel Continental, em evento realizado em honra da “abolição do elemento servil no Brazil”. (AUXILIADOR, 1888, n. 8, p. 174).

No mês seguinte, no Brasil, foi publicado o discurso, de três páginas, da posse da nova diretoria da Sociedade Reunião dos Expositores Brasileiros (realizado em fevereiro de 1888) feito por F. J. Bettencourt da Silva, atuante defensor da participação brasileira no evento de Paris, que pautou suas palavras na representação das exposições, em especial, naquela que todos estavam voltados:

O cosmo, o homem e a divindade. São as exposições, são os congressos, são os centenários, essa trilogia invencível do século XIX, que avassalla, que domina, que nas asas do livre pensamento attinge as aspirações tradicionais de civilização moderna. Epopéas da liberdade dos povos inspiradas no espantoso, no sempiterno heroísmo de 1789 [com a Revolução Francesa], em que a força se glorificou no princípio immortal da igualdade e confraternidade dos povos. (AUXILIADOR, 1888, n. 8, p. 171).

Após a garantia do espaço para o Pavilhão Brasileiro, o presidente da Comissão Central recebeu da Comissão Franco-Brasileira uma circular do vice-presidente da Seção 8 da Exposição de Paris – sobre Economia Social – para que os países se fizessem representar naquela Seção. O assunto foi objeto de congressos e conferências em 1889, conforme já abordado.

A “Economia Social”⁹⁸ foi a novidade da exposição francesa. Barbuy caracterizou o espaço como uma apresentação museográfica, “da montagem de uma vila operária, onde quinze seções giraram em torno de temas como a remuneração do trabalho, seguros contra acidentes e habitação operária”. Assuntos que objetivavam dirimir os conflitos sociais. (BARBUY, 1999, p. 69).

As reuniões da Comissão Central passaram a apresentar os representantes das províncias e a indicação de seus objetos⁹⁹, assim como a divulgação das

⁹⁸ Seção criada a partir da Exposição de Paris em 1889.

⁹⁹ É o caso de Gorceix, presidente da comissão de Minas Gerais, que garantiu a participação de produtos naturais e industriais da região.

gratuidades de alguns serviços relevantes para a emissão de produtos para a Corte e para Paris.

Em relação especificamente à Exposição Preparatória na Corte, é identificada uma tensão devido à confirmação da data da inauguração do certame (11 de novembro) e a indicação do espaço inicialmente proposto (Cassino Fluminense)¹⁰⁰, portanto, percebemos um ritmo acelerado para cumprir os prazos.

Enquanto isso, ainda em Agosto, no exercício de organizar a participação das províncias, a Comissão Central no Brasil divulgou as instruções para a participação na Exposição Preparatória com o total de 24 itens:

Instruções para a Exposição Preparatória dos productos que têm de figurar na Exposição Universal de Pariz em 1889.

I

Abrir-se-ha no dia 11 de Novembro do corrente anno, em o logar que fôr escolhido e anunciado, uma exposição preparatória dos productos agrícolas e industriaes que devem ser levados á Exposição Universal de Pariz em 1889.

II

A exposição preparatoria encerrar-se-ha opportunamente, afim de que os productos escolhidos possam ser enviados, a tempo, para Pariz.

III

Os trabalhos reclamados para a exposição dos productos serão dirigidos pela comissão executiva, a qual attenderá, tanto quanto fôr possível, aos membros da comissão de propaganda, ouvindo também a comissão central todas as vezes que as circumstancias reclamarem.

IV

Compete á comissão executiva decidir da admissão e classificação dos productos, seguindo as presentes instruções e o regulamento e programma formulados para a Exposição Universal de Pariz.

XV

Todas as communicações relativas á exposição dos productos serão dirigidas á comissão executiva pelo próprio expositor ou por qualquer dos membros da comissão de propaganda, sendo depois levadas ao conhecimento da comissão central.

¹⁰⁰ Era localizado na Lapa, na atual sede do Automóvel Clube do Brasil, ao lado da Escola de Música da UFRJ (antigo prédio da Biblioteca Nacional). Portanto, na época, o Cassino Fluminense ficava ao lado da Biblioteca Nacional.

XVI

Os membros da comissão de propaganda são competentes para se entenderem com a comissão executiva em todos os assumptos aos interesses dos expositores da Corte ou de qualquer Provincia do Imperio.

XVII

Durante a exposição, as comissões consultivas, collectivamente ou por cada um de seus membros, em seus respectivos grupos e classes, examinarão os objectos expostos, fazendo a respeito delles um succinto relatório, indicando os motivos que os tornão dignos de figurar na Exposição Universal de Pariz.

Os relatórios serão enviados á comissão central.

XVIII

Não se concedendo, na exposição preparatoria, menções honrosas, medalhas ou diplomas, a escolha do objecto exposto e o relatório patenteando suas boas qualidades constituirão prêmios de alta valia...

IX

Em um livro de talão competentemente aberto e de paginas numeradas serão lançados, em duplicata, os dizeres das guias, sendo deste livro cortado o conhecimento que, assignado pelo membro da comissão executiva, será entregue, como recibo ao expositor.

X

Os expositores poderão exhibir os seus productos em vitrinas de sua propriedade; no caso contrario, será a exhibição feita a arbitrio da comissão executiva.

XI

Durante o tempo que durar, a exposição, os expositores ou seus prepostos terão entrada por bilhete gratuito afim de velarem sobre seus productos e darem aos visitantes as explicações que forem pedidas.

XII

A comissão executiva velará sobre a bõa guarda dos objectos expostos, não responsabilizando-se, porém, por qualquer damno que possa sobrevir.

XIII

O visitante que damnificar qualquer objecto será responsável pela indemnização do prejuizo causado.

XIV

O objecto exposto não poderá ser retirado definitivamente antes do encerramento da exposição.

XV

Todas as communicações relativas á exposição dos productos serão dirigidas á comissão executiva pelo próprio expositor ou por qualquer dos membros da comissão de propaganda, sendo depois levadas ao conhecimento da comissão central.

XVI

Os membros da comissão de propaganda são competentes para se entenderem com a comissão executiva em todos os assumptos aos interesses dos expositores da Corte ou de qualquer Provincia do Imperio.

XVII

Durante a exposição, as comissões consultivas, collectivamente ou por cada um de seus membros, em seus respectivos grupos e classes, examinarão os objectos expostos, fazendo a respeito delles um succinto relatório, indicando os motivos que os tornão dignos de figurar na Exposição Universal de Pariz.

Os relatórios serão enviados á comissão central.

XVIII

Não se concedendo, na exposição preparatoria, menções honrosas, medalhas ou diplomas, a escolha do objecto exposto e o relatório patenteando suas boas qualidades constituirão prêmios de alta valia.

XIX

Sendo o fim da exposição preparatoria fazer o Brazil figurar na Exposição Universal de Pariz, e sendo neste sentido que a Assembléa Geral votou o auxilio de 300:000\$ o objecto exposto, uma vez escolhido pelos respectivos juizes, não poderá deixar de seguir o seu destino.

XX

Encerrada a exposição, os objectos serão acondicionados com assistência ou não do expositor ou seu preposto, e remetidos á comissão franco-brazileira em Pariz, a qual os exhibirá do modo mais imponente possível, velando sobre sua guarda até o encerramento da exposição franceza.

XXI

Os expositores receberão prévio aviso para prepararem os productos escolhidos, podendo substituir por novas as amostras antigas.

XXII

Será nomeado um agente auxiliar que se encarregue de dirigir e acompanhar os productos até o Campo de Marte, e de reembarcá-los para o Brazil, terminada exposição.

XXIII

A comissão central não se responsabilisa pelas avarias que casualmente se derem na ida e volta dos productos.

XXIV

Nos casos omissos nestas instrucções a comissão central resolverá segundo os arestos estabelecidos nas exposições anteriores. (AUXILIADOR, 1888, n. 8, p. 176).

As instruções causaram reclamações em relação ao item de número XVIII, sobre a não premiação para os expositores. O próprio presidente da Comissão de Propaganda, Alfredo Michel elaborou ofício pedindo revisão do parágrafo XVIII das instruções acreditando que as premiações seriam um estímulo aos participantes.

Depois de ponderações realizadas em Setembro, foi aprovado que, em vez da criação de um júri, os membros das comissões consultivas teriam a dupla função de selecionar e premiar os expositores com os diplomas: de honra, mérito e progresso. Assim, o item XVIII foi retirado das Instruções para a prévia na Corte.

Outro episódio de tensão, comum ao momento anterior de inauguração de exposições, foi devido ao recebimento de ofícios sobre as dificuldades das províncias em enviarem seus objetos à Corte, devido ao curto espaço de tempo. Algumas das informações identificadas versavam como solução o envio direto dos materiais para Paris, porém a comissão franco-brasileira passou a prevenir a necessidade de centralizar na exposição da Corte todos os objetos para serem posteriormente enviados à Paris. (AUXILIADOR, 1888, n. 10, p. 224).

A partir do mês de Outubro, a comissão executiva da exposição preparatória passou a ficar todos os dias no edifício do Cassino Fluminense para receber os produtos que deveriam participar do certame brasileiro (ainda previsto para 11 de Novembro de 1888 e naquele local).

Enquanto a Exposição Preparatória estava prestes a ser inaugurada, alguns ofícios recebidos das Províncias (para a Comissão Central) se referiam exclusivamente ao evento francês, e algumas decisões eram tomadas, como por exemplo, o aceite do mosaico em madeira para compor o assoalho do salão de recepção, assim como mobílias da fábrica de móveis da rua Senador Vergueiro, ambos para o Pavilhão do Brasil no Campo de Marte.

Em Novembro foram anunciadas outras mudanças, a data da inauguração do evento (para 1º de Dezembro), por designação do Imperador, e a transferência do local da Exposição para o Liceu de Artes e Ofícios, conforme ofício da Sociedade Propagadora das Belas Artes. Os registros sem muitas explicações demonstram a tensão pela proximidade da inauguração do certame preparatório.

Alda Heizer nos apresenta o significado do Liceu de Artes e Ofícios (estabelecimento ligado à Sociedade Propagadora das Belas Artes) como uma instituição educadora para formação dos operários, principalmente mulheres. A organização das ideias de Heizer (em conjunto com a de outros autores) nos faz

refletir sobre o debate daquele momento – a apresentação de ações para a *regeneração* do homem pelo trabalho. (HEIZER, 2005, p. 87).

Francisco Joaquim Bettencourt da Silva, à frente da Sociedade Propagadora das Belas Artes e comissário da exposição prévia, foi o criador do Liceu de Artes e Ofícios em 1856, a instituição que oferecia ensino profissional aos trabalhadores. Bethencourt da Silva mantinha fortalecida a missão do ex-presidente da Sociedade Propagadora das Belas Artes, conselheiro Zacarias, o qual “defendia a missão dos que querem a regeneração do homem pelo trabalho” (SILVA, 1998, p. 36 apud HEIZER, 2005, p. 88). Este foi o princípio que norteou a realização da Exposição Nacional de 1888.

Enquanto isso, o Jornal do Comércio publicou em sua coluna “O Brazil na Exposição de Paris”, as dificuldades na obtenção do espaço referente ao lago (situado ao lado do Pavilhão do Brasil) para a exposição de espécimes da flora brasileira, tal qual a vitória-régia. Esse espaço foi posteriormente conquistado.

Voltando à prévia na Corte e partindo do princípio de que toda a seleção é um processo de escolhas, alguns objetos foram recusados, como por exemplo a oferta do engenheiro Ferro Cardoso de expor, em uma cabana, a produção do café desde a colheita até a distribuição como bebida. A proposta foi recusada por falta de espaço adequado.

O quadro do Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905) “Independência ou Morte”, também conhecido como “O Grito do Ypiranga” (1888) foi ponto de discussão, pois suas dimensões não o permitiram figurar no Pavilhão do Brasil, porém a solução foi autorizá-lo a participar na seção internacional de Belas Artes.

Mais uma vez, um desconforto foi causado, agora pelos representantes da província de Minas Gerais, por terem solicitado diretamente ao sindicato em Paris uma sala especial para sua exposição, o que não foi aceito, e sugeriu-se então que as províncias se entendessem com a Comissão Central na Corte do Rio de Janeiro.

Nas sessões da Comissão Central dos dias 1º e 4 de Dezembro, Cavalcanti comunicou que o Imperador havia designado o dia 10 de Dezembro para a inauguração da Exposição Preparatória e a Comissão Central decidiu encerrar o certame em 31 daquele mês, para que pudessem cumprir o prazo para o envio dos objetos para Paris.

No dia seguinte, o *Auxiliador* registrava a reunião da Comissão Central sobre uma longa carta recebida da Comissão Franco-Brasileira que, dentre os assuntos, referia-se à concessão que havia feito ao conselheiro Ladislau Netto para expor no espaço brasileiro na França “diversos objectos de anthropologia que figurarão no congresso dos Americanistas, ultimamente effectuado em Berlim”.

No *Auxiliador*, a partir de Janeiro de 1889, ficou mais constante a divisão de informações entre a prévia da Corte no Rio de Janeiro e os preparativos da Exposição em Paris. O nível de detalhamento sobre a Exposição Preparatória de 1888 no *Auxiliador* nos faz conhecer as salas e acervos expostos com os devidos destaques para as Províncias.

No periódico de Janeiro de 1889, obtivemos a informação de que a exposição prévia, realizada no Liceu, utilizou sete salas do pavimento térreo, 4 do primeiro andar e três do segundo. Dentre as 83 classes¹⁰¹ que compuseram a Exposição Universal de Paris, 55 foram representadas no evento preparatório.

Na entrada das salas, estava “uma linda vidraça, com a histórica Torre de Belém” construída com “1,000 kilogramas de fumo.” Por ali entrava-se na Sala Thevet, resumo do movimento industrial do fumo no país, para passar à Sala Visconde de Mauá, local com vitrines expondo diversas fábricas de chumbo, bronze e outros metais. O periódico apresenta a passagem da Sala Thevet para a de Mauá como uma travessia “de uma antiga indústria colonial para o movimento acelerado do ferro, do carvão de pedra e dos outros elementos regeneradores de nossa época.” (O AUXILIADOR, n.2, Fev, 1889, p. 30).

Sobre a apresentação de algumas salas (ainda na parte com enfoque industrial), o periódico já aponta as transformações oriundas das “forças imigrantistas” da região sul, somadas à produção do “novo Brazil que se levanta e substitue o elemento servil.”

O visitante da exposição que penetrar nas salas *Associação Industrial e Reunião de Expositores*, difficilmente ajuizará da importância dos artigos que ellas contêm, se se fiar das apparencias. (...) principia-se a divulgar a transformação da pura indústria agrícola em organização manufactureira, consequencia da libertação do trabalho e da urgência de melhorar os productos em razão da concorrência de outros países nos mercados. (O AUXILIADOR, n2., Fev, 1889, p. 33).

¹⁰¹ O total de 83 classes não inclui a Economia Social, criada especificamente para o certame de 1889.

É na sala *Reunião dos Expositores* que estavam reunidas as coleções de madeira de Brasil: 60, do Museu Nacional¹⁰²; 112, do Sr. Joaquim Candido de Oliveira; 131 do Pará, do comendador M. A Pimenta Bueno somadas à 175 madeiras da Província do Paraná e “algumas do Espírito Santos”.

A grande riqueza da agricultura brasileira, o café, estava representado nessa sala, porém o periódico destaca que a participação do Brasil na Exposição Preparatória de 1888 não poderia ser comparada à grande quantidade de amostras enviadas à “exposição russa¹⁰³, em que a Província do Rio forneceu a maior parte, e em que brilharão S. Paulo, Minas, Espírito-Santo e Ceará.” (O AUXILIADOR, n. 2, Fev, 1889, p. 38).

Também identificamos uma rápida citação de outro material do Museu Nacional, quando o periódico narra que na “mesma sala há amostras de fibras, café e algodões do Imperial Instituto Agrônômico e de minérios¹⁰⁴ do Musêo Nacional e da empresa do Arroio dos Ratos¹⁰⁵.” (O AUXILIADOR, n. 2, Fev, 1889, p. 39).

Ainda no mês de Fevereiro, é anunciada a previsão do envio do modelo do meteorito de Bendegó¹⁰⁶ pelo Arsenal de Marinha da Corte e, no mesmo mês, a Comissão Central recebeu telegrama da Comissão Franco-Brasileira indagando sobre o pagamento dos subsídios para Ladislau Netto em Paris. A resposta da Comissão Central nos esclarece sobre a função de Netto e justifica sua permanência no evento francês.

(...) esta comissão já fez o que estava a seu alcance, officinando a S. Ex. o Sr, Ministro da Agricultura, mostrando a necessidade da presença daquelle conselheiro na Exposição de Paris, portanto, tratando-se de um assumpto tão importante como o estudo dos aborígenes do país, seus trabalhos, usos e costumes, sómente o Conselheiro Ladislau Netto poderia prestar os esclarecimentos necessários sobre tal assumpto. (AUXILIADOR, n. 2, Fev de 1889, p.30).

¹⁰² Grifo nosso.

¹⁰³ O periódico refere-se ao acontecimento realizado na Corte em dois de setembro de 1883, a Exposição Nacional preparatória para a participação brasileira na Exposição Internacional de São Petersburgo em 1884. Citado no início deste capítulo como parte integrante da Exposição Universal da Antuérpia em 1885.

¹⁰⁴ Grifo nosso.

¹⁰⁵ Empresa não identificada do Município Arroio dos Ratos (RS). A história da região é pautada na exploração do carvão.

¹⁰⁶ O meteorito de Bendegó será abordado posteriormente.

Constatamos que o periódico acompanhou a organização da Exposição Preparatória de 1888 até o mês de Outubro de 1889¹⁰⁷ quando apresentou as premiações em três categorias: Diploma de Honra, Diploma de Progresso e Diploma de Mérito. Ao longo de 1890, apresentou os relatórios com as informações sobre as justificativas das premiações da prévia, com isso, constatamos que o Museu Nacional não foi premiado na Exposição Preparatória de 1888.

Sobre a participação do Brasil na Exposição Universal de 1889, o *Auxiliador* publicou (em outubro do mesmo ano) lista tirada do jornal *L'Amérique*, publicado em Paris por Sant'Anna Nery. Assim, foi divulgada a lista completa com 22 grandes prêmios, 80 medalhas de ouro, 142 medalhas de prata, 170 medalhas de bronze e 152 menções honrosas.

Esta lista compreende 566 recompensas, faltando ainda algumas concedidas aos colaboradores e a magnífica exposição archeológica e ethnográfica organizada no palacio do Amazonas¹⁰⁸ pelo Sr. Conselheiro Ladislau Netto, director do Museu Nacional no Rio de Janeiro. (SANT'ANNA-NERY, 1889 *apud* O AUXILIADOR, n. 10, Out., 1889, p. 254).

Nossa inquietação aumentou ao término da leitura do *Auxiliador*¹⁰⁹ por termos identificado apenas citações sobre a participação da coleção de madeiras e de minerais na Prévia de 1888, entretanto, as premiações em 1889 ficaram com a coleção de minerais, com as publicações do periódico institucional *Archivos do Museu Nacional* e o acervo etnográfico e arqueológico.

Ao identificarmos que Netto esteve na França em 1889, ficamos motivados por elaborar uma busca documental para rastreamos os seus deslocamentos para responder se o diretor do Museu Nacional estivera na Prévia de 1888 (e consequentemente, a publicação institucional e o acervo etnográfico).

Em análise das atas e deliberações do Conselho Administrativo do Museu Nacional (BR MN MN DR 9 D9 1888-1889), elaboramos o acompanhamento das datas dos documentos (Quadro 11) em busca de saber se Netto havia participado da Exposição Preparatória de 1888 e quando ele retornou da Europa.

¹⁰⁷ Ao mesmo tempo, podemos acompanhar a chegada (em Paris) do assoalho de mosaico e mobílias para comporem o Pavilhão Brasileiro.

¹⁰⁸ Conforme já informado, nos documentos brasileiros sobre a participação do Museu Nacional na Exposição Retrospectiva da Habitação, a nomenclatura "Casa Inca" é ignorada e o espaço é conhecido como Pavilhão ou Palácio do Amazonas.

¹⁰⁹ Na leitura realizada até o período referente ao mês de Dezembro de 1890.

Diante dos registros, podemos sugerir que Netto viajou para a Europa, conforme solicitado, visando participar do Congresso Internacional dos Americanistas (realizado em 2 de outubro de 1888, Berlim) e aproveitou a oportunidade para visitar museus da Europa¹¹⁰, entretanto, sua permanência no continente europeu foi prolongada com a finalidade de participar da Exposição de 1889 (iniciada em 6 de Maio e concluída em 31 de Outubro). Este fato pode ser indicado pela análise dos despachos administrativos assinados por seu substituto Lacerda e acompanhados até 15 de Janeiro de 1890.

Quadro 11 – Documentos que auxiliam na análise sobre a permanência de Netto na Europa.

BR MN MN DR 9 D9	INFORMAÇÃO
3 de Setembro de 1888 (p. 109)	Netto pede autorização ao Ministro da Agricultura para tomar parte no Congresso dos Americanistas, sendo substituído por João Baptista de Lacerda na direção do Museu.
13 de Setembro de 1888 (p. 110)	Lacerda já assina como diretor interino.
30 de Novembro de 1888 (p. 117)	Lacerda continua assinando.
31 de Dezembro de 1888 (p. 119)	Idem
16 de Março de 1889 (p. 126)	Lacerda solicita que se coloquem à disposição de Netto, em Londres, dois contos e meio.
27 de Abril de 1889 (p. 131)	Lacerda remete o relatório dos trabalhos do Museu em 1888.
15 de Janeiro de 1890 (p. 147)	Netto volta a assinar como diretor geral do Museu.

Diante do exposto, podemos concluir que Netto não participou da Exposição Preparatória de 1888 e que tanto as publicações do *Archivos* quanto o acervo etnográfico foram enviados diretamente à Comissão Franco-Brasileira para participarem do evento francês.

¹¹⁰ BR MN MN Pasta 28 doc 63 de 10/7/1889, Ata da Sessão do Conselho Diretor fazendo referência aos “importantes serviços” prestados por Ladislau Netto nas capitais europeias, visando o intercâmbio para as coleções de história natural e antropologia, e indicação para colocar à disposição do mesmo a quantia de 500 contos de réis.

Qual a importância do periódico e do acervo etnográfico para serem enviados ao evento francês de 1889 sem terem participado da exposição preparatória nacional de 1888?

Passemos para a análise do acervo do Museu Nacional que participou da Exposição Universal de Paris em 1889, para entendermos a importância e a representação de cada categoria de material exposto, visando, inclusive, responder a sentença acima.

Cabe lembrar que apresentaremos o acervo do Museu em duas etapas: no Pavilhão do Brasil (Exposição Universal de 1889) e na Casa Inca (Exposição Retrospectiva da Habitação Humana como parte da Exposição de 1889, também na França).

CAPÍTULO 3 O MUSEU NACIONAL ENTRE MADEIRAS

Diziam que não éramos civilizados. Não se conhecia do Brasil senão “o brasileiro de opereta”, a febre amarela e as cobras cascavéis.”

Sant’ Anna Nery

3.1 GABINETES E MUSEUS

Maria Margaret Lopes, em sua pesquisa contextualiza o início da História Natural com o auxílio da análise crítica de Foucault, na qual a primeira observação detalhada sobre as coisas, com transcrições em palavras “neutralizadas e fiéis”, após passar por um processo de “purificação, constitui-se a primeira história, a história da natureza” (FOUCAULT, 2002, p. 179 *apud* LOPES, 1997, p. 13).

Os documentos dessa história nova não são outras palavras, textos ou arquivos, mas espaços claros onde as coisas se justapõem: herbários, coleções, jardins; o lugar dessa história é um retângulo intemporal, onde, despojados de todo comentário, de toda linguagem circundante, os seres se apresentam uns ao lado dos outros, com suas superfícies visíveis, aproximados segundo seus traços comuns e, com isso, já virtualmente analisados e portadores apenas de seu nome. FOUCAULT, 2002, p. 179).

Para pensarmos nas coisas, falarmos de coleções, iniciamos pelos gabinetes de curiosidades e museus que foram se espalhando nos séculos XVI, XVII e XVIII, destacando-se os gabinetes dos príncipes e de colecionadores particulares (BLOM, 2003). Na cidade de Paris do século XVII, já existiam 723 coleções que, na análise de Peter Burke, representaram a era da curiosidade (BURKE, 2003, p. 100-1004).

A curiosidade foi alavancada quando as expedições marítimas retornavam para a Europa carregadas de preciosidades com valor de uso misturados com objetos que representavam o novo, o exótico, as outras sociedades e climas (DANTAS, 2007, p. 214). Portanto, foram transformados em semióforos¹¹¹ nos gabinetes e museus, devido ao valor do significado de cada objeto¹¹² (POMIAN,

¹¹¹ Categoria criada por Pomian para designar os objetos carregados de significados. Em sua análise, o objeto perde o valor de uso e passa a valer por meio de sua relação entre o lado visível e o invisível.

¹¹² Sem quereremos entrar no debate museológico sobre diversas correntes teóricas apoiadas por metodologias que (sobre práticas e produções culturais) vão rumo à consolidação de rotas que unem objetos úteis à semióforos. Sobre o assunto, apontamos a publicação do MAST, de autoria de Maria Cristina Oliveira Lobo. Estudos de Cultura Material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. 2009, p. 14-25.

1997, p. 77) e essa temática vem proporcionando debates sobre a relevância dos estudos sobre coleções, inclusive científicas¹¹³.

Os museus, desde a Grécia Antiga, representavam a casa das nove musas: *Erato* (poesia lírica); *Enterpe* (música); *Calíope* (poesia épica); *Clio* (história); *Melpômene* (tragédia); *Polímnia* (canto solene); *Terpsícore* (dança); *Talia* (comédia) e *Urânia* (astronomia), filhas da deusa *Mnemosine* com *Zeus* (DANTAS, 2007, p. 214). A deusa *Mnemosine*, que simboliza a Memória, “lembra aos homens a recordação dos heróis e de seus altos feitos, preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem possuído pela memória” (LE GOFF, 2003, p. 433).

Na obra de João Carlos Pires Brigola, *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII* (2003, p. 211), o autor apresenta a diferença lexical entre as nomenclaturas – gabinete e museu – tendo sido ao longo do século XVIII, o museu associado à coleção, sendo analisado por seu conteúdo, e o gabinete era a edificação que o abrigava.

Nos fins do século XVIII, iniciou-se a consciência de que o “museu” necessita do tripé público, permanente e profissional, para ser caracterizado como tal, e o “gabinete” passou a se referir ao lugar dos colecionadores particulares, iniciados como gabinetes de curiosidades e especializados como gabinetes de história natural, constituídos durante o século XVII, e se caracterizam de modo científico e com o apoio de sábios e naturalistas profissionais. Ao evoluírem paulatinamente, originaram, em alguns casos, os museus nacionais (BRIGOLA, 2003, pp. 367-368 *apud* DANTAS, 2007, p. 214).

Durante os séculos XVI ao XIX os gabinetes de curiosidades foram sendo substituídos pelos museus científicos e os objetos que representavam o *diferente* deram lugar às peças representativas classificadas. “A nova curiosidade científica não se detém mais naquilo que é único e estranho, mas no que é exemplar” (KURY, CAMENIETZKI, 1997, p. 58).

Dessa forma, problematizamos os acervos do Museu Nacional, da segunda metade do século XIX, considerando as premissas teóricas e metodológicas do colecionismo científico/acadêmico concebidos sob o paradigma da história natural. (FABIAN, 2010, p. 73).

¹¹³ O debate vem se fortalecendo nas instituições científicas brasileiras, e como exemplo, destacamos os trabalhos do MAST, os estudos de Marcio Rangel sobre a coleção do entomólogo Costa Lima. Ver: A Construção de um patrimônio científico: a Coleção Costa Lima, 2009, p. 284-302.

É nesse capítulo da tese que vimos fortalecer a relevância da História das Instituições Científicas do Brasil, por meio da apresentação das coleções do Museu Nacional que participaram da Exposição Universal Internacional de Paris em 1889. Analisaremos seus objetos enquanto mediações das áreas do conhecimento desenvolvidas em seu interior, o *locus* das ciências.

3.2 AS COLEÇÕES CIENTÍFICAS DO MUSEU NA EXPOSIÇÃO DE 1889

O pavilhão brasileiro está rodeado de um jardim cheio de flores formosíssimas, com lindas grutas atapetadas de plantas exóticas, e a estufa mais preciosa do mundo, orgulhosa de suas palmeiras, bananeiras gigantescas e vistosas orquídeas. Num tanque, devidamente aquecido, ostenta-se uma *Vitória régia* do Amazonas. (D'ERVY in DUMAS & FOURCAUD, 1889, p. 522).

Já exemplificamos com alguns estudos em livros, artigos e teses (HARDMAN, 1988; WERNECK DA SILVA, 1989; TÓRTIMA, 1990; BARBUY, 1996, 1999; HEIZER, 2005) e com periódicos brasileiros (AUXILIADOR, 1889; REVISTA ILUSTRADA, 1889) que registram a participação do Brasil na Exposição francesa de 1889. Algumas publicações estrangeiras, específicas sobre a exposição, descrevem o Pavilhão do Brasil enfatizando a vitória-régia e demais espécimes da flora amazônica (ORY, 1989).

Constatamos que os autores brasileiros registram a participação do país no Pavilhão do Brasil, porém poucos citam a presença também na *Exposição Retrospectiva da Habitação Humana* – a Casa Inca – que contou com a coordenação do diretor Ladislau Netto para apresentar os artefatos dos índios brasileiros¹¹⁴.

O artigo de Heloisa Barbuy publicado nos Anais do Museu Paulista, sobre a participação do Brasil na Exposição de 1889, apresenta uma “visita guiada” aos três andares do Pavilhão do Brasil (BARBUY, 1996), o que nos facilitou na apresentação dos acervos levando em consideração os espaços detalhados pela autora.

Diante do exposto, iniciaremos pelo Pavilhão do Brasil.

¹¹⁴ O assunto será apresentado no próximo e último capítulo.

3.2.1 O Museu Nacional no Pavilhão do Brasil

E o Rio de Janeiro? Uma cidade curiosa, porém não bonita. Pobreza de monumentos verdadeiramente notáveis; ruas estreitas e mal empedradas, um palácio imperial muito feio, teatros e igrejas de mau gosto, e resto de índios vestindo roupas esfarrapadas. Todo o povo do Rio de Janeiro parece eternamente dedicado a não fazer nada; a verdade é que, segundo dizem os voluptuosos, a terra é tão fecunda, que pode alimentar muito bem os seus habitantes. Porém, esqueço que estamos em Campo de Marte e não do outro lado do Atlântico. O Brasil está representado por um pavilhão bastante importante, mas desprovido de todo estilo nacional. Construído por M. Dauvergne, arquiteto parisiense, tem, se admitimos, certa conexão com o antigo estilo espanhol. É um corpo de edifício com largas janelas rodeadas de azulejos, ladeados de proas e estátuas que mostram os rios do Brasil, dominado à esquerda por uma torre quadrada muito alta que acaba numa lanterna e terminado a direita em um globo terrestre, emblema oficial do Império. (D'ERVY in DUMAS & FOURCAUD, 1889, p. 522).

Selecionamos a narrativa de Francisco D'Ervy sobre o pavilhão brasileiro, pois apesar de iniciarmos com uma opinião negativa sobre o Rio de Janeiro, dentre outras informações, destacamos que o autor aponta a falta de um estilo nacional, devido a “hispanidade” do Pavilhão brasileiro. Entretanto, sobre o ponto de vista apresentado, concordamos com Barbuy (1996, p. 220-221) em sua análise de que, embora não representasse o estilo arquitetônico nacional, o palácio espelhava a imagem do Brasil como parte integrante da América Latina.

Nada de exótico na silhueta exterior do Palácio Brasileiro. "Os concorrentes serão livres, diz o programa do concurso, para dar a sua composição ao caráter arquitetural que acharem que convém a um edifício destinado a exposição de produtos naturais de um império latino e americano, particularmente rico em matérias primas de origem mineral e vegetal". Singular, problema, que o Sr. Dauvergne decidiu, para a sua grande honra, edificando um pavilhão elegantíssimo inspirado da arquitetura espanhola, contornado como um Trianon de estilo Louis XV, onde pode ser reconhecida a ênfase da arquitetura dos países do sol. (*LES MERVEILLES DE L'EXPOSITION*, 1889, p. 483).

O lado externo do Pavilhão do Brasil, caracterizado com 6 estátuas que representavam rios brasileiros, somados à esplendorosa vegetação em uma estufa de forma circular contendo uma estátua de jacaré em cada lado, proporcionava a curiosidade dos visitantes, pois a “natureza estava presente até do lado de fora do pavilhão brasileiro” (HEIZER, 2005, p. 96).

Fortalecemos o debate de que o Museu Nacional na Exposição Universal de 1889 apresentou suas amostras para representar as práticas científicas realizadas

na instituição. Nesse momento, apropriamo-nos da explicação de Patrick Petitjean, mesmo em outro contexto¹¹⁵, quando apresenta a base do papel dos museus como o “lugar outorgado às viagens e às expedições nas exposições internacionais que se multiplicam a partir da segunda metade do século XIX.” (PETITJEAN, 1996).

Em seus estudos, o autor parte da hipótese de que o final do século XIX representa o que chama de *mudança de perspectiva*, pois passa das atividades realizadas ao longo dos séculos XVII e XVIII (exploração, coleta e classificação) para a inserção dessas atividades alinhadas ao contexto político, econômico, social e cultural, “bem como nas formas de existência da comunidade científica concernente, suas motivações e a representação de seu trabalho”. (PETITJEAN, 1996, p. 89-90)

As práticas científicas do Museu Nacional eram desenvolvidas, em sua maioria, a partir das excursões visando a coleta, a classificação e a análise de diferentes materiais. Na esteira dos estudos de Petitjean, analisaremos a inserção do Museu Nacional, com as suas atividades científicas (um museu de história natural de caráter nacional), no evento de 1889, tentando identificar a *mudança de perspectivas* em nosso cenário brasileiro do final da segunda metade do século XIX.

Iniciamos nossa pesquisa por meio de catálogos, periódicos e relatórios (*GUIDE BLEU DU FIGARO ET DU PETIT JOURNAL*, 1889; *L'Exposition de Paris*, 1889; *Bulletin Officiel de l'Exposition Universelle*, 1889; O AUXILIADOR, 1888-1889) sobre o Brasil na Exposição Universal de Paris de 1889. Um primeiro ponto identificado foi a constatação de que alguns dos materiais expostos pelo Museu Nacional são citados sem necessariamente estarem associados ao nome da instituição¹¹⁶.

Com o intuito de identificar os objetos selecionados pelo Museu Nacional para a participação nessa exposição, iniciamos a investigação no periódico O AUXILIADOR (1888), visando levantar os objetos que participaram da prévia nacional em 1888. Entretanto, encontramos apenas a citação sobre a coleção de madeiras e informações sobre Ladislau Netto e o acervo etnográfico.¹¹⁷

¹¹⁵ O autor refere-se aos museus como catedrais da ciência colonial no século XIX em seu estudo que analisa o desenvolvimento das colônias francesas no período entre a Exposição Universal de 1889 e a Exposição Colonial de 1931, valorizando as atividades científicas na virada do século XIX.

¹¹⁶ O que dificultou a identificação da participação da área da Botânica na Exposição.

¹¹⁷ As informações sobre Ladislau Netto e o acervo etnográfico serão abordados no próximo capítulo.

Posteriormente, procuramos registros sobre o acervo do Museu nos periódicos que tratavam da Exposição francesa¹¹⁸, assim, identificamos na lista de premiações, os seguintes itens: minerais, as primeiras 7 publicações do periódico *Archivos* do Museu Nacional e a “magnífica exposição archeologica e ethnographica organizada no palácio do Amazonas pelo Sr. conselheiro Ladislau Netto”. (O AUXILIADOR, 1889; *L’AMERIQUE*, 1889).

Um aspecto a se registrar diz respeito a nossa vontade investigativa de analisar os documentos também das outras áreas do conhecimento existentes na instituição à época (paleontologia e zoologia), além daquelas já identificadas: botânica, mineralogia e antropologia, na tentativa de identificarmos alguns objetos que tivessem sido enviados ao evento francês de 1889 sem terem participado da prévia do Brasil em 1888¹¹⁹.

Portanto, numa perspectiva comparativa, investigamos os documentos existentes na SEMEAR¹²⁰ em busca de uma relação de objetos enviados ao certame francês para confrontarmos com os dados levantados nas leituras dos periódicos, guias, catálogos e relatórios. Foram encontradas listagens e documentos oficiais que nos auxiliaram na identificação de acervos que abordaremos a seguir.

3.2.1.1 O acervo da Seção de Botânica

Na sala do andar térreo e nas galerias dos dois andares, enfeitadas de flores, estão expostos cacaus, cafés, baunilha, açúcar e canas de açúcar, tabaco, mármore, amostras de madeiras, produtos manufaturados de todo tipo, alguns quadros bastante medianos e esculturas de escolares. As remessas agrícolas e as primeiras matérias exibidas testemunham os imensos recursos de um solo onde não escasseia nenhum tesouro, nem tampouco os diamantes e o ouro. (D’ERVY in DUMAS & FOURCAUD, 1889, p. 522).

No andar térreo do Pavilhão do Brasil, ficaram expostos os objetos que apresentavam a riqueza da terra, portanto, iniciamos nossa investigação pela *coleção de madeiras* da seção de botânica do Museu Nacional, identificada por um

¹¹⁸ Chefes de Estado do Brasil, Comissariado e Juri durante a Exposição de 1889, ver: APÊNDICE B.

¹¹⁹ Temos como exemplo, o próprio acervo antropológico organizado por Netto.

¹²⁰ Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional que detém a guarda de documentos da diretoria e dos departamentos/seções do Museu Nacional desde sua criação.

periódico, na frase: “está lá a mais bela coleção de madeiras – quarenta mil essências” (*Les Merveilles de l’Exposition*, 1889, p. 483).

Durante as leituras realizadas em *O Auxiliador* do ano de 1888¹²¹, encontramos a *coleção de madeiras* do Museu Nacional que participou da Exposição Preparatória Nacional de 1888, porém ao analisarmos o periódico de todo o ano de 1889 sobre as premiações da mesma exposição prévia (*O AUXILIADOR*, 1889, n. 11, p. 243-254), constatamos que a coleção não foi premiada (na exposição de 1889).

Nos relatórios sobre as premiações de 1888 (que saíram ao longo de 1890 no *O Auxiliador*), o vice-presidente da Comissão Central da Exposição Preparatória do Brasil para a Universal de Paris em 1889, justificou a indicação de coleções de outras instituições e particulares, assim identificamos, que a coleção de madeiras do Museu Nacional não recebeu aprovação para participar da Exposição de 1889.

O Museu Nacional, Instituto Fluminense de Agricultura, Serraria Bella-Vista, José Gomes Ribeiro de Avellar, Visconde de Cavalcanti, Barão do Serro Azul (Paraná), Francisco Jose Lepage (de Barbacena), João Baner (de Santa Catharina) e João de Souza Maíra exhibirão amostras de madeiras, entre as quaes acho em estado conveniente para ir à Exposição Universal de Pariz em nome do Brazil as collecções seguintes: da Serraria Bella-Vista (optima), do Instituto Fluminense de Agricultura (interessante pelo estado), Francisco Jose Lepage (notável pelas indagações scientificas), do Barão do Serro Azul (do Paraná) e de José Gomes Ribeiro de Avellar. (*O AUXILIADOR*, 1890, n. 09, p. 194).

A constatação nos causou curiosidade, por ser senso comum entre alguns pesquisadores do atual Departamento de Botânica do Museu Nacional (dentre outros pesquisadores da área), que uma histórica *coleção de madeiras* guardada (e não exposta) na instituição, figurou na Exposição Universal de Paris em 1889.

Recorremos ao catálogo da Exposição Universal (*Catalogue Officiel – Exposition Universelle de Paris 1889*) organizado pelo Comissariado Geral do Brasil e constatamos que as amostras de madeiras não estavam apresentadas por Províncias ou Instituições, mas por diferentes categorias que dificultaram a identificação da participação do Museu Nacional. (*EMPIRE DU BRÉSIL*, p. 1889).

O GRUPO V, Classe 42 referente aos Produtos de Exploração e de Indústria Florestal, contém as madeiras do Brasil e são apresentadas em diferentes formas

¹²¹ Conforme analisamos no capítulo anterior (capítulo 2) da presente tese.

representando Comissões¹²², Províncias e até mesmo pessoas físicas. Dentre os participantes, destacamos Cavalcanti com um total de 71 amostras de madeiras. (*EMPIRE DU BRÉSIL*, 1889, p. 64-84).

Já dissemos que o ex-diretor botânico Francisco Freire Alemão¹²³ presidiu a comissão de estudo e classificação de vegetais para compor a *coleção de madeiras* para o pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris de 1867, acompanhado por Ladislau de Souza Mello Netto (Diretor da Seção de Botânica), Custódio Alves Serrão e João Saldanha da Gama. Nessa publicação, foram identificadas 349 espécies classificadas contendo nome popular, nome científico, tipo de planta ou tronco, dimensões e o nome da Província. A catalogação destacava o tipo de madeira e sua aplicação, se era muito ou pouco procurada na construção (ALEMÃO; SERRÃO; NETTO e GAMA, 1867), o que fortalecia o interesse econômico na divulgação das madeiras brasileiras nesse tipo de certame.

Além disso, cabe ressaltar os estudos de Heloisa Maria Bertol Domingues em que apresenta as ciências naturais ligadas às políticas do governo imperial, em especial a agricultura compondo vitrines do país nas exposições ao longo da segunda metade do século XIX. Em seu estudo, Domingues também destaca as madeiras brasileiras na Exposição Universal de 1867. (DOMINGUES, 1995, p. 192-193).

Na publicação de Netto *Apontamentos relativos a Botânica applicada no Brasil*, o botânico apresenta conjunto de ideias tornadas pública no Brasil e na Europa (em especial, na França) sobre a importância do desenvolvimento de uma agricultura metódica em um país de vastas dimensões como o Brasil.

A base essencial e o lado por ventura mais importante de um cometimento deve ser a estatística de todas as madeiras de construção, a qual se conseguirá adstringindo-a a princípio o exame preciso do que produz cada uma das províncias, ou antes cada estação característica de por si, depois ampliando-a ao país inteiro (NETTO, 1871, p. 32).

¹²² Comissão brasileira de limites entre o Brasil e a República Argentina (*EMPIRE DU BRÉSIL*, 1889, p. 71).

¹²³ Freire Alemão participou da Comissão Científica de Exploração (1859-1861) responsável por explorar o interior de algumas províncias do Brasil, sendo que o relatório da seção de Botânica foi redigido por ele e seu sobrinho Manuel Freire Alemão de Cisneiros (1834-63). Sobre Francisco Freire Alemão de Cysneiros, ver: DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL (1832-1930). <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Sobre a trajetória científica de Freire Alemão, ver a dissertação de Rita de Cássia de Jesus Moraes, 2005.

Na mesma obra, o botânico registra sua impressão de que o governo não está interessado em realizar observações que comparem a flora com a natureza geológica do terreno, com a altitude do local e outros itens relevantes para a elaboração de uma agricultura metódica “ponto de partida de qualquer exploração agrícola de um país”. Dessa forma, apresenta a aplicabilidade dos estudos de botânica para o país em uma interrogativa:

O café, a canna, o fumo, o cacáo, o algodáo, estes sustentáculos de nossa lavoura e por conseguinte os motores de nossa prosperidade, não deverião ser submettidos de continuo á observação e á experiencia em todas as provincias do Imperio onde o clima e o terreno lhes fossem favoráveis? (NETTO, 1871, p. 33).

Dessa forma, podemos entender a relevância da apresentação das mostras de madeiras brasileiras em exposições como um retrato necessário da riqueza agrícola do país.

Ao montarmos o **Quadro 8**¹²⁴ sobre a participação do Museu Nacional e seu acervo em cada exposição nacional, universal e internacional ao longo do século XIX, já havíamos constatado que as amostras de *madeiras* e de *minerais* eram presenças consagradas nos certames em que a instituição participou. Entretanto, não havíamos encontrado nas correspondências (ofícios e avisos) da Diretoria do Museu, informações sobre o envio da *coleção de madeiras* da instituição na exposição de 1889.

A não existência de registro institucional explícito sobre a participação da *coleção de madeiras* do Museu Nacional no Catálogo da exposição parisiense de 1889 (mesmo sabendo da participação do acervo na prévia da corte em 1888) proporcionou uma nova investigação nos arquivos da SEMEAR em busca do livro de controle de “sahida” dos objetos do Museu. Como resultado do levantamento, encontramos anotação referente à seção de botânica na data de 6 de Julho de 1889, referente ao registro de saída da “coleção de madeiras do Brasil” para figurar na Exposição Universal de Paris (Figura 12).

Cabe ressaltar que não foram encontradas outras anotações sobre a participação da *coleção de madeiras* da seção de botânica do Museu Nacional no evento de 1889.

¹²⁴ Grifo nosso. O Quadro 8 foi composto pelas correspondências da Diretoria sobre acervos do Museu que participaram de diferentes exposições e encontra-se no Capítulo 2.

Sabendo que o atual Departamento de Botânica do Museu Nacional foi recentemente transferido para outro espaço físico dentro da Quinta da Boa Vista¹²⁵, fomos procurar a curadora do Herbário do Museu, professora Luci de Senna Valle, para saber da possibilidade de existência de informações sobre a *coleção de madeiras* que figuraram na Exposição Universal de 1889¹²⁶.

A curadora (em relato oral) garantiu a participação da *coleção de madeiras* do Museu na Exposição de 1889 e nos levou do Horto Botânico ao palácio do Museu Nacional, local em que as amostras estavam guardadas (ainda não foram transferidas para o novo prédio no Horto Botânico, por estarem ainda em processo de retirada do conservante nas amostras). A imagem que vimos foi uma grande caixa contendo aproximadamente 300 pedaços retangulares de madeiras em formato de pequenos livros com a identificação do tipo da madeira na lombada, conhecida como a “histórica coleção de madeiras do Museu Nacional que participou da Exposição Universal de Paris em 1889”. Assim, foi realizado registro fotográfico de parte da coleção. (Figura 13).

Esse formato de livros pequenos aparece nas descrições sobre produtos agrícolas contidas no relatório elaborado pelo delegado da província do Pará, o Barão de Marajó, designado para registrar suas impressões sobre a participação brasileira na exposição de 1889.

Em todo o circuito da salla, um grande número de bellas vitrinas, apresentavam aqui produtos agrícolas, em que figuravam o arroz, a mandioca em seus differentes estados e formas, alli numerosos legumes, o trigo que pela sua belleza causava admiração na Europa, mas adiante, não uma mas muitas colleções de madeiras de todas as províncias, dispostas de maneiras diversas, umas mais felizes do que as outras, algumas apresentando enormes pedaços de troncos, outras larguíssimas tábuas, aqui cada amostra tinha a **forma de um pequeno livro**¹²⁷, outras com formas de cubos, colleções havia que estavam dispostas como pyramides(...) O Rio de Janeiro e São Paulo mandaram bellas colleções; a que mandou o Pará era numerosa, mas mal preparadas, as amostras muito pequenas e irregulares, e sobretudo sem levarem os nomes inscriptos ou números com a relação a que estes se referissem. (MARAJO, 1890, p. 18).

¹²⁵ A Seção de Botânica foi transferida do prédio do Palácio do Museu Nacional para o conjunto de outras edificações da instituição no Horto Botânico, dentro da Quinta da Boa Vista ao longo de 2010.

¹²⁶ Essa visita foi realizada no final de 2010.

¹²⁷ Grifo nosso.

Ainda durante as explicações de Marajó sobre as coleções de madeiras que figuraram no Pavilhão do Brasil, ele destacou o acervo enviado pela Província do Ceará, por ter sido a mais “intelligentemente disposta”, pois para cada qualidade de madeira existia um pedaço do tronco em horizontal, com aproximadamente 22 centímetros de espessura. A casca estava mantida e partida ao meio, estando as duas metades ligadas “por uma dobradiça em um dos extremos, de modo que abrindo para os lados as metades se via a disposição de todas as camadas, a sua cor, a espessura da casca, a sua dureza, finalmente toda a estrutura do tronco.” (MARAJO, 1890, p. 18).

Diante dos registros, constatamos a preocupação dos expositores dos produtos agrícolas, em apresentar as amostras das riquezas naturais do país com qualidade, espalhadas pelo primeiro andar do Pavilhão do Brasil. Sem esquecer que o assoalho do piso do térreo era um mosaico de madeiras do Brasil (GUIDE BLEU, 1889, p. 172), “oferecido pelo Sr. Ignacio Tavares de Souza, estabelecido com serraria a vapor nesta corte.” (O AUXILIADOR, 1888, n. 11, p. 250).

Cabe destacar que o interessante era levar para Paris, conforme o perfil da mostra universal, os produtos caracterizados como industriais em um harmonioso pavilhão cercado de vegetações brasileiras. Pesavento sublinha que os empresários brasileiros desejavam que o pavilhão não tivesse um “aspecto silvícola, mas antes o de um rico visitante, que mostra apenas os mais brilhantes de seus bens”. (O AUXILIADOR, 1889, n. 1, Jan, 1889 *apud* PESAVENTO, 1997, p. 191).

Se o objetivo foi impressionar os visitantes com as riquezas naturais do país, o relatório de Marajó sobre os produtos agrícolas apresentados expressa a positiva participação desta seção no certame parisiense: “Esta nossa exposição pelos números de amostras que quase todas as províncias apresentaram, e pela sua beleza, creio que não achava competência em nenhuma outra nação.” (MARAJO, 1890, p. 18).

Voltando à investigação sobre as madeiras do Museu Nacional, cabe esclarecer que, em relação à arrumação dos produtos no Pavilhão, o telegrama da Comissão franco-brasileira recebido pela Comissão Central no Brasil (em 10 de Novembro de 1888) esclareceu que, devido ao pequeno espaço do Pavilhão, os produtos das diferentes províncias seriam expostos por grupo, conforme o sistema

de classificação do regulamento¹²⁸, e não por Províncias (O AUXILIADOR, 1888, n. 11, p. 250). Logo, na parte referente à exposição das madeiras brasileiras, o material seria diferenciado por suas características e não pelo nome da instituição (o que constatamos no Catálogo da Exposição).

Cabe destacar que a inexistência de uma identificação precisa dos produtos brasileiros enviados às exposições universais, dificuldades identificadas desde a participação no certame de 1862 (TURAZZI, 1995, p. 116-117) é constada pelo ineficiente registro do livro do Museu sobre o envio da coleção de madeiras enviadas à Exposição de 1889 sem maiores especificações sobre o material.

Assim, alguns pontos devem ser considerados para nos levar a crer que a *coleção de madeiras* do Museu Nacional não constou no catálogo oficial de 1889 como participação institucional (devido à classificação por características, conforme orientação da Comissão Franco-brasileira), porém consta no registro do livro de saída da seção de Botânica, somados à identificação do acervo preservado pela curadoria do Museu Nacional.

Outros pontos não podem ser esquecidos nessa abordagem de justificar a presença da botânica na exposição, como o fato de naturalistas do Museu terem participado da classificação da coleção de madeiras do Brasil para a Exposição Universal de 1867 (Freire Allemão, Ladislau Netto e Custódio Serrão), além disso, vimos que as madeiras e os minerais eram os materiais historicamente enviados pelo Museu para os certames universais.

Acrescido a essa panorâmica, lembramos que o diretor geral era um botânico e que desenvolvia “apontamentos relativos a Botânica aplicada no Brasil” desde o período em que esteve estudando na França, no laboratório botânico do Jardim das Plantas de Paris, em 1865 (NETTO, 1871). Portanto, não poderia deixar de representar a seção de Botânica no certame francês.

Em uma perspectiva que visa destacar a gestão do diretor geral da instituição acumulando o cargo de diretor da seção de Botânica, Netto passou a publicar seus estudos sobre a flora brasileira no periódico *Archivos do Museu Nacional*, criado pelo próprio por ocasião do Regulamento de 1876 do Museu Nacional, desde o primeiro número da Revista (ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL, 1876, p. 27-30), o que colabora com nossa abordagem de que a Botânica fazia parte do discurso oficial

¹²⁸ O sistema de classificação da Exposição Universal de 1889 foi traduzido e publicado por Heloisa Barbuy, 1999.

do diretor e não poderia ficar excluída da seleção para compor o acervo enviado do Museu Nacional para a Exposição de 1889.

O atual herbário¹²⁹ do Departamento de Botânica do Museu Nacional, primeiro no país, criado em 1831 pelo botânico alemão, Bernhard Moritz Carl Ludwig Riedel (1817-1881), foi transferido para o prédio novo do Departamento em 2007. É composto por 550.000 espécimes, cerca de 5.600 tipos nomenclaturais, coleções históricas de naturalistas e de membros da família imperial brasileira, bem como outras formadas ao longo de décadas.¹³⁰

Um herbário “funciona como uma biblioteca na qual ficam amostras de plantas que validam estudos científicos e servem de registro histórico” (ALVES, 2003).

A histórica *coleção de madeiras* do Museu Nacional, apresentada pela curadora do Herbário em 2010 no terceiro piso do palácio da instituição na Quinta da Boa Vista, em 2012 continua no mesmo local aguardando o tratamento adequado para a higienização do material envolvido em conservante químico¹³¹.

A *coleção de madeiras*, do atual Departamento de Botânica do Museu Nacional que figurou na Exposição Universal de Paris em 1889 não está representada nas salas das exposições do Museu Nacional. Cabe ressaltar que sua existência e resistência não é conhecida pela comunidade da instituição. A curadora do Herbário, professora Luci de Senna Valle, espera conseguir transferir a *coleção de madeiras* para o prédio novo, visando resignificá-la como acervo científico e histórico do Departamento de Botânica da instituição.

¹²⁹ Coleção de plantas preservadas e classificadas para estudos.

¹³⁰ Site do Herbário do Museu Nacional: <http://www.museunacional.ufrj.br/dptbot/herbario.html>.

¹³¹ Conservante tóxico de manipulação perigosa, conhecido popularmente como *pó da china*.

3.2.1.2 O acervo da Seção de Mineralogia¹³²

Não esqueçamos, senão a mais preciosa, ao menos a mais rara de todas as pedras que podemos ver, isto é, o famoso meteorito de Bendego, que caiu do céu em 1784: é' um tipo de bloco de mineral de ferro e de níquel, tendo a forma de uma grande tartaruga sem cabeça: ele pesa setecentos mil quilos, o que é um peso fascinante para uma pedra caída da lua... (*Les Merveilles de l'Exposition*, 1889, p. 483).

Ao darmos continuidade à busca de documentos na SEMEAR, no *livro de controle de saída* dos objetos do Museu Nacional, não identificamos¹³³ informações sobre o envio de minerais para a exposição de Paris, apesar de termos encontrado o registro do material no catálogo da Exposição de 1889 comprovando que o Museu Nacional enviou *minerais*. (*EMPIRE DU BRÉSIL*, 1889, p. 62; SANTOS, 2009, p. 84).

Cabe ressaltar que nesse registro do catálogo da Exposição não existe descrição detalhada sobre os minerais da instituição, consta apenas “minerais do Museu Nacional” e a informação sobre a premiação da medalha de prata está no periódico *O Auxiliador* (n. 10, Out., 1889, p. 246).

Independente de não termos encontrado documentos no Museu Nacional sobre o envio de minerais para o evento de 1889, para Grupo V, classe 41 (Produtos de Exploração de Minas e Metalurgia), cabe ressaltar a importância das amostras de minérios no evento e destacar que foram oriundas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco.

A dissertação de Paulo Coelho Santos aponta as exposições como “catalisador do setor mineral”, por terem proporcionado expansão de negócios, redes de articulação e ter mostrado “os limites tênues entre empresários, cientistas, negociantes, indústrias minerais, mercado internacional, público e privado.” (SANTOS, 2009, p. 257).

Dentre os documentos administrativos da direção e da seção de mineralogia do Museu Nacional¹³⁴, encontramos registros sobre a trajetória do meteorito de Bendegó do interior da Bahia para o Rio de Janeiro. São informações que narram a chegada e instalação do meteorito no Museu Nacional em 1888, além das análises

¹³² Antiga Terceira Seção – Mineralogia, Geologia e Paleontologia; atual Departamento de Geologia e Paleontologia.

¹³³ Grifo nosso.

¹³⁴ Guardados na SEMEAR/MN.

de Orville Derby publicadas no volume 9 dos *Archivos do Museu Nacional*. (DERBY, 1895, p. 89-184).

O Bendegó¹³⁵ representava o maior meteorito do mundo exposto em um museu no ano de 1889 e por sua dimensão, composição e história, participou (em réplica) no térreo do Pavilhão do Brasil na Exposição Universal em 1889¹³⁶. Parte integrante do acervo da terceira seção do Museu, o meteorito foi um objeto de estudos da instituição naquela época, o que justifica apresentá-lo como ícone dos meteoritos existentes no Museu Nacional e representado por réplica naquela Exposição.

Diante de seu peso de 5.360 Kg, uma réplica em madeira do meteorito foi confeccionada pelo Arsenal de Marinha e enviada à Paris pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro¹³⁷ para compor a exposição no Pavilhão do Brasil na mostra universal francesa de 1889 (O AUXILIADOR, 1889, n. 11, Mar, p. 49). Cabe destacar que a diretoria da Sociedade foi contemplada com medalha de prata pela participação da réplica no evento. (O AUXILIADOR, 1889, n. 11, Out, p. 246).

Em 29 de Janeiro de 1889, em sessão da Comissão Central de Exposição Preparatória para a Universal de Paris, foi lida carta do marquez de Paranaguá informando que providenciou o modelo em madeira do meteorito de Bendegó pelo Arsenal de Marinha da Corte, “com o intuito de fazê-lo figurar na secção brasileira da exposição universal de Pariz, juntamente com as photographias tiradas por ocasião das analyses feitas para o conhecimento da estrutura interna”, para que fossem enviados à Paris. (O AUXILIADOR, n. 1, Jan, 1889, p. 14).

O fragmento de meteorito foi encontrado em 1784 a 35 km da cidade de Monte Santo, no interior da Bahia. No ano seguinte, foi feita a primeira tentativa de remoção da pedra, porém a carreta providenciada para o deslocamento quebrou e o material foi parar no leito do rio Bendegó, local em que ficou abandonado por 100 anos. (VIDAL, 1945, p. 5).

¹³⁵ Sobre o Bendegó, ver: Wilton Carvalho; Débora Reis; Herbert Conceição; Elizabeth Zucolotto; Massimo D’Orázio. O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química, 2011.

¹³⁶ Uma breve análise sobre o meteorito de Bendegó foi apresentada no Congresso *Scientiarum Historia* IV e publicada no Livro dos Anais. O evento é organizado pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da UFRJ em 2011. Ver: Regina Maria Macedo Costa Dantas e Ricardo Silva Kubrusly. A Pedra que caiu do céu e foi para a Literatura de Cordel: considerações sobre o meteorito de Bendegó, p. 645-653, 2011.

¹³⁷ Sobre a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, ver o artigo de Luciene Pereira Carris Cardoso, 2010.

No entanto, em 1811, o químico inglês Aristides Franklin Mornay, contratado pelo governo da Bahia para realizar estudos a fim de encontrar fontes de água mineral, interessou-se pelo “mistério daquela pedra diferente”. Retirou pedaços da pedra e os enviou para a Sociedade Geológica Real de Londres para serem analisados por William Hyde Wollaston, que referendou a autenticidade do meteorito¹³⁸. Mornay “foi o primeiro a suspeitar que esta colossal massa de ferro e níquel tinha origem meteorítica” e publicou em 1816¹³⁹, suas considerações sobre o Bendegó na obra *An Account of the Discovery of a Mass of Native Iron in Brazil* (Bendego)¹⁴⁰. (MORNAY, 1816, p. 270-280 *apud* CARVALHO *et al*, 2011, p. 141).

Em um Brasil ainda colonial, em 1820, o meteorito às margens do rio Bendegó recebeu visita dos naturalistas Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868), botânico e de Johann Baptist Von Spix (1781-1826), zoólogo (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 234). Entretanto, somente a partir de 1883, por meio da atuação de Orville Adelbert Derby (1851-1915), diretor da Seção de Mineralogia do Museu Nacional, o governo imperial passou a ter preocupação em relação ao abandono do meteorito em local distante da Corte, pois o mineralogista alertava sobre o perigo “daquela pedra grande ser coberta por terra” (NUNES, 2009, p. 18).

O diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto fortaleceu os alertas de Derby quanto à necessidade de transportar o Bendegó para a Corte a fim de serem realizadas análises sobre o fragmento e para o meteorito ser exposto na instituição. As providências visando o deslocamento do Bendegó para o Rio de Janeiro foram tomadas ainda quando D. Pedro II (1825-1891) estava em Paris, em 1886, ao receber, por meio de membros da Academia de Ciências de Paris, a solicitação da transferência de Bendegó a um museu.

No ano seguinte, foi nomeada uma comissão pela Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, para coordenar os trabalhos referentes ao transporte do meteorito do interior da Bahia para a Corte do Rio de Janeiro.¹⁴¹

¹³⁸ Sobre a carta de Mornay, a comprovação de Wollaston e a confirmação de que uma rocha pode ser um meteorito, ver: Marcomedes Rangel Nunes. A Pedra do Bendegó, que veio do céu. 2009, p. 16.

¹³⁹ Publicou no periódico científico *Philosophical Transactions*, criado em 1866 pela *Royal Society* de Londres e específico para os assuntos científicos.

¹⁴⁰ Relato da Descoberta de um Corpo de Ferro Brasileiro (Bendego)..

¹⁴¹ Foi a Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, com o apoio do Governo Imperial, que empenhou esforços para enviar uma réplica em madeira para figurar no pavilhão do Brasil na Exposição de Paris em 1889.

No dia 7 de setembro de 1887, quando era comemorado o aniversário da Independência, iniciou-se o trabalho de remoção do meteorito, com uma solenidade cívica às margens do riacho Bendegó. Ergueu-se ali, um marco denominado “D. Pedro II” (...), em homenagem ao Imperador. Na ocasião, colocou-se dentro de uma pequena caixa de ferro um exemplar do termo de inauguração do trabalho de remoção e um exemplar do Boletim da Sociedade Brasileira de Geografia, que publicava um memorial sobre o meteorito. (ZUCOLOTTI, 2009).

Foi a Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, com o apoio do Governo Imperial, que empenhou esforços para enviar uma réplica em madeira para figurar no pavilhão do Brasil na Exposição de Paris em 1889. Cabe destacar que a Sociedade foi agraciada com medalha de prata por conta do envio da réplica.

Sabrina D. Silva, em sua dissertação sobre o Bendegó, destaca que a “identificação da anteriormente denominada ‘pedra’ como um meteorito por uma Sociedade europeia de Geologia no século XIX marcou sua inserção nos ‘discursos’ da ciência.” Portanto, toda uma “formação discursiva” oriunda da divulgação da autenticidade do meteorito culminou em sua transferência para o Museu Nacional em 1888. (SILVA, 2010, p. 113).

Ao analisarmos os documentos existentes na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/SEMEAR podemos acompanhar a chegada do meteorito, como por exemplo, o *Auto de recebimento do meteorito de Bendegó no Museu Nacional do Rio de Janeiro*¹⁴², registra que o material foi transportado ao meio dia de 27 de Novembro de 1888 para esta capital, “pela comissão encarregada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, composta do cidadão José Carlos de Carvalho [Tenente da Marinha de Guerra] e dos engenheiros Umberto Saraiva Antunes e Vicente José de Carvalho Filho.”¹⁴³

Nos livros de Ofícios da instituição constam informações sobre as despesas de seu transporte da Bahia para o Rio de Janeiro, custeado pelo Barão de Guahy (Joaquim Elycio Pereira Marinho), até a estação mais próxima da Estrada de Ferro da Bahia de São Francisco, com auxílios indiretos do Governo Imperial e os serviços gratuitos tanto da Companhia Inglesa da estrada de ferro quanto do vapor “Arlindo”.¹⁴⁴

¹⁴² Neste período, o Museu Nacional ficava localizado no Campo de Santana, no Centro do Rio de Janeiro. BR MN MN D9 27/11/1888.

¹⁴³ BR MN MN D9 RA 9/f 116.

¹⁴⁴ BR MN MN D9 RA 9/f 117.

A notícia da chegada do meteorito de Bendegó ao Museu é também registrada no Relatório do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1888:

Foi também ali recebido e depositado [no Museu Nacional] o notável holosidero do Bendegó, laboriosamente transportado do leito do riacho daquela denominação onde jazia na província da Bahia (...) tendo-se effectuado o transporte a expensas do Sr. Barão Guahy, ao travéz de longo percurso accidentado, e havendo exigido sumos esforços da parte da comissão que, dirigida pelo engenheiro José Carlos de Carvalho, prestou à sciencia este bom serviço. Com o peso de 5.360 kilogrammas, é o holosidero do Bendegó o maior de quantos existem em museus e outros estabelecimentos. (RELATÓRIO MINISTERIAL DO BRASIL, 1888, p. 46-47).

Cabe registrar que se encontra na Biblioteca Central do Museu Nacional o relatório de José Carlos de Carvalho, feito em 1888, sobre o complexo trabalho da expedição para o transporte do meteorito do interior da Bahia para o Rio de Janeiro. A obra é bilíngue (português e francês), traz a dedicatória do autor ao Museu Nacional e apresenta encadernação em couro verde gravado em dourado com o escudo imperial de armas ao centro (Figura 14).

A chegada da Comissão com o meteorito à Corte do Rio de Janeiro foi um evento que contou com a presença da Princesa Isabel (1846-1921). No Arsenal de Marinha¹⁴⁵ foi feito um corte para estudo de 60 kg (Figura 15), que posteriormente serviu para dividir o material¹⁴⁶ por 28 instituições acadêmicas e museus do mundo (Quadro 12).

Ainda no Arsenal foi confeccionada uma réplica em madeira para representar o maior meteorito do mundo (exposto em museu)¹⁴⁷ no Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Paris em 1889.

As despesas com a transferência do Bendegó do Arsenal de Marinha para o Museu Nacional (Campo de Santana) estão registradas no ofício do Diretor da 3ª.

¹⁴⁵ O prédio onde foi feito o corte era o antigo Armazém do Sal, atualmente abrigando as instalações do 1º Distrito Naval. Por muito tempo ali funcionou a "Oficina de Máquinas".

¹⁴⁶ Identificamos uma solicitação de 15 de Novembro de 1888 da presidência da província da Bahia encaminhando o pedido do Gabinete de História Natural do Liceu daquela província, solicitando uma lâmina do Bendegó (o meteorito ainda estava a caminho da Corte). BR MN MN RA 9/f 116. A réplica do corte do meteorito pode ser vista na exposição do Museu Nacional.

¹⁴⁷ Cabe ressaltar que um meteorito maior que o de Bendegó foi identificado dez anos depois, o *Cape York* de 36 toneladas, exposto no Museu de História Natural de Nova York e o maior do mundo (não exposto em museu) encontra-se na Namíbia, África e não pode ser removido.

Seção, Orville Derby, encaminhado ao conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, ministro interino dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas pedindo indenização pelos gastos com o transporte do meteorito.¹⁴⁸

A réplica em madeira enviada para a França, com o objetivo de compor o certame parisiense de 1889 e foi doada ao Museu de História Natural de Paris à pedido do diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, após o término da Exposição Universal. (O AUXILIADOR, 1890, n. 1, Jan, p. 4).

Cabe ressaltar que durante o período de 1888 até 1892, o meteorito de Bendegó esteve no Museu Nacional (no Campo de Santana) e, posteriormente, foi para o antigo Paço de São Cristóvão por ocasião da transferência do Museu Nacional do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista¹⁴⁹.

A publicação de Derby (1895) sobre o Bendegó no *Archivos* apresenta um histórico detalhado sobre o meteorito, seu deslocamento, sua composição, seu tamanho e resultados de análises químicas.

Toda a imprensa científica do mundo tem dado a este facto a importância que realmente merece, tanto mais que a estrutura interior da colossal massa de ferro meteórico apresenta particularidades dignas de nota e de estudo (RELATÓRIOS MINISTERIAIS DO BRASIL, 1888, p. 47).

Alda Heizer, em sua análise sobre a *Revue Scientifique (revue rose)* (1885-1959), identificou aproximadamente 74 revistas sobre ciências em circulação durante a segunda metade do século XIX e destaca:

É notável o número de editores (de revistas, livros, almanaques, enciclopédias) e de organizadores de exposições, congressos e conferências com propostas urgentes para que se incorporassem no dia-a-dia das pessoas as novidades da ciência e da técnica. Além disso, havia evidente preocupação com a circulação dos resultados dos andamentos dos estudos incluídos no cotidiano dos praticantes das ciências em diferentes tempos e espaços. (HEIZER, 2009, p. 2).

Destacou a imprensa como fator fundamental no acompanhamento e participação nos debates sobre a circulação dos resultados dos estudos, nesse

¹⁴⁸ BR MN MN D9 Ata 19/01/1889.

¹⁴⁹ Sobre a transferência do Museu Nacional para o Campo de Santana, em 1892, ver dissertação de Regina Maria Macedo Costa Dantas, 2007.

momento, ressaltamos a publicação do artigo de Stanislaw Meunier sobre o meteorito de Bendegó no periódico *La Nature*¹⁵⁰.

O artigo de Meunier, no periódico científico dirigido por Tissandier, apresenta um resumo da história e trajetória do meteorito com detalhes contendo datas que registram as fortes chuvas, interrupção por mal tempo, quebra de eixo em diferentes descidas e a chegada do meteorito ao mar para viajar rumo ao Rio de Janeiro. Meunier registra que o Bendegó está representado por um modelo em madeira no pavilhão brasileiro do Campo de Marte e destaca que o meteorito foi objeto de estudos desde que chegou ao Rio.

Em 1893, Stanislaw Meunier, responsável pela coleção de meteoritos do Museu de História Natural de Paris publicou um artigo destacando a relevância da presença da réplica no Pavilhão do Brasil no evento de 1889 e registrou que a mesma estava na galeria de meteoritos sob sua responsabilidade. (DERBY, 1895, p. 97).

Em análises apresentadas por Marcomedes R. Nunes, a espessura e a distribuição “das *lamelas* [lâminas finas] determinam a classificação de um meteorito que, no caso do Bendegó, sugere ser um octaedrito grosseiro, pois as *lamelas* apresentam uma espessura média de 1,8 mm”.¹⁵¹

Portanto, o Bendegó é um tipo de meteorito *siderito*, pois é constituído de 90% de ferro. Estudiosos das expedições já realizadas¹⁵² conseguiram identificar as coordenadas geográficas com objetivo de precisar e elaborar um mapa da localização do achado do meteorito e realizaram um levantamento geomagnético no local, na tentativa de encontrar outros pedaços do meteorito. (NUNES, 2009, p. 47-48).

Uma das reflexões das quais os cientistas se debruçam sobre os meteoritos diz respeito ao fator tempo. Os estudiosos partem da hipótese de que um meteorito vaga pelo espaço por aproximadamente um bilhão de anos até ser arremessado do corpo original e atraído pela força da gravidade terrestre (CARVALHO, 1995).

¹⁵⁰ Revista científica francesa criada em 1873 pelo aeronauta Gaston Tissandier (1843-1899).

¹⁵¹ Sobre análises químicas do meteorito de Bendegó, ver duas obras: Orville Derby em Arquivos do Museu Nacional, 1895 e Wilton Pinto de Carvalho; Débora Reis; Herbert Conceição; Maria Elizabeth Zucolotto e Massimo D’Orazio, O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química, 2011.

¹⁵² Marcomedes Rangel Nunes nos informa sobre a realização de duas expedições conjuntas (2002 e 2005) do Observatório Antares/UEFS, o Observatório Nacional/MCT e a Associação de Astrônomos Amadores da Bahia.

Destacamos o Museu Nacional como a instituição escolhida para receber o maior aerólito exposto em um museu no mundo (assim considerado na ocasião de seu transporte para a Corte), por representar o principal espaço de pesquisa científica na época. O envolvimento de alguns estudiosos da instituição na articulação da transferência do meteorito, somada à atuação dos membros da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. (SILVA, 2010, p. 113) também contribuiu para ancorar o objeto cósmico na instituição.

Durante a primeira metade do século XX, identificamos a utilização do Bendegó como símbolo de representação da instituição entre continuidades e descontinuidades. Utilizaremos como exemplo, a emblemática passagem de Albert Einstein pelo Museu Nacional, em 1925, fotografado ao lado do meteorito e acompanhado de representantes do Museu, da Academia Brasileira de Ciências, do Observatório Nacional e da Escola Politécnica¹⁵³ (Figura 16). A visita de cientistas e políticos ao Museu tinha como roteiro (quase obrigatório) o registro ao lado do meteorito de Bendegó no centro do *hall* de entrada das salas das exposições da instituição¹⁵⁴.

Em 1928, quarenta anos após a chegada do meteorito ao Museu Nacional, o vice-almirante José Carlos de Carvalho tirou uma foto com o diretor do Museu Nacional, Edgard Roquette Pinto (1884-1954), com o Bendegó entre eles, por ocasião do lançamento do livro de José Carlos sobre o meteorito e sua histórica remoção para o Museu Nacional (Figura 17).

Nestas duas imagens, o meteorito está localizado no *hall* de entrada das exposições do Museu, entretanto, durante o período de reformulação das salas das exposições, a diretora Heloísa Alberto Torres (1895-1977), em sua gestão (1937 e 1955), o Bendegó foi deslocado para a sala de meteorítica (ao lado esquerdo do *hall*) e perdeu o seu lugar de destaque na passagem obrigatória para as salas das exposições.

Em 2005, após longo período de esquecimento, depois de ter atravessado décadas de gerações administrativas da instituição, o meteorito finalmente retornou ao local original, para a parte central do hall de entrada do Museu¹⁵⁵ (Figura 18).

¹⁵³ A visita de Einstein à América do Sul foi propiciada por um conjunto de instituições argentinas que financiaram sua viagem. Sobre o assunto, ver: Alfredo Tolmasquin, Einstein, 2003.

¹⁵⁴ Entrada principal do prédio do Museu Nacional no antigo Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista.

¹⁵⁵ Seu deslocamento foi uma verdadeira saga que durou de 10h a 20h do dia 25 de Abril de 2005.

A partir dos estudos de Marcomedes Rangel, do Observatório Nacional/RJ, identificamos as réplicas do Bendegó no Brasil: no Museu do Sertão em Monte Santo (réplica em gesso); no Observatório Astronômico de Antares/UEFS em Feira de Santana/BA e no Museu geológico da Bahia/BA (ambas as réplicas em papel *maché*, com revestimento aborrachado).

Rangel ao analisar a história do Bendegó e sua repercussão no exterior, por ocasião do envio da réplica em madeira para Exposição de 1889, reencontrou-a no *Palais de La Découverte* em Paris (Figura 19). Em 1937, o material havia sido transferido do Museu de História Natural de Paris para o *Palais de La Découverte* por ocasião de sua inauguração.

Devido à falta de documentos no Rio de Janeiro até o momento sobre a réplica, fizemos consulta ao *Palais de la Découverte*¹⁵⁶ e recebemos a resposta de que se trata de um material que parece ser madeira de *chêne* (carvalho).

O físico Marcomedes Rangel Nunes (1951–2010) era o pesquisador do Observatório Nacional que dialogávamos sobre o meteorito de Bendegó e a pesquisadora Elizabeth Zucolotto é o nosso contato sobre meteorítica no Museu Nacional. Durante a elaboração da pesquisa, em agosto de 2010, foi marcado um encontro no Museu Nacional com Marcomedes para discutirmos sobre o meteorito na presente pesquisa do doutorado. No dia marcado (12/08/2010), pontualmente estávamos a sua espera, porém ele não apareceu. Os amigos do Museu tiveram dificuldades em explicar que, pela primeira vez, ele não chegaria conforme o combinado. Em 28 de Julho de 2010, “Marcometa” foi brilhar em outro lugar.

A história do maior meteorito encontrado no Brasil é também marcada pela rebeldia da população, pois dois anos após a sua retirada, uma grande seca na região de Monte Santo fez com a comunidade destruísse o marco/obelisco de d. Pedro II colocado no local do deslocamento do meteorito, acreditando ter sido consequência de uma maldição.

O meteorito foi citado por Euclides da Cunha, em seu livro *Os Sertões*, publicado em 1902, quando tropas foram invadir Canudos e acamparam na cidade de Monte Santo:

¹⁵⁶ O contato foi realizado com o chefe do departamento de Astronomia Física, Denis Savoie, do *Palais de la Découverte*, com o auxílio do historiador Roberto Khatlab da *Université Saint-Esprit de Kaslik/USEK* do Líbano.

Nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para o definir: Martius por lá passou, com a mira essencial de observar o aerólito, que tombara à margem do Bendegó e era já, desde 1810, conhecido nas academias europeias, graças a F. Mornay e Wollaston. (NUNES, 2009, p. 48-49).

O fragmento meteorítico ainda é conhecido na região como *Pedra do Bendegó* e o descontentamento em relação a sua retirada do local é registrado, inclusive, na literatura de Cordel – *A saga da Pedra do Bendegó*. Constituída de 28 estrofes que narram o transporte do meteorito e traduz a insatisfação popular – um cordel de protesto.¹⁵⁷ (APÊNDICE C).

Durante a elaboração da pesquisa sobre o meteorito, recebemos da direção do Museu Nacional/UFRJ uma mensagem, via internet, que continha o seguinte texto (anexo, o informativo Mineral): o “Conselho Nacional de Política Cultural CNPC, reunido em Sessão Ordinária nos dias 7 e 8 de Julho de 2011, recomendou que se promova o retorno do meteorito de Bendegó para o sertão de Canudos na Bahia”. Não tivemos coragem de perguntar sobre maiores detalhes referentes à informação recebida (Figura 20).

A história deste objeto interliga ciências, artes, tecnologias e religiões. Revisitar o meteorito de Bendegó é poder proporcionar a reflexão sobre as dificuldades de seu transporte, suas soluções tecnológicas, a réplica como representação dos estudos mineralógicos, a perpetuação de sua história na cópia dos seus objetos replicados, a adoração e sacralização do meteorito e o fortalecimento de seu lugar de pouso como lócus de ciências.

Motivados por Michel Serres, desenvolvemos uma análise histórica vista de trás pra frente (SERRES, 2011), pois foi a partir da réplica enviada à França que problematizamos o objeto como exemplo das práticas científicas do Brasil no século XIX.

¹⁵⁷ Na publicação de Orville Derby (1895), página 103, identificamos um cordel de título “Aquele Pedra Quilá”, datado de 1872 e elaborado em Monte Santo. Derby destaca sua curiosidade pelo material devido ao primeiro verso se referir a queda de um meteorito no Bendegó e o terceiro verso cita a remoção, porém a data indicada para a descoberta do meteorito é 1874. Assim, o autor aponta uma dúvida sobre a autenticidade da data do material. Aproveitamos a oportunidade para registrar que a pedra continua sendo citada em escritas poéticas e cantada como “talismã do sertão” e a palavra Quilá sofreu transformações até chegar à Cuitá – “pedaço de ferro caído do céu, na linguagem dos índios, segundo a interpretação do escritor e folclorista brasileiro Afrânio Peixoto[1876-1947]”. Citação de Wilton Carvalho sobre Bendegó em palestra proferida em Lisboa em 2001. <http://www.triplov.com/alquimias/wilton.htm>. A palavra Cuitá e sua relação com o meteorito de Bendegó é encontrado na música do cantor e compositor Claudio Barris (Auá/BA). <http://www.palcomp3.com/audiobarris/>.

O assunto sobre *minerais* para o Museu Nacional é de forte relevância tanto histórica, pois o primeiro diretor da instituição foi um mineralogista – Frei José da Costa Azevedo (1763-1822), quanto científica, devido à atuação de Orville Derby à frente da Terceira Seção¹⁵⁸.

O meteorito de Bendegó faz parte do acervo do Museu Nacional/UFRJ e continua sendo o maior dentre os 57 exemplares que constituem a coleção brasileira de rochas e fragmentos de ferro de origem espacial. Além disso, ele ocupa a 16ª “posição entre as maiores massas individuais catalogadas em todo o mundo” (CARVALHO; RIOS; CONCEIÇÃO; ZUCOLOTTO e D’ORAZIO, 2011).

Quadro 12 Distribuição das amostras do meteorito de Bendegó pelo mundo

Instituição Hospedeira	Cidade/Estado	País
Instituto de Planetologia (Institut für Planetologie)	Munster	Alemanha
Instituto Max-Plank de Química (Max-Plank Institut für Chemie)	Mainz	Alemanha
Museu de História Natural (Museum für Naturkunde)	Berlim	Alemanha
Museu Reino dos Cristais – Coleção Estadual Bávara de Mineralogia (Museum Reich der Kristalle – Mineralogische Staatssammlung München)	Munique	Alemanha
Universidade de Tübingen (Universität Tübingen)	Tübingen	Alemanha
Museu da Prata (Museu de La Plata)	La Plata	Argentina
Museu de História Natural (Naturhistorisches Museum)	Viena	Áustria
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas	Ouro Preto, MG	Brasil

¹⁵⁸ Diretor da Terceira Seção: Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral.

Museu de Geociências da Universidade de São Paulo	São Paulo, SP	Brasil
Museu de Mineralogia Prof. Djalma Guimarães	Belo Horizonte, MG	Brasil
Museu Geológico da Bahia	Bahia, BA	Brasil
Museu Nacional	Rio de Janeiro, RJ	Brasil
Serviço Geológico do Canadá (Geological Survey of Canada)	Otawa	Canadá
Museu Geológico – Universidade Kobenhavns (Geologisk Museum – Kobenhavns Universitet)	Copenhage	Dinamarca
Museu Nacional de História Natural (Museum National d’Histoire Naturelle)	Paris	França
Museu Húngaro de História Natural (Magyar Természettudományi Múzeum)	Budapeste	Hungria
Pesquisa Geológica da Índia (Geological Survey of India)	Calcutá	Índia
Museu de História Natural (Natural History Museum)	Londres	Inglaterra
Museu do Observatório do Vaticano	Vaticano	Itália
Academia de Ciência da Rússia (The Russian Academy of Sciences)	Moscou	Rússia
Fundação de Estudos Planetários (Planetary Studies Foundation)	Galena, IL	USA
Museu Americano de História Natural (American Museum of Natural History)	New York, NY	USA
Museu de História Natural (Field Museum of Natural History)	Chicago, IL	USA
Museu Nacional dos Estados Unidos (United States National Museum)	Washington, DC	USA
Universidade Cristã do Texas (Texas Christian University)	Fort Worth, TX	USA
Universidade da Califórnia em Los Angeles (University of California at Los Angeles)	Los Angeles, CA	USA

Universidade do Novo México (University of New Mexico)	Albuquerque, NM	USA
Universidade Estadual do Arizona (Arizona State University)	Tempe, AZ	USA

Fonte: CARVALHO; RIOS; CONCEIÇÃO; ZUCOLOTTO e D'ORAZIO. 2001.

3.2.1.3 A publicação *Archivos do Museu Nacional*

A revista trimestral *Archivos do Museu Nacional*, foi destinada a inventariar e patentear as colleções do mundo, já bastante importantes, e a publicar de preferência estudos e trabalhos originaes concernentes aos vários ramos das sciencias naturaes... (RELATORIO MINISTERIAL, 1876, p. 79).

Na reformulação do Museu Nacional implantada por Netto no Regulamento de 1876, destacamos a criação do periódico *Archivos do Museu Nacional*. O próprio diretor havia lançado, no ano de 1870, seu livro *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro* contendo a história da instituição desde sua criação e as coleções da instituição apresentadas por salas das exposições.

Em relação ao *Archivos*, a intenção de Netto foi elaborar uma publicação que estreitasse a ligação entre a instituição científica e a população, conforme identificamos na apresentação do primeiro volume do periódico:

E pois que ao povo nos dirigimos, ao povo em quem de todo se não extinguiu a centelha da imaginação e o balsamo da esperança; ao povo, finalmente, que as flores classifica pelo perfume e pelas cores e as aves pelas suas melodias, bem era que n'um sigello discorrer o tratássemos sobre assumptos que a sciencia, de ordinário não cuidosa de instruí-lo, costuma revestir de formas e caracteres para elle indecifráveis. (NETTO, 1870, AO LEITOR).

Nesse século, multiplicavam-se na Europa e nos Estados Unidos as sociedades, escolas e museus ligados às ciências naturais, que iniciavam suas especializações e encontraram nas publicações o melhor meio de comunicação. Ao longo dos anos, se tornaram o “instrumento privilegiado do diálogo do mundo científico.” (LOPES, 1997, p. 182).

No relatório da direção do Museu Nacional, referente ao ano de 1874¹⁵⁹, Netto enfatizou a importância da publicação como ferramenta para fortalecer as letras e as ciências em âmbito nacional e tornar público os resultados para os países estrangeiros como garantia do progresso intelectual do Brasil. (NETTO, 1874, p. 9).

No mesmo relatório, o diretor justificou a criação da revista científica, cuja relevância é claramente identificada por sua contribuição para o desenvolvimento das ciências naturais no país, colocando-a como desdobramento dos cursos públicos¹⁶⁰.

Nestas lições verdadeiras conferencias scientificas ao alcance de todos, os professores do Museu terão em vista não só a exposição dos últimos progressos das sciencias em geral senão também e particularmente a explicação do que é mais peculiar a natureza do Brasil. Este meio, porém, que parece suficiente para douctrinar o publico em disciplinas que tamanhas e tantas applicações encontram em todas as occupações da sociedade, não basta, a meu ver, como expositor e interprete perante o mundo scientifico de quaesquer investigações feitas pelo pessoal tecnico do Museu Nacional. Um jornal, órgão deste estabelecimento e verdadeiro archivo das locubrações de seus professores, que o mesmo fora dizer, do progresso da história natural no Brazil, conviria que fosse esse interprete e esse expositor. (RELATÓRIOS DA DIRETORIA, 1874, p. 9).

No relatório de 1875, Netto apresentou sua preocupação com o conteúdo das matérias oferecidas nos cursos públicos. O importante era que fossem oferecidos para todas as classes da sociedade “e empregando ou a demonstração *in natura* ou graficamente em larga ampliação dos objectos, (...) que trato desde já de organizar para cada uma das aulas.” (RELATÓRIOS DA DIRETORIA, 1875, p.10).

Nesse cenário, foi criada em 1876 a primeira publicação da instituição científica, o *Archivos do Museu Nacional*, com o propósito de ser trimestral (Figura 21). Em seu primeiro volume, identificamos a relação dos 44 membros correspondentes (entre nacionais e estrangeiros) do Museu¹⁶¹, dentre eles, destacamos: Charles Robert Darwin¹⁶² (1809-1882), Jean Louis Armande de Quatrefages de Bréau¹⁶³ (1810-1892) e Charles Frederick Hartt¹⁶⁴ (1840-1878). A

¹⁵⁹ Período em que o Museu estava subordinado ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

¹⁶⁰ Sobre os cursos públicos, ver: Magali Romero Sá e Heloisa Bertol Domingues, 1996.

¹⁶¹ Apenas três são brasileiros: Visconde de Bom Retiro; D.S. Ferreira da Penna e Thomas Coelho de Almeida.

¹⁶² Naturalista britânico estudioso da evolução das espécies.

¹⁶³ Naturalista e antropólogo francês, professor do Museu de História Natural de Paris desde 1855.

variedade dos correspondentes caracterizou a relevância dos assuntos abordados e fortaleceu a atividade de permuta entre as instituições científicas internacionais.

Após a relação dos membros correspondentes, os nomes dos três responsáveis pela redação da publicação aparecem: Srs. Ladislau Netto¹⁶⁵, Charles Hartt¹⁶⁶ e Carlos Luis Saules Junior¹⁶⁷, pois pelo Regulamento do Museu, os redatores deveriam ser o diretor, um diretor de Seção e um sub-diretor. Posteriormente, identificamos a relação dos responsáveis por cada Seção da instituição e a apresentação do Decreto n. 6116 de 9 de Fevereiro de 1876 referente à reorganização do Museu Nacional.

Após análise dos dez primeiros volumes e com apoio de outros estudos¹⁶⁸ não foi difícil visualizar que o destaque para a Antropologia e Arqueologia foi dado nos volumes inaugural e no de número 6 (volume especial) que ainda analisaremos.

Os artigos do primeiro volume mostram o conteúdo do periódico por meio dos renomados autores participantes (ARCHIVOS, 1876).

- Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. Carlos Wiener
- Nota sobre algumas tangas de barro cosido dos antigos indígenas da Ilha de Marajó. Carlos Fred Hartt
- Estudos sobre a evolução morphologica dos tecidos nos caules sarmentosos. Ladislau Netto
- Nota descriptiva de um pequeno animal extremamente curioso e denominado *Batrachyichthis*. Dr. Pizarro
- Acção physiologica do Urari. Dr. Lacerda Filho
- Descripção dos objectos de pedra de origem indígena conservados no Museu Nacional. Carlos Fred Hartt
- Contribuições para o estudo anthropologico das raças indígenas do Brazil. Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto
- Contribuições para o estudo anthropologico das raças indígenas do Brazil. Nota sobre a conformação dos dentes. Lacerda Filho
- Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. Domingos S. Ferreira Penna
- Computo geral das colleções zoológicas existentes no Museu Nacional. Mammalogia
- Computo geral das colleções zoológicas existentes no Museu Nacional. Ornithologia

¹⁶⁴ Geólogo canadense-americano foi coordenador da Comissão Geológica do Império do Brasil no período entre 1875-1877.

¹⁶⁵ Diretor Geral do Museu e diretor da Segunda Seção: Botânica.Geral e Aplicada e Paleontologia Vegetal.

¹⁶⁶ Diretor da Terceira Seção: Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral, até 1878, quando foi substituído por Orville Derby.

¹⁶⁷ Sub-diretor da Terceira Seção.

¹⁶⁸ Lillian Schwarcz fez uma análise da revista *Archivos do Museu Nacional* de seus artigos por tema nos anos de 1876 a 1926, ver: Schwarcz, 1993.

Identificamos a presença de Netto com estudo na área de botânica e destacamos as análises antropológicas do médico João Batista de Lacerda Filho¹⁶⁹ (1846-1915) para analisar os botocudos no olhar biológico e físico, de acordo com o perfil da instituição, mais voltada para as análises das ciências naturais, pautadas nos modelos de craniometria. (SCHWARCZ, 1993, p. 72-75).

Na análise de Schwarcz, 78% das publicações nos primeiros 24 anos da revista foram dedicadas às ciências naturais (zoologia, botânica e geologia) contrastando com a menor quantidade de artigos de antropologia e arqueologia. (SCHWARCZ, 1993, p. 72-73).

O volume sexto da revista, publicado em 1885, foi consagrado à Exposição Antropológica Brasileira¹⁷⁰, realizada no Museu Nacional em 29 de Julho de 1882.

Estava no interesse intellectual do Brazil e era de seu stricto dever collocar-se na primeira linha das nações americanas que mais a peito emprehenderam o estudo das gerações, a quem antes de Colombo fora, por séculos sem conta, avassalado este vasto continente. E ao Museu Nacional, o paladino das sciencias naturaes, no Imperio Brasileiro, devia caber tamanha glória. (ARCHIVOS, 1885, Prefácio).

O êxito da Exposição Antropológica Brasileira e a constatação de Netto que o catálogo foi insuficiente para registrar o evento, “fazia-se mister mais solene ou mais larga commemoração; exigia-se um novo testemunho escripto desse auspicioso certamen...”, dessa forma, ficou acertado que o volume VI do *Archivos do Museu Nacional* seria consagrado à exposição. (ARCHIVOS, 1885, Prefácio). A edição especial foi lançada três anos após a inauguração do certame nacional.

Constatamos que a edição teve o propósito de complementar a exposição e foi constituída por quatro capítulos. O primeiro, “Contribuições para a Ethnologia do Valle do Amazonas” (ARCHIVOS, 1885, p. 1-175), de Carlos Hartt, foi uma coletânea de fragmentos organizada e complementada pelo seu discípulo Orville Derby¹⁷¹, pois Hartt havia falecido. O geólogo faleceu em 18 de Março de 1878, quatro anos antes da inauguração da exposição, porém sua contribuição etnológica sobre a região amazônica foi registrada nessa publicação de 1885.

¹⁶⁹ Diretor da Primeira Seção do MN: Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal.

¹⁷⁰ A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 será analisada no próximo capítulo.

¹⁷¹ Diretor da Terceira Seção do MN: Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral.

O segundo e o terceiro capítulos foram elaborados por João Baptista de Lacerda (1846-1915) com os estudos sobre “O homem dos Sambaquis: contribuição para a anthropologia do Brazil” (ARCHIVOS, 1885, p., 176-204) e por José Rodrigues Peixoto, “Novos estudos craneometricos sobre os Botocudos” (ARCHIVOS, 1885, p. 205-256).

O restante da publicação, equivalente à metade do periódico, foi reservado à Ladislau Netto com suas “Investigações sobre a Archeologia Brasileira” (ARCHIVOS, 1885, p. 257-555). É na apresentação de seu longo capítulo que Netto aborda o início de suas preocupações em reunir no Museu o maior número de objetos para o estudo “dos primitivos habitantes do solo brasileiro” iniciado em 1867. Em continuidade à descrição do desenvolvimento de seu interesse pelo assunto, Netto deixa registrado que suas investigações despertaram a atenção da Sociedade Vellosiana e os jornais da época em 1870.

Quando Netto apresenta o aumento do número das “antiquidades aborígenes”, em 1880, com a variedade de objetos oriundos das escavações na região do Amazonas realizadas por, principalmente, Ferreira da Penna, destaca que visitou o local com o auxílio de Penna e enriqueceu o acervo do Museu Nacional. o que o motivou para a organização da Exposição Antropológica Brasileira em 1882. Sobre a ideia de realizar a publicação, ele relata:

(...) Eu, porém, sentia-me exausto de labutações e de indizíveis contrariedades, parte das quaes devida a deficiência de elementos indispensáveis a publicações d'esta natureza; deficiência que tentei supprir, desenhando eu mesmo o mais difficil das illustrações que ahi se acham e melhorando pelo conselho e pelas exigências constantes, o trabalho da xylographia até hoje sem animação entre nós. Urgiam além d'isso as missivas de fora e dentro do paiz a pedirem-me esta publicação, que se sabia consagrada á Exposição Aulthropologica, ha muito encerrada;(...). (ARCHIVOS, 1885, p. 258).

O volume VII do *Archivos* também¹⁷² prestou homenagem à memória de Carlos Frederico Hartt por meio da publicação de seus apontamentos reunidos e analisados por Charlie A. White¹⁷³, oriundos das coleções da Comissão Geológica

¹⁷² Cabe lembrar que a primeira parte do volume VI foi dedicada ao estudo etnográfico de Hartt complementado por Derby.

¹⁷³ Paleontologista da Comissão Geológica e diretor de paleontologia do Museu Nacional dos Estados Unidos

do Brasil¹⁷⁴ da qual Hartt foi o chefe¹⁷⁵, com o título “Contribuições à Paleontologia do Brazil”. O periódico foi totalmente dedicado à Hartt, diagramado com textos em português e inglês e contendo estampas do acervo analisado (ARCHIVOS, 1887).

Nesse momento, cabe destacar o *Regulamento do Museu Nacional* de 9 de Fevereiro de 1876 (Decreto n 6.116), em seu Capítulo IV, sobre as publicações, pois garantia a permuta entre instituições nacionais e internacionais:

Será remetida gratuitamente a revista às bibliothecas e estabelecimentos scientificos e litterarios do Império, fundados pelos poderes públicos ou por iniciativa particular, e bem assim às bibliotecas e estabelecimentos estrangeiros com os quaes mantenham o Museu relações ou convenham estabelecel-as. Igual remessa poderá ser feita as redacções dos periódicos e revistas nacionaes e estrangeiras. (LACERDA, 1905, p. 42)

No prefácio do volume VII, Netto prognostica em dizer que o periódico irá proporcionar o aumento do triunfo do Museu, instituição que já gozava de elevado conceito entre os institutos congêneres. (ARCHIVOS, 1887, PREFÁCIO).

Portanto, ao analisarmos o final do volume VII, Identificamos a relação detalhada de 268 cidades distribuídas por 28 países e contendo seus diversos títulos de periódicos que permutavam com os *Archivos do Museu Nacional*. Dessa forma, constatamos que o periódico científico brasileiro tinha conquistado expressiva circulação naquela época.

Com o intuito de apresentar o desenvolvimento da circulação do periódico em permutas (nos sete primeiros volumes) com outras publicações/cidades, acompanhamos a seção “Bibliografia” localizada ao final de cada edição. Trata-se da relação das publicações recebidas em permuta com os *Archivos* apresentada em ordem alfabética das cidades envolvidas. (Quadro 13).

¹⁷⁴ Criada em 1875 para elaboração do mapa geológico do país, sua dissolução em 1878 é assunto polêmico abordado por Marcus Vinicius de Freitas, 2002. Ver também: Nelson Sanjad, 2004 e Silvia Figueiroa, 1994.

¹⁷⁵ Após o falecimento de Hartt e ao consequente término da Comissão, a coleção ficou sob a responsabilidade de Derby à frente da Seção de Geologia do Museu Nacional.

Quadro 13 – Total de cidades envolvidas em permutas com os *Archivos*

Volume/ano	Total de cidades
Volume II (1877)	48 cidade
Volume III (1878)	61 cidades
Volume IV (1879)	52 cidades
Volume V (1880)	78 cidades
Volume VI (1885)	0
Volume VII (1887)	268 cidades

Nesse exercício, ignoramos logicamente o volume I e acompanhamos o aumento das cidades nas permutas com o periódico do Museu nos demais volumes até o sétimo. Constatamos que após a divulgação do volume VI, consagrado à Exposição Antropológica de 1882, o periódico ganhou expressiva visibilidade. Esse aumento foi identificado no volume VII, pois a relação das publicações recebidas em permuta com os *Archivos* deixaram de ser divulgadas em ordem alfabética por cidades e passaram a ser apresentadas por continentes/países com suas respectivas cidades¹⁷⁶.

Portanto, a iniciativa de Netto em reservar um volume consagrado à Exposição Antropológica de 1882 no periódico científico brasileiro, somados aos volumes anteriores (I – V) e ao volume VII (publicado em 1887), nos faz crer que esses elementos foram determinantes para ele expor os volumes¹⁷⁷ no Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de 1889 em Paris. Como resultado, o conjunto de periódicos do *Archivos do Museu Nacional* foi premiado com medalha de ouro¹⁷⁸ (Figura 22).

¹⁷⁶ O volume VIII foi publicado somente em 1892, durante a gestão do botânico Amaro Ferreira das Neves Armond (1892-1893).

¹⁷⁷ O volume VIII foi publicado tardiamente em 1892 sob a direção geral interina de Neves Armond.

¹⁷⁸ O diploma foi redescoberto em estado de pouca conservação.

Quadro 14 – Conjunto das publicações premiadas do Museu Nacional na Exposição Universal de 1889

	Volume	Ano
<i>Archivos do Museu Nacional</i>	Volume I	1876
<i>Archivos do Museu Nacional</i>	Volume II	1877
<i>Archivos do Museu Nacional</i>	Volume III	1878
<i>Archivos do Museu Nacional</i>	Volume IV	1879*
<i>Archivos do Museu Nacional</i>	Volume V	1880*
<i>Archivos do Museu Nacional</i>	Volume VI	1885
<i>Archivos do Museu Nacional</i>	Volume VII	1887

* Volumes publicados em 1881.

Diante do exposto, podemos constatar que ao lermos o *Archivos do Museu Nacional*, identificamos a participação dos membros correspondentes e suas notícias nacionais e internacionais sobre as ciências desenvolvidas, informações sobre o catálogo das coleções, porém, destacamos as investigações e trabalhos realizados no âmbito do Museu, o que nos auxilia na apresentação dos objetos que participaram da Exposição de 1889.

A partir da análise de Heizer, sobre os periódicos que circularam na França durante a segunda metade do século XIX, as Exposições Universais (especialmente a exposição francesa de 1889) são apontadas como tema mais abordado (HEIZER, 2009).

A Revue Scientifique (revue rose) (1885-1959), foi lida durante toda a segunda metade do século XIX, assim como as *La Nature*, *La Terre*, *Les Sciences Populaire*, *La Science Pour Tous*, só para citar algumas das cerca de 74 revistas desta natureza em circulação na França no período em estudo. (HEIZER, 2009, p. 2).

Dessa forma, sublinhamos que a premiação do *Archivos do Museu Nacional*, com medalha de ouro, fortalece a relevância da publicação científica da instituição na participação do evento francês. Todavia, durante a investigação e em reuniões no

Museu, constatamos que tanto a direção da instituição quanto os responsáveis pela Biblioteca Central do estabelecimento científico desconheciam a informação sobre a premiação do periódico.

O diploma da medalha de ouro, referente aos 7 primeiros volumes do *Archivos*, conferido ao “Museu Nacional do Rio de Janeiro”, encontra-se guardado na SEMEAR/MN (pela participação no Grupo II, Classe 8 – organização, métodos e material de ensino superior) e representa o único comprovante impresso de premiação da instituição na exposição de 1889. Devido ao seu precário estado de conservação, seus pedaços foram reunidos¹⁷⁹ visando ser comparado ao diploma existente no Museu Mariano Procópio, conferido a Viscondessa de Cavalcanti (Grupo V, Classe 41 – produtos de exploração de minas e metalurgia. (Figura 23), para finalmente ser examinado e registrado na Seção como um diploma que acompanha a medalha de ouro.

O periódico¹⁸⁰, entre continuidades e descontinuidades, atualmente está em período de recesso devido à aposentadoria do professor Miguel Monné¹⁸¹ e às dificuldades financeiras. Nessa ocasião, destacamos a forte atuação do ex-diretor, Sergio Alex Kugland de Azevedo em relação à disponibilização do acervo bibliográfico da instituição. Desde Dezembro de 2009, após a elaboração de seu projeto *Implantação do Laboratório de Digitalização, Edição e Disponibilização em Meio Eletrônico de In-Fólios e Obras Raras do Museu Nacional/UFRJ*, foi criada a “Biblioteca Digital” da Instituição e o *Archivos do Museu Nacional*¹⁸², dessa forma, o primeiro periódico científico do Museu foi digitalizado.

A digitalização das obras raras da instituição inspirou a bibliotecária Margareth Gadelha a elaborar uma investigação sobre a preservação do periódico *Archivos do Museu Nacional*, analisado como “publicação de extrema importância para disseminação da informação científica”, e, segundo Gadelha, “as iniciativas

¹⁷⁹ Trabalho realizado pelo estagiário da SEMEAR, Flavio Renato Morgado F. da Silva, aluno de graduação de História do IH/UFRJ, o qual agradecemos a participação.

¹⁸⁰ O periódico *Archivos do Museu Nacional* e sua relevância para o fortalecimento das ciências no Brasil é tema da dissertação do aluno do HCTE, Paulo Vinícius Aprígio da Silva, prevista para ser concluída em Setembro de 2012.

¹⁸¹ No site, a última publicação data de 2009. A proposta discutida na direção é continuar a publicação de forma *on line*.

¹⁸² O volume VI (referente à Exposição Antropológica Brasileira de 1882) é o único não digitalizado na Biblioteca Digital do Museu Nacional até o momento da elaboração do segundo capítulo da presente tese. Nossa investigação foi realizada na própria biblioteca do Museu Nacional, entretanto, durante o término do terceiro capítulo, encontramos o volume VI disponibilizado na *Internet Archives*: <http://ia600404.us.archive.org/33/items/archivosdomuseun06muse/archivosdomuseun06muse.pdf>.

Acesso em Março de 2012.

para seu lançamento refletem momentos significativos da história das ciências no Brasil”. (GADELHA, 2011).

Tanto o responsável pelo periódico, professor Miguel Monné, quanto o atual chefe da Biblioteca Central do Museu Nacional, o bibliotecário Edson Vargas da Silva, desconheciam que os sete primeiros volumes dos *Archivos do Museu Nacional* tinham participado da Exposição Universal de 1889 e que o periódico havia sido premiado com medalha de ouro, devido ao seu papel difusor das atividades desenvolvidas pela instituição durante a segunda metade do século XIX.

Após a identificação e problematização das três categorias do Museu Nacional, madeiras, minerais (réplica em madeira do Bendegó) e os sete volumes da publicação institucional, expostas no Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de 1889, podemos passar para a análise da participação do Brasil na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana (parte integrante da Exposição de 1889) por meio da atuação de Ladislau Netto.

CAPÍTULO 4 O MUSEU NACIONAL ENTRE CRÂNIOS E CERÂMICAS

Obreiro paciente e resignado na faina a que entusiásticamente me arrojai, contenta-me unicamente a esperança de ver transformar-se um dia o material que, pedra a pedra, tenho aí acumulado em monumento, cuja solidez e formosura não de mim dependem, senão dos artistas que tiverem de architectá-lo no futuro. (NETTO, 1885, Prefácio).

4.1 O BOTÂNICO LADISLAU NETTO E SUA INSERÇÃO NA ANTROPOLOGIA

Inicialmente, o que se pretendia ao analisar a participação do Museu, em uma das Grandes Exposições da segunda metade do século XIX (a de 1889 em Paris), era fortalecer o debate sobre a existência de atividades científicas no século XIX a partir do Museu Nacional, inserindo a identificação de seu acervo exposto na mostra francesa. Nessa perspectiva, seria enfatizada a atuação de Netto como um incentivador das exposições do Museu, pontuando a instituição como um relevante espaço de ciências no Brasil oitocentista. Porém, ao se estudar o botânico envolvido com os estudos arqueológicos, percebeu-se sua preocupação em fortalecer a área da antropologia, por meio de intercâmbios e expedições ao norte do país que culminaram na organização e participação em exposições com acervo arqueológico e etnográfico.

Portanto, apresentar a abordagem sobre Netto como um botânico que se envolveu com a antropologia¹⁸³ nos auxilia na contextualização sobre as práticas científicas realizadas no Museu Nacional na segunda metade do século XIX e, em especial, no entendimento de sua participação como responsável pelo acervo etnográfico brasileiro na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana (parte da Exposição de 1889 na França).

Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), botânico alagoano, doutor em Ciências Naturais pela Universidade de Sorbonne, assumiu a diretoria do Museu Nacional em caráter interino (1874), tendo tomado posse como diretor geral em 1876, a partir de então, foi um agente científico e administrativo responsável pela implantação dos regulamentos institucionais de 1876, 1888 e 1890.

¹⁸³ Parte dessa abordagem foi apresentada no Congresso *Scientiarum Historia IV* e publicado no Livro de Anais do evento organizado pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da UFRJ. Ver: Regina Maria Macedo Costa Dantas e Nadja Paranes dos Santos, Quando um botânico se envolve com a Antropologia: reflexões sobre Ladislau Netto no Museu Nacional, 2011.

A partir da obra de seu principal biógrafo, Abelardo Duarte, “Ladislau Netto (1838-1894)”, identificamos sua predileção pelo desenho na infância, o que facilitou, após a sua transferência para a Corte do Rio de Janeiro, em 1854, o ingresso na Academia de Belas Artes em 1857. Na mesma obra percebemos, além de sua trajetória como naturalista e a inserção no Museu Nacional, traços de seu perfil autoritário.

Nos episódios da sua vida aqui descritos, o homem aparece, não transfigurado, não sublimado, mas com as singularidades das suas atitudes, dos seus arrebatamentos, dos seus entusiasmos, das suas fraquezas, do seu temperamento – exactamente como ele o foi – temperamental, impetuoso, autoritário, um tanto crédulo.(DUARTE, 1950, p. 17-18).

Netto não concluiu o curso na Academia de Belas Artes (1859), porém, posteriormente foi integrado à Comissão de Estudos Hidrográficos do Alto São Francisco em 1859, liderada por Emmanuel Liais¹⁸⁴ (1826-1900) e atuou como desenhista. O estudo e classificação de espécies botânicas o destacaram até ser reconhecido e premiado para realizar estudos em Paris com apoio financeiro da Corte (1864-1866). Frequentou os cursos da Sorbonne e do Jardim das Plantas de Paris, dentre suas publicações realizadas na França, identificamos uma obra que destaca o interesse por plantas indígenas¹⁸⁵.

Convidado pelo imperador para dirigir a Seção de Botânica do Museu Nacional, Netto retornou da França após conclusão dos estudos e ingressou na instituição científica em 1866. A partir de 1870, assumiu o cargo de diretor-substituto e imprimiu sua obra *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*.

Algumas das pesquisas realizadas no Brasil sobre o desenvolvimento das ciências naturais no século XIX culminam no chamado “movimento dos museus” (LOPES, 1997, p. 151-213) ou “era brasileira dos museus” (SCHWARCZ, 1993, p. 70), em perspectiva comparada (SCHWARCZ, 1993; LOPES, 1997; GUALTIERI, 2008; DANTES, 1979-1980), apontam o Museu Nacional como uma importante

¹⁸⁴ Emmanuel Liais, botânico e astrônomo francês. Foi convidado por Pedro II a assumir o cargo de diretor do Imperial Observatório do Rio de Janeiro nos períodos de 1871, 1874-1881.

¹⁸⁵ “Observações sobre a destruição de plantas indígenas do Brasil e um meio de preservá-las”, monografia lida na Sociedade Botânica da França em 1865.

instituição científica do Brasil¹⁸⁶ oitocentista e destacam a gestão de Netto (1876-1893) como o período fecundo do estabelecimento.

Maria Margaret Lopes em meio à apresentação do perfil de Netto como um homem empreendedor, também o aponta como “autoritário, mas sem dúvida com ampla visão”, pois soube articular o caráter universal do museu com as “especificidades únicas do país” apresentadas na Exposição Antropológica de 1882. A autora refere-se a sua inserção no cenário científico internacional por meio da publicação do primeiro periódico científico da instituição o *Archivos do Museu Nacional*, o incremento da participação do museu em exposições e congressos, além da contratação de naturalistas estrangeiros. (LOPES, 1997, p. 201).

Nelson Sanjad quando sugere considerar o Museu Nacional “como mais um espaço político onde se desenrolavam as tensões entre região e nação, entre os projetos ilustrados locais e a imagem do Império que a Coroa desejava consolidar”, constata o perfil centralizador da instituição e nomeia seu incentivador, o diretor Ladislau Netto. Esta constatação é também proveniente da solicitação de Netto para transferir para o Museu Nacional todo o acervo do extinto Museu Botânico do Amazonas em 1890. Entretanto, no período republicano, o modelo federativo havia sido implantado e o acervo só iria para o Rio de Janeiro após pagamento de indenização ao estado do Amazonas, o que comprova a mudança de interação entre instituições científicas e governos locais em relação ao Museu Nacional. (SANJAD, 2010, p. 117-118).

Dentre outros autores que analisam os estudos de Netto, destacamos a pesquisa de Regina Gualtieri sobre o evolucionismo no Brasil. Nela, a autora analisa a atuação de Netto na área da botânica e eleva um trabalho, publicado no *Archivos do Museu Nacional* em 1876, sobre as plantas trepadeiras e, em 1878 no mesmo periódico, um resumo do curso de Botânica que ministrava no Museu Nacional. “Ambos os textos nortearam-se por alguns pressupostos básicos das teorias de Darwin” (GUALTIERI, 2008, p. 44-55).

Netto como diretor do Museu Nacional, a partir de 1876, implementou o primeiro Regulamento de seu longo mandato (diminuiu as seções de 4 para 3).

¹⁸⁶ Uma análise sobre a institucionalização das ciências no país e sobre o termo “movimento dos museus” pode ser encontrada também na obra de Nelson Sanjad (2011, p. 21-28).

Fortaleceu a Antropologia junto à Paleontologia e destacou a Arqueologia e a Etnografia para funcionarem no prédio anexo ao Museu.

Seu envolvimento com a Antropologia pode ter surgido a partir das preocupações com a aplicabilidade dos estudos botânicos associados aos povos primitivos, realizados na França e no Brasil (NETTO, 1871) e foi fortalecido ao administrar um Museu de História Natural em pleno desenvolvimento dos trabalhos antropológicos (inicialmente como Antropologia Biológica ou Física) e com as escavações arqueológicas e as descrições etnográficas.

(...) inicialmente a antropologia era uma disciplina global, singularizada pela junção de traços biológicos e características históricas e sócio-culturais. Ou estava inteiramente voltada para o passado, como revela a importância das técnicas arqueológicas; ou inteiramente dominada pelo biologismo, que tipificava o cientificismo reinante na época. Assim, as especulações sobre a vida social e cultural do homem se subordinavam ao plano biológico (ou plano natural), o que conduzia as reduções indiferenciadas de tudo o que era cultural a uma questão de biologia ou clima. A antropologia geral, deste modo, era uma ciência na medida em que especulava e afirmava em suas teorias uma origem e uma explanação cabal e irreduzível para os fenômenos de diferenciação entre homens e sociedades, reduzindo tudo a um problema de meio geográfico e de traços genéticos dados em grandes unidades biológicas, as raças. (MATTA, 1983).

Na segunda metade do século XIX, a arqueologia tinha como objeto de estudos a recuperação de vestígios do passado glorioso da humanidade, com forte motivação pelas descobertas realizadas no século anterior em Pompéia e Herculano. Esse interesse é despertado pelas campanhas napoleônicas, em especial no Egito, fortalecido pelo ideal colecionista da época e pelo fascínio pelas culturas exóticas. Assim, a arqueologia era empírica e fortemente caracterizada pela acumulação.

No continente americano, a acumulação ficou voltada para as culturas dos povos primitivos sem a preocupação com a contextualização das peças conforme os moldes europeus. No Brasil, as doutrinas raciais¹⁸⁷ iam se formando na análise da alteridade, enquanto o Museu Nacional desenvolvia seus estudos de craniologia¹⁸⁸,

¹⁸⁷ Para uma análise mais desenvolvida da questão racial no Brasil, ver Lilia Schwarcz, 1993.

¹⁸⁸ Sobre a constituição dos instrumentos de medidas de crânios utilizados no Museu Nacional, ver estudo de: Guilherme José da Silva e Sá; Ricardo Ventura Santos; Claudia Rodrigues-Carvalho; Elizabeth Christina da Silva, 2008.

consagrada como prática científica da época e tendo Lacerda¹⁸⁹ como seu maior representante.

Enquanto eram dados os primeiros passos da antropologia no Brasil, destacava-se na Europa a fundação da Sociedade de Antropologia de Paris. Criada em 1859, era composta sobretudo por médicos dedicados ao estudo de morfologia comparativa das raças humanas e tinha em Paul Broca um de seus mais destacados representantes. (SÀ, SANTOS, CARVALHO e SILVA, 2008).

Diante disso, cabe destacar que Arqueologia está inserida na Antropologia, uma vez que: “analisa os padrões subjacentes às sociedades e os processos de diversificação e transformação cultural através dos restos arqueológicos, já que toda esta dinâmica fica refletida no inventário material” e na forma como o homem se organiza em um determinado espaço. (ANDRADE LIMA, 1989, p. 89).

As áreas de arqueologia e de etnografia foram valorizadas desde o primeiro momento de Netto na direção do Museu Nacional. Em sua publicação¹⁹⁰, o diretor justifica sua sensibilidade e a preocupação com as duas áreas, pois havia pensado em transformar esta seção¹⁹¹ em Museu Arqueológico e Etnográfico independente. (NETTO, 1889, p. 19).

Esta seção especial, com a exclusão, evidente, da Numismática, estava então, como hoje, destinada a servir de base a um museu de arqueologia e etnografia americana. Estas [arqueologia e etnografia] são ciências que, tendo como objetivo o estudo da raça americana assim que da arte dos povos selvagens primitivos ou modernos do novo continente, deve assumir, sem delongas, o maior desenvolvimento no Brasil: brevemente, com efeito, os últimos vestígios que nos restam de nossas tribos indígenas não serão mais visíveis. Um grande número dessas antigas e nobres nações cujos caracteres étnicos, as crônicas e as lendas quase milenares poderiam nos guiar no estudo de seus antepassados, já desapareceu completamente. As febres, a varíola e sobretudo as afecções sífilíticas, assim como a falta de alimento e outras causas de destruição, entre as quais devemos enumerar o desenraizamento ou o deslocamento de seu antigo meio de existência, reduziram as populações ainda prósperas no século passado a um centésimo de seu número. Outros foram completamente aniquilados e as ruínas de suas moradias desaparecem sob florestas já gigantescas. Foi nessa mesma época, que pensei ser necessário ampliar meus estudos arqueológicos no norte do Brasil e particularmente no vale do Amazonas, estudos sobre os quais havia lido na Sociedade Velosiana, em meados dos anos 70, duas memórias que os jornais do Rio haviam reproduzido e que, transcritas pela imprensa das províncias, me valeram a adesão de várias pessoas interessadas nos mesmos assuntos, assim como numerosas

¹⁸⁹ No primeiro número do periódico *Archivos do Museu Nacional*, Lacerda publica suas contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas no Brasil.

¹⁹⁰ Elaborada por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1889.

¹⁹¹ Refere-se à seção de Arqueologia, Etnologia Numismática (conforme Regulamento de 1876).

doações de algumas províncias. (NETTO, 1889 *apud* NEVES, 1999, p. 174).

A Exposição Antropológica Brasileira realizada no Museu Nacional em 1882 por Netto consagrou a área e divulgou o acervo etnográfico brasileiro além das fronteiras do país. Esse evento representa o nosso ponto de partida para análise do que chamamos de “caminhos do acervo etnográfico” para entendermos o fortalecimento de Netto com a área de Antropologia.

O segundo Regulamento implementado por Netto (terceiro do MN), em 1888, recriou a quarta seção da instituição elevando as áreas de antropologia, de etnologia e de arqueologia, identificadas como relevante categoria do conhecimento no Museu. Nesse Regulamento foi suprimido o *ensino*, então os cursos regulares foram transformados em conferências públicas.

Nesse mesmo ano, Netto participou do Congresso Americanista e ficou fora do país durante a realização da Exposição Preparatória Nacional de 1888, porém foi convidado a participar da Exposição Universal de Paris em 1889.

Como poderemos analisar a ausência de Netto e do acervo etnográfico na prévia da Corte em 1888 e justificar a presença na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana, parte integrante da Exposição Universal de 1889? Além de dirigir a principal instituição científica do país, de que forma o diretor conseguiu reconhecimento científico para participar do evento francês e organizar o acervo etnográfico?

Nessa perspectiva, acreditamos que o botânico conquistou esta experiência no meio científico, principalmente, após ter organizado a Exposição Antropológica Brasileira do Museu Nacional em 1882.

Revisitar, em linhas gerais, a Exposição Antropológica e registrar a participação do acervo etnográfico e arqueológico do Museu Nacional em eventos no exterior, permitirá orientar nossa investigação. Os eventos no exterior que nos referimos são: a Exposição Internacional da Antuérpia de 1885 e o Congresso Americanista de 1888, em Berlim.

Dessa forma, estaremos fortalecendo a ideia de que o primeiro evento (de 1882) foi uma relevante experiência e pode ser analisado como uma espécie de

preparatório¹⁹² para a participação da instituição na Exposição Universal de Paris em 1889.

4.2 OS CAMINHOS DO ACERVO ANTROPOLÓGICO BRASILEIRO

4.2.1 A Exposição Antropológica Brasileira do Museu Nacional de 1882

Quando se considera que o primeiro museu de etnografia da França, fundado em 1877 graças ao esforço de Hamy, sucessor de A. de Quatrefages no ensino oficial de antropologia, só foi instalado em 1879, é deveras surpreendente que no Brasil, três anos após se conseguisse levar avante um empreendimento de tal vulto. (CASTRO FARIA, 1949, p. 10).

O antropologista J. B. de Lacerda, diretor do Museu na gestão posterior ao de Ladislau Netto¹⁹³, explicou em seu livro *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, em 1905, que a intenção de Netto ao realizar a Exposição Antropológica de 1882 foi fortalecer os esforços da Sociedade dos Americanistas¹⁹⁴ e dar maior fama ao Museu Nacional utilizando “elementos exclusivamente brasileiros”. (LACERDA, 1905, p. 56).

Entretanto, Jens Andermann (2004) já indica, em seu ensaio, uma análise sobre o objetivo do Museu em organizar a Exposição de 1882, com o qual nos identificamos.

(...) foi, antes de mais nada, uma tentativa do Museu Nacional em recuperar sua antes exclusiva autoridade para expor os objetos representantes do patrimônio nacional, frente a um número crescente de rivais: além das exposições nacionais e estaduais organizadas com regularidade desde 1861, (...), as Exposições de Belas Artes celebradas pela Academia Imperial e as Exposições Horticólicas que se repetiam anualmente desde 1879 na réplica do *Crystal Palace* construído pelo Conde D’Eu (...) – em Petrópolis; ainda concorrendo com o Museu Nacional estavam a Biblioteca Nacional que em 1881, ano anterior à Exposição Antropológica Brasileira, havia organizado a primeira exposição em grande escala sobre a História do

¹⁹² Grifo nosso.

¹⁹³ Sobre as operações etnográficas de Netto e as de Lacerda, na ótica antropológica e comparativa, ver trabalho de Rodrigo Turin, 2011, p. 183-202.

¹⁹⁴ Sociedade de Etnografia Americana e Oriental, fundada pelo médico e fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878). Desenvolviam estudos voltados às ciências humanas. Seus membros fundaram o Primeiro Congresso Internacional de Americanistas em 1875. Ver: Adriana Tavares do A.M. Keuller. Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro, 2008, p. 39.

Brasil, e a Exposição Nacional das Indústrias em preparação à Exposição Continental de Buenos Aires, realizada na Secretaria de Agricultura.¹⁹⁵

Ao conseguir recursos do Governo para a organização do evento, Netto fez esforços para viajar ao norte do Brasil, em Janeiro de 1882, visando coletar o maior número de objetos, na companhia de Gustavo Rumbelsperger¹⁹⁶ (1825-1892) e Manoel da Motta Teixeira¹⁹⁷, rumo à Ilha de Marajó em região escondida “com extensa lombada de terra cortando o lago Arary denominada – Pacoval.” (LACERDA, 1905, p. 56).

Na descrição de Lacerda, foram descobertos no local grande quantidade de objetos de cerâmica moldados em argila com formatos de ídolos, falos, figuras zoomorfas e antropomorfas, tangas, pratos e outros, transportados ao Museu Nacional.

A descoberta do sítio arqueológico da região da Ilha do Marajó no Pacoval havia sido feita por Domingos Soares Ferreira Penna¹⁹⁸ (1818-1888). Após o achado, em 1872, Ferreira Penna foi um dos primeiros a ser contratado por Netto para o cargo de naturalista-viajante, no período em que se estavam construindo as reformas que iriam ser implantadas em 1876. (SANJAD, 2010, p. 89).

Além de Netto contar com o apoio do Governo Imperial para solicitar auxílio às demais províncias para o envio de artefatos à Corte, o próprio monarca ofereceu parte de sua coleção etnográfica para compor a exposição de 1882 do Museu Nacional. O Imperador d. Pedro II, acompanhando os modelos europeus¹⁹⁹ e a herança materna²⁰⁰, foi um colecionador e classificador²⁰¹ e não estava alheio ao desenvolvimento das instituições científicas.

Assim, aumentou sua coleção (conhecida como um gabinete de curiosidades) em consequência de diferentes visitas recebidas por viajantes estrangeiros, naturalistas brasileiros, Chefes de Estado, além de ter adquirido peças oriundas de

¹⁹⁵ Disponível em <http://www.revistatopoi.org/numerosanteriores/topoi09/topoi9a6.pdf> . p. 128. Acesso em 15 de Janeiro de 2010.

¹⁹⁶ Naturalista viajante admitido no Museu em 1884.

¹⁹⁷ Praticante da 1a. Seção (zoologia) acumulava funções de Bibliotecário. Ver: J. Baptista de Lacerda. *Fastos do Museu Nacional*, 1905, p. 176.

¹⁹⁸ Sobre Ferreira Penna no Museu Nacional, ver: Nelson Sanjad. *A Coruja de Minerva*, 2010, p. 89-97.

¹⁹⁹ Os soberanos tinham suas imensas coleções que, a partir do século XVIII, converteram-se em Museus Nacionais.

²⁰⁰ Herdou a coleção de mineralogia e o herbário da Imperatriz Leopoldina (1797-1826).

²⁰¹ Como diz Levi-Strauss, os homens são seres que colecionam e classificam. Claude Levi-Strauss. *Raça e História*, 1973. Sobre os perfis do monarca como colecionador e classificador, Ver dissertação: Regina MMC Dantas. *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*, 2007.

suas viagens dentro e fora do país. Dessa maneira, foi criado o “Museu do Imperador”.²⁰²

O seu espaço de ciências já estava citado em diários de viajantes, tais como, Thomas Ewbank (1792-1870) e Hermann Burmeister (1807-1892) desde 1850 e ficava no térreo do Paço de São Cristóvão, atual prédio do Museu Nacional, tendo seu acervo de História Natural exposto no total de quatro salas, selecionado e classificado pelo próprio Pedro II, conforme relato de Ewbank (1976, p. 115).

Aliás, ao imaginarmos a classificação dos objetos do monarca expostos em quatro salas de seu palácio, nos remetemos à análise de Foucault em relação ao texto de Borges sobre “uma certa enciclopédia chinesa” (FOUCAULT, 2002, prefácio). Percebemos que é algo muito humano a tarefa de classificar²⁰³.

Em coluna do jornal *O Paíz* em 1890, identificamos parte do acervo do Museu do Imperador:

(...) relíquias de Herculano e Pompéia (as cidades que o Vesúvio soterrou). Estatuetas, hermas, caçarolas ou panelas, vasos, repuxos, trabalhos de cerâmica, de ferro e de bronze. (...) armas modernas e antigas da Ásia e da África, yatagans recurvados dos ferozes guerreiros syrios e árabes, espadas e punhaes de aço legítimo de Damasco, escudos e elmos. Ainda a gente islamita figura no museu pelos seus instrumentos de música civil e militar. A história e a civilização da América ali tem conspícuo lugar, desde os Incas até os nossos dias. A anthropologia indígena tem objectos de estudos nas múmias e nas igaçabas, nos corpos e nas cabeças mumificadas ou pelo tempo ou pela arte. Há ali uma cabeça de guerreiro mumificada e tão reduzida, que parece a de uma criança.²⁰⁴

Visando a nossa investigação, ressaltamos que o monarca incentivou o intercâmbio de objetos entre as instituições científicas do exterior e o Museu Nacional. Nessas ocasiões, recebia alguns materiais para o seu próprio espaço (no Paço de São Cristóvão), que ele mesmo intitulou de *museu*.

²⁰² Nomenclatura fortalecida na dissertação de Regina Dantas sobre a análise do antigo Paço de São Cristóvão e os espaços do poder de d. Pedro II, quando seu acervo foi (re)descoberto. Na pesquisa, foram identificados, nas coleções do Museu Nacional, os objetos de Pedro II nas seguintes áreas do conhecimento: antropologia, arqueologia, etnografia, botânica, geologia e paleontologia. Ver: Regina MMC Dantas. 2007, p. 190-242, *op. cit.*

²⁰³ A tarefa humana de classificar é bem analisada por Foucault, 2002.

²⁰⁴ *O Paíz*, coluna “Salada de Frutas”. Rio de Janeiro, 6.8.1890. Registro da dissertação de Regina MMC Dantas, 2007, p. 201, *op. cit.*

O meu Museu dou-o também ao Instituto Histórico, no que tenha relação com a Etnographia e a História do Brasil. A parte relativa às sciencias naturaes, e à mineralogia sob o nome de Imperatriz Leopoldina, como os herbários, que possão, ficar no Museu do Rio.²⁰⁵

Durante a realização das buscas dos artefatos do imperador, foi possível identificar em documentos oficiais do Museu Nacional²⁰⁶, a relação estreita entre a instituição científica e d. Pedro II, em diferentes ações: na comunicação entre o monarca e os naturalistas estrangeiros e nacionais do estabelecimento; na atuação do Museu Nacional como órgão consultor do Governo Imperial, principalmente na participação de comissões científicas; no envio pelo próprio imperador de materiais ao museu para análises e nas ações para aumentar o acervo da instituição e de seu próprio *museu*.

Seu Museu era assim um bom espelho que reproduzia e invertia a sua imagem. Reproduzia, quando lhe ofertava exatamente a imagem com que pretendia se fazer reconhecer: o cientista, o mecenas. Invertia, quando mostrava que dentro do museu havia muito de representação (). De toda maneira, o imperador fazia de sua coleção uma espécie de teatro de seu poder. (SCHWARCZ, DANTAS, 2008, p. 134).

Por isso, na análise realizada de alguns objetos da instituição, identificamos os que são oriundos do palácio/residência (Museu do Imperador) e os que foram doados pelo monarca ao Museu Nacional (no Campo de Santana). Nessa perspectiva, o que nos interessa, nesse momento, é informar que, no atual Setor de Etnografia do Museu Nacional, existem dois tipos de registros sobre o acervo etnográfico de D. Pedro II: “oferta de D. Pedro II - Exposição Antropológica de 1882”, e outra, como “Coleção Pedro II”. Ambos pertenceram ao Museu do Imperador, porém apenas o acervo que participou da Exposição Antropológica Brasileira de 1882 foi utilizado por Netto nos demais eventos até chegarmos à Exposição Universal de 1889.²⁰⁷

É a permanência do acervo etnográfico que figurou na exposição de 1882 na instituição, que estamos nos referindo e, conseqüentemente, desenvolvendo o acompanhamento de sua trajetória. Portanto, voltemos à Exposição Antropológica de 1882 realizada no Museu Nacional.

²⁰⁵ Doação de Pedro de Alcântara no exílio. MI.CI.SC, I-DAS, 08.06.1891-PII.B.c.

²⁰⁶ Documentos existentes na SEMEAR/MN.

²⁰⁷ Os demais acervos de Pedro II (existente no Museu do Imperador) foram apropriados pela instituição após a transferência do Museu Nacional do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista em 1892. O assunto será abordado ao fim desse capítulo.

“Em 1882, finalmente, um acontecimento de enorme repercussão e decisiva importância é inscrito nos anais da etnografia brasílica. A Exposição Anthropológica idealizada por Ladislau representa uma conquista singular”. (Castro Faria, 1949, p. 10).

A Exposição foi inaugurada no dia 29 de julho no prédio do Museu Nacional²⁰⁸ (atual Campo de Santana) com a presença da família imperial e demais autoridades²⁰⁹, e encerrada em 29 de outubro do mesmo ano. Netto idealizou a exposição para ser inaugurada junto com a Exposição de História Natural²¹⁰ em 14 de março de 1882²¹¹, porém adiou a inauguração devido ao pouco tempo para a participação das Províncias (no envio de materiais). Entretanto, um dos motivos que nos interessa aqui é a falta de acervo na instituição na época, o que o levou a realizar viagem à Ilha de Marajó para realizar coleta em Janeiro de 1882 (SANJAD, 2010, p. 107).

O discurso inaugural da Exposição foi registrado na “Revista da Exposição Anthropologica Brasileira” (1882) e nos mostra o entusiasmo de Netto na apresentação do evento como um projeto nacional de divulgação científica com repercussão internacional.

Senhor (À S. M. o Imperador) – Este é o certamen mais nacional que as sciencias e as letras poderiam, congratuladas, imaginar e realizar no fito de soerguer o Império do Brazil ao nível da intellectualidade universal, na maxima altura a que pôde Ella atingir além do Atlântico e nas extremas luminosas ao norte do continente americano. () E esse grandioso remote de nossos trabalhos, e esse almejado fim de nossas aspirações, o consenso público, o apoio das sociedades sábias e a mal contida surpresa de quantos aqui se acham, estão a testificar ser o grande jubileu de anthropologia brasileira que hoje se inaugura. Pois bem, senhor, faça o governo de Vossa Majestade que, não em mente, mas de facto, se tornem conhecidos, examinados e vulgarisados estes caracteres da pura raça brasileira e estes documentos da arte-manhã da história nacional, e que seja o dia de hoje, duplamente festivo para os brasileiros, a garantia dos nossos votos e das nossas esperanças. Dr. Ladislau Netto. (REVISTA DA EXPOSIÇÃO, 1882, Ao Leitor).

²⁰⁸ Foi elaborado projeto para construção de um prédio para a Exposição 1882, sem execução. MI Maço 187 doc 8508 Arquivo da Casa Imperial do Brasil.

²⁰⁹ Presidente do Conselho de Ministros, senadores, deputados, membros do Corpo Diplomático, professores etc.

²¹⁰ Evento organizado pela Biblioteca Nacional e pelo IHGB.

²¹¹ BR MN MN CD. 02.

A “Revista da Exposição Anthropologica Brasileira” foi dirigida e colaborada por Alexandre Jose de Melo Moares Filho²¹² (1844-1919). Constituída de 112 artigos entre poesias e lendas, destacamos, os textos sobre os Botocudos (João Lacerda, p. 2), o culto do Tembetá (Ladislau Netto, p. 66-67), tangas (C. Hartt, p. 51-52), cabeça reduzida mumificada (Barbosa Rodrigues, p. 40-41) e outros assuntos ligados às diferentes tribos indígenas. Dessa forma, a revista ofereceu um “menu” diversificado relacionando as características físicas e morais do homem primitivo (MONTEIRO, 2001, 173; ARTEAGA, EL-HANI, 2010, p. 3).

Ainda em relação ao discurso de inauguração, Netto destacou a importância do Museu Nacional como palco para dar ao mundo científico, ao longo de dez anos de trabalho evolutivo, o empreendimento ora apresentado. Também registrou que o momento estava propício após os cursos serem instituídos, os laboratórios organizados, o periódico fundado e rapidamente fortalecido no meio científico, as coleções organizadas e expostas ao público, mas “tudo isso era ainda pouco, e a tudo que nos parecia bom sentíamos que nos faltava alguma coisa melhor”. (REVISTA DA EXPOSIÇÃO, 1882, Ao Leitor).

Utilizamos a visão crítica de Lacerda, que apresenta o detalhamento sobre os artefatos e as ambientações do certame (Figura 24):

Armaram-se nas salas da exposição cabanas com as redes e apetrechos domésticos do índio, canoas e ubás, como no ato da pesca: figuras de índios na caça, tudo por imitação do natural. () Amostras de carvão, de ossos de aves e de espinhas de peixes extraídas dos sambaquis, () crânios humanos e esqueletos dali procedentes utensílios de pedra e pontas de flecha formavam outro grupo que atraía a atenção dos visitantes. () A seção de cerâmica avultava pelo grande número de amostras vindas de Marajó, mas ou menos bem coordenadas. (LACERDA, 1905, p. 57).

Além do material próprio do Museu Nacional (em sua grande maioria), a Exposição Antropológica de 1882 expôs acervos do Museu Paraense, Museu Paranaense, Instituto Arqueológico Alagoano, Instituto Arqueológico de Pernambuco, Liceu do Ceará, assim como de alguns particulares, Pedro II (Museu

²¹² Poeta, folclorista e historiógrafo.

do Imperador), Visconde de Paranaguá²¹³, Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque²¹⁴, entre outros.

Durante os estudos sobre o acervo percebemos no *Guia da Exposição Antropológica Brasileira de 1882* (Figura 25) diversos artefatos que pertenceram ao Museu do Imperador (d. Pedro II), como por exemplo, a explicação sobre os objetos na Sala Rodrigues Ferreira:

As coleções desta sala, compostas de instrumentos de guerra, de caça, de pesca e de música, são constituídas não só pelos artefatos desta destas diversas naturezas, pertencentes ao Museu Nacional, mas também por muitos de propriedade particular, sendo a mais bela e a maior parte deles do Gabinete de S.M. o Imperador. (GUIA DA EXPOSIÇÃO ANTHROPOLÓGICA BRAZILEIRA, 1882).

No exercício de identificar o número de expositores que contribuíram com empréstimos ao Museu Nacional, utilizamos o *Guia da Exposição Antropológica Brasileira de 1882* e contabilizamos os expositores por salas (Quadro 15).

Quadro 15 – Total dos Acervos por Sala na Exposição Antropológica de 1882²¹⁵

SALAS	TOTAL DE EXPOSITORES (COM O MN)	TOTAL DE ACERVOS
Vaz de Caminha (Etnografia)	14	64
Rodrigues Ferreira (Etnografia)	20	209
Lery (Arqueologia)	1 (MN)	39
Hartt (Arqueologia)	5	207
Lund (Antropologia)	9	115

²¹³ Título nobiliárquico dado à João Lustosa da Cunha Paranaguá (1821—1912) — 2º marquês de Paranaguá.

²¹⁴ Amélia M. Cavalcanti de Albuquerque (1852-1946), esposa de Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (1829 – 1899), futuro Visconde de Cavalcanti, é importante ator em nosso capítulo por ter sido o Comissário do Brasil na Exposição Universal de Paris em 1889.

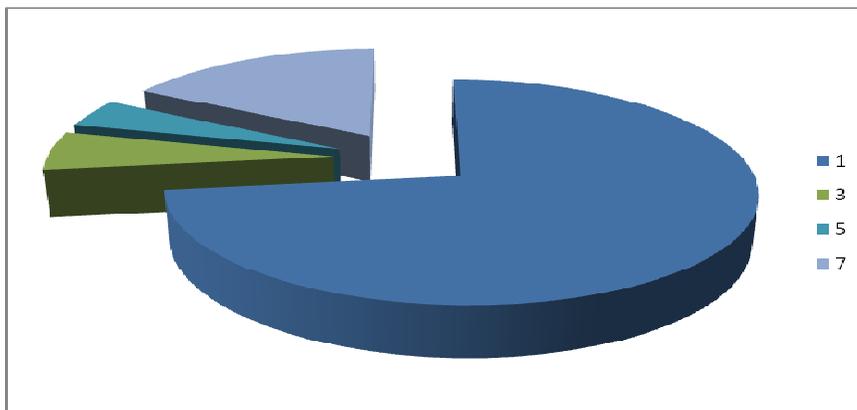
²¹⁵ A Exposição foi dividida em 8 salões do primeiro andar do Museu e cada espaço recebeu um nome como homenagem a cronistas, naturalistas e estudiosos entre os séculos XVI a XIX: Pero Vaz de Caminha (1450-1500), Rodrigues Ferreira (1756-1815), Gabriel Soares de Souza (1540-1591), José de Anchieta (1534-1597) Jean de Léry (1536-1613), Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868), Charles Frederick Hartt (1840-1878) e Peter Wilhelm Lund (1801-1880).

Martius (Etnografia e Arqueologia)	5	31
Gabriel Soares	8	192
Anchieta	9	64

Fonte: *Guia da Exposição Antropológica Brasileira* realizada no Museu Nacional 1882.

O resultado, a partir do *Guia*, ressaltou curiosamente que a maior quantidade de empréstimos oriundos de coleção particular veio do Museu do Imperador Pedro II com 53 objetos. Em relação às contribuições institucionais, destacamos o Museu Paraense com o total de 39 objetos. O Museu Nacional expôs 673 objetos de suas coleções e, além do Museu do Imperador e do Museu Paraense, contou com as contribuições de sete instituições e de 21 expositores de coleções particulares, conforme apresentamos no gráfico abaixo.

Gráfico 1: Expositores na Exposição Antropológica de 1882



1 – Museu Nacional

3 – Museu do Imperador

5 – Museu Paraense

7 – Expositores particulares

Cabe ressaltar a relação existente entre o Museu Paraense²¹⁶ e o Museu Nacional no que tange ao acervo etnográfico, assunto analisado por Nelson Sanjad. O ano de 1871 marcou o início próspero do Museu Paraense como o museu de história natural da Província do Pará instalado no Liceu Paraense.

O primeiro diretor, Ferreira Penna, “conseguiu estabelecer relações com o museu da Corte” (Museu Nacional) e, neste mesmo ano, a confirmação do cemitério indígena na ilha do Pacoval, deflagrou um forte interesse de Netto junto ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em criar o cargo de Naturalista Viajante do Museu Nacional.

Ferreira Penna “tornou-se um dos principais interlocutores de Ladislau Netto em um assunto de grande interesse para o vice-diretor do Museu Nacional, a arqueologia brasileira” (SANJAD, 2010, p. 65).

Em 1872, foi autorizada a criação do cargo de Naturalista Viajante do Museu Nacional e Ferreira Penna foi um dos primeiros a ser contratado. No ano seguinte, cumpriu a missão de retornar à ilha de Pacoval e enviar para o museu da Corte as coleções arqueológicas.

Ladislau finalmente igualava o museu carioca às demais instituições que possuíam a famosa cerâmica do Lago Arari, que posteriormente seria considerado o centro irradiador da cultura marajoara: o Museu Paraense, o Museu da Universidade de Cornell e o *Peabody museum*, para onde Hartt e seus companheiros escoavam os objetos encontrados no Brasil (SANJAD, 2010, p. 89).

Portanto, Ferreira Penna, a partir de 1872, trabalhou como naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro e foi para essa instituição que remeteu a maioria das coleções amazônicas que reuniu ao longo de suas pesquisas.

A representativa presença dos artefatos do Museu Paraense na Exposição Antropológica Brasileira de 1882 (levando em consideração os dados do Guia de exposição) comprova a quantidade do acervo exposto da Província do Pará no evento no Rio de Janeiro. Enviaram o total de 141 objetos, conforme relação numérica e descritiva entregue à Netto na ocasião do empréstimo (BR MN MN CD. 02 livro 3, 8.10.1884), porém, o acervo paraense não foi devolvido após o término da exposição. Aliás, destacamos que “o confisco do acervo do Museu Paraense pelo

²¹⁶ A criação do Museu Paraense foi objeto de estudos de Nelson Sanjad (1866-1907). Ver: SANJAD, 2010.

Museu Nacional” é subtítulo do estudo de Nelson Sanjad sobre o Museu Paraense no Período Imperial (SANJAD, 2010, p. 108-118).

Além do acervo etnográfico e arqueológico amazônico, apresentado na Exposição Antropológica Brasileira de 1882, ter merecido destaque na edição especial do volume VI dos *Archivos do Museu Nacional* (1885), o tema dos índios selvagens (principalmente os botocudos) foi fortalecido no imaginário da Corte após a inauguração da Exposição de 1882 e por meio da divulgação nos periódicos.

Neste momento, elevamos a *Revista Illustrada* fundada (em 1876) e dirigida por Angelo Agostini (1843-1910), conhecida por ter sido uma publicação (tendo as caricaturas como ponto forte) que apresentava ironicamente críticas políticas e literárias e tendo como tema constante o cotidiano do imperador d. Pedro II.

Durante a Exposição de 1882, a sátira à imagem do índio botocudo serviu para mostrar o interesse da população em relação à novidade do nativo que usava um disco de madeira na boca.

Lilia Schwarcz, em *As Barbas do Imperador*, cita a *Revista Illustrada* e a visão irônica de Agostini sobre uma imagem contendo o monarca e um índio menino, ambos com trajes indígenas (Figura 26): “vemos lado a lado o imperador e o indígena; (...) o primeiro como seu chefe, o segundo como símbolo da nação, muitas vezes frustrado e entristecido; nesse caso é o símbolo que ri do modelo” (SCHWARCZ, 1998, p. 149).

Nessa mesma edição da *Revista Illustrada*, a curiosidade da sociedade em relação ao comportamento dos Botocudos é registrada em imagem que apresenta a tentativa de dois Botocudos se beijarem. Entretanto, o periódico registra de maneira irônica o interesse da população por meio da caricatura de um cidadão tentando retirar o disco da boca de um botocudo que foge desesperado, com o seguinte texto: “Mas quem diria! Esses anthropophagos é que ficaram com medo de serem devorados pela curiosidade publica. Só a muito custo o director do Museu impediu que elles fugissem.” (REVISTA ILUSTRADA, 1882b: 4-5 *apud* LANGER & RANKEL *on line* acesso em 2011).

A curiosidade da população é também descrita na *Revista Illustrada* por meio das anedotas de “Júlio D.” (autor que visitou a exposição) que mostram a busca das pessoas pelos índios de verdade nas salas da exposição do Museu Nacional.

“Quinta-feira 10, são onze e meia horas da noite, o Dr. Ladislau Netto, quebrado de trabalho, morto de cansaço, está em dever de dar um pouco de repouso ao seu corpo, quando lhe batem á porta. A criada vae ver quem é.

- é um negocio importantíssimo que só ao doutor posso confiar, e é urgente, amanha já não há mais tempo, vá chamal-o.

Uma robe-de-chambre, um gorro, e eis o director do Museu bocejando ao individuo:

- Então, o que há?

- queria pedir-lhe um favor: parto amanha para São Paulo, pelo trem das seis, e não queria ir, sem ter visto os Botocudos!

- Sem commentários, não acham? (REVISTA ILUSTRADA, 1882b: 4-5 *apud* LANGER & RANKEL *on line* acesso em 2011).

Após o sucesso da Exposição Antropológica de 1882, Netto viajou para a região do Rio da Prata, conforme documento de 25 de Novembro, para examinar coleções arqueológicas, principalmente em Buenos Aires²¹⁷ e Montevideo. Além de ter realizado os estudos propostos, teve a “satisfação de receber as mais inequívocas provas de adesão a ideia de uma Exposição Continental Americana que dentro de três annos pode realizar este Império como mais bello certamen scientifico do século actual.”²¹⁸

Assim, começou a planejar uma Exposição Continental para 1884 e idealizou a construção de um prédio para abrigar a exposição ou para abrigar o próprio Museu Nacional, ou um novo Museu Arqueológico e Etnográfico, conforme seu sonho desde quando assumiu a direção do Museu Nacional (LOPES, 2001).

Talvez o que viu por lá, nos museus de Burmeister, de Moreno, da Sociedad Científica, nas coleções de Florentino Ameghino, que também conheceu, e em mãos dos colecionadores particulares e comerciantes de antiguidades, tenha contribuído para diminuir suas expectativas. (LOPES, 2001).

Em 1884, Netto realizou no Museu Nacional conferência sobre a Exposição Antropológica Brasileira realizada em 1882, que contou com a presença de Pedro II e Theresa Cristina. A conferência foi publicada em 1885, em língua francesa e Netto justificou o idioma francês “com única intenção de dar uma tiragem prévia desta pesquisa aos estrangeiros que em breve receberão o volume”. (NETTO, 1885, p. 3).

Aventuramo-nos a imaginar que o diretor do Museu não mediu esforços para manter acesas as repercussões da Exposição de 1882 nos annos posteriores, pois

²¹⁷ Sobre a passagem de Netto pela Argentina, ver: Maria Margaret Lopes. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX, 2001.

²¹⁸ BR MN MN D9 43 de 25.11.1882.

continuou fortalecendo a memória da Exposição, principalmente com a publicação do volume VI dos *Archivos*, também em 1885 – edição especial sobre a Exposição de 1882.

Os artefatos etnográficos romperam as fronteiras do Brasil e foram apresentados em eventos no exterior e é sobre a permanência da utilização de alguns destes objetos, que figuraram na Exposição de 1882, que estamos chamando a atenção. Utilizaremos como exemplos a participação dos artefatos em duas ocasiões: na Exposição Universal da Antuérpia em 1885 e no Congresso Americanista 1888.

4.2.2 A instituição na Exposição Universal da Antuérpia em 1885

Encontramos poucos registros nas Atas e demais documentos da instituição sobre a participação do Museu Nacional na Exposição Universal da Antuérpia em 1885. Causou-nos curiosidade a maneira pela qual aconteceu a inserção do acervo etnográfico do Museu na Exposição da Antuérpia por intermédio do Centro da Lavoura e Comércio (Quadro 16).

No *Almanak Laemmert*, de 1885, encontramos o seguinte endereço do Centro da Lavoura e Comércio: Rua Municipal (atual Rua Mayrink Veiga), nº 11, comunicação telefônica nº 427.

Quadro 16 - Centro da Lavoura e do Comércio

ADMINISTRAÇÃO	
Presidente	Visconde de S. Clemente
Vice-Presidente	J.C Ramalho Ortigão
1º. Secretário	Honório Augusto Ribeiro
2º. Secretário	Hermano Joppert

Almanak Laemmert, 1885, p. 982.

Nesse momento, explicamos o papel do Centro da Lavoura e Comércio tendo em consideração a narrativa do jornalista Carl von Koseritz (1830-1890) sobre evento realizado na Corte em dois de setembro de 1883, a Exposição Nacional preparatória para a participação brasileira na Exposição Internacional de São Petersburgo em 1884:

Assisti hoje à entrega aos expositores de café do Rio dos diplomas da exposição brasileira. É sabido que o governo brasileiro tinha permitido subvencionar a exposição, mas não deu seguimento a isto e em consequência o Centro da lavoura e Comércio daqui, tomou a si, à última hora, o encargo de enviar 200 amostras de café. (KOSERITZ, 1980, p. 182-183).

No ano seguinte, “o Centro de Lavoura e Comércio congratulava-se com um telegrama recebido de São Petersburgo anunciando o sucesso obtido pela Exposição dos Cafés do Brasil”. A composição da Comissão da Exposição do Café está explicitada no Quadro 17.

Quadro 17 - Centro da Lavoura e do Comércio

COMISSÃO DA EXPOSIÇÃO DO CAFÉ	
Presidente	Barão de Araújo Ferraz
Secretário	Hermano Joppert
Membros	Barão de Quartim
	Carlos Augusto de Miranda Jordão
	Barão de Araújo Maia
	João Valverde de Miranda
	Joaquim de Mello Franco
	J.C Ramalho Ortigão
	Bruno Augusto da Silva

Almanak Laemmert, 1885, p. 982.

A associação era a responsável pelo envio ao exterior de milhares de amostras de café e distribuía prospectos de propaganda ilustrando as condições de sua cultura e de sua preparação. O Centro de Lavoura e Comércio, a partir de suas atividades, participava do esforço de vulgarização do país e de seus principais produtos (ALMEIDA, 2001, p. 240). Destacamos que, em 1885, a maioria das exportações de café do Brasil ainda era realizada pelo porto do Rio (LESSA, 2000, p. 123).

Após pontuarmos a função do Centro de Lavoura e Comércio, destacamos sua relevante participação no envio de produtos do Brasil na Exposição Internacional da Antuérpia. Inaugurado em 2 de maio de 1885, talvez o evento não tenha contado com um representante do Museu Nacional, porém o acervo etnográfico, já conhecido em alguns países da Europa, foi enviado ao presidente do Centro da Lavoura e Comércio para compor o certame.

Museu Nacional do Rio de Janeiro, 7 de Março de 1885

Tenho a satisfação de remetter a V. Ex. com destino à Exposição Universal da Antuérpia os artefactos indígenas mencionados na lista junta. Estes artefactos não devem figurar como exposição da Secção Ethnographica do Museu Nacional, mas simplesmente para formarem um trophéu decorativo da Secção Brasileira na referida Exposição. Deus guarde a V. Exa. Ilmo. E Exmo. Snr. Visconde de São Clemente, Presidente do Centro da Lavoura e Commercio – O Diretor Geral Ladislau Netto. (ofício 7 de março de 1885).

A relação dos objetos remetidos à Exposição da Antuérpia foi composta por 40 artefatos entre armas (flechas, lanças, tacapes), instrumentos musicais (flautas) e utensílios pessoais (tangas, bolsas, pentes). O material enviado era constituído, em sua maioria, de objetos das tribos da região amazônica (conforme acervo exposto na Exposição Antropológica de 1882) e complementado por poucos artefatos dos índios da Bahia, Mato Grosso e Santa Catarina.

Dessa forma, alguns artefatos do já conhecido acervo etnográfico existente no Museu Nacional, saíram da instituição e foram representar o Brasil na exposição européia três anos após a consagração da Exposição Antropológica Brasileira de 1882.

4.2.3 A instituição no Congresso Americanista em 1888

O Congresso Americanista²¹⁹ representa uma tradição iniciada em 1875, em Nancy, organizado pela Sociedade Americana da França e com o intuito de contribuir com os estudos referentes aos povos do continente americano anteriores à chegada de Cristóvão Colombo.²²⁰

O interesse de Ladislau Netto () foi o mais sólido baluarte dessa ciência [antropológica] no nosso meio, nas três últimas décadas do século passado. Em 1888 iria ele representar o Brasil e o Museu Nacional no Congresso Americanista, que se reuniu em Berlim, levando material cerâmico de Marajó, provavelmente daquele mesmo que pessoalmente coletara para a Exposição Antropológica [de 1882]. (CASTRO FARIA, 1949, p. 11).

Em 3 de setembro de 1888, Netto solicitou apoio financeiro para visitar museus da Europa por ocasião de sua participação no VII Congresso Internacional dos Americanistas, que foi realizado em Berlim no dia 2 de outubro de 1888²²¹ e solicitou a nomeação de João Baptista de Lacerda para atuar como diretor interino do Museu. Para o evento, Netto foi autorizado pelo Ministro a levar cerâmicas coletadas na Ilha de Marajó²²², alguns dos artefatos utilizados na Exposição Antropológica de 1882.

Este evento era o cenário científico para os debates sobre o desenvolvimento das pesquisas relativas à “antiguidade do continente e do homem americano” (KEULLER, 2008, p. 70), organizado pela Sociedade dos Americanistas de Paris era um espaço certo para ilustres participantes, tais como os alemães da Universidade de Berlim e do Museu de História Natural, Gustav Theodor Fritsch (1838-1927), Rudolf Ludwig Karl Virchow (1821-1902), K. Von den Steinen (1855-1929), os franceses Ernest Théodore Hamy (1842-1908) do Museu de História Natural de Paris e Paul Topinard (1830-1911) da Sociedade de Antropologia de Paris (criada em 1859)²²³, entre outros (COMAS *apud* KEULLER, 2008, p. 70).

²¹⁹ Ver: Juan Comas. *Los Congressos Internacionales de Americanistas: síntesis históricas e índice bibliográfico general*, 1954.

²²⁰ Em 1895, foi realizado fora da Europa, no México. Atualmente, o Congresso se reúne a cada três anos. <http://www.53ica.com/historia.html>. Acessado em 12 de Janeiro de 2011.

²²¹ BR MN MN D9 3/09/1888.

²²² BR MN MN D9 3/10/1888.

²²³ Sobre o assunto, ver tese de Adriana T.A.M. Keuller. Os estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos idéias e instrumentos (1876-1939), 2008, p. 39-42.

Convidado pela Sociedade de Etnologia e Arqueologia de Berlim (criada em 1839)²²⁴ e recomendado por Virchow (KEULLER, 2008, p. 70), médico e político alemão, além de antropólogo, Netto apresentou um trabalho no Congresso alemão sobre as cerâmicas e adornos de jadeíte²²⁵.

Sua hipótese [de Netto] era de que as civilizações andinas e da América Central nasceram de uma colonização de povos da Ásia, particularmente dos chineses e dos japoneses. Dos Andes, os Incas partiram para a Amazônia, chegando, posteriormente, à ilha de Marajó. Haveria, pois, uma ascendência asiática e incaica na Amazônia, grafada nos artefatos de jadeíte. (NETTO, 1877, 1885, 1888 *apud* FERREIRA, 2009, p. 79).

Para esse momento da investigação, preocupamo-nos em mostrar que as pesquisas arqueológicas na Amazônia proporcionaram questões ao comitê dos americanistas e que, mais uma vez, parte do acervo antropológico amazônico, que figurou na Exposição Antropológica de 1882²²⁶, foi apresentada na Europa. Em um segundo momento, aproveitaremos a oportunidade para ressaltar as análises de Netto em aproximar os povos incas com os da região amazônica.

Diante do exposto, após termos analisado a experiência e o interesse do Diretor do Museu Nacional em relação à exposição do acervo antropológico reunido na instituição, o acervo amazônico utilizado na Exposição Antropológica de 1882 representava o passaporte para o Museu apresentar, com mais segurança, o estudo sobre as comunidades primitivas do país nos eventos internacionais.

Após organizar a mais importante exposição antropológica nacional do século XIX, Netto adquiriu experiência para participar de outra grande mostra, mas agora de caráter internacional: a Exposição Universal de 1889.

²²⁴ Sobre o assunto, ver tese de Adriana T.A.M. Keuller, 2008, p. 38.

²²⁵ Louça de mineral verde usado para a feitura do amuleto indígena, na maioria das vezes apresentado em formato de rã, chamado *muirakitã*. (Figura 27).

²²⁶ Grifo nosso.

4.3 AS COLEÇÕES CIENTÍFICAS DO MUSEU NA EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DA HABITAÇÃO HUMANA DE 1889

Constatamos que os autores brasileiros registram a participação do país na Exposição Universal de 1889 no Pavilhão do Brasil, porém poucos citam a presença brasileira na *Exposição Retrospectiva da Habitação Humana* – a Casa Inca – que contou com a coordenação do diretor Ladislau Netto para apresentar os artefatos dos índios brasileiros (em sua maioria da região do Amazonas).

O artigo de Heloisa Barbuy publicado nos Anais do Museu Paulista, sobre a participação do Brasil na Exposição de 1889, apresenta registro sobre a presença do país na Casa Inca (BARBUY, 1996, p. 228-229) e foi o suficiente para nos proporcionar uma forte curiosidade em relação a esse espaço pouco analisado pela historiografia brasileira sobre o evento de 1889.

Barbuy nos informa que “em toda a documentação brasileira”, incluindo o catálogo oficial do Brasil (*L'Empire du Brésil*, 1889, p. 11 e anexo), a edificação “Casa Inca” é denominada “Pavilhão da Amazônia”. A autora explica que a nomenclatura não existe na documentação francesa com exceção do GUIDE BLEU (1889, p. 173) que cita um “*palais de l'Amazonie*”.

Os brasileiros, ao contrário, embora se refiram à Exposição da Habitação, jamais mencionam a Casa Inca. Talvez por acharem o termo inapropriado à exposição sobre os índios da Amazônia, talvez por simples ufanismo, querendo atribuir ainda maior importância à exposição de Ladislau Netto ou talvez, quem sabe, porque a Assembléia Legislativa da província do Amazonas tivesse concedido uma verba correspondente a 150 mil francos, precisamente destinada à organização especial do Amazonas na Exposição de Paris (*Bulletin officiel*, 1887, n. 34, 9); talvez por isso a Casa Inca tivesse que ser denominada, pelos brasileiros, “Pavilhão do Amazonas” (BARBUY, 1996, p. 229).

As sugestões da autora sobre a não utilização da nomenclatura Casa Inca, por parte da documentação brasileira, despertaram o interesse em conhecer melhor este lugar citado nos documentos e catálogos franceses, porém pouco conhecido nos estudos brasileiros que abordam a participação do Brasil na Exposição de Paris de 1889.

Diante do exposto e devido ao objeto de estudos ser a participação do Museu Nacional na exposição de 1889, analisaremos o material que figurou na chamada

Casa Inca, acervo organizado pelo diretor do Museu Nacional na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana em que conquistou uma medalha de ouro.

4.3.1 RETROSPECTIVA DA HABITAÇÃO HUMANA DE 1889

A iniciativa de Charles Garnier apresentou o maior interesse, não só pelo ponto de vista da arte e da arqueologia, mas também pelo ponto de vista filosófico. (PICARD, 1889a, v2, p. 243).

O grande debate na virada do século era a arquitetura em metal²²⁷ e nesse cenário, para comemorar o centenário da Revolução Francesa, o engenheiro francês Alexandre Gustave Eiffel construiu a torre de 300 metros de altura em ferro que também seria o símbolo da modernidade - a Torre Eiffel.²²⁸

Surgida das condições econômicas e industriais da época e ligada por consequência ao futuro da burguesia, a substituição do ferro à pedra para a construção de casas (e não mais de máquinas) leva a todo um deslocamento do imaginário. (BARTHES, 1989, p. 15 *apud* PESAVENTO, 1997, p. 181).

Barbuy nos mostra que os organizadores e cronistas das exposições universais, em determinados momentos, referem-se ao caráter instrutivo das mostras, assim, identificamos em relação ao evento de 1889, que existiram espaços de recreações (jardins, fontes luminosas, eventos noturnos) e de caráter instrutivo (exposições retrospectivas e de produtos). (BARBUY, 1997, p. 54).

A dupla função da exposição, apresentada aos visitantes, pode ser observada nas primeiras páginas do periódico *Guide Bleu du Figaro et du Petit Journal*:

Com que espírito é preciso visitar a Exposição? É preciso vê-la com o mesmo espírito que presidiu a sua organização: é preciso vê-la para se instruir e para se divertir. Ela é para todo mundo, para todas as idades, para os sábios, assim como para os menos instruídos, uma incomparável 'lição de coisas'. (*GUIDE BLEU DU FIGARO ET DU PETIT JOURNAL*, 1889, p. 5).

²²⁷ Entre os anos de 1870 e 1890, a produção de ferro dos cinco principais países produtores mais do que duplicou de 11 para 23 milhões de toneladas. Eric Hobsbawm, 1988, 58.

²²⁸ Até a construção da torre Eiffel, a pirâmide de Quéops no Egito era considerada a edificação mais alta erguida pelo homem com 138 metros de altura e quase cinco mil anos de idade. Até 1930, a construção ficou sendo considerada como a mais alta do mundo.

As exposições retrospectivas já tinham acontecido em eventos anteriores, porém as da Exposição Universal de 1889 tinham o caráter diferente da função de simplesmente expor objetos. O propósito era apresentar a evolução do homem (seu habitat e artefatos) de forma panorâmica em um tempo linear rumo ao progresso.

Levantando os tipos de exposições realizadas no grande evento de 1889, identificamos algumas que podem ser identificadas como instrutoras das massas e que Barbuy assim resume:

História do trabalho (na verdade, uma espécie de história das técnicas de produção industrial), história da habitação humana (das técnicas construtivas), técnicas de higiene (Pavilhão de Higiene e Pavilhão da Cidade de Paris), exposições coloniais (reconstituições de aldeias de colônias francesas, com presença de nativos) etc. Mas em termos globais o grande objetivo parece ser mesmo o de instruir (ou industrializar) sobre a vida moderna da sociedade industrial; ensinar à massa um modelo de mundo. Ligam-se aí, a história do trabalho e as demonstrações de tecnologia recente; a história da habitação e a arquitetura do ferro (que encontra seu auge na Torre Eiffel); as exposições coloniais (como apresentação de modos de vida atrasados) e o homem moderno. (BARBUY, 1999, p. 55).

Dentre as exposições realizadas dentro da grande Exposição, a Retrospectiva da História do Trabalho²²⁹ ganhou destaque pela autora. A apresentação das técnicas do trabalho desde o período pré-histórico buscava “o próprio passado da humanidade para um posterior contraponto com a sociedade moderna, evoluída.” (BARBUY, 1999, p. 54)

A Exposição Universal foi o espaço em que podemos identificar a classe burguesa, proveniente da Revolução Industrial e alavancada pela ideologia do progresso na apresentação das qualidades da sociedade industrial. Dessa forma, foram realizadas “reconstituições autênticas” como afirmação da capacidade da sociedade industrial de produzir o que bem quiser, “(...) e como traço de superioridade sobre as épocas anteriores” (BARBUY, 1999, p. 55-56).

Iremos nos deter na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana devido ao Museu Nacional ter estado ali representado, pela atuação de seu diretor, e para entender a inserção do acervo etnográfico na chamada Casa Inca.

A História da Habitação foi contada por meio de 44 construções idealizadas e organizadas pelo arquiteto francês Charles Garnier (1825-1898), enfileiradas às

²²⁹ Pesavento destaca as greves de trabalhadores realizadas por diferentes categorias (cocheiros, operários da Torre) e os congressos operários. Sublinha a importância do evento em pleno momento da reconstrução da Internacional dos Trabalhadores. Ver, Sandra J. Pesavento. Exposições Universais, 1997, p. 200-202.

margens do Sena e à esquerda da Torre Eiffel. Para a análise das habitações humanas, utilizamos a obra *1889: La Tour Eiffel et l'Exposition Universelle*²³⁰, em especial, o capítulo de Alexandre Labat²³¹ dedicado à Charles Garnier e a sua Exposição Retrospectiva da Habitação Humana. (LABAT, 1989a, p. 130).

Garnier já era famoso na França devido à execução de sua grande obra a “Ópera de Paris”, desenvolvida entre 1861 e 1874, talvez por isso não estivesse presente nas construções das Exposições Universais da França (1867 e 1878) apesar de sua experiência com grandes salões de espetáculos.

Em 1887, o diretor geral da Exposição de 1889, Jean Charles Adolphe Alphand (1817-1891), engenheiro de embelezamento de pontes e pavimentos em Paris, convidou Garnier para atuar nos trabalhos de construção da Exposição como arquiteto-conselheiro. Esteve no cargo até 1890 para concluir a publicação de sua *História da Habitação*.

Alexandre Labat explica que apesar da falta de documentos específicos²³² sobre Garnier na exposição de 1889, indica que a missão do arquiteto francês foi a de observar o aspecto geral da massa monumental das construções no Campo de Marte.

Trabalhando em colaboração com o historiador Auguste-Stéphane Ammann (1844-1921), Garnier produziu o livro *A Habitação Humana* (1892) que apresenta uma base científica para as casas apresentadas na exposição. O objetivo foi traçar o desenvolvimento do habitat humano (ÇELIK, 1992, p. 72).

Béatrice Bouvier, responsável pelos arquivos da Fundação Lurçat²³³, ao analisar a atuação de Garnier na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana, nos aponta duas obras que estudam os trabalhos do arquiteto francês²³⁴, porém a análise da autora está pautada, exclusivamente, na atuação de Garnier no evento de 1889 e a publicação de 1892 foi a fonte central de seu trabalho, complementado pelas escritas de Alexandre Labat. (BOUVIER, 2005, p. 43-51).

²³⁰ Publicação comemorativa ao centenário da Exposição Universal de Paris de 1889, realizada no Musée d'Orsay no período de 16 de Maio a 15 de Agosto de 1989.

²³¹ Curador e Diretor dos Arquivos Nacionais da França.

²³² para a preparação da exposição centenária realizada no Museu d'Orsay, o autor dispôs de lacônicos registros dos processos verbais do conselho dos trabalhos da exposição e de duas cartas caracterizadas com preocupações financeiras. Assim, justifica a sua dificuldade de análise sobre a atuação de Garnier na Exposição Retrospectiva para a realização da publicação do Museu d'Orsay em 1989.

²³³ A Fundação Lurçat é constituída pelas obras do pintor Jean Lurçat (1892-1966).

²³⁴ *Jean-Michel Leniaud. Charles Garnier*, 2003 e o catálogo *Le Rêve de la raison. Les Riviera de Charles Garnier et Gustave Eiffel*, 2004.

O projeto de Garnier sobre as habitações foi entregue ao Conselho dos Trabalhos em Janeiro de 1888, no mês seguinte o terreno estava reservado próximo à Torre Eiffel e em Outubro do mesmo ano a jardinagem do local estava adiantada.

O sucesso da exposição depende bastante do local e o que foi escolhido para a história da habitação consistia de duas faixas de terrenos largos de mais de vinte metros e com 220 metros de comprimento, o outro lado com 170 metros, situado ao longo do cais d'Orsay (hoje *Branly*), a margem da estrada férrea, de um lado e de outro da avenida do Campo de Marte. Importante local, pois ficava próximo à torre Eiffel, ponto principal da exposição. A ideia central era um passeio histórico dentro do parque, onde umas trinta construções de simples tenda à forma de palácio, separados por jardim, permitindo ao visitante apreciar a diversidade de tipos e o progresso. (LABAT, 1989a, p. 132).

O periódico *Revista de La Exposición Universal de Paris, 1889*²³⁵, que pretendia “expressar simplesmente os desejos do público, em traduzir suas impressões, seus entusiasmos e suas decepções” sobre a Exposição francesa, apresenta dois textos sobre a História da Habitação Humana. Um feito por Emilio Goudeau para apresentar a concepção da exposição de Garnier. Outro foi Victor Champier que também fez abordagens, mas não poupou críticas às construções. Em linhas gerais, os dois autores não consideram a exposição retrospectiva como instrutiva e ambos destacam o espaço como recreação. (DUMAS, FOURCAUD, 1889, p. 70-77, 97-107).

A apresentação das 44 construções²³⁶ foi classificada em três partes: período pré-histórico, período histórico e civilizações isoladas. (Figura 28).

²³⁵ Periódico voltado para o público em geral com registros de diferentes autores com a apresentação de suas impressões sobre partes das exposições.

²³⁶ Foram expostas 44 habitações, que representavam 33 civilizações distintas, as quais serão apresentadas a seguir.

Quadro 18 - Classificação da Exposição Retrospectiva da Habitação Humana

Programa teórico de Garnier	
1 - Período Pré-Histórico	
Abrigos naturais ou primitivo	abrigo de madeira e de rocha, cavernas. [Idade da Pedra]
Abrigos construídos	a. Na água: cidade lacustre, pedra esculpida, cerâmica e princípios do Bronze. b. Na terra: cabanas de barro, menires [estrutura removível de pedra], período da rena. [Idade do Ferro e Bronze]
2 – Período histórico	
Civilizações primitivas	Egito, Assírios, Fenícios, hebreus, Pelages, Etruscos.
Civilizações nascidas das invasões dos arianos ²³⁷	Hindus, Persas, Germanos, Gauleses, Gregos, Romanos, Hunos, Galo-romanos, Escandinavos, Ocidente (estilo romano, medieval e renascentista), Bizantinos, Eslavos, Russos , Árabes e Sudanese.
3 – Civilizações isoladas	
Raça amarela e raças derivadas	Japão, China, Esquimós e Lapônios
Raça negra	populações da África equatorial
Populações indígenas da América	Pele vermelha, Astecas, Incas.

Fontes: Alfred PICARD. Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris. *Rapport Général*. Paris: Imprimerie Nationale, 10 vol, 1889^a. F. G. DUMAS, F.G & L. De FOURCAUD. *Revista de La Exposición Universal de Paris*, 1889. Alexandre LABAT. *L'exposition de l'histoire de l'habitation. Colóquio L'Exposition Universelle de 1889: Art et Industrie*, 1989.

Identificamos que as publicações analisadas apresentam totais diferenciados em relação às habitações que figuraram na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana. Na publicação de F. G. Dumas, F.G & L. de Fourcaud (1889) são citadas 44 habitações, mas Alexandre Labat (1989) exemplifica 33. Ao confrontarmos as duas publicações somando com a de A. Alphand & Georges Berges(1892-1895) concluímos que foram 33 civilizações apresentadas por meio de 44 habitações (Quadro 19).

²³⁷ Os arianos se estabeleceram originariamente nas planícies compreendidas entre o mar Cáspio e o Himalaia. Vivem em seus abrigos primitivos desde uma época indeterminada e os abandonam por migrações sucessivas feitas para as regiões Sudeste e Oeste. Ver: F. G. DUMAS, F.G & L. De FOURCAUD. *Revista de La Exposición Universal de Paris*. 1889.

Quadro 19 - As Habitações Humanas e seus espaços

Categorias	Civilizações	Habitações	m ²
Abrigos naturais	1 - Abrigos	ao ar livre (1) nas rochas (2)	5 8
	Cavernas	grutas (3) pedras (4)	120 20
	Cidade lacustre	construções (5) lago	110 230
	Cabana	idade da Pedra (6) Lascada	20
Abrigos artificiais	2 – Cabana	Época da rena (7)	20
	Passagem coberta	(8)	30
	Coluna vertical em pedra – Menir	(9)	5
	Cabana - Época do Ferro	Construções (10) rochas	12 100
Civilizações primitivas	3 – Casa Egípcia	Construções (11) Jardins	70 40
	4 - Habitação dos Assírios	1º. Tipo (12) 2º. Tipo (13)	21 40
	5 - Casa dos Fenícios	(14)	36
	6 - Habitação dos Hebreus	1º. Tipo (15) 2º. Tipo (16)	21 67
	7 - Habitação dos Pélasges	(17)	33
	8 - Habitação dos Etruscos	(18)	40
Civilizações nascidas das invasões dos arianos	9 - Habitação dos Indus	Construção (19) terraço	48 20
	10 - Habitação Persas	Construção (20) Jardins	80 60
	11 - Habitação Germânicos (3 tipos)	Construções (21) camp	35 100
	12 - Habitação dos Gauleses	(22)	40
	13 - Habitação dos Gregos	Construções (23) pátio e jardins	88 66
	14 - Habitação dos Romanos	Construções (24) jardim	137 60
Civilizações nascidas das invasões	15 - Habitações dos Galo- romanos	(25)	45
	16 - Habitação dos Hunos	(26)	5
	17 - Habitação dos Escandinavos	(27)	47
	18 - Casa Romana	(28)	58
	19 - Casa da Idade Média	(29)	35
	20 - Praça Pública	(30)	200
	21 - Casa da Renascença	Construção (31)	32

bárbaras		Jardim	60
	22 - Casa dos Bizantinos	(32)	72
	23 - Casa dos Eslavos	(33)	25
	24 - Casa dos Russos	(34)	37
	25 - Habitação dos Árabes	Construções (35) pátio	42 30
	26 - Habitação do Sudão	(36)	65
Civilizações contemporâneas das civilizações primitivas, mas que não entraram em comunicação com elas	27 - Habitação da China	Construção (37) jardim	40 160
	28 - Habitação do Japão	(38)	46
	29 - Habitação dos Esquimós e Lapons	Esquimós (39) Lapônia (40)	15 24
	30 - Habitação da população da África	Construções (41) jardim	60 100
	31 - Habitação dos Peles-vermelhas	Construções (42) jardim	40 60
	32 - Habitação dos Astecas	(43)	48
	33 - Habitação dos Incas	Construções (44) terraço	56 40
TOTAL			3.224

Fontes: Alfred PICARD. *Histoire de l'Habitation*. In : *Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris. Rapport Général*. Paris: Imprimerie Nationale, 10 vol, 1889^a, p. 243-262. Alfred Alphand & Georges Berger. *Histoire de L'Habitation*. In: *Monographie: palais, jardins, constructions diverses, installations générales*. *Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris*. Paris: J. Rothschild, 1892-1895, p. 4-11.

Labat destaca que a classificação deixava clara a superioridade ariana²³⁸, visivelmente afirmada nas abordagens de Ammann, porém não aparecia talvez tão nítida aos olhos dos visitantes. Os choques visuais eram numerosos não só pelos estilos e pelas civilizações, mas pelo cenário ao redor das construções acompanhados da Torre Eiffel, edifícios, o panorama transatlântico, restaurantes, entre outros, que propositalmente caracterizava a Exposição.

A realização foi mais criticada: amontoamento, construções inacabadas e quase sempre somente com fachadas, reconstituições mal feitas até mesmo fantasiosas²³⁹. Em relação a essas reprovações, Garnier, Amman e os relatores oficiais responderam: falta de tempo, de lugar, documentação inexistente ou insuficiente para certas construções. (LABAT, 1989, p. 135).

²³⁸ O autor lembra que o evento francês aconteceu cinco anos antes do “caso Dreyfus”, escândalo político que consistiu à condenação de um oficial do exército francês, Alfred Dreyfus, de origem judaica. Sobre o assunto, ver: Hannah Arendt. *O caso Dreyfus*. 1989. Rui Barbosa, o processo do capitão Dreyfus, 1994.

²³⁹ Rodrigo Gutiérrez Viñales analisa “a arquitetura neo pré-hispânica” do México como uma manifestação de identidade nacional e americana. Em seu ensaio, critica as construções de Garnier referentes às casas asteca e inca. Sobre o assunto, ver: VIÑALES, 2003.

A retrospectiva tinha um cunho pedagógico afinado com a publicação do arquiteto francês, Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc²⁴⁰ (1814-1879), de título "Historia da Habitação Humana" (VIOLLET-LE-DUC, 1875 *apud* BOUVIER, 2005, p. 44), que realizou obra museográfica para a exposição de 1878 (LABAT, 1889, p. 142-145), mas nossa abordagem sobre a exposição retrospectiva é destacar o ideal cientificista que abarcava questões etnográficas, históricas, colonialistas e arquitetônicas.

Dentre os espaços mais comentados nos periódicos da época, destacamos a Rua do Cairo. Esse espaço foi considerado o sucesso da Exposição com o objetivo de recriar o cotidiano do mercado egípcio com seus produtos, músicas e danças.

Dentre as quarenta e quatro casas idealizadas para apresentar a evolução da habitação humana, uma delas contou com a presença do Brasil, por meio da exposição organizada por Ladislau Netto. Na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana, o país esteve presente na última edificação - a Casa Inca.

4.3.2 O Museu Nacional na Casa Inca

... Os documentos mais raros e os mais sérios foram colocados para a contribuição e sr. Netto, o diretor do Museu do Rio de Janeiro, que instalou na casa dos Incas um pequeno museu de antiguidades americanas, foi marcado pela exatidão maravilhosa que o sr. Garnier trouxe na construção destas antigas habitações dos Astecas e dos Incas. (LENÔTRE, 1889b, p. 219).

4.3.2.1 O acervo etnográfico e arqueológico brasileiro

Motivados pela pesquisa de Barbuy, identificamos sua citação sobre a presença do Brasil na *Casa Inca* por meio do trabalho de Netto (1996, p. 228-229) e outros poucos registros que citam o museu organizado por ele, conforme escrita de Gustave Lenôtre (1889b). A autora aponta que nos documentos brasileiros não aparece a nomenclatura *Casa Inca*, somente nos documentos franceses.

²⁴⁰ O nome de Viollet-le-Duc está ligado aos debates sobre a teoria da restauração. A monografia de especialização em Arquitetura e Patrimônio Arquitetônico no Brasil/PUC, de Rogério Pinto Dias de Oliveira, de título "Conservação, restauração e intervenção em arquiteturas patrimoniais", apresentada em 2007, aborda a questão.

Confirmamos a afirmativa da autora de que, na documentação brasileira, o local é chamado como “Pavilhão da Amazônia” (Figura 29).

Para aumentar a confusão na investigação documental (sobre a falta de detalhes sobre a participação de Netto na Casa Inca), identificamos em uma das escritas de Lenôtre, que o autor troca o nome *Incas* por *Astecas*:

“Sr. Ladislau Netto, o sabio diretor do Museu do Rio de Janeiro, completou da melhor forma a exposição brasileira instalando na casa dos astecas, que faz parte da história da habitação, um pequeno museu retrospectivo” (LENÔTRE, 1889a, p. 178).

Acreditamos que a participação do Brasil um mês depois da inauguração da exposição francesa causou a falta de maiores detalhes sobre sua participação em alguns periódicos e catálogos do evento. O próprio relatório oficial da exposição, organizado por Alfred Picard, cita a *Casa Inca* (PICARD, 1889a, p. 243-262), porém não registra em seu interior o museu retrospectivo organizado por Netto.

O acervo organizado por Netto e exposto na *Casa Inca* é um conjunto de artefatos indígenas (em sua maioria da região amazônica) do próprio Museu e de outros colecionadores. Barbuy exemplifica o acervo:

Netto montou, com uma série de objetos, um “museu retrospectivo” de culturas indígenas da Amazônia, especialmente de botocudos e jívaros: vasos, urnas, clavas, machados, arcos, lanças, objetos rituais, uma cabeça humana desossada e reduzida, além de pinturas a óleo que haviam sido feitas no Museu Nacional, retratando índios que para lá haviam sido trazidos por ocasião de uma exposição, em 1882... (BARBUY, 1996, p. 229).

No detalhamento de Barbuy, a consagrada Exposição Antropológica Brasileira de 1882 realizada pelo Museu Nacional é citada, pois a maioria do acervo exposto era oriunda do Museu e acrescentamos que o volume 6 do periódico *Archivos do Museu Nacional* foi dedicado à exposição antropológica. Metade da publicação é constituída de um capítulo de Netto de título “Investigações sobre a Arqueologia Brasileira”. (NETTO, v. 6, 1885, p. 256-644).

José Coelho da Gama e Abreu, Barão de Marajó, havia sido nomeado delegado pela Comissão Parcial do Pará, para representar a província na Exposição Universal de 1889. Por isso, foi designado para elaborar o relatório “do papel

desempenhado pelo Brasil n'aquelle deslumbrante quadro que marca uma epocha de glória para a França pelo pacífico triumpho que alcançou" (MARAJÓ, 1890, p. 15).

Além dessas construções e distante d'ellas, na parte occupada pelos monumentos históricos da habitação humana se encontrava a habitação Amazônica, primitivamente destinada a um pavilhão dos Incas, depois aproveitada para uma exposição de ídolos, monumentos vestuários, utensílios dos nossos selvagens do Amazonas, chamando muito a attenção os produtos cerâmicos de nossos indígenas da Ilha de Marajó; o grupamento fora feito pelo Sr. Ladislau Netto que reunio o que possuía ao que por outros brasileiros lhe foi facultado, especialmente pelo senhor Sant'Anna Nery; era n'este Pavilhão que chamava a attenção dos estudiosos a cabeça mumificada de um índio do Alto Amazonas que me fora mandada. (MARAJÓ, 1890, p. 17).

A cabeça mumificada de um chefe *Jívaro*²⁴¹, acervo de Barão de Marajó, despertou a atenção de Lenôtre e recebeu destaque:

É curioso, este minúsculo museu: tem trajes completos dos Botocudos e dos Jívaros que não tomam muito espaço, pois consistem somente em maças e brincos; tem vasos pré-históricos com hieróglifos misteriosos e quase artísticos; vê também em um bocal uma horrível cabeça de homem desossada e cozida no forno (...) (LENÔTRE, 1889b, p. 219).

No periódico *O Auxiliador* (de 19/12/1888), encontramos a solicitação da Comissão Franco-Brasileira para a manutenção de Ladislau Netto em Paris para a montagem da exposição antropológica:

Que a comissão central interponha o seu valimento junto ao Sr. ministro da agricultura, afim de permitir que o Sr. Conselheiro Ladislau Netto se demore em Pariz para montar a exposição ethnographica e anthropologica brasileira, exposição que não só abrihantará a grande festa industrial, como também fornecerá elementos importantes para o estudo das raças americanas, sobretudo fazendo-se essa exhibição acompanhar das explicações que necessariamente só o Sr. Conselheiro Ladislau Netto poderá ministrar. (O AUXILIADOR, n. 1, Jan, 1889, p. 13).

No frontispício do anexo do Catálogo Oficial da Exposição de 1889 (*EMPIRE DU BRÉSIL*, 1889), identificamos o título "Exposição arqueológica e etnográfica brasileira sob os auspícios do Commissariado Geral do Brasil" e a explicação de que a "exposição teve lugar no Pavilhão da Amazônia (Seção de História da Habitação Humana)".

²⁴¹ Uma cabeça mumificada pelos *jívaro* também figurou na Exposição Antropológica de 1882, pertencia ao museu de Pedro II. Sobre as técnicas de redução de cabeças, ver dissertação de Regina MMC Dantas, *op. cit.* 2007.

O anexo é iniciado pelo título “Pavilhão da Amazônia” acompanhando do subtítulo “coleção de cerâmica composta por antiguidades exumadas, em grande parte, da Ilha de Marajó, na foz do rio Amazonas, e do Museu Nacional do Rio de Janeiro”.

Dos cento e noventa objetos relacionados (APÊNDICE D), cento e vinte e nove são oriundos da região amazônica e os demais artefatos são de diferentes procedências do Brasil (Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Alagoas, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul). Portanto, o acervo exposto na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana era constituído em sua grande maioria de artefatos oriundos da região amazônica.

Isso poderia ser uma explicação quantitativa para a utilização da nomenclatura *Amazônia* para compor o título do local da exposição (Pavilhão da Amazônia), além da sugestão de Heloísa Barbuy sobre o investimento financeiro da Assembleia Legislativa da Província do Amazonas em ter “concedido uma verba correspondente a 150 mil francos, precisamente destinada à organização de uma seção especial do Amazonas na Exposição de Paris”. (BARBUY, 1996, p. 229).

O que nos motivou a analisar a atuação de Netto na *Casa Inca* foi o registro de Barbuy referindo-se à utilização da nomenclatura *Pavilhão da Amazônia* “por acharem o termo [Casa Inca] inapropriado à exposição sobre índios da Amazônia”.

A autora demonstrou que documentos e estudos franceses sobre a Exposição Retrospectiva da Habitação Humana citam a *Casa Inca*, mas os “brasileiros, ao contrário, embora se refiram à Exposição de Habitação, jamais mencionam a Casa Inca (...)”.(BARBUY, 1996, p. 229).

Recentes trabalhos sobre Antropologia no período imperial foram utilizados para auxiliar a presente pesquisa (MELATTI, 1990; FERREIRA, 2003, 2007, AMOROSO, 2006), em especial, destacamos a tese de doutoramento de Jonni Langer “Ruínas e Mitos: a arqueologia no Brasil Imperial” por ter apresentado, ao longo de suas análises sobre a imagem da arqueologia em relação ao índio brasileiro, apresentou a relevância das pesquisas amazônicas para o triunfo da Arqueologia imperial, a atuação dos naturalistas, e, no contexto da Exposição Retrospectiva, citou a *Casa Inca*. (LANGER, 2001, p. 200, 2009).

Dessa forma, diante das publicações de Netto e demais análises realizadas ao longo de aproximadamente vinte anos de pesquisas, apontamos o forte motivo para que esse acervo tenha sido exposto na 44ª casa elaborada pelo arquiteto

Charles Garnier, na *Casa Inca*, o entendimento de Netto de que os povos indígenas brasileiros (sobre a cultura indígena, com ênfase na região amazônica) eram contemporâneos às civilizações pré-colombianas. Netto esteve envolvido com os debates científicos e com “a disputa pelo patrimônio arqueológico Amazônico, especialmente após a descoberta dos sítios pré-históricos da Ilha de Marajó” (localizado no Pará), conforme nos apresentam seus estudos (ARCHIVOS, 1885), articulados às pesquisas de Nelson Sanjad sobre a “ciência de potes quebrados” (2011, p. 2).

Uma das características da pesquisa arqueológica desenvolvida no Brasil, durante o século XIX, foi a busca de vestígios que pudessem vincular o passado nacional “as “grandes civilizações”, como fenícios, vikings, chineses, incas e astecas. (...) Inscrições e pinturas em rocha serviram a comparações com a escrita e os símbolos gráficos de povos mediterrâneos, considerados superiores do ponto de vista cultural. Cerâmicas e artefatos líticos também propiciavam analogias com a forma e a iconografia de objetos de outros continentes ou das Américas. O objetivo de tais pesquisas era encontrar indícios que pudessem explicar a origem do homem americano, traçando rotas de contato e de migrações do Velho para o Novo Mundo, além de identificar similaridades da língua e da cultura material entre distintos povos, de maneira a construir uma genealogia e uma cronologia de ocupação humana nas Américas, (...). (SANJAD, 2011, p. 2).

Netto, desde sua viagem em 1864 por ocasião de seus estudos em Paris, não ficou alheio às discussões que estavam sendo desenvolvidas na Europa sobre a pré-história do homem e o continente americano (ARCHIVOS, Prefácio, 1885).

Em seus registros sobre o uso do *tembeta*²⁴² (NETTO, 1877), inevitavelmente, ele participa do debate sobre as origens das populações indígenas, em especial, das rotas migratórias utilizadas pelos primitivos americanos. (TURIN, 2011, p. 191). Acrescentamos seu trabalho sobre as cerâmicas e os adornos de jadeíte amazônicos, discutidas internacionalmente no Congresso dos Americanistas de 1888, pois sua hipótese²⁴³ de que haveria ascendência asiática e incaica nos artefatos jadeíticos da Amazônia sofreu forte crítica, porém:

²⁴² Adorno labial de pedra. (Figura 30).

²⁴³ O naturalista e botânico João Barbosa Rodrigues (1842-1909) compartilhou da mesma opinião de Netto e utilizou os estudos sobre o ‘muirakitã’ para fortalecer o argumento de que existiram contatos transatlânticos entre a Ásia e a Amazônia. (RODRIGUES, 1892, 1899 *apud* FERREIRA, 2009, p. 79).

Thomas Wilson, curador de Pré-História da *Smithsonian Institution*, evidenciou, anos depois, que havia vestígios de jadeíte na América, Europa e Ásia. Dessa forma, os artefatos feitos com este mineral, portanto, seriam provas frágeis para validar qualquer imigração transcontinental (Wilson, 1902 apud FERREIRA, 2009, p. 80).

Os primeiros artefatos arqueológicos da região amazônica (e suas cerâmicas da Ilha de Marajó) foram objetos de análise no Museu Nacional, “principal centro de pesquisas arqueológicas no século XIX” (SANJAD, 2011, p. 2).

Netto, em 1870, já proporcionava discussões prolongadas sobre o registro arqueológico amazônico (NETTO, 1885), e, na década de 80 do mesmo século, trabalhos foram sendo realizados sobre o assunto (HARTT, 1885; RODRIGUES, 1888; *apud* NEVES, 1999-2000, p. 88).

Nessa breve trajetória sobre a história dos estudos arqueológicos da Amazônia no século XIX, após um longo momento de descontinuidade, essas questões foram retomadas na década de 40 do século XX. Destacamos as contribuições de Julian Steward no *HandBook of South American Indians*²⁴⁴ (volume 3), que cunhou o conceito de *cultura de Floresta Tropical*²⁴⁵ para “descrever os modelos de organização econômica, social e política das populações indígenas da Amazônia e das florestas tropicais do leste da América do Sul.” (NEVES, 1999-2000, p. 88).

Alguns autores colocavam a Amazônia em um contexto periférico na história pré-colonial da América do Sul (MEGGERS, EVANS, 1957) passando a ser analisada à luz do conceito da ecologia cultural norte-americana e do determinismo ecológico.²⁴⁶

Não pretendemos aqui, de maneira alguma, resgatar todas as discussões que permeiam o debate sobre a arqueologia²⁴⁷, mas a bacia Amazônica faz parte da agenda antropológica geral como região mais bem sucedida no estabelecimento de

²⁴⁴ O *Handbook of South American Indians* é uma série monográfica de seis volumes referência em estudos etnográficos, publicado pelo Instituto Smithsonian entre 1940 e 1947.

²⁴⁵ Ausência de arquitetura monumental, refinamentos na metalurgia, cultivo de tubérculos, navegação ribeirinha, uso de redes para dormir entre outras características. Sobre o assunto, ver: Eduardo G. Neves, 1999-2000).

²⁴⁶ Agradeço a inúmeras sugestões da museóloga do Museu Nacional, Cleide Maria da Conceição Martins, que teve como objeto de pesquisa as teorias da ocupação da Amazônia no período pré-histórico. Sobre o assunto, ver: MARTINS, 2003.

²⁴⁷ Destacamos as investigações de Lucio Menezes Ferreira que articula Arqueologia com nacionalismo e colonialismo. Sobre essa discussão, ver: FERREIRA, 2003 e 2007.

problemas que “demandam tratamentos arqueológicos e etnográficos”. (NEVES, 1999-2000, p. 87).

Diante das investigações sobre a participação do acervo etnográfico e arqueológico brasileiro na *Exposição Retrospectiva da Habitação Humana*, podemos apontar que Netto tinha colocado os artefatos indígenas brasileiros na chamada *Casa Inca* por entender que eles faziam parte da história pré-colombiana do continente americana.

Museu Nacional do Rio de Janeiro, 18 de Abril de 1888
Existindo na Ilha de Marajó e em outros pontos do Valle do Amazonas, bem como em (...), Santarém e miracan-uêra, necrotérios contendo relíquias cerâmicas da maior antiguidade e do mais alto valor archeológico, pois representam civilização muito adiantada e, segundo penso, superior a cerâmica dos antigos povos mais cultos do México e do Peru e apparecendo (...) viajantes estrangeiros a exhumarem desses necrotérios thesouros de inestimável valor para a história precolombiana deste continente, thesouros não menos preciosos que as antiguidades vedadas a exploração dos exhumadores estrangeiros pela Ásia Menor, pelo Egypto e pela Grécia, vogo à V. Ex^a. se digne expedir as ordens necessárias afim de que, sendo consideradas aquellas relíquias objectos equivalentes as riquezas minerais propriedade do Estado, não tenha permissão de as exhumar qualquer pessoa não autorisada pelo Governo Imperial.²⁴⁸

Nesse momento, apontamos a relevância dos estudos atuais da arqueóloga Maria Beltrão sobre os *peabirus*²⁴⁹, as rotas indígenas pré-existentes aos colonizadores das Américas, que ligavam civilizações primitivas dentro e fora do Brasil. No estudo, a autora apresenta algumas rotas, das quais destacamos o caminho que vai da Lagoa dos Patos à Amazônia (encostada ao Peru), cruzando o trajeto que partia “de Santa Catarina, se chegava ao Peru, em pleno Império Inca...”. (BELTRÃO, 2011, p. 32-33). O trabalho da pesquisadora nos leva a entender a relevância da articulação entre a identificação das rotas dos povos primitivos e as análises de cerâmicas (cacos) e de material lítico, realizados em meio aos trabalhos de campo.

Desde que a antropologia se tornou uma disciplina, o trabalho de campo e a pesquisa *in situ*, bem como os estudos de objetos materiais guardados/exibidos em museus tornaram-se ambos parte da produção de conhecimento antropológico. (FABIAN, 2010, p. 73).

²⁴⁸ Ofício de Netto para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Publicas, Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva. BR MN MN D9 Ata 10/04/1888.

²⁴⁹ Rotas dos povos primitivos brasileiros que interligavam diferentes grupos indígenas por milhares de quilômetros. Sobre o assunto, ver: Maria da Conceição Beltrão, 2011.

Atualmente, uma das Salas do Museu Nacional/UFRJ é dedicada à população pré-colombiana, constituída com acervo de diferentes povos da América sob o título: “Culturas Ameríndias”. Na parede, encontramos um mapa com a localização de diversificados povos e um resumo da pesquisa que dá visibilidade ao acervo e que comprova o quanto o assunto continua sendo analisado pelos pesquisadores da instituição.

As origens das populações americanas e a história da ocupação das Américas são temas ainda muito polêmicos. As primeiras levas de povoadores chegaram comprovadamente ao continente há cerca de 12.000 anos atrás. Contudo, estudos bastante controversos realizados em diferentes países, entre eles, Brasil, Chile e Estados Unidos, atribuem uma maior antiguidade para a presença humana nas Américas, o que poderia recuar em até 50 mil anos essa chegada. Tais estudos também sugerem que os seres humanos que deram origem às populações americanas chegaram aqui em diversas ondas de migração e de povoamento, em diversas épocas e por caminhos distintos. O legado que nos foi deixado pelos povos que habitaram as Américas em tempos pré-colombianos compõe um rico mosaico de trajetórias e tradições. Em contraponto a essa grande diversidade cultural, observamos que a simbologia dos objetos arqueológicos pré-colombianos apresenta uma infinidade de traços comuns e de elementos que nos permite identificar uma relativa unidade na forma de pensar dos antepassados ameríndios.²⁵⁰

Nessa mesma sala, a curadoria responsável pelo acervo expôs os artefatos dos povos pré-colombianos do continente americano e nela identificamos uma cerâmica de Santarém, representando a região amazônica brasileira. Esse detalhe comprova que os pesquisadores da instituição estão com o propósito de despertar a visão do visitante da exposição em relação à similaridade de estilo entre algumas peças e a contemporaneidade dos povos do continente americano.

Reafirmamos que Netto, ao expor o acervo etnográfico e arqueológico brasileiro (em sua maioria da Amazônia) na *Casa Inca*, em 1889, colocou os objetos dos povos pré-colombianos no mesmo nível, metodologia identificada na atual sala sobre Cultura Ameríndia do Museu Nacional.

Cabe esclarecer que o acervo que denominamos na investigação como *etnográfico e arqueológico* ficava nas coleções da “Secção de anthropologia, ethnografia e archeologia”. Essa informação (de uma única seção para as três categorias) é identificada na obra do ex-diretor João Baptista de Lacerda quando apresenta as seções e coleções da instituição. (LACERDA, 1905, p. 96).

²⁵⁰ Texto que apresenta uma das salas dos povos pré-colombianos da exposição permanente do Museu Nacional.

Entretanto, hoje, o acervo é encontrado no Departamento de Antropologia²⁵¹ do Museu Nacional dividido entre dois setores, no de Arqueologia e no de Etnologia e Etnografia²⁵².

O Setor de Arqueologia tem um acervo de cerca de cem mil itens, que oferece ao público leigo, aos pesquisadores e aos estudantes a oportunidade de comparar (...) a diversidade cultural através dos tempos, desde o Paleolítico europeu até o século XIX no Brasil.

O Setor de Etnologia e Etnografia abriga cerca de 40 mil itens relativos à cultura material dos povos indígenas do território nacional e de muitas outras culturas. (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 45).

4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUSEU APÓS A EXPOSIÇÃO DE 1889

Em 31 de outubro de 1889 foi encerrada a Exposição Universal em Paris e o Brasil se fez representar em quase todas as classes. Quinze dias depois, a República foi instaurada e, após uma semana, foi criada comissão para inventariar os documentos existentes nos palácios imperiais²⁵³.

Proclamada a República e tendo de retirar-se do país a ex-família imperial, cumpria ao Governo Provisório, como representante da soberania nacional e supremo garantidor da ordem social, não só entrar na posse dos bens, pertencentes ao Estado, como ainda acautelar as propriedades particulares do ex-chefe da Nação e de sua família²⁵⁴.

Durante o Governo Provisório, em 18 de Março de 1890, estavam sendo encerrados os trabalhos das comissões de organização da participação do Brasil no evento de 1889, por meio da carta enviada pelo commendador Alfredo Michel²⁵⁵, representante junto ao Comissariado Geral de Paris a Nicolau Moreira, vice-presidente da Comissão Brasileira, passando a situação de que “os últimos volumes remetidos da Exposição Brasileira para o Rio de Janeiro, já devem estar em poder dos expositores”. Os demais objetos que permaneceram para fazer parte da

²⁵¹ O Departamento de Antropologia é constituído por cinco setores: Antropologia Biológica, Antropologia Social, Arqueologia, Etnologia e Linguística.

²⁵² Essa separação dificultou os estudos de identificação dos objetos expostos na Casa Inca. Somente o acervo da Arqueologia foi analisado.

²⁵³ AN. Seção de Ministérios – IJJ, 698, 22.11.1889.

²⁵⁴ Relatório Ministerial da Justiça e Negócios Interiores, 1891, p. 54.

²⁵⁵ Em 1889, no periódico *O Auxiliador*, Bethencourt da Silva lembrou que havia indicado o Sr. Alfredo Michel (membro da comissão de propaganda da prévia de 1888) para compor a Comissão Franco-Brasileira da Exposição Universal de 1889.

Exposição Permanente em Paris foram entregues ao Dr. Betim Paes Leme (1882-1938)²⁵⁶, autorizado pelo Governo Provisório para esse fim. A “minha missão de delegado da Comissão Central, está pois, concluída, e só me resta prestar contas das despesas feitas.” (O AUXILIADOR, Abr, 1889, p. 79).

Em ofício datado de 28 de fevereiro de 1890, Netto começou a reforçar a possibilidade da mudança do Museu (localizado no Campo de Santana) por falta de espaço para uma instituição que estava em crescente desenvolvimento²⁵⁷.

Em 8 de Maio do mesmo ano, foi instituído o novo regulamento do Museu Nacional, que reforçou o caráter centralizador da gestão Netto, levando a uma série de exonerações e desligamentos, como a saída de Emílio Goeldi e Orville Derby em 1890 e de Fritz Müller e Hermann Von Ihering, no ano seguinte.

Castro Faria enfatiza que o próprio Lacerda qualificou esse regulamento de “peça de arrocho”, mas destaca que, em compensação, tornou-se mais pretensiosa a definição das finalidades: “estudar a História do Globo e em particular a do Brasil”. (CASTRO FARIA, 1949, p. 11).

As consequências desses acontecimentos proporcionaram uma descentralização da ciência no país, desencadeando e explorando novos espaços. Assim, Emilio Goeldi²⁵⁸ foi convidado a assumir o Museu Paraense (ao que dá hoje seu nome); Ihering empenhou-se na fundação do Museu Paulista e Orville Derby, inicialmente alocado na Comissão Geológica de São Paulo, foi efetivado no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.

Ainda diante da resposta negativa das autoridades em relação à mudança de espaço físico do Museu Nacional, Netto enviou ofício em 19 de Julho de 1890, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Instrução Pública Correios e Telégrafos, general Benjamin Constant, solicitando providências para a aquisição de artefatos *quetchuas*, existentes na Quinta da Boa Vista, em risco de serem vendidos no Leilão do Paço com os móveis ali depositados²⁵⁹. Netto preocupou-se em adquirir uma coleção, de cunho arqueológico, que pertencera ao antigo “Museu do

²⁵⁶ Ingressou no Museu Nacional em 1911 (na terceira sessão) e dirigiu a instituição no período entre 1935 e 1938.

²⁵⁷ BR MN MN. DR. CO, RA. 9/f.151-151v. Arquivo SEMEAR do Museu Nacional/UFRJ. Sobre a transferência do Museu para a Quinta da Boa Vista, ver a dissertação de Regina MMC Dantas, *op. cit.* 2007.

²⁵⁸ Um dos cientistas que muito contribuiu para as pesquisas arqueológicas da região amazônica.

²⁵⁹ BR MN MN DR. CO, RA 9/f. 169 Arquivo SEMEAR do Museu Nacional/UFRJ.

Imperador” e que havia ficado na ex-residência imperial. (SCHWARCZ, DANTAS, 2008, p. 123-165).²⁶⁰

Em 6 fevereiro de 1892, Netto solicitou o transporte do “Museu do Imperador” da Quinta da Boa Vista para o Museu Nacional, no Campo de Santana, por via férrea da Companhia de São Cristóvão.

Museu Nacional do Rio de Janeiro em 6 de fevereiro de 1892.
 Ao Snr. Dr. José Hygino Duarte Pereira, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Instrução Pública, Correios e Telégrafos.
 Snr. Ministro sendo-me urgentemente necessário transportar para o Museu Nacional todo o Museu da Quinta da Boa Vista com enorme material composto de numerosas coleções de objetos delicadíssimos, de aparelhos de física, de livros e de móveis, constando a maior parte dessas coleções de minerais guardados em frascos muito frágeis, e não sendo possível efetuar semelhante transporte senão em vagões da Companhia de São Cristóvão, peço-vos providências a fim de que seja aquela companhia encarregada desse serviço, empregando vagões descobertos que tragam até os portões do Museu as referidas coleções, ainda que seja preciso prolongar com alguns metros os trilhos da mesma companhia.
 O Diretor Geral Ladislau Netto²⁶¹.

Em Maio do mesmo ano, o diretor conseguiu a execução da via férrea, entretanto executou o caminho ao contrário, transferiu o Museu Nacional do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista e a instituição passou a utilizar o a ex-residência imperial. Dessa forma, o estabelecimento científico se apropriou do acervo do “Museu do Imperador” existente no palácio²⁶².

Ainda em 1892, a instituição contou com a atuação de Amaro Ferreira das Neves Armond (?-1944), que exerceu o cargo até 1893, durante o afastamento de Netto para representar o Brasil na Exposição de Chicago. Em sua volta (Fev de 1893), Netto solicitou aposentadoria, que foi concedida no final do mesmo ano e Domingues José Freire²⁶³ (1842-1899) o substituiu, interinamente, até a nomeação do antropólogo João Baptista de Lacerda (1846-1915) que administrou o Museu até sua morte.

Cabe ressaltar que o último registro encontrado nos arquivos da SEMEAR/UFRJ sobre a Exposição Universal de 1889, data de Julho de 1895. A

²⁶⁰ Foram realizados os leilões dos paços imperiais (agosto a novembro/1890) e, oito dias depois, o palácio foi utilizado para sediar a primeira assembleia constituinte republicana. Em 24 de Fevereiro de 1891, a constituição brasileira foi promulgada e a ex-residência de Pedro II ficou fechada.

²⁶¹ BR MN MN.DR.CO, RA.10/f. 42-42v - 6 de Fevereiro de 1892.

²⁶² BR MN MN DR. CO, RA 10/f. 54. Arquivo SEMEAR do Museu Nacional/UFRJ.

²⁶³ Destacamos o envolvimento de Freire com o Laboratório de Bacteriologia, um estabelecimento oficial criado pelo governo republicano e regulamentado pelo decreto nº 1.171 de 17/12/1892 como *Instituto Bacteriológico Domingos Freire*.

direção da instituição recebeu dois exemplares enviados de Paris relativos à exposição francesa, mas Netto não chegou a conhecer essas publicações.

Ladislau Netto faleceu em 18 de Março de 1894, repentinamente, “fulminado por um colapso cardíaco, ao saltar na estação de S. Francisco Xavier, para onde se dirigia em visita a um amigo”. (DUARTE, 1950, p. 247). Parafrazeando Maria Margarete Lopes, “se [ele] não fez mais, havia consolidado as Ciências Naturais no Museu Nacional do Rio de Janeiro.” (LOPES, 1997, p. 204).

O Museu Nacional/UFRJ, com seus 194 anos de existência, comemorados em 2012, permanece sediado no antigo Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista (desde 1892). É necessário, portanto, que seu acervo histórico continue sendo problematizado para auxiliar pesquisadores na escrita de sua história, visando fortalecer o papel de destaque nacional no desenvolvimento da história das ciências no Brasil.

4.4.1 Sobre as coleções analisadas

Durante as visitas aos departamentos e seções do Museu Nacional (Botânica, Geologia, Etnologia, Arqueologia e Biblioteca), constatamos que pouco tem sido realizado nos estudos das coleções do século XIX referente às Exposições Universais²⁶⁴. Os resultados parciais da investigação significaram novidades para pesquisadores, alunos e alguns curadores das respectivas coleções.

Em cada visita aos departamentos e seções, provocamos discussões que se transformaram em desafios para os pesquisadores. No caso da Botânica, a curadora Luci Valle conseguiu retornar a *coleção de madeiras* para a “lista de prioridades” do acervo do departamento. A coleção que estava trancada em armários no palácio da instituição, agora ressignificada, seguirá para o novo prédio da Botânica (em outro espaço físico dentro da Quinta da Boa Vista).

O Departamento de Geologia e Paleontologia, representado nessa investigação pela análise documental sobre a participação da réplica do meteorito de Bendegó na Exposição, irá investir na procura de documentos que auxiliem com

²⁶⁴ Os pesquisadores da SEMEAR/MN identificaram que a documentação mais procurada, sobre coleções da instituição, refere-se apenas à Exposição Antropológica Brasileira de 1882 (e seus artefatos).

alguma informação sobre a *coleção de minerais* que participou da Exposição de 1889 e que foi agraciada com medalha de prata.

Em relação ao acervo antropológico que figurou na *Casa Inca*, a proposta inicial era realizar registro fotográfico de algumas peças identificadas na única imagem interna encontrada (Figura 31). Portanto, o registro deveria ser realizado separadamente em dois setores do atual Museu Nacional, no Setor de Etnografia e no Setor de Arqueologia.

Cabe registrar que durante a segunda metade do século XIX, tanto o acervo etnográfico quanto o arqueológico estiveram reunidos em uma mesma seção na instituição: a *Secção de anthropologia, ethnographia e archeologia* (NETTO, 1870, P. 248-287; LACERDA, 1905, p. 96-107).

Na Etnografia, não foi possível realizar o registro fotográfico dos objetos, pois ao final da investigação, houve modificações de seu pessoal técnico. Portanto, os artefatos não foram encontrados em tempo hábil pela nova equipe.

No Setor de Arqueologia, a curadora Tania Andrade Lima autorizou prontamente o registro fotográfico e seus pesquisadores identificaram, na única imagem, as peças que participaram da exposição. Diante do interesse pelo assunto, além da fotografia do século XIX, a equipe utilizou a listagem do acervo exposto (do Catálogo Oficial da Exposição de 1889) com o intuito de identificar mais peças.

Cabe ressaltar a dificuldade dessa identificação, pois os arqueólogos do Setor constataram de que o responsável pela escrita da listagem do Catálogo de 1889, na época, não se tratava de um profissional da área. Esse fato, por consequência, propiciou discussões no Setor em busca da devida especificação e identificação dos objetos.

O objetivo de dar continuidade às investigações do acervo visa problematizar futuras pesquisas e contextualizar o acervo e as exposições. Portanto, a equipe do Setor continuou a identificação do acervo exposto em 1889, em suas coleções, a partir da conexão de diferentes listagens: o Catálogo Oficial de 1889, o Guia da Exposição Antropológica de 1882 e a Relação dos objetos de Pedro II que figuraram na Exposição de 1882, que inclui o acervo do Museu do Imperador. (APÊNDICE E).

Em relação aos *Archivos do Museu Nacional*, o chefe da Biblioteca Central do Museu, responsável pela guarda do periódico, tem interesse em conhecer o diploma da medalha de ouro recebido pela instituição ao participar do evento com os

primeiros sete volumes da revista. A direção do Museu acompanhou cada parte da pesquisa e garantiu a restauração do documento para futura exposição.

Cabe registrar que a lista dos objetos guardados nos dois cofres da diretoria da Instituição (contendo um número representativo de medalhas) constitui uma fonte rica para futuras análises sobre a participação do acervo científico do Museu Nacional em exposições e comemorações diversas dentro e fora do país.

CONCLUSÃO

Soneto do dia 15

Seu Deodoro, tem gente,
Mas já sai agora mesmo.
Pensa que não tenho sangue?
Eu tenho sangue, mas frio.

Cedo o império brasileiro
Ao dito das circunstâncias.
Só levo daqui saudades.
Justiça aguardo de Deus.

Pensão não quero, obrigado
Tratem bem de meus moleques.
Estou fazendo um soneto;

O papel está acabando,
Chego já no último verso,²⁶⁵
Já lhe cedo o meu lugar.

Murilo Mendes

A questão central de nosso trabalho foi apresentar a participação do Museu Nacional na Exposição Universal de 1889 identificando nesse processo o seu acervo, as áreas do conhecimento envolvidas e os atores que se destacaram como parte desse desenvolvimento social das ciências no Brasil.

As Exposições Universais representaram para o século XIX o espaço para apresentação da modernidade como noção de progresso relacionada ao desenvolvimento industrial, porém nossa investigação optou por enfatizar o papel das ciências priorizando a atuação do Brasil, por meio da presença do Museu Nacional na última exposição do período imperial brasileiro.

O Brasil enviou para as exposições que contou com sua participação produtos relacionados ao setor agrícola, principalmente o café, além de mostruários dos recursos minerais entre outros.

O Museu Nacional, instituição de caráter nacional durante todo o século XIX, teve papel relevante na participação de expedições científicas, na coleta e análise de mostras da fauna, flora e da população autóctone do país, além da representação

²⁶⁵ Em nota sobre o poema “Soneto do Dia 15” na obra de Murilo Mendes de título *História do Brasil (1932)*, editada em 1991, a organizadora Luciana S. Picchio, destaca o soneto em heptassílabos de Murilo, apresentando a saída de “um imperador literato cheio de dignidade...”. (MENDES, 1991, p. 54).

de seus artefatos científicos nas exposições nacionais e nas universais que contaram com a participação do Brasil.

Ao identificarmos os tipos de objetos enviados para cada mostra nacional ou universal que contou com a participação do Museu, inicialmente para comprovar a presença do acervo da instituição em diferentes eventos, constatamos que o material enviado, em sua maioria, era composto por minerais e madeiras. Esse resultado foi fundamental para o início de nossa investigação.

A análise sobre a participação do Museu na Exposição Universal de 1889 em Paris, realizada a partir da Exposição Preparatória Nacional na corte do Rio de Janeiro (1888), constatou a participação dos produtos naturais (madeira e minerais).

Com a leitura do periódico, constatamos a ausência de documentos sobre a coleção de minerais premiados no evento de 1889, porém a opção pelo desenvolvimento de análise sobre a réplica do meteorito de Bendegó garantiu a presença dos estudos mineralógicos sobre o “fragmento” original que se encontra em local de maior visibilidade da exposição do Museu. A réplica não retornou ao Brasil, mas é em Paris que seu simulacro lhe dá vida.

Além disso, vimos que os demais acervos foram inseridos na mostra francesa posteriormente, diretamente pelo então diretor do Museu Nacional Ladislau Netto. Estamos nos referindo às sete primeiras publicações do periódico institucional *Archivos do Museu Nacional*, todos expostos no Pavilhão do Brasil localizado ao lado da torre Eiffel. O periódico proporcionou forte intercâmbio entre instituições congêneres.

Verificamos que a presença do Brasil, por meio da direção e do acervo do Museu Nacional, foi apresentada em outro espaço físico – a Casa Inca – idealizada por Charles Garnier como sendo a última construção da Exposição Retrospectiva da Habitação Humana.

Foi possível acompanharmos a trajetória do acervo etnográfico e arqueológico desde sua apresentação na Exposição Antropológica de 1882 e percorrer os demais eventos citados (Antuérpia e Berlim) até chegar à Exposição de Paris em 1889 – objeto de nossa investigação.

Nessa análise, a permanência da utilização dos artefatos exibidos na Exposição de 1882 até chegar ao certame Francês de 1889 contribuiu para o botânico Netto se firmar como referência internacional na área da antropologia.

Diante da abordagem, Netto conquistou a responsabilidade pela organização da exposição na Casa Inca.

Tanto as publicações dos *Archivos do Museu Nacional* quanto o acervo antropológico exposto na Casa Inca não foram identificados na análise do periódico *O Auxiliador* sobre a Exposição Preparatória de 1888, pois constatamos que eram materiais ligados diretamente ao diretor do Museu, que não compareceu ao evento de 1888.

Nessa perspectiva, tornou-se relevante analisar o perfil de Netto (inicialmente como botânico), a atuação junto à direção do Museu Nacional e sua inserção nos estudos antropológicos, para entender os objetivos do novo formato dado à Regulamentação da instituição em 1888 (criando a seção de antropologia, etnologia e arqueologia). Consequentemente, o botânico conseguiu associar seu nome à área de antropologia e o da instituição ao cenário científico nacional e internacional.

Ao concluirmos o levantamento e a análise dos objetos do Museu Nacional que participaram da Exposição Universal de Paris em 1889, inevitavelmente apontamos as áreas do conhecimento que estavam em plena ação na instituição. As suas análises desenvolvidas no Museu, conforme vimos, eram publicadas no periódico institucional *Archivos* e enviadas para diferentes instituições dentro e fora do país. Eis a relevância da participação do periódico do Museu no evento.

Diante do que foi levantado e analisado, como material selecionado para participação na mostra francesa, constatamos que a direção do Museu Nacional enviou os objetos consagrados nas exposições universais anteriores (madeiras e minerais) e não perdeu a oportunidade para mostrar o acervo antropológico e etnográfico em um espaço que proporcionou a apresentação dos artefatos que registravam as culturas dos povos primitivos do Brasil.

O perfil nacional do Museu possibilitou sua inserção no evento universal e sua contribuição apresentou a coleção atrelada às práticas científicas desenvolvidas na instituição. É dessa forma que os estudos das coleções científicas, de seus guardiões e de suas contribuições sociais fortalecem a relevância das pesquisas no viés da História das Ciências.

Aproveitamos para destacar a palavra *ciências*, no plural, para fortalecermos os estudos sociais presentes em nossas análises e por estarmos atuando em um curso de caráter interdisciplinar com a articulação de diferentes áreas do conhecimento.

Inicialmente, a participação de Netto na *Casa Inca* nos pareceu um ato improvisado devido à ausência do diretor e desse acervo (antropológico e o periódico) na Exposição de 1888 e por não termos identificado documentos sobre um suposto convite para que ele participasse da organização na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana.

Entretanto, diante das articulações das publicações de seus estudos antropológicos somados à seleção e organização do acervo na *Casa Inca* e leitura de antropólogos e historiadores que analisam seus trabalhos (LANGER, 2001 e TURIN, 2011), percebemos o interesse de Netto em participar da Exposição Retrospectiva para apresentação do acervo como resultado de sua participação em exposições, suas publicações e apresentações em congressos.

Portanto Netto, ao expor o acervo etnográfico e arqueológico brasileiro (em sua maioria da Amazônia) na *Casa Inca*, em 1889, colocou os objetos dos povos pré-colombianos no mesmo período temporal. Dessa forma, podemos apontar que Netto tentou inserir o país no continente americano.

Como uma provocação em relação ao que foi analisado, referente à Casa Inca, apontamos que essa mesma metodologia (de Ladislau Netto) é identificada na atual sala sobre *Cultura Ameríndia* do Museu Nacional. Percebemos que alguns acervos de diferentes povos do continente americano são colocados ao mesmo lado (como por exemplo, artefato da Venezuela e de Santarém). Isso comprova que o assunto não está esquecido na instituição e que a utilização da nomenclatura *Casa Inca* poderá ser identificada em novas abordagens sobre a participação do Museu Nacional na Exposição de 1889.

Dessa forma, acreditamos estar contribuindo para darmos vida a algumas categorias de objetos guardados nas coleções da instituição científica e aos seus guardiões que, ao serem ressignificados por meio das pesquisas, podem contribuir para futuras apresentações aos seus visitantes.

REFERÊNCIAS

1. Fontes manuscritas

1.1 Acervos

1.1.1 Arquivo Histórico do Itamaraty

Ofício nº 7, Legação Imperial do Brasil em Paris, 2ª. Seção, Ofícios 1889, Paris. (abril, 1889).

Ofício nº 6 de 1º/06/1889, confirmando a ida do Barão do Rio Branco para Paris.

1.1.2 Arquivo Histórico do Museu Imperial

MI Maço 187. Doc. 8508 – Arquivo Casa Imperial do Brasil. Relatório de Netto sobre proposta de construção de um prédio para a Exposição de 1882.

MI Maço 195. Doc. 8845. Arquivo Casa Imperial do Brasil de 21/07/1886 - Ofício de Netto para Göldi se refere às instruções para “descobrir e debellar a origem de tão funesto flagelo de um dos mais importantes ramos da indústria agrícola brasileira” [a moléstia do café].

MI.CI. SC – I. DAS, 8.06.1891-PII-B.c.

Resposta de d. Pedro II, no exílio, sobre como gostaria que fosse dividida a sua biblioteca e doando o seu museu ao Museu Nacional.

MI - Álbum fotográfico da Exposição Universal de Paris de 1889.

1.1.3 Arquivo Nacional do RJ

AN IE7 65, 1875. Ofício de Ladislau Netto comunicando ao Ministério da Agricultura sobre a primeira aula dos cursos públicos após aprovação do Regulamento de 1874.

AN. Seção de Ministérios – IJJ1 698, 22.11.1889. o ministro de Estado dos Negócios do Interior, Sr. Aristides da Silveira Lobo, criou uma comissão para a elaboração do inventário dos documentos existentes nos antigos palácios imperiais.

1.1.4 Museu Mariano Procópio

Diploma Medalha de Ouro – conferido a Viscondessa por ocasião da participação de produtos de exploração e de minas na Exposição Universal de Paris em 1889.

1.1.5 Seção de Memória e Arquivo/SEMEAR - Museu Nacional

BR MN MN AO, pastas 1 e 2 de 6/06/1818. Decreto de criação do Museu Real.

BR MN MN CD. 02 – Registro de Atas e Deliberações do Conselho Administrativo do Museu Nacional (1876-1885).

BR MN MN D6 RA 6 - Registro de correspondências oficiais do Museu Nacional (1874-1875).

BR MN MN D7 RA 7 - Registro de correspondências oficiais do Museu Nacional (1876-1884).

BR MN MN D8 RA 8 - Registro de correspondências oficiais do Museu Nacional (1883-1884).

BR MN MN DR 9 Atas 9/07/1886 - Derby assumiu a direção da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e manteve seus vencimentos no Museu Nacional, sem prejuízo para a instituição.

BR MN MN D9 RA 9 1885/1890 – Registros de correspondências oficiais do Museu Nacional.

BR MN MN D9 DR9 1889. Atas de deliberações do Conselho Administrativo do Museu Nacional.

BR MN MN D9 27/11/1888 – Auto de recebimento do meteorito de Bendegó no Museu Nacional no Rio de Janeiro.

BR MN MN D9 Ata 10/04/1888 - ofício do Diretor Geral, Ladislau Netto, encaminhado ao conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, ministro dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas pedindo que viajantes estrangeiros sejam impedidos de terem acesso aos necrotérios da região amazônica.

BR MN MN D9. Ata 3/09/1888 – Netto solicita apoio financeiro para visitar museus da Europa por ocasião do VII Congresso Internacional dos Americanistas (2/10/1888).

BR MN MN D9. Ata 3/10/1888 – Netto foi autorizado pelo governo a levar cerâmicas coletadas na Ilha de Marajó para participar do VII Congresso Internacional dos Americanistas.

BR MN MN D9 Ata 10/01/1889 - ofício do Diretor da 3ª. Seção, Orville Derby, encaminhado ao conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, ministro interino dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas pedindo indenização pelos gastos com o transporte do meteorito.

BR MN MN D9 doc 127 20/10/1890 – Ofício remetendo à Diretoria Geral dos Correios uma coleção do periódico *Archivos do Museu Nacional* (volumes de 1 ao 7).

BR MN MN D9 43 25/11/1882 – Registro de correspondência do Diretor Geral, Ladislau Netto, para Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas informando sobre a visita ao Rio da Prata.

BR MN MN DR.CO.Pasta 6, AO 966. - O Diretor do Museu Nacional, Cesar Burlamaqui, recebeu ofício informando sobre a nomeação do Marques de Abrantes como presidente da Comissão Organizadora e convite para compor a Comissão Julgadora do evento.

BR MN MN DR.CO. pasta 107 de 16/08/1821 – a SAIN utilizou o Museu Nacional para realização de reuniões e exposições de suas máquinas.

BR MN MN.DR.CO, AO. 990 Pasta 7 doc 3 - 21/01/1862- Ministro autoriza envio de duplicatas de pedras preciosas para a Exposição Nacional de 1861.

BR MN MN.DR.CO, AO. Pasta 7 doc 7 - Ministro científica o envio da coleção de minerais para a Exposição Universal de Londres em 1862.

BR MN MN DR. CO, RA. 9/f. 116 . 15/11/1888 – solicitação da presidência da Província da Bahia referente à uma lâmina do meteorito de Bendegó.

BR MN MN. DR. CO, RA. 10/f. 42 – 42v. 6/02/1892 - Ofício de Ladislau Netto solicita transferência do Museu do Imperador para o Museu Nacional, para isso solicita ligação férrea da Quinta da Boa vista para o Campo de Santana.

BR MN MN Pasta 10 doc. 68 de 8/11/1871 - Carta de alforria de negros no Museu Nacional.

BR MN MN Pasta 10 doc. 78 de 12/12/1871 - Libertos à serviço do Museu Nacional.

BR MN MN Pasta 13 doc. 1 a 8 de 13/01/1874 - Relação dos minerais e pedras preciosas que participaram da Exposição Universal de Viena.

BR MN MN Pasta 14 doc. 35 de 5/07/1875 - Aviso para a Comissão da Exposição Nacional sobre a concessão de uma área de 150 m² no edifício para expor as coleções do museu.

BR MN MN Pasta 15 doc. 12 e 13 de 21/02/1876 - Lista dos objetos que foram enviados à Exposição da Filadélfia.

BR MN MN Pasta 15 doc. 109 de 25/12/1876 - Carta de Spencer Bairo, do *Smithsonian Institution*, comunicando os exames feitos nas amostras brasileiras que participaram da Exp. de Filadélfia.

BR MN MN Pasta 15 doc. 25 de 6/03/1876 – Inauguração dos Cursos Públicos em horário noturno.

BR MN MN Pasta 27 doc 73 – Ofício do Ministério dos Negócios da Agricultura e Obras Públicas ao diretor do Museu Nacional solicitando “o preparo e apresentação de as mais raras e importantes colleções que representam a história natural na instituição”.

BR MN MN Pasta 28 (diversos 1892) - confirmação de recebimento dos Archivos do Museu Nacional - números VI e VII, por parte de aproximadamente 60 instituições científicas do mundo.

BR MN MN Pasta 28 - doc 21 de 12/3/1889. Ata da Sessão do Conselho Diretor do MN. Referência ao ofício expedido à “Comissão Central Brasileira para a Exposição Universal de Paris em 11/2/1889, remetendo com destino à exposição onze caixotes contendo todo o material para o Álbum Etnográfico”.

BR MN MN Pasta 28 - doc 44- 30/4/1889. Ata da Sessão do Conselho Diretor do MN. Ofício do ministro Rodrigo Silva ordenando que seja posta à disposição de Ladislau Netto na Delegacia do Tesouro em Londres a quantia de 2:000\$000 para a publicação do Album Ethnographico do Brazil.

BR MN MN Pasta 28 - doc 46- 14/5/1889. Ata da Sessão do Conselho Diretor do MN. Referência ao Aviso do Ministério da Agricultura de 30/4/1889, pondo à disposição de Ladislau Netto a quantia de 2:000\$000.

BR MN MN Pasta 28 - doc 63- 10/7/1889. Ata da Sessão do Conselho Diretor do MN. Ordem do Dia. Referência aos “importantes serviços” prestados por Ladislau Netto nas capitais européias, visando o intercâmbio para as coleções de história natural e antropologia, e indicação para colocar à disposição do mesmo a quantia de 500\$000.

BR MN MN Pasta 28 - doc 68- 7/8/1889. Ata da Sessão do Conselho Diretor do MN. Ofício assinado por J. M. Machado de Assis autorizando o pagamento de 500\$000 a Ladislau Netto na Delegacia do Tesouro em Londres.

BR MN MN Pasta 28 - doc 82- 16/9/1889. Ata da Sessão do Conselho Diretor do MN. Ofício assinado por J. M. Machado de Assis com autorização para por à disposição de Ladislau Netto, na Delegacia do Tesouro em Londres, a quantia de 2:000\$000, para “diversas publicações etnográficas”.

Arquivo da Arqueologia 1889

Arquivo da Botânica/SEMEAR 1889

Arquivo da Etnologia 1882

Arquivo da Geologia/SEMEAR 1889

RELATÓRIOS DA DIRETORIA 1870-1889

ATAS DA DIRETORIA 1870-1889

BR MN MN Atas da Diretoria. 25/11/1882 – registro da viagem de Netto para a região do Rio da Prata.

Diploma Medalha de Ouro – conferido ao Museu Nacional por ocasião da participação dos sete primeiros volumes do *Archivos do Museu Nacional* na Exposição Universal de Paris em 1889.

Fontes impressas

ALEMÃO, Freire ; SERRÃO, Custódio Alves ; NETTO, Ladislau e GAMA, J. Saldanha da. **Breve notícia sobre a Collecção de Madeiras do Brazil, apresentadas na exposição internacional de 1867.** Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1867.

ALPHAND, Alfred & BERGER, Georges. *Histoire de L'Habitation. In: Monographie: palais, jardins, constructions diverses, installations générales. Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris.* Paris: J. Rothschild, 1892-1895.

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL. Museu Nacional: Imprensa Nacional, v. 1, 1876.

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL. Museu Nacional: Imprensa Nacional, v. 2, 1877.

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL. Museu Nacional: Imprensa Nacional, v. 3, 1878.

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL. Museu Nacional: Imprensa Nacional, v. 6, 1885.

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL. Museu Nacional: Imprensa Nacional, v. 7, 1887.

BARBOSA, Rui. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 14 out, 1889.

BEGUET, Bruno. *Les Expositions Universelles,* In: **Revue des Deux Mondes,** 1889.

CARVALHO, José Carlos de Carvalho. **Météorite de bendégo: rapport présenté au ministère de l'agriculture, du commerce et des travaux publics et à la société de géographie de rio de janeiro sur le déplacement et le transport du météorite de bendégo.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

CHAMPIER, Victor. Las 44 Habitaciones Humanas: construídas em El Campo de Marte por M. Carlos Garnier. (org.) F.G. DUMAS & L. de FOUCAURD. **Revista de la Exposición Universal de Paris en 1889.** Barcelona: Montaner y Simon Editores, 1889.

DERBY, Orville A. Estudo sobre o Meteorito de Bendegó. In: **Archivos do Museu Nacional**, v. 9. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1895.

D'ERVY, Francisco. *Los Pabellones de los Nuevos Mundos*. (org.) F.G. DUMAS & L. de FOUCAURD. **Revista de la Exposición Universal de Paris en 1889**. Barcelona: Montaner y Simon Editores, 1889. p. 513-522.

DUMAS, F.G & FOURCAUD, L. de. **Revista de La Exposición Universal de Paris**. Barcelona: Montaner Y Simón, Editores. 1889.

ESTATUTO da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Rio de Janeiro: typographia Imperial D' Émile Seignot Plancher, 1831.

HARTT, C. Contribuições para a Etnologia do vale do Amazonas. **Archivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro: Museu Nacional, v, 6, 1885.

LACERDA, João Baptista de. **Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

L'AMERIQUE. Paris. Mai/jun. 1889.

LE MONITEUR DE L'EXPOSITION DE 1889. Paris: Gergut/Garreau, 1887-1889.

LENÔTRE, G. *Le Pavillon du Brésil*. **L'Exposition de Paris**, 1889, Paris, v. 1/2, n. 23, 1889a.

_____ *La Maison des Incas*. **L'Exposition de Paris**, 1889, v. 1/2, n. 28, 1889b.

LES MERVEILLES DE L'EXPOSITION. Paris: a *La Libraire Illustrée*, 1889.

LEVASSEUR, Émile. **Le Brésil**. Rio de Janeiro: Bom Texto Letras & Expressões, 2ª. Ed., 2001.

MARAJÓ, Barão de (José Coelho da Gama e Abreu). O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889. **Breve Relatório sobre a Exposição Brasileira**. Pará: Typ. de Pereira & Faria, 1890.

MEUNIER, Stanislas. *La Météorite de Bendego*. **La Nature**. Jun. 1889, p. 49-50..

NETTO, Ladislau. **Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.

____ **Apontamentos relativos a Botânica applicada no Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1871.

____ Tembetás (adornos labiaes de pedra) da colleção archeologica do Museu Nacional. **Archivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro: Museu Nacional, v, 2, 1877.

____ **Aperçu sur la théorie d'évolution**. *Conférence faite à Buenos Aires dans la séance solennelle, célébrée en son honneur par la Société Scientifique Argentine*. Rio de Janeiro : Imprimerie du Messenger du Brésil, 1883.

____ **Conférence faite au Muséum National em présence de LL MM Impériaes en 4/11/1884**. Rio de Janeiro: Typ. E Lith de Machado & C., 1885.

____ Prefácio. In: **Archivos do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional. v. VI, 1885.

____ Investigações sobre a Arqueologia Brasileira. **Archivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro: Museu Nacional, v, 6, 1885, 256-644.

____ *Sur Iês Antiqués Cerámiques de l'ilê de Marajó*. *Congrés International des Américanistes*. **Compte-Rendu de La Septième Session**. 1888. p. 201-207.

____ **Le Muséum National de Rio de Janeiro et son influence sur les Sciences Naturelles au Brésil**. Paris: Librairie. Ch. Delagrave, 1889.

O AUXILIADOR DA INDÚSTRIA NACIONAL. Imprensa Nacional. 1888, 1889, 1890.

PICARD, Alfred. Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris. **Rapport Général**. Paris: Imprimerie Nationale, 10 vol., 1889a.

____ **Rapport Du Jury International**. Paris: Imprimerie Nationale, 20 vol., 1889b.

RELATÓRIOS MINISTERIAIS DO BRASIL 1870-1889.

REVISTA DA EXPOSIÇÃO Antropológica Brasileira. Imprensa Nacional, 1882.

REVISTA ILLUSTRADA. Chronicas fluminenses. Rio de Janeiro, ano 7, n. 311, 1882c.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, 1 de junho de 1889.

SANTA-ANNA NERY, Frederico Junior *et al.* **Le Brésil en 1889.** Paris: Delagrave, 1889.

SAY, Horace. **Histoire des Relations Commerciales entre la França et le Brésil, et considérations générales sur les monnaies, les changes, les banques et le commerce extérieur.** Paris : Chez Guillaumin, Libraire. 1839.

Statutes, Règlement, Conseil et Liste des Membres de la Société des Americanistes. In : **Journal de la Société des Américanistes de Paris.** Paris : Hotel de la Société Nationale d'Acclimation. n° 1, 1896.

Folhetos

ALBUM DE VUES DU BRÉSIL. (org.) José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco. (Apêndice da obra *Le Brésil*, de E. Levasseur). Paris: Imprimerie A. Lahure, 1889.

ARCHIVOS NATIONALES. Exotiques Expositions... Les Expositions Universelles et les Cultures Extra-européennes Frances, 1855-1937. Paris: Somogy Éditions d'art, 2010.

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO – Reencontros : Emílio Göeldi e o Museu Paraense. Curadoria Lúcia Hussak van Velthem e Nelson Sanjad. Belém : Gráfica Santa Maria, 2006.

CATALOGUE. Exotiques Expositions... Les Expositions Universelles et les Cultures Extra-européennes Frances, 1855-1937. (dir.) Christiane Demeulenaere-Douyère, *Archivos Nacionales: Somogy Éditions d'art*, 2010.

CIÊNCIA PARA TODOS. Hermann von Ihering : lembrando a vida do grande naturalista fundador do Museu Paulista, no centenário de seu nascimento. **Ciência para todos**. Rio de Janeiro. 29.10. 1950, p. 6-7.

EXPOSICION UNIVERSAL DE PARIS EN 1889. Barcelona: Montaner y Simon Editores, 1889. p. 97-110.

EMPIRE DU BRÉSIL. Catalogue Officiel. Paris: Imp. De Chaix, 1889.

FORRER, Leonard. **Biographical Dictionary of Medallists : coin, gem, and seal-engravers, mint-masters, & c., ancient and modern, with references to their works B.C. 500-A.D. 1900; Compiled by L. Forrer**. London : Spink & Son Ltd., 1904-30. vol 1.

FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO. Doce França : recortes da vida privada na coleção do Museu Mariano Procópio. Catálogo da exposição no Museu de Arte Murilo Mendes. Juiz de Fora : UFJF - MAMM, 2010.

GUIA da Exposição Antropológica Brasileira do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1882.

GUIDE BLEU DU FIGARO ET DU PETIT JOURNAL, Paris : imp. de Chaix, 1889.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. 150 Anos. (org) Isa Adonis. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990.

KOOGAN/HOUAISS. **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado**. Rio de Janeiro : Edições DELTA, 1997.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1997. v. 1, p. 77.

SANTA-ANNA NERY. **Guide de l'emigrant au Brésil**. Paris: C. Delagrave/Syndicat du Comité franco-brésilien, 1889a.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)** / Ronaldo Vainfas (org). Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Trabalhos Acadêmicos

Monografias

MARTINS, Cleide Maria da Conceição. **As culturas Pré-históricas da Ilha de Marajó e suas construções representacionais no Museu Nacional.** Rio de Janeiro: 2003. Monografia (Bacharelado em Museologia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Paulo Vinicius Aprígio da. **A ocupação do Palácio de São Cristóvão: estratégias em prol do apagamento da memória monárquica.** Rio de Janeiro: 2009. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Janeiro.

Dissertações

COELHO, Anna Carolina de Abreu. **Santa-Anna Nery: Um Propagandista “Voluntário” da Amazônia (1883-1901).** Belém: 2007. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará.

CUNHA, Cinthia da Silva. **As Exposições Provinciais do Império: A Bahia e as Exposições Universais (1866-1888).** Bahia: 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia.

DANTAS, Regina M.M.C. **A Casa do Imperador: Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional.** Rio de Janeiro: 2007. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

FAGUNDES, Geraldo Meyer. **O Brasil no Espelho do Mundo. A economia da segunda metade do século XIX, através das exposições universais de Paris, 1867, 1878 e 1889.** Rio de Janeiro: 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica/RS.

FERREIRA, Lucio Menezes. **Vestígios de Civilização: a Arqueologia no Brasil Imperial.** Campinas: 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas.

MONASTÉRIO, Clélia Maria Coutinho Teixeira. **O Processo de Projeto da Arquitetura Efêmera Vinculada a Feiras Comerciais.** São Paulo: 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Estadual de Campinas.

MORAIS, Rita de Cássia de Jesus. **Nos Verdes Campos da Ciência: A Trajetória Acadêmica do Médico e Botânico Brasileiro Francisco Freire-Alemão.** Rio de Janeiro: 2005. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

NASCIMENTO, Fátima Regina. **A Imagem do índio na segunda metade do século XIX.** Rio de Janeiro: 1991. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLENDER, Marcos. **No Livro do Futuro.** 1992. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, Araci Alves. **Terra Encantada – A Ciência na Exposição do Centenário da Independência no Brasil.** Rio de Janeiro: 2010. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, Paulo Coelho Mesquita. **O Brasil nas Exposições Universais (1862 a 1911): mineração, negócio e publicações.** São Paulo: 2009. Dissertação (Mestrado em Ensino e História de Ciências da Terra) – Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Sabrina Damasceno. **“O pedaço de outro mundo que caiu na Terra”: as formações discursivas acerca do meteorito de Bendegó do Museu Nacional.** Rio de Janeiro: 2010. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

SOUZA, Rosane de. **A Gênese de um Processo Tradutório: As Mil e uma Noites de D. Pedro II.** Santa Catarina: 2010. Dissertação (Mestrado em Estudo das Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina.

WERNECK DA SILVA, José Luiz. **Isto é o que me parece: a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1827-1904) na formação social brasileira. A conjuntura de 1871 até 1877.** Niterói: 1979. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal Fluminense.

Teses

BARRETO, Patrícia Regina Correa. **Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: O Templo Carioca de Palas Atena.** Rio de Janeiro: 2009. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BITTENCOURT, José das Neves. **Território largo e profundo: os acervos dos museus do Rio de Janeiro como representação do Estado Imperial, 1808-1889.** Niterói: 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Ciência, um caso de política: as relações entre as ciências naturais e a agricultura no Brasil-Império.** São Paulo: 1995. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Universidade de São Paulo.

DOSSANTOS, Nadja Paraense. **Theodoro Peckout: Naturalista e Farmacêutico do Brasil Imperial.** Rio de Janeiro: 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FERREIRA, Cristina Araripe. **Difusão do Conhecimento Científico e Tecnológico no Brasil na Segunda Metade do Século XIX. A Circulação do Progresso nas Exposições Universais e Internacionais.** Rio de Janeiro: 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz.

FERREIRA, Lucio Menezes. **Território Primitivo: a institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1915).** Campinas: 2007. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas.

HEIZER, Alda. **Observar o Céu e medir a Terra: Instrumentos Científicos e a participação do Império do Brasil na Exposição de Paris de 1889.** São Paulo: 2005. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Estadual de Campinas.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939).** São Paulo: 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

LANGER, Johnni. **Ruínas e Mito: a arqueologia no Brasil Império.** Curitiba: 2001. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná.

MONTEIRO, John M. **Tupis, tapuias e historiadores : Estudos de historia indígena e indigenismo**. Campinas: 2001. Tese (Livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas.

NASCIMENTO, Fátima Regina. **A Formação da Coleção de Indústria Humana no Museu Nacional, século XIX**. Rio de Janeiro: 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, José Carlos de. **A Cultura Científica no Paço de D. João: O Adorador do Deus das ciências**. Rio de Janeiro: 1998. Tese (Doutorado em Eletrotécnica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WERNECK DA SILVA, José Luis. **As Arenas Pacíficas do Progresso**. Niterói: 1992. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. 2v.

Livros

AIMONE, Linda e OLMO, Carlo. **Les Expositions Universelles 1851-1900**. Paris: *Éditions Belin*, 1993.

AGEORGES, Sylvain. **Sur Les traces des Exposition Universelles: À la recherche des Pavillons et des Monuments Oubliés 1855-Paris-1937**. Paris: Parigramme, 2006.

ALMEIDA, Marta de. Congressos e Exposições Científicas: tema e fontes para a história. In: **Ciência, Civilização e República nos Trópicos**. Alda Heizer & Antonio Augusto Passos Videira (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2010.

ALMEIDA, Marta de. E VERGARA, Moema de Resende. **Ciência, História e Historiografia**. São Paulo/ Via Lettera e Rio de Janeiro/MAST, 2008.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Formação da Diplomacia Econômica no Brasil: As relações econômicas Internacionais no Império**. São Paulo: SENAC, 2001.

ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento: A geração 1870 na crise do Brasil-império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARENDDT, H. O Caso Dreyfus. In : **As Origens do Totalitarismo**. (Trad. Roberto Raposo). São Paulo. Companhia das Letras. p.111-146, 1989

AUERBACH, Jeffrey A. **The Great Exhibition of 1851: a nation on display.** London: Yale University Press, 1999.

AZEVEDO, Fernando de *et al.* **As ciências no Brasil.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

_____. **A Cultura Brasileira.** 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Brasília: Editora UnB, 1996.

BARBUY, Heloísa. **A Exposição Universal de 1889 em Paris.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARBOSA, R. **O processo do capitão Dreyfus.** Rio de Janeiro: Giordano, 1994.

BELTRÃO, Maria da Conceição de M.C. **Peabirus: os caminhos dos índios e sua importância para a identidade nacional.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: ECONAME Consultoria Ltda, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Le Collectionneur.* In: **Paris, Capitale du XIX^e Siècle.** Paris: Les Éditions du Cerf, p. 221-229. 1989.

BLOM, Philipp. **Ter e Manter, Uma história íntima de colecionadores e coleções.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

BRIGGS, Asa. **The Crystal Palace and the Mem of 1851.** In: *Victorian People.* Middlesex: Penguin Books, 1982.

BRIGOLA, João Carlos Pires. **Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII.** Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória.** 2ª. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

_____. **A Construção da Ordem: a elite política imperial. Teatro das Sombras: a política imperial.** Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2007.

CARVALHO, Wilton Pinto de. **Os Meteoritos e a História do Bendegó**. Salvador: W. P. de Carvalho, 1995.

CASTRO FARIA, L. **Antropologia: Expetáculo e Excelência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COMAS, Juan. **Los Congressos internacionales de americanistas: síntesis históricas e índice bibliográfico general**. México: Ediciones Especiales del Instituto Indigenista inter-americano, 1954.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à República: Momentos decisivos**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CRISPINO, Luis Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaque; TOLEDO, Peter Mann de. **As Origens do Museu Paraense Emílio Göeldi: Aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)**. Org. Luis Carlos Bassalo Crispino, Vera Burlamaque Bastos, Peter Mann de Toledo. Belém: Paka-Tatu, 2006.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa e KUBRUSLY, Ricardo Silva. A Pedra que caiu do céu e foi para a Literatura de Cordel. In: **Livro de Anais do Congresso Scientiarum Historia IV**. Rio de Janeiro: Stamppa, 2011. p. 645-653.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa e DOS SANTOS, Nadja Paraense. Quando um Botânico se envolve com a Antropologia: reflexões sobre Ladislau Netto no Museu Nacional. In: **Livro de Anais do Congresso Scientiarum Historia IV**. Rio de Janeiro: Stamppa, 2011. p. 653-661.

_____. O Museu Nacional na Exposição Universal de Paris em 1889. In: **Colecionismos, práticas de campo e representações**. LOPES, Maria Margaret e HEIZER, Alda (orgs.). Campina Grande: EDUEPB, 2011. P. 227-239.

_____. O Museu Nacional entre Acervos Científicos: o Museu do Imperador na Exposição Antropológica Brasileira de 1882. In: **Livro de Anais do Congresso Scientiarum Historia V**. Rio de Janeiro: Stamppa, 2012. p. 664-672.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. **Institutos de Pesquisa Científica no Brasil**. Mario Guimarães Ferri e Shozo Montoyama (coordenadores). São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1979-1980.

_____. As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil. In: **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. (orgs.) Alda Heizer e Antonio Augusto Passos Videira. Rio de Janeiro: Acces, 2001a.

_____. **Espaços da Ciência no Brasil**. (org.) 1800-1930. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001b.

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; ROMERO SÁ, Magali e GLICK, Tomas. **Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX**. In: A Recepção do Darwinismo no Brasil (orgs) Heloisa Maria Bertol Domingues, Magali Romero Sá e Thomas Glick. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

DUARTE, Abelardo. **Ladislau Netto (1838-1894)**. Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**./ Trad. Ruy Jungmann; rev. e apres. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

EWBANK, T. **A vida no Brasil: ou, Diário de uma visita à terra do cacauero e das palmeiras**. Trad. Jamil Almansur Haddad. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976.

FERRI, Mário G.; MONTOYAMA, Shozo. **História das Ciências no Brasil**. Mário Guimarães Ferri & Shozo Montoyama (coordenadores). São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1979-1980.

FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. **As Ciências Geológicas no Brasil: uma História Social e Institucional. 1875-1934**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. Ciências Geológicas no Brasil no século XIX. In: FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. **Um olhar sobre o passado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 163-187.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Para pensar as vidas de nossos cientistas tropicais. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio A. P. (Orgs.). **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001. p. 235-246

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREITAS, Marcus Vinicius de. **Hartt: expedições pelo Brasil imperial (1865-1878)**, São Paulo: Metalivros, 2001.

_____. **Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de D. Pedro II**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FREITAS FILHO, Almir Pita. **As Oficinas e Armazém D'Óptica e Instrumentos Científicos" de José Maria dos Reis e de José Hermida Pazos (Negociantes, Ilustrados e Utilitários em prol do desenvolvimento da ciência no Brasil)**. Relatório Final de Pesquisa. Rio de Janeiro: MAST/CNPq/MCT, 1986.

GARCIA, João Carlos Vitor; MOTOYAMA, Shozo e OLIVEIRA, José Carlos de. O Desenvolvimento da História da Ciência no Brasil. In: FERRI, Mario Guimarães e MOTOYAMA, SHOZO (orgs). **História das Ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSPO/E.P.U., 1979. p. 381-408.

GASPAR, C. B., BARATA, C.E. **De Engenho a Jardim – Memórias Históricas do Jardim Botânico**. Rio de Janeiro: Ed. Capivara, 2008.

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial. Volume III: 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GODINEAU, Laure. *L'Économie Sociale a l'Exposition Universelle de 1889. Le Mouvement Social. n. 149. Mise em Scène et Vulgarisation: L'Exposition Universelle de 1889. Oct-dec*, 1989. p. 71-87.

GOLDFARB, Ana Maria Alfonso e BELTARN, Maria Helena Roxo (orgs) **Escrevendo a História da Ciência: tendência, propostas e discussões historiográficas**. São Paulo: EDUC/FAPESP/Livraria Editorada Física, 2004.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus. 1870-1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.
HUGHES, Edan. **Artists in California 1786-1940. California: Crocker Art Museum**. 3ª. ed. 2 vols, 2002.

HARDMANN, Francisco Foot. **O Trem Fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.

_____. **A Era das Revoluções 1789-1848**. São Paulo: Editora Pax e Terra, 2004.

IGLÉSIA, Francisco. A História no Brasil. In: FERRI, Mario Guimarães e MOTOYAMA, SHOZO (orgs). **História das Ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSP/E.P.U, 1979. p. 381-408.

KOSERITZ, Carl Von. **Imagens do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As Grandes Festas Didáticas, a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.

KUNT, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. (Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira). São Paulo : Perspectiva, 2007.

LABAT, Alexandre. *L'exposition de l'histoire de l'habitation*. **Colóquio L'Exposition Universelle de 1889: Art et Industrie**. Paris: Musée d'Orsay, 19-20 mai, 1989.

_____. *Charles Garnier et l'Exposition de 1889: l'Histoire de l'Habitation humaine*. In: MATHIEU, Caroline (dir). **1889: la Tour Eiffel et l'Exposition universelle**. Paris: Musée d'Orsay/Réunion des musées nationaux, 1989a.

LAGO, Pedro Correa do ; LAGO, Bia. Coleção Princesa Isabel. Fotografia do Século XIX. Rio de Janeiro : Ed. Capivara, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; tradução Bernardo Leitão... [et al.]. 5ª. ed. Campinas, SP: Editor Ada UNICAMOP, 2003.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

LOBO, M. C. O. Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocessos e desafios. **Anais do III Seminário Inter. Cultural Material e Patrimônio da C & T**. Rio de Janeiro: MAST, 2009.

LOPES, Maria Margaret. As Ciências dos Museus: A História Natural, os Viajantes Europeus e as Diferentes Concepções de Museus no Brasil do Século XIX. In: **História da Ciência: o mapa do conhecimento**. (orgs) Ana Maria Alfonso-Goldfarf, Carlos A. Maia. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1995.

_____**O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

_____**O Local Musealizado em Nacional: aspectos da cultura das ciências naturais no século XIX, no Brasil**. In: **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. (orgs.) Alda Heizer & Antonio Augusto Passos Videira. Rio de Janeiro: Acces, 2001.

LYRA, Heitor. **História de D. Pedro II: 1825-1891**. São Paulo: Livraria Itatiaia, 1977. 3v.

MATTA, R. da. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial**. Rio de Janeiro: ACCESS, 1994.

MOTOYAMA, Shozo. **Prelúdio para uma História**. Shozo Motoyama (org). São Paulo: Editora da USP, 2004.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das, MACHADO, Humberto Fernandes. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NEVES, Margarida de Souza. **As vitrines do Progresso: o Brasil nas Exposições Internacionais**. Rio de Janeiro: PUC-RJ/FINEP/CNPq, 1986.

_____**A “Machina” e o Indígena: O Império do Brasil e a Exposição Internacional de 1862**. In: **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. (orgs.) Alda Heizer e Antonio Augusto Passos Videira. Rio de Janeiro: Acces, 2001.

NUNES, Marcomedes Rangel. **A Pedra do Bendegó, que veio do céu. O maior meteorito brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora Régis Aló, 2009.

OLIVEIRA, J. C. de. **D. João VI: Adorador das Ciências?** Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

OLIVEIRA, J. C. de. **D. João VI e a Cultura Científica.** Rio de Janeiro: EMC, 2008.

ORY, PASCAL. Le Centenaire de la Révolution française : la preuve par 89. In : **Les Lieux de Mémoire** (org) Pierre Nora. Paris: Gallimard, v. 01, p. 523-560, 1984.

_____. ***L'Expo Universelle, 1889. La memoire des siècle.*** Paris: Editions Complexe, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **As exposições universais. Espetáculos da modernidade do século XIX.** São Paulo: Hucitec, 1997.

PETITJEAN, Patrick. Ciências, Impérios, Relações Científicas Franco-Brasileiras. In: (Hamburger, A.I. *et al* - orgs) **A Ciência nas Relações Brasil-França (1850-1950).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996.

PLUM, Werner. **Exposições mundiais no século XIX: espetáculos da transformação sócio-cultural.** Bonn: 1979. p. 10.

PRADO JUNIOR, Caio. **Evolução Política do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1963.

RAEDERS, George. **D. Pedro II e o Conde de Gobineau.** Rio de Janeiro: Atlântica, 1996.

RANGEL, M. A construção de um patrimônio científico: a Coleção Costa Lima. **Anais do III Seminário Inter. Cultura Material e Patrimônio da C&T.** Rio de Janeiro: MAST, 2009.

REIS, José. História da Ciência: de onde vem, para onde vai. In: **História da Ciência: perspectiva científica.** MOTOYAMA, Shozo (org.). São Paulo: Brasil, 1974.

ROBERTY, Heloisa Maria Boechat; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Imagens da Astronomia na Cidade do Rio de Janeiro: os 120 anos do Observatório do Valongo**. Rio de Janeiro: Observatório do Valongo, 2003.

RODRIGUES, A. *Evidence for Tupi-Carib Relationships*. In: **South American Languages: Retrospect and prospect**. Klein, H. e Stark, L.(esd). Austin: University of Texas, 1985.

SALDAÑA, Juan Jose. Ciencia e Identidade Cultural: a História da Ciência na América Latina. In: FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. **Um Olhar sobre o passado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. P. 11-32.

SALLES, R. As Águas do Niágara. 1871: a crise da escravidão e o acaso saquarema. In: **O Brasil Imperial. Volume III: 1870-1889**. (org. Keila Grinberg e Ricardo Salles). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. **Guerra do Paraguai – memórias e imagens**. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2003.

SAINT-SIMON, Henri de. *Du système industriel*. In: **Le nouveau christianisme et les écrits sur la religion: oeuvres choisies**. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

SANJAD, Nelson. **A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da Comunidade Científica no Brasil**. São Paulo, 1979.

SHEETS-PYENSON, S. **Cathedrals of Science**. *The Development of Colonial Natural History Museums During the Late Nineteenth Century*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1988.

SERRES, Michel. **A Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SPIX; MARTINS. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. Rio de Janeiro: Editora Villa Rica, 1981.

STEPAN, Nancy. **Gênese e Evolução da Ciência Brasileira**. Rio de Janeiro, Artenova, 1976.

STRAUCH, Paulo Cesar. **Pindorama e o Palácio de Cristal**. Um olhar brasileiro sobre a exposição de Londres de 1851. Rio de Janeiro: E-papers Ed., 2008.

TAUNAY, Visconde de. **O Grande Imperador**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1932.

TATON, René. Las Biografías Científicas y su importância em la história de las ciencias. In: Antonio Lafuente y Juan J. Saldaña. *Historia de las ciencias: Nuevas Tendencias*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987. p. 73-86.

TOLMASQUIN, Alfredo. **Einstein: o viajante da relatividade na América do Sul**. Rio de Janeiro: Veira e Lent Casa Editorial Ltda, 2003.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e Trejeitos (1839-1889) a fotografia e as exposições na era do espetáculo**. Rio de Janeiro: FUNARTE; Rocco, 1995.

_____. A Exposição de Obras Públicas de 1875 e os “produtos da ciência do engenheiro, do geólogo e do naturalista”. In: **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. (orgs.) Alda Heizer e Antonio Augusto Passos Videira. Rio de Janeiro: Acces, 2001.

TURIN, Rodrigo. “Tipos”, “primitivos”, “decadentes”: escrita etnográfica, secularização e tempo histórico no Museu Nacional. In: **Estudos de Historiografia brasileira** / Organizadora Lucia Maria Bastos Pereira das Neves [et al.] – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

VASQUEZ, Pedro. **Dom Pedro II e a fotografia no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho; Companhia Internacional de Seguros; Ed. Index, 1985.

Publicações Periódicas

AMOROSO, M. R. Crânios e Cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX. **Revista de História**. N. 154. Departamento de História – PPGHS-HE/USP, 2006, p. 119-150.

ANDRADE LIMA, Tania. **Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas**. *Clio: Série Arqueológica*, n. 5, p. 87-99, 1989.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai à Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Museu Paulista. N. Série v. 4. p. 211-261. Jan/dez, 1996.

BRASILIANA, Correspondência de D. Pedro II e o Barão do Rio-Branco. (Apres.) Miguel do Rio-Branco. Série 5, v. 294, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

BOUVIER, B. *Charles Garnier (1825-1898) architecte historien de L'habitation Humaine*. In: **Livraisons de L'architecture**, n. 9, 1er semestre, 2005, p. 43-51.

CARVALHO, W. P. de; RIOS, D. C.; CONCEIÇÃO, H.; ZUCOLOTTO, M. E.; D'ORÁZIO, M. O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química. **Revista Brasileira de Geociências**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Geologia, v. 41, n. 1, mar 2011, p. 141-156.

CASTRO FARIA, L. As Exposições de antropologia e arqueologia do Museu Nacional. Conferência de L. Castro Faria. **Publicações Avulsas do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional. n. 4, 1949.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. As demandas científicas e a participação do Brasil nas exposições internacionais do século XIX. In: **Revista Latino-Americana História de las Ciencias y la Tecnología**, v. 12, p. 203-215, 1999.

DOSSANTOS, Nadja Paraense. Theodoro Peckolt: a produção científica de um pioneiro da fitoquímica no Brasil. **Hist. ciênc. saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2005, vol.12, n.2, p. 515-533.

DUARTE, Luis Fernando Dias. Construção social da memória moderna. In: **Boletim do Museu Nacional. Nova Série. Antropologia**, n. 48, 1983.

_____. Método e ficção nas Ciências Humanas. **Clio – Psyché: Histórias da psicologia no Brasil**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 53-64, 1999.

FABIAN, Joahannes. Colecionando Pensamentos. In: **Revista Mana**. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional. n. 6, 2010. P. 59-73.

FEIO, José Lacerda de Araújo. O Museu Nacional e o Dr. Emílio Joaquim da Silva Maia. **Publicações Avulsas do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 35. 1965.

FERREIRA, G. N.; FERNANDES, M. F.; REIS, R. R. "O Brasil em 1889": um país para consumo externo. **Lua Nova**: São Paulo, p. 75-113, 2010.

FERREIRA, Lúcio Menezes. "Ordenar o Caos": Emílio Goeldi e a arqueologia amazônica. **Bol. Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém: MPEG, v. 4, n. 1, p. 71-91, jan.- abr. 2009.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Mundialização da Ciência e Respostas Locais: Sobre a Institucionalização das Ciências Naturais no Brasil. **Asclépio**. Vol L-2, 1998.

FÖLLMI, Beat A. *Musiques Exotiques aux Expositions Universelles de Paris em 1889 et 1900. In: Identity and University/ Identité et universalité [a commemoration of 150 years of Universal Exhibitions Commémoration de 150 ans l'Expositions Universelles]. Volker Barth (Ed): Paris: Bureau International des Expositions, 2002, p. 111-127).*

FREITAS FILHO, Almir Pita. Imagens de Persuasão da Modernidade na Exposição de 1881. In: Blaj, Ilana & Monteiro, John. **Historia e Utopias**. São Paulo: ANPUH, 1996. p. 172-173.

_____. Tecnologia e Escravidão no Brasil: Aspectos da Modernização Agrícola nas Exposições Nacionais da Segunda Metade do Século XIX (1861-1881). **Revista Brasileira de História**. São Paulo: RBH, v. 11, n. 22, 1991. p. 71-92.

GARCIA, R. Dom Pedro II e as Línguas Americanas, **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro: IHGB, 1925, Tomo 98.

GODINEAU, Laure. *L'Economie sociale à l'Exposition universelle de 1889. Le Mouvement Social. No. 149, Mise em Scène et Vulgarisation: L'Exposition Universelle de 1889. Oct-Dec., p. 71-87, 1989.*

GREENHALGH, Paul. **Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, great exhibitions and world's fairs, 1851-1939**. Manchester: University Press, 1988.
 GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, 1988. p. 5-27.

KURY, Lorelai Brilhante; CAMENIETZKI, Carlos Ziller. Ordem e Natureza: Coleções e Cultura Científica na Europa Moderna. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: MHN, v. 29, 1997.

LOPES, Maria Margaret. A Mesma Fé e o Mesmo Empenho em suas Missões Científicas e Civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos no século XIX. **Revista Brasileira de História**. vol 21, n. 41, São Paulo, 2001.

_____. Pesquisa Científica é no Museu. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: RHBN, 2010, n. 1.

_____; MURRIELO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do século XIX. **Hist. ciênc. saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2005, vol.12 (suplemento), abr/jun, p. 13-20.

MACEDO, Antonio Carlos de Magalhães, FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira e GALLO-DA-SILVA, Valéria. Fósseis coletados na Amazônia pela "Comissão Geológica do Império do Brasil" (1875-1877): um século de história. **Boletim do Museu Nacional. Nova Série. Geologia**, Rio de Janeiro, n. 47, 1999.

MARTÍ, José. **La Edad de Oro [1889]**. *La Habana: Centro de Estudios Martianos*. v. 01, nº 1, jul 1889. 2005. *Edición Especial*.

MELATTI, Julio Cesar. A Antropologia no Brasil: Um Roteiro. In: **O que se deve Ler em Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Cortez e ANPOCS, 1990. Vol. 3, p. 123-211.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. O Museu e o problema do conhecimento. In: SEMINÁRIO sobre Museus-casas (4., 2002). **Anais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

NABUCO, Joaquim. Minha Formação. **Clássicos Jackson**. Vol XX., Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1964.

NEVES, Margarida de Souza. As Arenas Pacíficas. In: **Gávea**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Departamento de História. N. 5, abril, 1988.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História**, São Paulo, v. 10, p. 7-29, 1993.

OLIVEIRA, Almir Leal de. O Ceará na Exposição de Chicago (1893). Ciência e técnica. **Caderno de resumos do II Congresso Luso-brasileiro de História da Ciência**, 2003.

PESTRE, Dominique. *Introduction à la journée du 14 mai 1992. Un aperçu historique*, In : **Journée d'étude. L'étude sociale des sciences. Bilan des années 1970 et 1980 et conséquences pour le travail historique, textes réunis et présentés par Dominique Pestre**, Paris, CRHST/Cité des Sciences et de Industrie/CNRS, 1992, p. 5-13.

SÁ, Magali Romero de; DOMINGUES, Heloisa Bertol. O Museu Nacional e o Ensino das Ciências Naturais no Brasil no século XIX. **Revista da SBHC**, n. 15, p. 79-88, 1996.

SANTOS, R. V.; SILVA, M. C. S. de M. e S.. **Inventário Analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ. Série Livros 14, 2006.

SCHWARCZ, Lilian Moritz; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n.º. 46, fev., 2008, p. 123-165.

SILVA, Clarete Paranhos da. **O desvendar do Grande Livro da natureza: um estudo da obra do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805**. São Paulo: Annablume, 2002.

TÓRTIMA, Pedro. Exposições Mundiais e Nacionais: a participação do Brasil. In: **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. 150 Anos. (org) Isa Adonis. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990.

VIDAL, Nei. Breve notícia sobre os meteoritos brasileiros (Bendegó). **Revista do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional. Abril, 1945, p. 4-7.

WERNECK DA SILVA, José Luiz. La Participation de L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris: La section Brésilienne aux Champs de Mars. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro/IHGB**. Rio de Janeiro: julho/set, 1989. p. 361-527.

WEST, David A. **Fritz Müller, a Naturalist in Brazil**. Virgínia: Pocahontas Press, Inc., 2003.

Trabalhos não publicados

ANDRADE, Amaro Barcia de. **O Museu Nacional e suas coleções mineralógicas**. [s.n.t.] (mimeo.).

PATERNOSTRO, Suzana. **Catálogo do acervo histórico e artístico do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1989. (datilo.).

Artigos e/ou matérias de jornal

ÁVILA, Janayna. O último Romântico – Ladislau Netto. **Gazeta de Alagoas**. Alagoas, 23 mar, 2008. Caderno B, p. B1-B3.

RANGEL, M. Meteorito Bendegó. **Folha da Manhã**. Campos dos Goytacazes, RJ. Domingo, 02 de abril, 1995, p.12.

Consulta online

ALMANAK LAEMMERT (1844-1889). Center for Research Libraries (CRL). Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/almanak>. Acesso em Jan. de 2010.

ALVES, Rui José Valka. O Herbário do Museu Nacional: novos rumos. *Revista Museu. Cultura levada a sério*. 2003. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/emfoco.asp?id=2703>. Acesso em Jan. de 2010.

ANDERMANN, JENS. Espetáculos da Diferença: a Exposição Antropológica Brasileira de 1882. 2004. **Topoi - Revista de História**, Rio de Janeiro, v.5, p.128-170. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi09/topoi9a6.pdf. Acesso em: 15 de jan. de 2010.

ARTEAGA, J.S.; EL-HANI, C. N. Physical anthropology and the description of the “savage” in the Brazilian Anthropological Exhibition of 1882. **Hist. ciênc. saude-Manguinhos**, 2010, vol.17, n.2, abr/jun. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 20 de Jan. de 2010.

BULLETIN OFFICIEL DE L'EXPOSITION UNIVERSELLE DE 1889 (1889, 2 vol.). Disponível em: http://cnum.cnam.fr/RUB/fcata_expo.html. Acesso em Janeiro de 2009.

BARRIS, Claudio. Música (Auá/BA). Disponível em: <http://www.palcomp3.com/audiobarris/>. Acesso em Jan. de 2010.

CARDOSO, Luciene Pereira Carris. Notas sobre o papel da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e sua contribuição para o desenvolvimento do saber geográfico no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais. Fênix**. V. 7, ano , Maio, Junho, Julho, Agosto, 2010. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/artigos23.php>. Acesso em: Jan. 2011.

CARVALHO, Wilton. Palestra sobre o meteorito de Bendegó, proferida em Lisboa, 2001. Disponível em: <http://www.triplov.com/alquimias/wilton.html>. Acesso em: Jan. de 2010.

CARVALHO, W.P. de; RIOS, D.C.; CONCEIÇÃO, H.; ZUCOLOTTO, M.E. e D'ORAZIO, M. O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química. **Revista Brasileira de Geociências**, São Paulo. v. 41, n.1, 2011, março. Disponível em: [turmalina.igc.usp/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0375-75362011000100013&NG=pt](http://www.turmalina.igc.usp/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0375-75362011000100013&NG=pt). Acesso em: Jan. de 2011.

CONGRESSO INTERNACIONAL AMERICANISTA. Disponível em: <http://www.53ica.com/bem%20vindos.html>. Acesso em 12 de Jan. 2011.

CONSELHEIRO, Luar do. **Saga da Pedra de Bendegó**. Literatura de Cordel. Disponível em: <http://www.portaldocordel.com.br/doc/cordeisDown/pedraBedengo.pdf>. Acesso em 15 de Agos. 2011.

ÇELIK, Zeynep. **Displaying the Orient: Architecture of Islam at Nineteenth-Century World's Fairs**. Berkeley: University of California Press, c1992 1992. <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft8x0nb62g>. Acesso em Jan 2012.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL (1832-1930). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em Jan 2010.

FIGUEIROA, Sílvia F. de M. Charles Frederick Hartt and the “Geological Commission of Brazil (1875-1877)”. **Earth Sciences History**, 1994-13(2). 168-173. Disponível em: hess.metapress.com/content/c5141486210264g4/. Acesso em Jan 2011

GADELHA, Margareth Monteiro. Preservação do Periódico Arquivos do Museu Nacional. **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação**, Recife, v. 03, 2011. Não paginado. Edição Especial. AERPA Editora. Disponível em: http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/ARC_Vol_3/PRESERVACAO%20DO%20PERIODICO%20ARQUIVOS%20DO%20MUSEU%20NACIONAL%20%20margareth%20gadelha.pdf. Acesso em Jan 2012.

GARCIA, Dantielle A.; NUNES, José Horta. A documentação e a divulgação do saber linguístico na Revista do IHGB. **Linguagem em Discurso**. Vol. 11, n. 3, Sept/Nov. 2011. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/1103/01.htm>. Acesso em Jan 2012.

GEPPERT, Alexander C.T.; COFFEY, Jean and LAU, Tammy, **International Exhibitions, Expositions Universelles and World's Fairs, 1851-2005: Bibliography**. Editions: Freie Universität Berlin, Germany; California State University, Fresno, USA, 2006. Disponível em: [HTTP://www.csufresno.edu/library/subjectresources/specialcollections/worldfairs/expobibliography3ed.pdf](http://www.csufresno.edu/library/subjectresources/specialcollections/worldfairs/expobibliography3ed.pdf). Acesso em 10 Jan. 2009.

FIGUERÔA, Sílvia F. de M. A Propósito dos Estudos Biográficos na História das Ciências e das Tecnologias. **FENIX. Revista de História e Estudos Culturais**. V. 4, ano 4, n. 3, Julho, Agosto, Setembro 2007. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: Jan. 2010.

HEIZER, Alda. Ciência para Todos: a exposição de Paris de 1889 em revista. **FENIX. Revista de História e Estudos Culturais**. v. 06, ano VI, n 3, Jul.Ago.Set, 2009. http://www.revistafenix.pro.br/PDF20/ARTIGO_15_Alda_Heizer_FENIX_JUL_AGO_SET_2009.pdf. Acesso em Jan. 2010.

LANGER, Johnni & RANKEL, Luiz Fernando. **Revista Museu**. Disponível em: http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=4245. Acesso em Fevereiro de 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O Retrato de um Menino Bororó: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. In: Os Índios na História, Abordagens Interdisciplinares. **Tempo**. Niterói: Editora da UFF. v. 12, nº 23, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a06.pdf>. Acesso em Maio 2010.

SÁ, Guilherme J. da Silva; SANTOS, Ricardo Ventura; RODRIGUES-CARVALHO, Cláudia; SILVA, Elizabeth Christina da. Crânios, corpos e medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX. **Hist. ciênc. saude-Manguinhos**, 2008, vol.15, n.1, jan-março. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100012. Acesso em Julho de 2011.

SANJAD, Nelson. **Hist. ciênc. saude-Manguinhos**, 2004, vol.11, n.2, mai-agos, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702004000200016&script=sci_arttext. Acesso em Julho de 2011.

SANJAD, Nelson. “Ciência de potes quebrados”: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Museu Paulista. N. 1, v. 19. p. 211-261. Jan/Jun, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142011000100005&script=sci_arttext. Acesso em Maio de 2012.

SANT'ANNA, S.P. Naturezas Mortas: o Museu Nacional e a construção d anação na encomenda de D. Pedro I para o ultramar. **19 & 20**. Rio de Janeiro, v. V, n. 2, Abr. 2010. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/nm_panacho.html. Acesso em Jan 2010.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil**. Brasília: MCT, 2001. Disponível em: <http://www.schartzman.org.br/simon>. Acesso em julho de 2011.

VIÑALES, Rodrigo Gutierrez. **A arquitetura neo pré-hispânica. Manifestação de identidade nacional e americana**. VITRUVIUS- ARQUITEXTOS. www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.041/647/pt. Acesso em Maio de 2012.

ZUCOLOTTO, M. E. **O Meteorito de Bendegó**. 2009. http://www.meteoritos_brasileiros.kit.net/Bendegoartigo.htm. Acesso em Agosto de 2011.

Documentos iconográficos

Acervo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

Álbum – *Vue Panoramique de l'Expositions e ses Abords*. Vue prise du haut de la tour de 45 mètres du pavillon de l'Empire du Brésil.

Álbum fotográfico – Exposição Universal de Paris: exposição brasileira, s.n. [1889] 3v.

Acervo Museu Mariano Procópio

Álbum – *Vue Panoramique de l'Expositions e ses Abords*. Vue prise du haut de la tour de 45 mètres du pavillon de l'Empire du Brésil.

Plantas

Acervo Museu Mariano Procópio

Planta da Exposição Universal de 1889. *Champs de Mars*, gravura de L. Thuillier/S. Krakow, 28 x 53 cm. Guide Bleu du Figaro et du Petit Journal, Paris, Le Figaro, 1889.

Planta da Exposição Universal de 1889. *Esplanade des Invalides*, gravura de L. Thuillier/S. Krakow, 28 x 57 cm. Guide Bleu du Figaro et du Petit Journal, Paris, Le Figaro, 1889.

Documentos tridimensionais

Acervo Museu Mariano Procópio

Medalha de prata de Visconde de Cavalcanti

Medalha de bronze de Viscondessa de Cavalcanti

Acervo Museu Nacional

Coleção de Madeiras do Departamento de Botânica/MN

Acervo do Setor de Arqueologia/MN

Acervo do Setor de Etnologia e Etnografia/MN

Arquivos consultados**Rio de Janeiro**

Arquivo Histórico do Itamaraty
Arquivo Histórico do Museu Imperial
Arquivo Nacional
Biblioteca de Obras Raras do CT/UFRJ
Biblioteca de Obras Raras do FCC/UFRJ
Biblioteca do Museu Nacional/UFRJ
Biblioteca do Observatório Nacional
Biblioteca Francisca Keller/MN/UFRJ
Biblioteca Nacional
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
SEMEAR – Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ

São Paulo

Biblioteca do Museu Paulista
Centro de Documentação e Informação Científica-CEDIC/PUC

Minas Gerais

Arquivo do Museu Mariano Procópio/Juiz de Fora

Paris

Bibliothèque Nationale de France
Conservatoire National des Arts et Métiers
Musée de la Découverte
Musée Carnavalet

ANEXOS

2^e Série. — N^o 2.

Le Numéro : 15 Centimes.

Vendredi 10 Mai 1889.

BULLETIN OFFICIEL

DE L'EXPOSITION UNIVERSELLE DE 1889



ABONNEMENTS
Pour un an (12 numéros) 30 fr.
Parus et Départements
Étranger, la poste en plus.

QUOTIDIEN ILLUSTRÉ

Années 3 fr.
Mois 5 fr.
Faites adresser 10 fr.
Les Adressés sont priés de faire connaître leur adresse, soit à l'Administration, soit à la Direction Générale de l'Exposition.

BUREAU : 16, Avenue de La Bourdonnais (CHAMP DE MARS), et à l'intérieur de l'Exposition, au Pavillon de Buenos-Ayres (près de la Direction Générale de l'Exposition).

SOMMAIRE : Les services de nuit. — Chronique. — Paris. — Les départs de l'Exposition. — 1889-1890. — Nos opinions. — Bourse des Turcs. — Les Oméghes et Trassouls. — Nouvelles Diverses. — L'Exposition de la Ville de Paris. — Grand-Théâtre de l'Exposition. — Annonces.



LA TOUR EIFFEL ET L'EXPOSITION DU CHAMP DE MARS
(Voir aussi la nouvelle de Zola)

Figura 1 – Torre Eiffel – capa do Boletim Oficial da Exposição de 1889

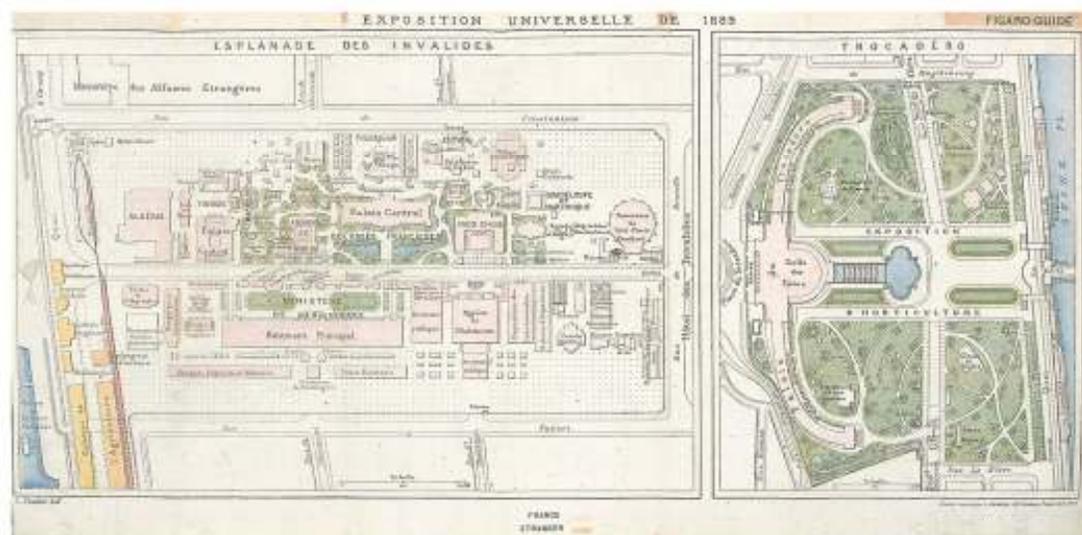
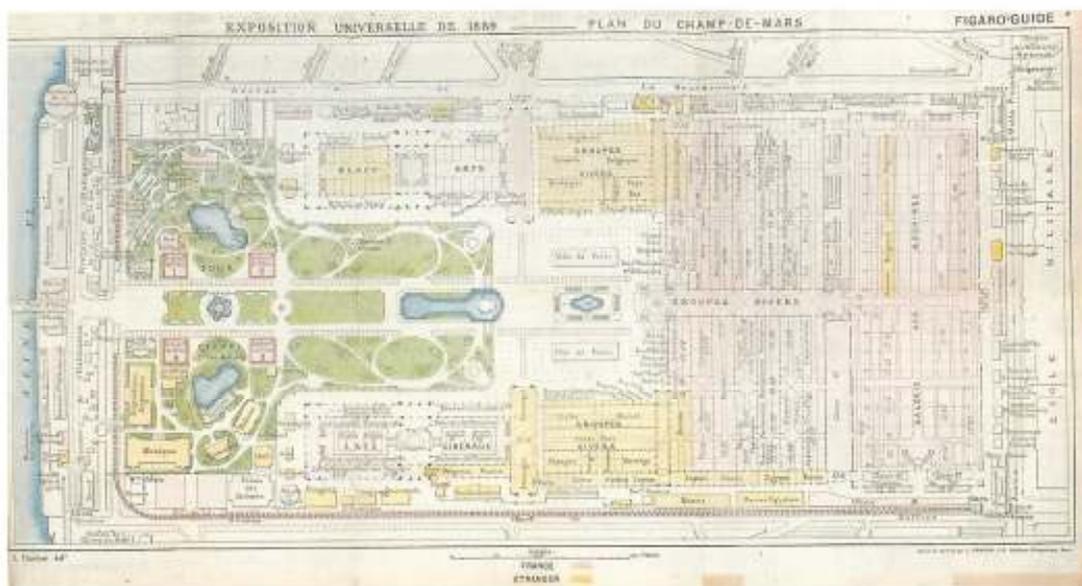


Figura 2 - Cópia das plantas da Exposição. *Guide Blue du Figaro et du Petit Journal*

2^e Série. — N^o 62.

Le Numéro : 15 Centimes.

Lundi et Mardi 15 et 16 Juillet 1889

BULLETIN OFFICIEL

DE L'EXPOSITION UNIVERSELLE DE 1889

ABONNEMENTS

Pour la France et l'étranger

Paris et départements..... 20 fr.
 Étranger, le port en sus.

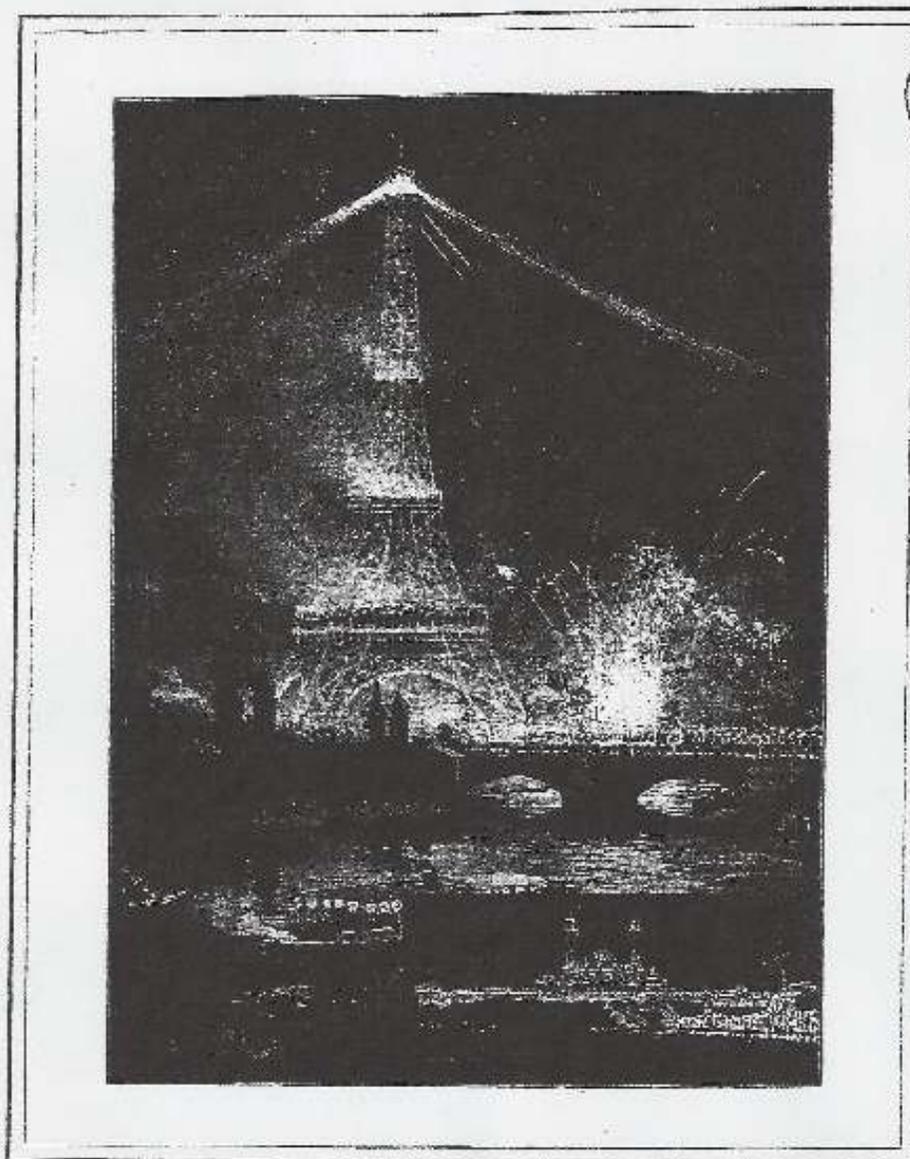
QUOTIDIEN ILLUSTRÉ

Est à l'usage des Libraires, des Bureaux de Presse,
 (CLASSE 501)

Ausonia..... la ligne 2 fr.
 Belgique..... — 1 fr.
 Pays étrangers..... — 40 »

Les commandes sont envoyées aux Directeurs de Paris, de New-York, de Londres,
 aux St. Germain, de Vienne, de Hong-Kong, de Manille, de Yokohama.

Bureaux : 16, Avenue de La Bourdonnais (CHAMP DE MARS), et à l'Exposition de l'Exposition, au Pavillon des Dessins Officiels,
 (près de la Direction Générale de l'Exposition).



FÊTE DU 14 JUILLET. — L'ILLUMINATION DE LA TOUR EIFFEL ET SES ILLUMINATIONS.

Figura 4 — A iluminação noturna da Torre Eiffel

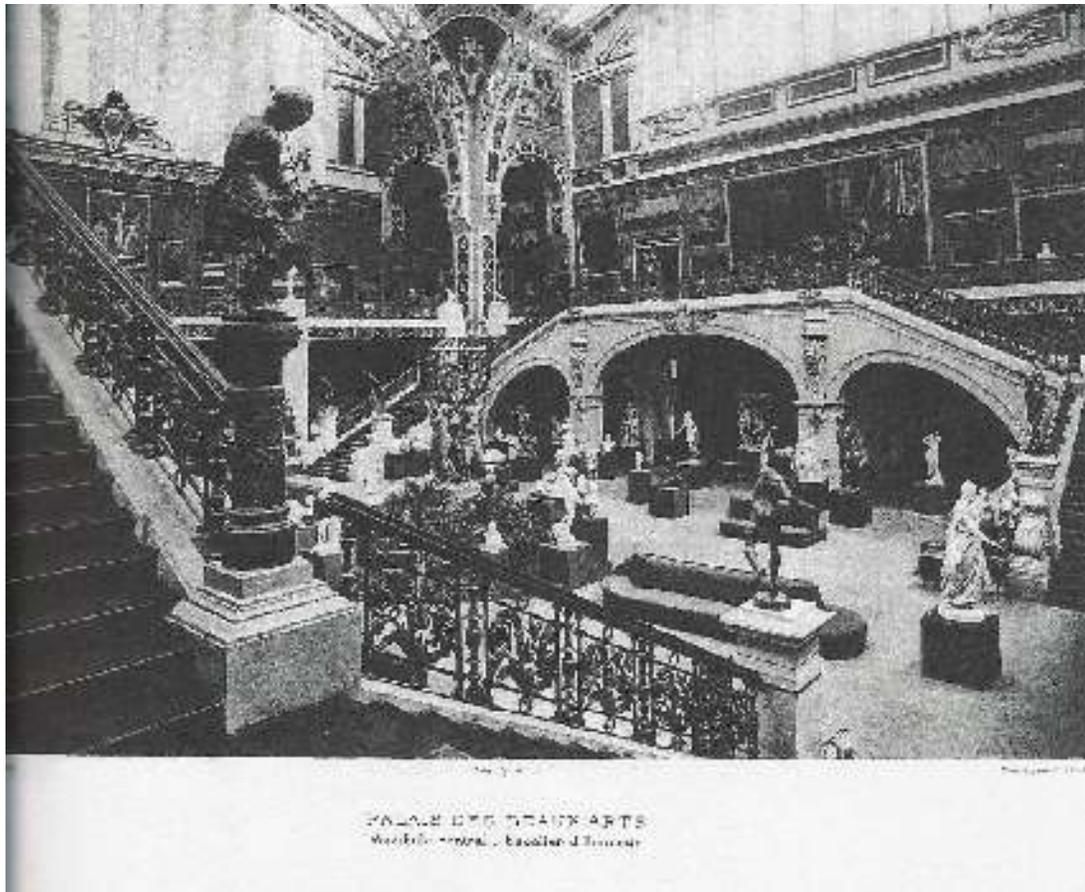


Figura 5 – Foto interna do Palácio das Belas Artes



São teus ponteiros e não o tempo (esse remorso em mim)
 que me reabrem os medos
 meus barulhos
 repetidos
 em seus instantes descontínuos nas britadeiras das almas
 perfurando pensamentos
 consertando inconseqüente essa sincronização impossível
 entre mim e minha hora.
 São teus ponteiros repito,
 replicados pelo amarelo do papel cansado
 que o grosso livro esconde
 onde 1 destino cerca-se de movimentos
 idênticos desencontrados
 enquanto imóvel aguardo
 pacientemente
 o revelar-se da fotografia,
 ... e não os temo.

R.K.

Figura 6 – Seção de Relojoaria (Álbum Museu Imperial).
 Registro fotográfico e poema de Ricardo Kubrusly

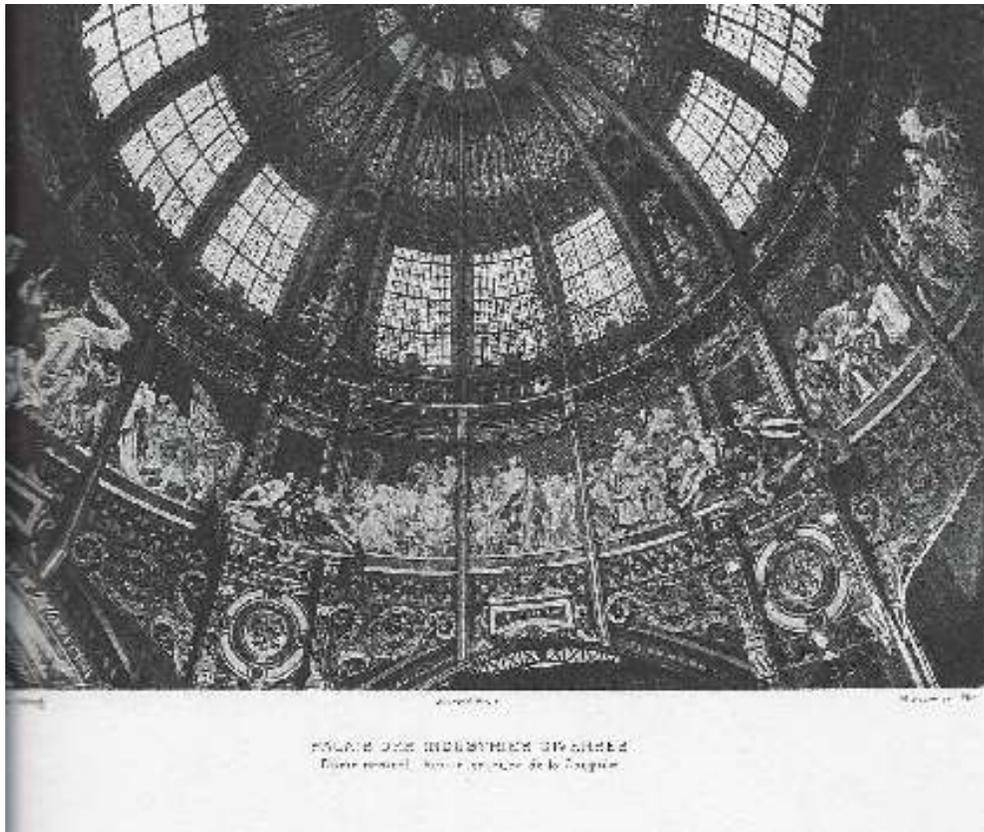


Figura 7 –Palácio das Indústrias Diversas



Figura 8 – Palácio das Máquinas



Figura 9 - Pavilhão do Brasil



Figura 10 – Pavilhão da Argentina



Figura 11 – Imagem de vitórias-régias do Museu Paraense Emílio Göeldi



Figura 13 - *Coleção de madeiras* do Departamento de Botânica do Museu Nacional/UFRJ

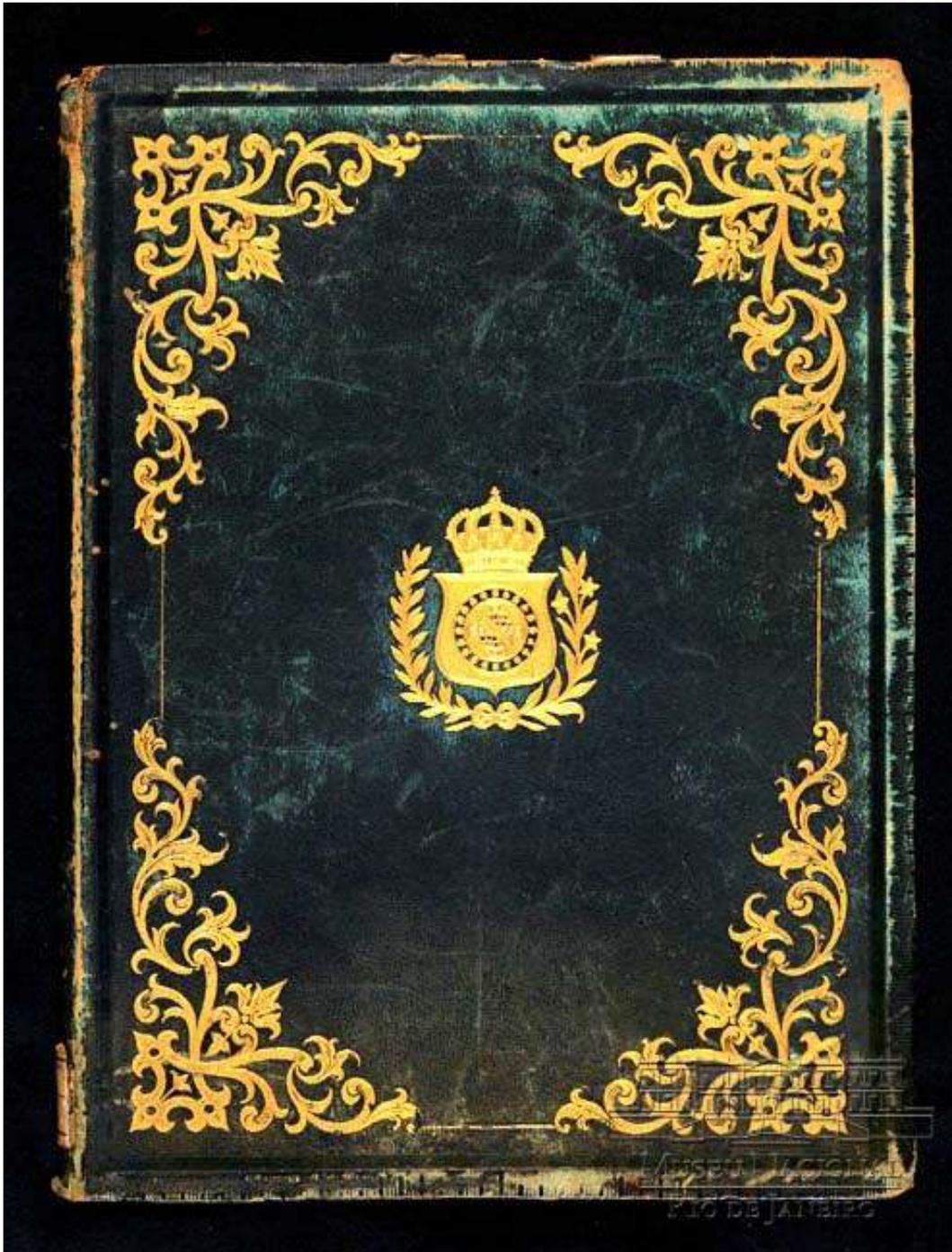


Figura 14 - Capa do relatório de José Carlos de Carvalho, feito em 1888, sobre o complexo trabalho da expedição para o transporte do meteorito do interior da Bahia para o Rio de Janeiro.

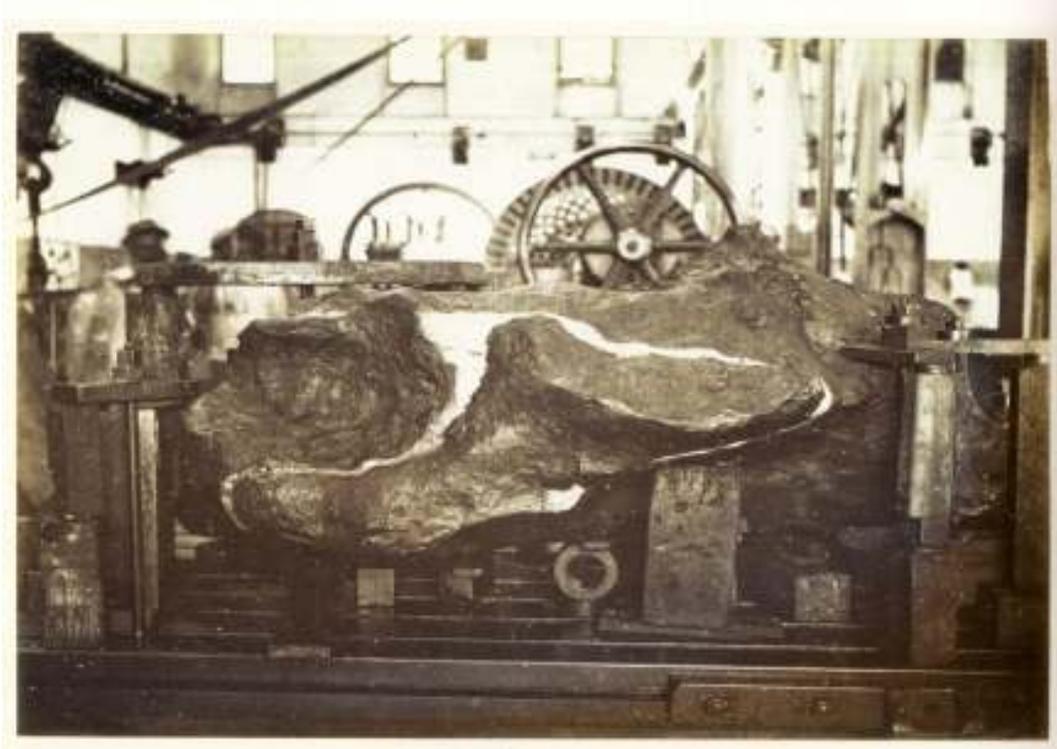


Figura 15 – O meteorito de Bendegó recém chegado ao Rio de Janeiro no antigo Armazém do Sal (instalações do atual Distrito Naval).



Figura 16 – Fotografia de Einstein ao lado do meteorito de Bendegó por ocasião de sua visita ao Brasil em 1925.



Figura 17 – Foto do vice-almirante José Carlos de Carvalho e o diretor do Museu Nacional, Roquette Pinto, ambos entre o meteorito de Bendegó.



Figuras 18 – Retorno do meteorito de Bendegó da Sala de meteorítica para o *hall* de entrada do prédio do Museu Nacional/UFRJ



Figuras 19 - Fotos da réplica do meteorito de Bendegó - *Palais de la Découverte*

4

CURIOSIDADES
Meteorito de Bendegó pode voltar para a Bahia

O Conselho Nacional de Política Cultural-CNPC, reunido em Sessão Ordinária nos dias 07 e 08 de junho de 2011, no uso de suas competências, recomendou que se promova o retorno do meteorito Bendegó para o sertão de Canudos, na Bahia, e que, para isso, o governo federal e estadual criem as condições para a sua guarda, preservação, difusão e promoção cultural.

Segundo Washington Queiroz, membro do Conselho Estadual de Cultura e do Conselho



Washington Queiroz

Nacional de Cultura, autor da moção apresentada junto ao CNPC, em Brasília, no dia 15 de julho, aprovada por unanimidade, o manifesto tem grande chance de avançar. "A manifestação tem um grande peso, mas um ministro tem poder de veto", disse. "Eu conversei com a ministra Ana de Holanda e ela não se opôs; apenas botou a mão na cabeça, porque ela é carioca e seria o seu estado que estaria perdendo a peça", informou Queiroz.

Em 1888, por ordem do Imperador D. Pedro II, o meteorito de foi transportado em uma expedição histórica para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, ficando instalado no Museu Nacional. Naquele momento, o Bendegó seria o maior meteorito do mundo exibido "em museu" e foi objeto de rigoroso registro fotográfico que integra o acervo da Princesa Isabel.

O repatriamento do meteorito, além de gerar mais um motivo para que turistas e estudiosos se desloquem até o sertão de Canudos, servirá como elemento para a canalização de recursos necessários a uma utilização efetiva do seu potencial turístico, histórico, ecológico e cultural. Ciente dessa realidade, o presidente Alexandre Brust colocou a CBPM à disposição para ajudar na transferência do meteorito para cá. "Se houver possibilidade, vamos ajudar", disse.

Cidades brigam para abrigar meteorito

A volta do Bendegó ao sertão de Canudos irá trazer mais visibilidade, reconhecimento e valorização para uma das regiões mais singulares em termos de tradições culturais do Brasil, significando uma iniciativa inovadora. Justamente por isso as cidades do entorno do Rio Vaza Barris já começaram a se mobilizar para terem o direito de receber o famoso meteorito.

Além de Canudos, os municípios de Euclides da Cunha, Uauá e Monte Santo também reivindicam o seu repatriamento. Segundo Washington Queiroz, a moção foi aprovada para que o meteorito viesse para o Sertão de Canudos, mas sem mencionar o município. "Eu concebo Sertão de Canudos todos os municípios desta região. Mas não tenho predileção. O ideal é que a própria comunidade diga onde quer que o meteorito fique", esclareceu.

Aniversariantes do mês

Além do Presidente Alexandre Brust, fizeram aniversário no período os seguintes empregados:

Julho: Jose Florencio de Lima Filho, Manoel Francisco Arruda Neto, Paulo Sergio F. dos Santos, Raquel Santana Bastos, Jose Raimundo Drummond Mello, Antonio Carlos Santos Simas, Ana Lima Kruschewsky, Eliane Barbosa Almeida Souza, Manoel Conceição de Souza, Thaires Santana Santos, Maria Raymunda da Conceição, Aloisio Almeida Sandes, Paulo Cesar Goldman Magnavita, Helio Gamalho Vasconcellos, Raphael Oliveira de Carvalho, Lourival Barreto de Souza, Lidiane S. Neves, Wilson Marcelino Rodrigues, Fernando Jose F. Andrade, Roberto Cardoso Lima, Valdemar Araujo Costa, Antonia Maria Barbosa Gino de Souza, Frederico Alfredo M. Rossiter, Ranilton Paulo de Figueiredo, Taise Rabelo Santana e Joanemile Brandão de Sousa Bahia.

Agosto: Jose Antonio G. Sudario, Luis Claudio C. Duarte, Sandro Silva Teixeira, Dante da Silva Palmeira, Luiz Sergio Santos Luz, Hari Alexandre Brust, Alberto Carvalho A. Azevedo, Laura Batista de Santana, Samuel Leal de Souza, Clevis Ferreira da Silva, Kelly C. dos Santos Ramos, Erisson Tiano G. Santos, Roque Freitas Lima, Alex Ferreira Santana, Renato Machado de Carvalho, Vera Lucia S. dos Santos, Ernesto Fernando A. Silva, Maria de Fatima Costa Mendonça, Valoberio Rodrigues de Sá, Alberto Santos Moreira Junior, Neuza Nascimento dos Santos, Lorena Barbosa das Neves, Evandro Carneiro de Matos, Wilson Pereira de Oliveira.


**NOTÍCIAS
internas**

**Gamalho na
SICM**

O Geólogo Hélio Gamalho Vasconcellos, que ocupava a função de Assessor da DTE na CBPM, assumiu o cargo de Coordenador de

Economia Mineral na Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração - SICM. Gamalho foi convidado e a CBPM o colocou à disposição da Secretaria a partir do dia 1º de agosto de 2011.

Adesões ao PDV

Atendendo apelo da Associação dos Empregados (AECBPM) foram prorrogadas até o dia 12 de setembro as adesões para o segundo semestre/2011 ao Plano de Incentivo de Desligamento Voluntário instituído pela CBPM. Com isso a Diretoria proporciona mais tempo para que os empregados possam se beneficiar do incentivo. Cada empregado desligado receberá como incentivo 80% da sua remuneração mensal, além de um acréscimo de 50% sobre o FGTS e dois anos de assistência médico odontológica.

Mudança no Posto Médico

Por motivos de ordem pessoal, o Dr. Dener Souza solicitou desligamento do Posto Médico da CBPM, a partir do dia 04/07/2011. O seu lugar foi ocupado pela Dra. Patrícia Vigas, que já vem dando continuidade à supervisão do Posto. Saiba os novos horários de atendimento: Segunda-feira - das 08 às 12:00 h; Quarta-feira - das 13 às 17:00 h; Quinta-feira - das 13 às 17:00 h.

Fóruns de Municípios Mineradores

A capital baiana sediará, nos dias 15 e 16 de setembro, no auditório da Fundação Luís Eduardo Magalhães (FLEM), a edição Norte-Nordeste do Ciclo ANAMUP de Fóruns Regionais dos Municípios Mineradores. Essa será a segunda edição do ciclo e contará com o apoio do Governo do Estado da Bahia, através de órgãos e secretarias ligadas ao setor mineral. A CBPM, uma das patrocinadoras do evento, marcará presença com um estande institucional para apresentar e divulgar seus trabalhos na área do Prisma, com a presença do artesanato mineral de Lauro de Freitas.


**Gerente de
Publicações**

O geólogo Augusto Pedreira assumiu como novo Gerente de Publicações da GEPUB no último dia 18 de julho. Formado em Geologia pela UFBA em 1966, ele

passou pelas empresas CEPLAC de 1967 a 1969, Tecminas, em 1970, e CPRM, de 1972 a 2011. Augusto Pedreira teve participação na implantação da Série Arquivos Abertos da CBPM, do nº 01 ao 14, no período de 1993 a 2000.

EXPOSIBRAM

Nos próximos dias 26, 27, 28 e 29 de setembro a CBPM estará participando da Exposibram 2011, em Belo Horizonte - MG. A empresa enviará profissionais e contará com um estande durante o evento.

Figura 20 – Informativo O MINERAL sobre o meteorito de Bendegó

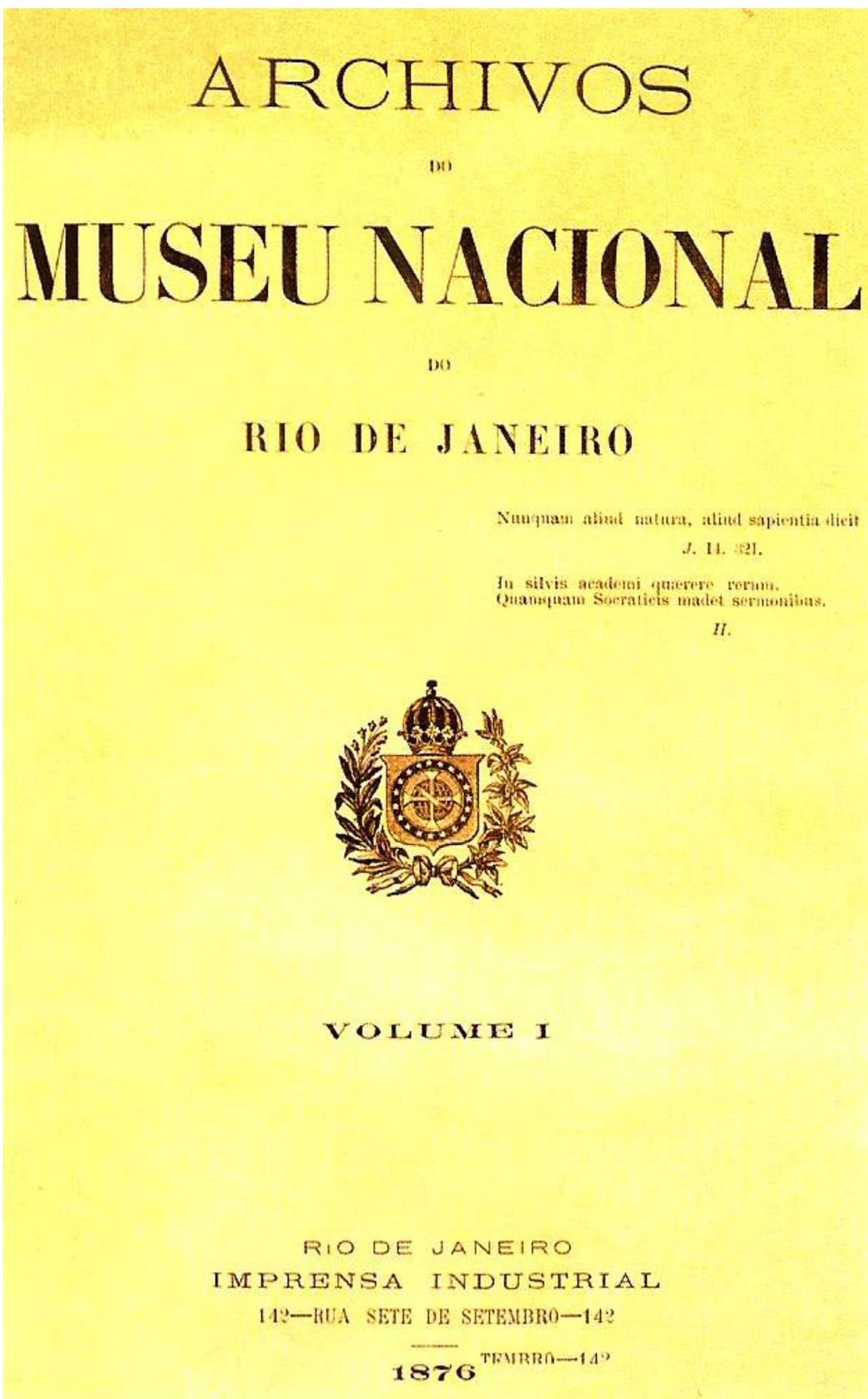


Figura 21 – Capa do volume I do Archivos do Museu Nacional

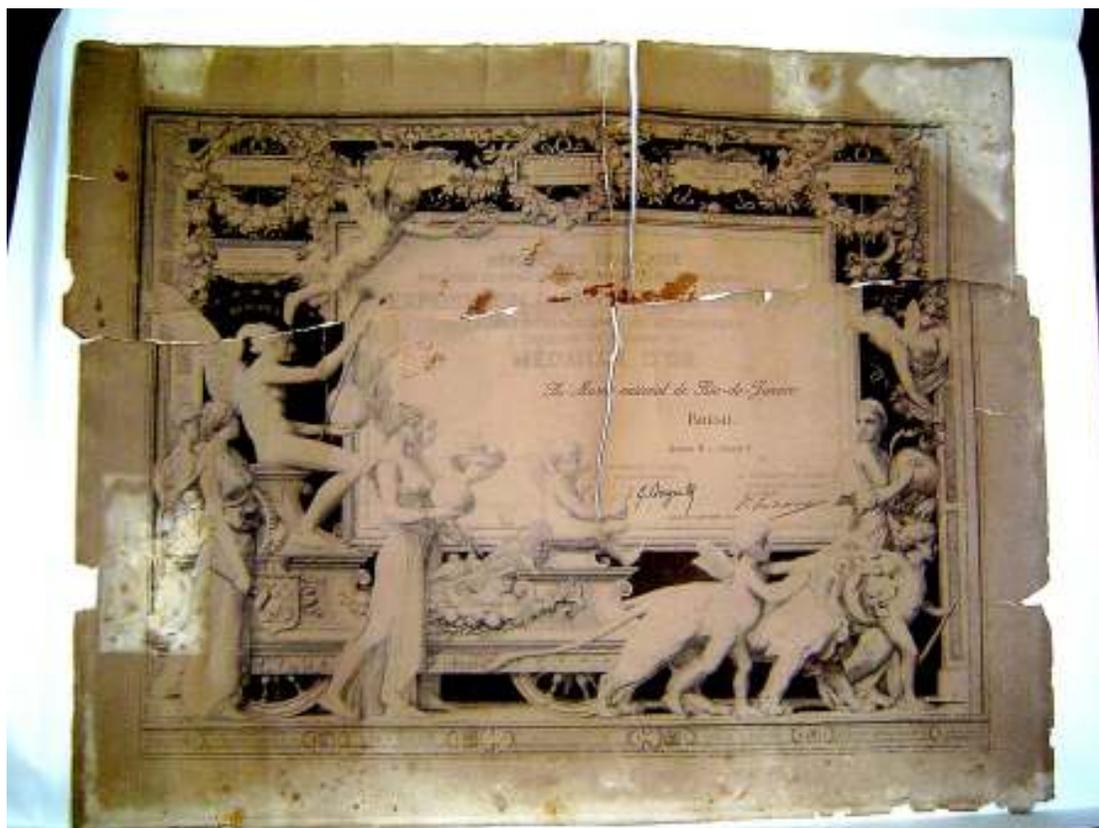


Figura 22 – Diploma da medalha de ouro conferido ao Museu Nacional pela participação dos sete primeiros volumes do periódico *Archivos do Museu Nacional*.



Figura 23 – Diploma da medalha de ouro conferida à viscondessa de Cavalcanti.



Figura 24 – Foto da Exposição Antropológica Brasileira de 1882

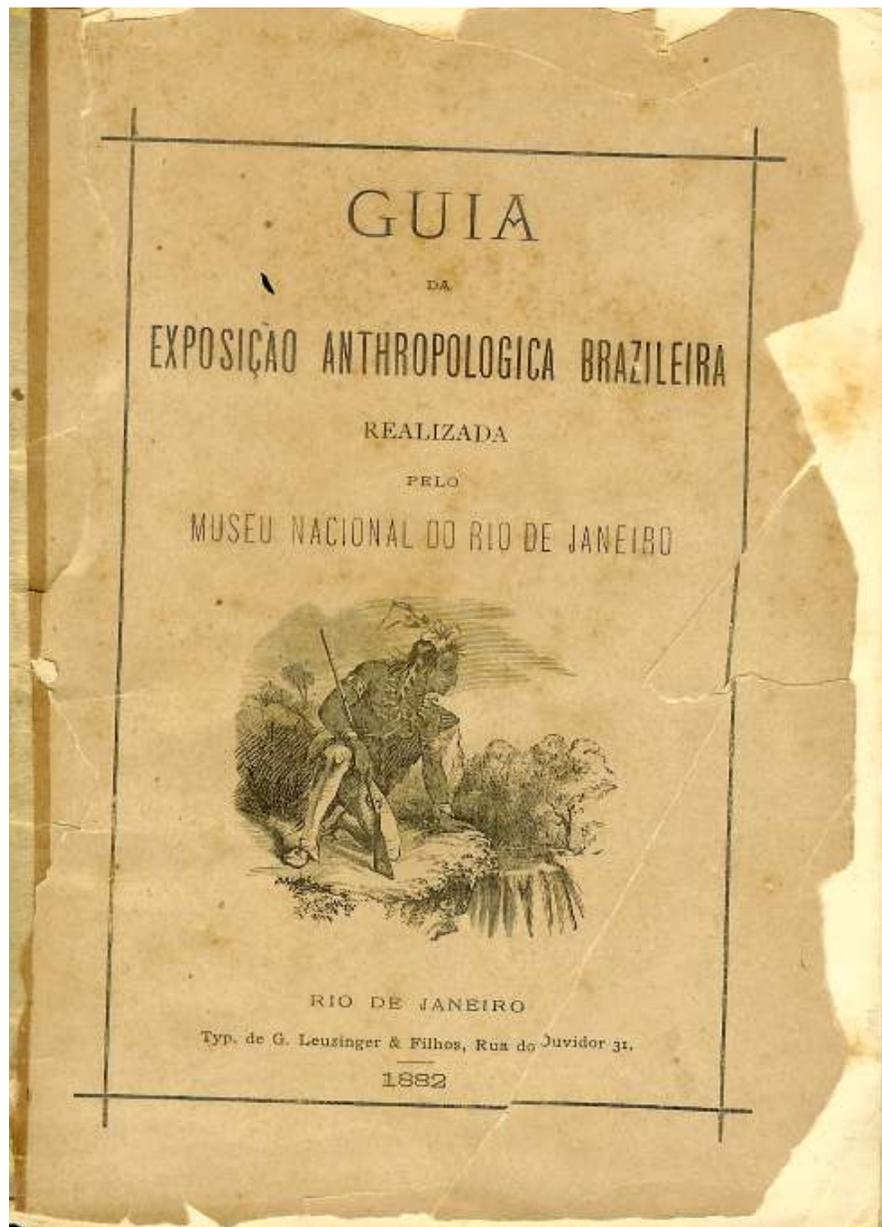


Figura 25 – Capa do guia da Exposição Antropológica Brasileira de 1882



Figura 26 – Caricatura de Angelo Agostini na *Revista Ilustrada*.



Figura 27 – Vista externa da Casa Inca (ou Pavilhão da Amazônia)



Figura 28 – Adorno indígena - Tembetá – Acervo Setor de Arqueologia – MN/UFRJ.

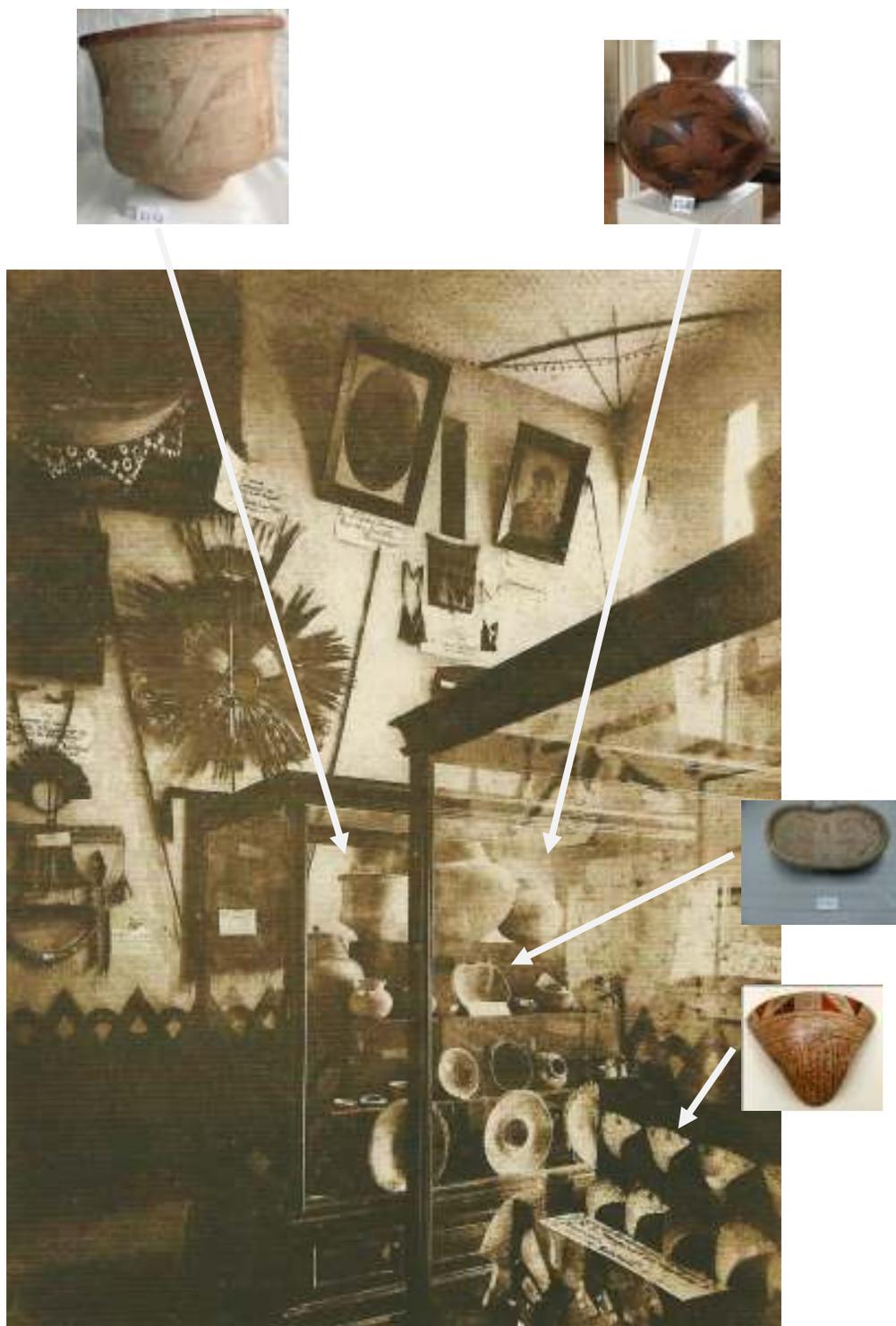


Figura 29 - Vista interna da exposição montada por Ladislau Netto na Casa Inca (ou Pavilhão da Amazônia) com sugestão de identificação de peças do Setor de Arqueologia/MN.

APÊNDICES

APÊNDICES

A – Tradução de capítulo da obra de José Martí “La Edad de Oro” sobre a Exposição Universal de Paris em 1889.

B – Relação dos Chefes de Estado do Brasil em 1889; Comissariado Geral em Paris e Júri Internacional das recompensas (1889).

C – Transcrição da Literatura de Cordel (protesto) a retirada do meteorito Bendegó da Bahia – autor Luar do Conselheiro.

D – Transcrição do anexo do Catálogo Oficial da Exposição de Paris em 1889 referente aos 190 itens que foram expostos no Pavilhão da Amazônia (ou Casa Inca).

E – Relação dos objetos da “Coleção de Vossa Majestade o Imperador” que figuraram na Exposição Antropológica de 1882 no Museu Nacional.

APÊNDICE A

A Exposição de Paris

Todos os povos do mundo se juntaram neste verão de 1889 em Paris. Há cem anos os homens viviam como escravos dos reis, que não os deixavam pensar e tirava-lhes muito do que ganhavam nos seus trabalhos, para pagar tropas para poder lutar com outros reis e viver em palácios de mármore e de ouro, com criados vestidos de seda, e senhoras e cavalheiros de pena branca, enquanto que os cavalheiros que verdadeiramente trabalhavam no campo e na cidade, não podiam vestir-se mais do que de veludo nem colocarem plumas no chapéu: e se diziam que não era justo que os malandros vivessem do que ganhavam os trabalhadores, se diziam que um país inteiro não devia ficar sem pão para que somente um homem e seus amigos tivessem carros, e roupas de seda entretecida de ouro, prata, renda e jantares com quinze vinhos, o rei os mandava espancar e os encerrava vivos na prisão da Bastilha, até a morte, loucos e mudos: e a um colocou-lhe uma máscara de ferro, e o manteve preso toda a vida, sem nunca remover-lhe a máscara. Em todas as cidades os homens viviam assim, com o rei e os nobres como os senhores, e as pessoas que trabalhavam como animais de carga, sem poder falar, nem pensar, nem crer, nem ter nada seu, porque os seus filhos lhes eram tirados pelo rei para serem soldados, e seu dinheiro o tomava o rei em contribuições, e as terras, eram dadas todas pelo rei aos nobres. França foi o povo valente, o povo que se levantou em defesa dos homens, o povo que tirou o rei o poder.

A Torre Eiffel e os monumentos mais altos do mundo:

- A catedral Colônia. – A Catedral Ruan.

- A Pirâmide Egípcia. – A Catedral Strasburgo. – A Catedral São Pedro,

em Roma. – A Cúpula dos Inválidos. – O Panteão, em Roma.

- O Arco do Triunfo, em Paris.

Isso foi há cem anos, em 1789. Foi como se acabasse um mundo e começasse outro. Todos os reis se uniram contra a França. Os nobres da França ajudavam os reis de fora. O trabalhador sozinho lutou contra todos, contra os nobres e os matou com a lâmina da guilhotina. A França então sangrou, como quando se abre um animal vivo e se lhe arrancam as entranhas. Os trabalhadores

enfureceram-se acusaram uns ao outros, e se administravam mal porque não estavam acostumados a governar.

Veio a Paris um homem atrevido e ambicioso, viu que os franceses viviam desunidos, e quando venceu todos os inimigos, mandou que o chamassem de imperador e governou a França como um tirano. Porém os nobres já não regressaram às suas terras. Aquele rei do ouro e da seda, já não existia. O trabalhador se apoderou das terras dos nobres e reis. Nem na França, nem em nenhum outro país os homens voltaram a ser escravos como antes. Isso é o que a França quis festejar depois de cem anos com a Exposição de Paris. Para isso a França chamou Paris, no verão, quando o sol brilha mais, para todos os povos do mundo.

E isto, vamos ver agora, como se o tivéssemos diante dos nossos olhos. Vamos à Exposição, a esta visita que toda a raça humana está fazendo. Vamos ver num mesmo jardim as árvores de todos os povos da terra. À beira do rio Sena, vamos ver a historia das casas, desde a cova do homem troglodita, em uma fenda da rocha, até o palácio de granito e ônix. Vamos subir com os noruegueses de barba vermelha, com os negros senegaleses de cabelo lanoso, com os anamitas de laço e turbante, com os árabes de babuchas e roupão, com o inglês silencioso, com o ianque ciumento, com o italiano fino, com o francês elegante, com o espanhol alegre, vamos subir por cima das catedrais mais altas, na cúpula da torre de ferro. Vamos ver em seus palácios estranhos e magníficos, os nossos queridos povos da América. Veremos, entre lagos e jardins, em monumentos de ferro e porcelana, a vida do homem inteira, e quanto descobriu e fez desde que andava pelos bosques nus até navegar pelo ar e mar profundo. Em um templo de ferro, tão largo e formoso que se parece a um céu dourado, veremos todas as máquinas e rodas do mundo trabalhando. De debaixo da terra, como um vulcão de jóias, vamos ver sair, em formas de chuva que parecem de pedras finas, trezentas fontes de cores, que caem faiscando em um lago aceso. Vamos ver como vivem os javaneses em suas cabanas, em seus países de luz, ao egípcio cantando atrás do seu burro, o argelino que borda a lã à sombra do palmar, o siamês que trabalha a madeira com os pés e as mãos, o negro do Sudão, que sai observando, com a lança pontuda, de sua pequena porção de terra, o árabe que corre a cavalo, disparando a espingarda pelas ruas de tâmaras, com o roupão branco ao vento. Dançam em um bar mouro. Passam as bailarinas de Java, com os seus chapéus de penas. Os cômicos cochinchinos saem do seu teatro vestidos de tigres. Homens de todos os povos andam assombrados pelas ruas mouras, pelas aldeias negras, pelo casario de bambu javanês, pelas pontes de junco dos malásios pescadores, pelo jardim de bananeiras e laranjais nativos, pelo canto onde, de seu teto feito como um fino móvel, o pagode levanta sua torre rodeada de serpentes. E para nós crianças, existe um palácio de brinquedos, e um teatro onde estão como vivos o astuto Barba Azul e a linda Chapeuzinho Vermelho. No astuto podem ser vistos a barba como o fogo, e os olhos de leão. Na Chapeuzinho, podem ser

vistos a gorra vermelha e o avental de lã. Cem mil visitantes entram ao dia na Exposição. No cume da torre flutua ao vento a bandeira de três cores da República francesa.

Pode-se entrar na Exposição por 22 portas. A bela entrada é pelo palácio Trocadero, em forma de ferradura, que restou de uma exposição de anterior, e está agora esmeradamente trabalhada com prata como os que eram feitos para as igrejas e as mesas dos príncipes e os joalheiros da época, de capa e espada enorme, quando os pratos eram de ouro, e as taças eram como cálices. E do palácio há saída para o jardim, que é a primeira maravilha. De rosas, nada mais, tem quatro mil e quinhentas diferentes: tem uma rosa quase azul. Numa loja com listras em vermelho e branco, umas mulheres jovens vendem cortadeiras afiadas, alicinhos de aço polido, os regadores como se fossem de brinquedo com os quais se trabalha nos jardins. A terra está em canteiros rodeados de acéguas, por onde corre água clara transformando os canteiros em ilhotas. Um está cheio de amor-perfeito negros; e ouro de morangos como corais, escondidas entre as folhas verdes; e outro de ervilhas e de aspargos e têm as folhas muito bonitas. Tem um canteiro vermelho e amarelo só de tulipas. Um canto de trepadeiras, e o do lado, de samambaias gigantescas, com folhas como penas. Em um labirinto as ninféas (*nymphaea micrantha*) flutuam sobre as águas e o nelumbo rosado do Indostão, e o loto do rio Nilo, que parece uma lira. Um bosque de árvores de copa pontiagudas: pinheiro, abeto. Outras árvores que dão frutas pobres, porque retiram de seus ramos a sua liberdade natural. Dentro de um cercado feito de bambu estão os lírios e as cerejeiras do Japão, em suas vasilhas de porcelana branca e azul. Ao pé de um palmeiral, está o pavilhão de Águas e Bosques, onde se mostra como se deve cuidar das árvores, que dão beleza e felicidade à terra. À sombra de um bordo do Japão, estão as fontes rústicas, a wellingtonia do Norte, que é um pinheiro mais alto, e a araucária, o pinheiro do Chile.

Por cima de uma ponte passa o rio de Paris, o famoso Sena, e já se vê por toda parte grupo de pessoas assombradas, que vêm dos edifícios da beira do rio, onde está a Galeria do trabalho, na qual de cozinham os bolos num forno enorme, e destilam licor do alambique de bronze vermelho, e na máquina de rolo estão moendo chocolate com o cacau e o açúcar, e com bandejas quentes estão os doceiros de gorro branco fazendo balas e gemas: tudo o que se pode comer, se vê na Galeria, uma montanha de açúcar, uma árvore de ameixas passas, uma coluna de presuntos: e a sala de vinhos, um tonel onde caberiam quinze convidados à mesa, e um mapa de alto relevo, que todos querem ver ao mesmo tempo, onde está toda a arte do vinho, - a cepa com os cachos, os homens pegando a uva nas cestas no mês da vindima, a vasilha onde fermenta a vide triturada, a cova fria onde colocam o mosto para repousar, e logo o vinho puro, como topázio desfeito, e a garrafa de onde salta com sua espuma cheirosa a champanha. Próximo está a história inteira do cultivo do campo, em modelos de destaque, e em quadros e livros; e um pavilhão de arados de aço reluzentes; e uma colméia de

abelhas de mel, próximo a amoreira de folha felpuda onde se cria o bicho-da-seda; e o viveiros de peixes, que nascem dos ovos mantidos em caixas de água, e logo saem para crescer milhares deles pelos mares e rios. Os mais admirados são os que vêm depois de terem visto as quarenta e três Habitações do Homem. A vida do homem está lá desde que apareceu pela primeira vez na terra, lutando com o urso e o rengífero, para abrigar-se da geada terrível com a pele, encolhido em sua cova. Assim nascem os povos de hoje. O selvagem imita as grutas dos bosques e os buracos na rocha; logo vê o formoso mundo, e sente com carinho o desejo de doar, e vê o seu corpo no reflexo da água do rio, e vai imitando na madeira e na pedra de suas casas tudo o que lhe parece bonito, seu corpo de homem, os pássaros, uma flor, o tronco e a copa das árvores. E cada povo cresce imitando o que vê ao seu redor, fazendo suas casas como fazem seus vizinhos, mostrando-se em suas casas como é se de clima frio ou de terra quente, se pacífico o amigo de luta, se artístico ou natural, o vão e ostentoso. Lá estão as cabanas de pedra bruta, e logo polida, dos primeiros homens: a cidade lacustre da época em que levantavam as casas no lago sobre pilares, para que as feras não os atacassem; as casas altas, quadradas e leves, de sacada corrida, dos povos do sol que eram antes as grandes nações, o Egito sábio, a Fenícia comerciante, a Assíria guerreira. A casa do Indostão é alta como elas. A da Pérsia é um castelo, de rica lousa azul, porque lá do solo saltam as pedras preciosas, e as flores e as aves são multicolores. Parece uma família de casas de hebreus, os gregos e os romanos, todas as pedras, e baixa, com telhado ou terraço; e se vê, pelas semelhanças, que eram do país a casa etrusca e a bizantina. Pelo norte da Europa moravam então os hunos bárbaros como lá se pode ver, em sua tenda de andar; e o germano e o gaulês em suas primeiras casas de madeira, com o teto de palha. E quando os povos de uniram pelas guerras, a Rússia teve essa casa de adornos e cores vivas, como a casa hindu, e os bárbaros puseram em seus casarões a pedra trabalhada e graciosa dos italianos e gregos. Logo no final da idade que mediou entre aquela luta e o descobrimento da América, voltaram os gostos de antes da Grécia e de Roma, nas casas graciosas e ricas do Renascimento. Na América moravam os índios em palácios de pedra com enfeites de ouro, como esse dos astecas do México, e esse dos incas do Peru. No mouro da África podemos ver, pela sua casa de pedra bordada, que conheceu os hebreus, e morou em bosques de palmeiras, defendendo-se de seus inimigos da torre, vendo gazelas no jardim entre as rosas, e na areia da beira as teimosias da espuma do mar. O negro do Sudão com a sua casa branca de teto rodeado de campainhas, parece mouro. O chinês ágil, que vive do pescado e do arroz, faz a sua casa de tábuas e bambu. O japonês vive esculpindo o marfim, em suas casas de esteira e tábuas. Ali se vê onde moram agora os povos selvagens, o esquimó em sua casa rodeada de gelo, em sua tenda de peles pintadas, o índio americano: pintadas de animais raros e homens de caras redondas, como os que pintam as crianças.

Porém aonde as pessoas vão, em um silêncio respeitoso é para a torre Eiffel, o mais alto e atrevido dos monumentos humanos. É como o portal da Exposição. Arrancam da terra, rodeadas de palácios, seus quatro pés de ferro: se juntam em arco, e vão já quase unidos até o segundo estrado da torre, alto como a pirâmide de Cheops: daí fina como uma renda, valente como um herói, delgada como uma flecha, sobe mais acima que o monumento de Washington, que era a altura maior entre as obras humanas, e afunda, onde os olhos não alcançam no que é azul, com a campainha, como o cume dos montes, coroada de nuvens. – E tudo, da raiz ao topo, é um tecido de ferro. Sem apoio levantado no ar. Os quatro pés “mordem” como raízes enormes, no solo de areia. Em direção ao rio, por onde caem dois dos pés, o solo era movediço, então retiraram dois caixotes da areia movediça e a encheram com alicerce seguro. Das quatro esquinas arrancaram como para juntarem-se acima os quatro pés rígidos: com um andaime foram sustentadas as peças mais altas, que caíam devido a grande inclinação: sobre quatro pilares de tábuas grandes tinham levantado o primeiro estrado, que como uma coroa leva ao redor os nomes dos grandes engenheiros franceses: ali no ar, numa bela manhã, encaixaram os quatro pés no estrado, como uma espada numa bainha, e a torre foi sustentada sem paraís: dali, como lanças que apontavam para o céu, saíram as vergas delicadas: em cada uma estava pendurada um guindaste: ali encima subiam dançando no ar, os novos pedaços: os obreiros agarrados na verga com as pernas como o marinheiro no cordame do barco, cravavam o ribete, como quem coloca o pavilhão da pátria no haste inimigo; assim, deitados de costas, postos de cara no vazio, agarrados na verga que o vento sacudia como um ramo, os obreiros, com bata e gorra de peles, ajustavam no inverno, no redemoinho do vendaval e da neve, as peças de esquina, os cruzeiros os sustenta, e se eleva por sobre o universo, como se fosse se pendurar no céu, aquela renda esticada: em sua navezinha de cordas os pintores balançavam, com a broxa em vermelho nas mãos. O mundo inteiro vai agora como que se movendo no mar, com toda a raça humana a bordo, e do barco do mundo, a torre é o mastro! *Os ventos* se jogam sobre a torre, como para derrubar a quem *os* desafia, e fogem pelo espaço azul, vencidos e despedaçados. – Lá embaixo o povo entra como as abelhas no apiário: pelos pés da torre sobem e descem, pela escada em forma de caracol, pelos elevadores inclinados, dois mil visitantes ao mesmo tempo; os homens, como vermes, formigam entre as redes de ferro; o céu se vê por entre o tecido como grandes triângulos azuis de cabeça cortada, de bicos pontiagudos. Do primeiro estrado aberto, com seus quatro curiosos hotéis, sobe-se pela escadaria helicoidal, no segundo descanso, onde são escritos e impressos um jornal, na altura da cúpula de São Pedro. O cilindro da imprensa dá voltas: os jornais saem úmidos: ao visitante é dada uma medalha de prata. Para o terceiro estrado sobem os valentes, a trezentos metros sobre a terra e o mar, onde não se ouve barulho da vida, e o ar, lá nas alturas, parece que limpa e beija: embaixo a cidade se estende, muda e deserta, como um mapa em alto relevo: vinte léguas de rios que faíscam vales iluminados, montes de cor verde escuro, vistos com o binóculo, sobre o estrado se

levanta a campainha, onde dois homens, em sua casa de vidro, estudam os animais do ar, a corrida das estrelas, e o caminho dos ventos. De uma das raízes da torre sobe serpenteando pelo arame a vibrante eletricidade, que acende no céu escuro o farol que derrama sobre Paris seus rios de luz branca, vermelha e azul, como a bandeira da pátria. No cume da cúpula uma andorinha fez o seu ninho.

Passando por debaixo da torre, sem poder falar pelo espanto, chega-se aos jardins cheios de fontes e rodeados de palácios, o maior de todos está ao fundo, onde podemos ver o quanto se trabalha na humanidade, com a porta de ferro bordada e cheio de guirlandas como era antes lavrada o ouro dos ricos; e sobre o portão imitando a abóbada do céu, a cúpula de porcelanas reluzentes; e na coroa, abrindo as asas como se fosse voar uma mulher que carrega na mão um ramo de oliva: na entrada do pórtico está a Liberdade de bronze, com uma mão na cabeça de um leão. E em frente da fonte maior, onde homens e mulheres vão buscar a água, os poetas antigos nos dizem que no mar existiram as nereidas e os tritões, carregando nos ombros como se fosse um troféu, o bote onde em figuras de heróis e heroínas, o progresso, a ciência e a arte dão vivas à república que está sentada na parte mais alta que todos e que levanta a tocha acesa sobre suas asas. A cada lado do jardim desde o palácio grande até a torre, há outro palácio de ouros e esmaltes, um para as estátuas e os quadros, onde estão as paisagens inglesas de bosques e animais, as graciosas pinturas dos italianos com camponeses e crianças, os quadros espanhóis de mortes e guerra, com suas figuras que parecem vivas, e a história elegante do mundo nos quadros da França. A esse chamam de Belas Artes, e ao do outro lado, o palácio das Artes Liberais, que são as dos trabalhos de utilidade, e todas as que não servem para mero enfeite. A história de tudo se vê ali; da gravura, a pintura, a escultura, as escolas, a imprensa. Parece que se anda por onde tudo é perfeito e fino, entre ponteiros e roda de relógio. Ali se vê os chineses na sua torre, em miniatura de cera, observando os astros do céu; ali está o químico Lavoisier, de meias de seda e jaqueta azul, soprando dentro da sua retorta, para ver como é feito o pedregulho que caiu na terra de uma estrela rota e fria; ali, entre as figuras das diferentes raças do homem estão sentados por terra, trabalhando a pederneira, cabeçudos e fortes homens da idade do bronze, como os que desenterraram há pouco tempo na Dinamarca.

E já chegamos ao pé da torre: tem um bosque de um lado e outro lado outro bosque. Um tem mais verde e é como uma selva de recreação, com casa sueca de pinheiro com as janelas cheias de flores, na beira de um lago; e a isbá de porta bordada e teto pontiagudo na qual vive o lavrador russo; e a casa linda de madeira, com janelas em forma de triângulo, onde o finlandês passa os meses de nevada, ensinando os seus filhos a pintar e a pensar, a amar os poetas da Finlândia, e a compor o arpão da pesca e o trenó da caçada, enquanto o avô esculpe o granito como a opala, ou fabrica potes e figuras de um ramo seco, e as mulheres de gorra alta e avental tecem sua renda fina,

próximo à lareira de madeira trabalhada. Ali existe teatro, leiteria, uma casa de amplos refeitórios e criados de paletó preto, que passam com as garrafas de vinho em cestas na hora do almoço, quando os pássaros cantam nas árvores. Porém para o outro lado é que vai o nosso coração, porque ali estão, ao pé da torre, como os brotos da bananeira ao redor do tronco, os pavilhões famosos de nossas terras de América elegantes e leves como um índio guerreiro: o da Bolívia como o capacete. O do México como um cinto, o da Argentina como o penacho colorido: parecem que olham para ele como os filhos ao gigante! É bom ter sangue novo, sangue de povos que trabalham! O do Brasil está li também, como uma igreja de domingo em um palmeiral, com tudo o que se dá em suas selvas cerradas, e copos e urnas raras dos índios do Amazonas, e numa fonte uma vitória régia na qual uma criança pode navegar, e orquídeas de flor esquisita, e sacos de café, e montes de diamantes. Brilha um sol de ouro ali por sobre as árvores e sobre os pavilhões, e é o sol argentino, colocado no alto da cúpula, branca e azul como a bandeira do país, que entre outras quatro cúpulas, coroa com grupos de estátuas nas esquinas do teto, o palácio de ferro dourado e vidros coloridos em que a pátria do homem novo da América convida o mundo cheio de espanto, a ver o que pode fazer em poucos anos um povo recém nascido que fala espanhola, com a paixão pelo trabalho e a liberdade! Com a paixão pelo trabalho! : melhor é morrer abrasado pelo sol do que ir pelo mundo, como uma pedra viva, com os braços cruzados! Uma estátua aponta em direção a porta um mapa onde se vê em destaque a república, com o rio por onde entram no país os vapores repletos de gente que vai trabalhar; com as montanhas que criam os seus metais, e as pampas extensas, cobertas de gados. De destaque está ali a cidade modelo de La Plata, que apareceu de repente na planície silvestre, com ferrovias, e porto, e quarenta mil habitantes, e escolas como palácios. E quanto dão a ovelha e o boi é visto ali, e tudo o que o homem atrevido pode fazer do animal: mil couros, mil lãs, mil tecidos, mil indústrias: a carne fresca no frigorífico: crina, chifres, glandes, plumas, panos. Quanto o homem tem feito, o argentino tenta fazer. De noite, quando a multidão chama à porta, acendem-se de uma só vez, em seus globos de cristal branco e azul, e vermelho e verde, as mil luzes elétricas do palácio.

Como com um cinto de deuses e de heróis está o templo de aço do México, com a escadaria solene que leva ao portão, e encima dele o sol Tonatiuh, vendo como cresce com o seu calor a deusa Cipactli, que é a terra: e todos os deuses da poesia dos índios, os da caça e o campo, os das artes e o comércio, estão nos dois muros que tem a porta aos lados, como duas asas; e os últimos valentes, Cacama, Cuitláhuac e Cuauhtémoc, que morreram na luta, ou foram queimados, defendendo dos conquistadores a independência de sua pátria: dentro, nas ricas pinturas das paredes, se vê como eram os mexicanos da época, nos seus trabalhos nas suas festas, a mãe viúva dando seu parecer entre os governantes da cidade, os camponeses tirando a água-mel do tronco da agave, os reis fazendo-se visitas no lago em suas canoas enfeitadas de flores. E esse templo de aço, o levantaram

ao pé da torre, dos mexicanos, como para que não lhe tocassem a sua história, que é como mãe de um país, os que não a tocassem como filhos! Assim se deve querer a terra em que a gente nasce: com bravura, com ternura! As lindas cortinas; as vitrinas de mogno em que estão as filigranas de prata, os tecidos de fibras, as essências de odor, os pratos de esmalte e as jarras de verniz, as opalas, os vinhos, os arnês, os açúcares; tudo tem como enfeite letras e figuras índias. Vivos aparecem com os seus trajes o couro de franjas e galão, e seus chapéus largos com trançado de prata e ouro, e seu poncho nos ombros, de seda colorida, vivos como se fosse montar a cavalo, os manequins do rico fazendeiro, do jovem elegante que cuida da sua fazenda, e sabe derrubar um touro. A porta, de um lado, troncos colossais de madeira fina bem polida; e do outro, de cor de rosa e verde-mar, a pirâmide de mármore transparente da terra, de ônix que parece nuvem coalhada do por do sol. Pendurada no teto, verde, branca e vermelha, a bandeira da águia.

E juntos como irmãos, estão outros pavilhões mais: o da Bolívia, a filha de Bolívar, com suas quatro graciosas torres de cúpula dourada, cheio de quartzos de mineral riquíssimo, de restos de homem selvagem e os animais como bosques que existiram antes na América, e de folhas de coca que dão forças ao cansado para continuar andando: o do Equador, que é um templo inca, com desenhos e enfeites como os que os antigos índios colocavam nos templos do Sol, e dentro os metais e cacaus famosos, e tecidos e bordados muito finos, em balcões de vidro e de ouro: o pavilhão da Venezuela, com sua fachada como de catedral, e na sala espaçosa tanta amostra de café, e tacho de sua rapadura, e livros de versos e de engenharia, e sapatos leves e finos: o pavilhão da Nicarágua com o seu telhado vermelho, como os das casas do país, e seus salões dos lados, com os cacaus e baunilhas de aroma e aves de plumas de ouro e esmeralda, e pedra de metal com luzes de arco íris, e madeiros que dão sangue de cheiro; e na sala do centro, o mapa do canal que vão abrir de um mar a outro de América, entre os restos das ruínas. Tem janelas amplas como as casas salvadorenhas, e uma varanda de madeira muito linda, o pavilhão de Salvador, que é país trabalhador, que inventa o trabalho fino e no campo cultiva a cana e o café, e faz móveis como os de Paris, e sedas como as de Lyon, e bordados como os de Burano e lãs de cor alegre, tão boas como as inglesas, e esculpida com muita graça na madeira e no ouro. Por um pórtico enorme se entra, entre sacos de trigo e amostras de mineral, ao palácio de ferro do Chile: ali a madeira forte dos bosques do índio araucano, os vinhos topázios e vermelhos, as barras de prata e ouro fosco, todas as artes de um povo que não quer ficar atrás, o sal e o arbusto vermelho do deserto: ao fundo há como um jardim: as paredes estão cheias de quadros de números.

E ali, ao lado do Chile, entraríamos agora no Palácio das crianças, onde brincam os pequeninos de cavalinho, de gangorra, e vêem fazer barcos de vidro da Veneza, e as bonecas que faz o japonês, cercando com gravetos ao redor de uma varinha as massas brandas de diferentes cores: e faz um

daimio com seu sabre, e um Mikado de agora, com seu levita à francesa: Oh, o teatro! Oh, o homem que está confeitando! Oh, o cachorro que sabe multiplicar! Oh, o ginasta que anda a cavalo em uma roda! E o palácio é de brinquedo tudo por fora, desde o gonzo até as bandeirolas do teto! Porém, se não temos tempo, como vamos parar de brincar, nós meninos da América, se ainda há tanto que ver se não vimos todos os pavilhões de nossas terras americanas? E esta casa de madeira tão franca e tão amiga, que convida as pessoas a entrar para ver tudo o que dá a terra vulcânica de seu país, uva e café, trepadeira e tigres, cocos e pássaros, e os leva ao seu beirado com cortinas, para tomar em xícaras trabalhadas seu chocolate de espuma? É a Guatemala esse pavilhão generoso. E esse outro, elegante com tantas madeiras, é a terra onde sabem defender-se com ramos de árvores daqueles que vêm de fora para tomar-lhe o seu país: de Santo Domingo. Esse outro é o Paraguai, esse da torre de mirante, com as janelas e portas como de nação de muito bosque, que imita em suas casas as grutas e os arcos das árvores. E esse outro suntuoso que tem a torre como lanças, e alegria como de uma sala, esse que cedeu uma parte de suas salas a dois povos de nossa família, - a Colômbia, que tem agora muito que fazer, ao Peru, que está triste depois de uma guerra que teve, - esse é o povo bravo e cordial de Uruguai, que trabalha com arte e prazer, como o da França, e lutou nove anos com um homem mau que queria governá-lo, e tem um poeta de América que se chama Magarinhos: vive de seus gados o Uruguai, e não há um povo no mundo que tenha inventado tantos modos de conservar a boa carne, na carne seca, em caldos que parecem vinho, que se parece com uma lança, flutua, como chamando os homens bons, a bandeira do sol, de listras brancas e azuis. E ter que passar tão rápido pelos palácios de uma terra anã como a Holanda, onde não há holandês que não seja feliz, e viva como um povo notável, pelo seu trabalho de marreiro, de engenheiro, de impressor, de tecedor de rendas, de escultor de diamantes; de uma nação como a Bélgica, que sabe tanto de cultivos, de fabricar carroças, casas, armas, louças, tapetes e tijolos! Não podemos ver o pavilhão da Suíça, com a sua escola modelo, seus queijos como rodas e seu ateliê de relógios, nem o do Hawai, que é um país onde todos sabem ler, e o homem da ilha trabalha ao pé do vulcão de fogo, da lava e a pena; nem o da República de São Marino – quem sabe onde está São Marino? – com seus cristais pintados famosos e suas famílias de escultores. Essa da porta trabalhada e colorida é a Sérvia, perto da Rússia, onde fabricam tapeçaria fina e mosaicos; e esse refeitório com o seu teto de beirado, é a Romênia, onde o mais pobre se veste de tecidos bordados, e comem a carne quase crua com muita pimenta em prato de madeira, bebem leite de búfalo. Está cheia de sedas com recamo de flores e pássaros, cheio de palanquins e dente canino de elefantes, essa casa de teto de Sião, o povo da cerimônia e do arroz? E a China, quem não a conhece, com o seu pavilhão de três torres, onde não cabem as cortinas com árvores e demônios de ouro, nem as caixas de marfim com desenhos em alto relevo nem o tapete onde estão, com as sete cores da luz, os pássaros que vão cortando o ar, quando chega o mês de maio, a saudar o rei e a rainha, que são dois rouxinóis que foram ao céu para

ver se senta nas nuvens, e trouxeram um ninho de raios de sol? Oh, quanto há o que ver! E o palácio hindu, em vermelho escuro com os ornamentos brancos, com os bordados de enfeites num vestido de mulher e tudo tão trabalhado, as janelas pequenas e a torre, com a fonte de mármore, as colunas de pórfiro, os leões de bronze que enfeitam a sala, cheia de tapeçaria? E o Japão, que é como a China, mais graça e delicadeza, e uns jardineiros velhos que gostam muito de crianças? E a Grécia, essa da porta baixa com um muro de cada lado, com a história de antes, antes de que os romanos a vencessem quando foi viciosa, e a vida do trabalho de hoje, em antiguidades, em mármore vermelhos, em sedas finas, em vinhos olorosos, desde que ressuscitou com o retorno da liberdade, e tem como Pireo, Siracusa, Corfú e Pratas, que valem já pelos trabalhadores tanto como as quatro famosas da Grécia antiga: Atenas, Esparta, Tebas y Corinto? E a Pérsia, com a sua entrada religiosa de Mequita, de teto de azul vivo, e dentro, entre colgaduras verdes e amarelas, as caçoletas cinzeladas de queimar os odores, os xales de seda que cabem por um anel, os alfanjes de punho enfeitado que cortam o ferro, as violetas açucaradas e as conservas de folhas de rosas? E o bazar dos marroquinos, com sua arcada branca que reluz ao sol, e seus mouros de turbante e babucha, brunindo facas, tingindo o couro, trançando a palha, trabalhando a martelada o cobre, bordando com fio de ouro o veludo? E a rua do Cairo, que é uma rua egípcia como no Egito, alguns comprando roupões, outros tecendo a lã, uns apregoando seus confeitos, e outros trabalhando como joalheiro, como torneiros, como oleiros, como fabricante de brinquedos, e por todas as partes, alugando o burro, os donos dos burros zombeteiros, e lá encima, enrolada em véus a moura formosa, que olha da sua varanda de persianas puxadas?

Oh, não há tempo! Temos que ir ver a maravilha maior, e o atrevimento que abranda o coração, e faz sentir como desejo de abraçar os homens e de chama-los de irmãos. Voltamos ao jardim. Entremos pelo pórtico do Palácio das Indústrias. Passemos, com os olhos fechados, pela galeria das catorze portas, onde cada país exhibe seus melhores trabalhos, e cada indústria compôs a porta do seu departamento, a prataria com pratas e ouros e duas colunas de pedra azul, a louçaria com porcelana e azulejos, a dos móveis com madeira esculpida como folhas de flor, e a de ferro com bicos e martelos, e a de armas com rodas, armação para canhões, balas e canhões, e assim todos. Por um corredor que faz pensar em coisas grandes, leva à escada que conduz à varanda do monumento: levantam-se os olhos e se vê uma sala de ferro iluminada pela luz do sol, onde poderiam mover-se ao mesmo tempo dois mil cavalos, na qual poderiam dormir trinta mil homens. E toda a área está coberta de máquinas, que dão voltas, que esmagam, que sibilam, que iluminam, que atravessam o ar silenciosas, que correm estremeando por debaixo da terra! Em quatro fileiras estão no centro as máquinas maiores. De um forno vermelho recebem a força. Vem através de correias, que não se podem ver de tão rápidas que andam. Quatro filas de postes sustentam as coréias. Ao redor, unidas,

estão todas as máquinas do mundo, as que fazem pó de aço, as que afiam as agulhas. Umas mulheres de avental vermelho trabalham no papel holandês. Um cilindro, que parece um elefante que se move, está cortando envelopes. Um pilão separa o grão do trigo da casca. Um anel de ferro flutua no ar pela ação da eletricidade, sem que nada o sustente. Ali se fundem os metais com que são feitas as letras de imprimir, ali é feito o papel de tecido ou de madeira, ali a imprensa imprime o jornal, que cai do outro lado, úmido. Uma máquina leva o ar ao poço de uma mina para que os mineiros não se sufoquem. Outra esmaga a cana, e coloca um jato de mel. Pois dá vontade de chorar ver as máquinas dali da varanda. Roncam, sussurram, é como o mar: o sol entra a torrentes. De noite, um homem toca um botão, os dois fios de luz se juntam, e por sobre as máquinas, que parecem ajoelhadas na treva, derrama a claridade, pendurada na abóbada, o céu elétrico. Longe, onde tem Edison os seus inventos se acendem de uma grande faísca vinte mil luzes, como uma coroa.

Tem panoramas de Paris, e de Nápolis com o seu vulcão, e de Mont Banc, que dá frio vê-lo, e da baía do Rio de Janeiro. Tem outro que é no centro como uma ponte de um navio, e parece pela pintura que está o navio inteiro, o céu e o mar. Tem o palácio das pinturas finas dos aquarelistas, e outro, com enfeites como de espelho, dos que pintam o pastel. Tem os dois pavilhões de Paris, onde se aprende a cuidar de uma cidade grande. Tem atelieres pelos arredores da Exposição, onde se vê algo para que o egoísta aprenda a ser bom! O trabalho do homem na mina de hulha, no fundo da água, nos tanques onde ferve como lama, o ouro. Tem lá longe, negras e feias, as fornalhas onde colocam o carvão para o vapor uns homens tisonados. Porém aonde todos vão é ao campo que tem na frente o palácio onde os soldados mancos e coxos cuidam da sepultura de pedra de Napoleão, rodeada de bandeiras rotas: e no cume do palácio a cúpula dourada! Todos vão ver os estranhos povos, na Explanada dos Inválidos. De passagem somente veremos o palácio onde está tudo que serve para lutar: o balão que vai pelo ar para ver por onde vem o inimigo: os pombos que sabem voar com o recado lá bem no alto onde as balas não podem alcançá-las, porém a algumas às vezes costuma alcançar e a pomba cai por terra cheia de sangue! De passagem veremos no pavilhão da República da África do Sul, o diamante imperial, que tiraram lá da terra, e é o maior do mundo. Aqui estão as lojas dos soldados, com os fuzis à porta. Lá estão, graciosas, as casas que os homens bons querem fazer para os trabalhadores, para que vejam luz aos domingos, e descansem em sua casinha limpa, quando chegam cansados. Ali, com sua torre como a flor da magnólia, está o pagode de Camboja, a terra onde já não vivem, porque morreram pela liberdade, aqueles Khmer que faziam templos mais altos que os montes. Ali está, com suas colunas de madeira, o palácio da Cochinchina, e no pátio seu tanque de peixes dourados, e os portais esculpido com a ponta da faca, e ao fundo, na escadaria, dois dragões, com a boca aberta, de louça reluzente. Parece chinês o palácio de Anam,

com suas madeiras pintadas de vermelho e azul e no pátio um deus gigante do bronze deles, que é como cera muito fina de cor de avelã, e os tetos e as colunas e as portas talhadas a fio, como os ninhos, ou as folhas pequenas, como a copa das árvores. E por cima os templos hindus, com suas torres coloridas e seu monte de deuses de bronze à porta, deuses de ventre de ouro e de olhos de esmalte, está, cheio de sedas e marfins, de tecidos de prata bordados com safiras, o Palácio Central de todas as terras que tem a França na Ásia: numa sala, ao levantar uma colgadura azul, um elefante oferece um cachimbo de ópio. Lá, entre as palmeiras, brilha, branco y como uma renda, o mirante do palácio de arcadas de Argel, por onde andam, como reis presos, os árabes formosos e silenciosos. Com suas portas de cravos e seus sótãos, cheios de mouros tunisianos e hebreus de barba negra bebendo vinho de ouro no café, comprando punhais com letras do Alcorão na lamina, entre bosques de tâmaras, o casario da Tunísia, feito com pedras antigas e louças rotas de Cartago. Um anamita solitário, sentado de cócoras, olha, com os olhos meio fechados, o pagode de Angkor, o da torre como a flor de magnólia, com o deus Buda encima, o Buda de quatro cabeças.

E entre os palácios há povos de barro e palha: o negro “canaco” (habitante de algumas ilhas da Oceania) em sua cabana redonda, o de “Futa-Jalón” derretendo o ferro em seu forno de terra, e de “Kedugu”, com seu calção de plumas, na torre redonda onde se defende do branco: e ao lado, de pedra e com barbacãs, a torre quadrada, onde vinte e seis franceses colocaram mais de vinte mil negros, que não podiam cravar as suas lanças de madeira na pedra dura! Na aldeia de Anam, com as casas leves de teto pontiagudos e corredores, se vê o cochinchino sentado na esteira, lendo em seu livro, que é uma folha comprida enrolada numa madeira; e a outro, um ator, que se pinta a cara de vermelhão e preto; e ao bonzo rezando, com o capuz na cabeça e as mãos na saia. Os javaneses, de bata e calção largo, vivem felizes, com tanto ar e claridade, em sua vila de casas de bambu: de bambu é a cerca do povoado, as casas e as cadeiras, e as músicas com a qual vão buscar as bailarinas descalças, de chapéus de plumas e bracelete de ouro. O kabila com o seu capuz branco, passeia na porta de sua casa de barro, baixa e escura para que o estrangeiro atrevido não entre para ver as mulheres da casa, sentadas no chão, tecendo no tear, com a testa pintada de cores. Atrás está a tenda do kabila, que leva em suas viagens: o burro que se esfrega no pó: o irmão joga num canto a cadeira de couro bordada de ouro puro: o velhinho à porta está montando no camelo o seu neto que lhe puxa a barba.

E lá fora ao ar livre, é como uma loucura. Parecem jóias que andam, aquelas pessoas de trajés coloridas. Alguns vão ao café mouro, para ver as moursas bailarem, com seus véus de gaze e seu traje violeta, movendo os braços devagar como se estivessem dormindo. Outros vão ao teatro da vila onde estão em fileira uns bonecos de cone, vendo com seus olhos de porcelana as fruteiras javanesas, que bailam como se não colocassem os pés no chão, e vêm com os braços abertos, como

mariposas. Em um café de mesas vermelhas, com letras mouras nas paredes, os aissáuas, que são como uns loucos da religião se arrancam os olhos e os deixa pendurados, e mascam vidros, e comem escorpiões vivos, porque dizem que seu deus fala-lhes de noite do céu, e os manda comer. E no teatro dos anamitas, os cômicos vestidos de panteras e de generais, contam, saltando e uivando, retirando-se as penas da cabeça girando, a história do príncipe que foi de visita ao palácio de um ambicioso, e bebeu uma xícara de chá envenenado. Porém já é noite, e hora de ir embora para pensar, e os clarins, com sua corneta de bronze, tocam a retirada. Os camelos começar a correr. O argelino sobe no minarete, para chamar para a oração. O anamita se curva três vezes diante do pagode. O negro canaco levanta a sua lança ao céu. Passam, comendo doces, as bailarinas mouras. E o céu, de repente, como em uma labareda, acende-se de vermelho: já é como o sangue: já é como quando o sol de põe: já é como a cor do mar na hora do amanhecer: já é de um azul como se entrasse pelo pensamento do céu: agora branco, como prata: agora violeta, como um ramo de lilás: agora, com o amarelo da luz, resplandecem as cúpulas dos palácios, como coroas de ouro: lá embaixo, dentro das fontes estão colocando vidros coloridos entre a luz e a água, que emite em abundância as cores do vidro, e joga ao céu aceso seus florões de faíscas. A torre, na claridade, reluz no céu negro como uma renda vermelha, enquanto passam debaixo de seus arcos os povos do mundo.

José Martí

APÊNDICE B

Império do Brasil
Chefe de Estado – D. Pedro II
Ministério de 10 de Março de 1889

- João Alfredo C. d'Oliveira
Presidente do Conselho, Ministro das Finanças

- J. F. da Costa Pereira, deputado
Ministro do Interior

- Antonio Ferreira Vianna, deputado
Ministro da Justiça

- A. Rodrigo Silva, senador
Ministro dos Negócios Estrangeiros

- Thomaz F. Coelho d'Almeida, senador
Ministro da Guerra

- L. A. Vieira da Silva, senador
Ministro da Marinha

- Antonio da Silva Prado, senador
Ministro da Agricultura, do Comércio e dos Trabalhos Públicos

Exposição Universal de Paris de 1889
Comissariado Geral

- Visconde de Cavalcanti, senador, conselheiro de Estado
Comissário Geral

- Eduardo da Silva Prado
Comissário Geral Adjunto

- E. Lourdelet
Comissário Geral Adjunto

- Amédée Prince
Secretário Geral

- R. B. d'Etiveaud
Secretário Adjunto

Júri Internacional das Recompensas Exposição de Paris em 1889

Representantes do Império do Brasil

Júri Superior

- Visconde de Cavalcanti
- Ladislau Netto, conselheiro

Júri dos Grupos

- Ladislau Netto, conselheiro
- Barão de Estrela

Júri das Classes

Educação Infantil	Barão de Estrela
Aplicação usual das artes e desenhos	Eduardo da Silva Prado
Mobiliários	E. Lourdelet
Minérios	Fernandes Pinheiro
Florestas	Barão de Albuquerque
Borracha	Santa Anna Nery
Produções agrícolas não alimentares	Amédée Prince
Produtos Químicos	Paul Rousseau
Cereais	C. Pra
Cafés, mates	A. Klingelhoef
Couro	C. d'Almeida
Material de gênero civil	Alfredo Michel
Bebidas fermentadas	R. B. d'Etiveaud

APÊNDICE C

A saga da pedra do Bendegó

Luar do Conselheiro

A obra: A pedra do Bendegó, ferida latente no povo catingueiro, o maior meteorito encontrado no Brasil, roubado pelo Império e levado ao museu Nacional no Rio de Janeiro é o tema deste cordel de protesto. Que traduz a insatisfação popular e o descaso das autoridades brasileiras em preservar nosso patrimônio.

*Todos conhecem a Caaba,
A pedra dos muçulmanos
Fica no templo de Meca,
Protegida dos profanos
A pedra que veio do céu,
É a crença dos puritanos*

*Agora vocês imaginem,
Como este povo é valente
Se roubassem a pedra santa,
A guerra seria iminente
Preparavam munição
Para lutar ferozmente*

*Outra pedra incandescente
Oriunda do espaço
Foi a que guiou a rota
De Cristo, aos três Reis Magos.
Os meteoros fazem parte
De objetivos sagrados*

*Igualmente ocorreu
No meu sertão da Bahia
A pedra caiu do céu,
Trazendo a profecia
Da vinda do Conselheiro
Que a todos libertaria*

*Em mil setecentos
e oitenta e quatro
No riacho Bendegó,
Numa fazenda de gado
Bernadino da Motta Botelho,
Descobriu o rochedo sagrado*

*O povo todo fez festa
Por conta da pedra santa
Pois ela veio do céu*

*Pra trazer esperança
Além do profeta da gente
Riqueza e temperança*

*É claro que estava certo
O que pensava o povo
Logo, logo haveria,
Pessoas do mundo todo
Injetando muito dinheiro
Pra quem vive de tão pouco*

*Ledo engano, sonho ingênuo,
A esperança do povão
Mas é claro que a riqueza
Não seria do sertão
Pois era o maior meteorito
Que o Brasil tinha na mão*

*Pesando cinco mil
Trezentos e sessenta quilos
A pedra já atraía
Pessoas de vários estilos
Pensadores, penitentes,
E Caçadores de mitos*

*O governo como sempre
Pensando no estrangeiro
Decidiu levar a pedra
Para o Rio de Janeiro
Melhor ir à capital
Que na terra do Conselheiro*

*Em mil setecentos
E oitenta e cinco
Foi a primeira tentativa
De profanar nosso recinto
A magia ia reinar
Contra nossos inimigos*

*O governador geral da Bahia
Com usura indisfarçada
Ordenou esta tentativa
Pensando ser ouro e prata
Doze juntas de boi,
Buscar a pedra sagrada*

*E pela primeira vez,
Fazendo a vontade divina
A pedra do Bendegó,
Escolheu sua própria sina*

*Há cento e oitenta metros,
Caiu ao virar a esquina*

*A pedra caiu às margens
Do riacho Bendegó,
Estava claro era um sinal
De Deus na terra do sol
Ficaria cento e dois anos
Sem mover-se a um metro só*

*Depois de tanto tempo
De fé e procissão
A pedra do Bendegó
Sofreu nova traição
Pois Dom Pedro Segundo
Mandou nova expedição*

*Chefiada pelo tenente
José Carlos de Carvalho
O que ele não sabia
Teria muito trabalho
A pedra queria ficar
Em terra seca e cascalho*

*A carreta teve o eixo
Quatro vezes partido
Foram 108 quilômetros
De puro sacrifício
O governo não entendia
Deus tentava impedi-lo*

*A pedra dos Conselheiristas
Caiu três vezes no chão
O inimigo não deu importância
Caiu mais três vezes então
Só ai são sete quedas
De pedra no Riachão*

*Cada vez que ela caia,
Mostrando que queria ficar
Era a maior dificuldade
Pra voltar a carregar
Pois a nossa pedra sagrada
Tinha o peso pra dificultar*

*Mas os homens de má fé
Estavam resolutos
Levariam a pedra santa
De uma vez a qualquer custo
O dinheiro fala mais alto*

Neste meu Brasil injusto

*Prolongada a estrada
De ferro do São Francisco
Facilitava o trabalho
Maldito do inimigo
A pedra ia pro Rio
Pra evitar mais sacrifício*

*O trem levou ao porto
A nossa pedra bonita
De navio a pedra foi
À quinta da Boa Vista
Foi à mão dos cientistas
Numa atitude egoísta*

*Assim que a pedra chegou
As mãos que não crêem em mitos
Cortaram logo um pedaço
De uns bons sessenta quilos
Se achares que exagero
Vejam o meteorito*

*Pegaram o pedaço
Que eles cortaram primeiro
Em quatorze partes iguais
Re-dividiram ligeiro
Só pra doar à quatorze
Museus pelo mundo inteiro*

*A pedra do Bendegó
A pedra da profecia
Está no Rio de Janeiro
Exposto pra burguesia
Facilitando pro estrangeiro
Que tanto a pedra queria*

*O povo do meu sertão,
Da região Conselheirista
Frustrado com o roubo
Debaixo de suas vistas
Clamariam por respeito,
Contra essa ação imperialista*

*A pedra constituída
De Ferro, Níquel e encanto.
Até o dia de hoje
Provoca tristeza e encanto
Queremos nossa pedra de volta
De volta pro nosso canto*

*Advirto ao senhor Presidente
Devolva nossa Tradição
A pedra do Bendegó
Faz parte da religião
O Povo do Conselheiro
Reclama seu coração*

APÊNDICE D

Relação dos 190 objetos que figuraram na exposição arqueológica e etnográfica brasileira no Pavilhão da Amazônia – transcrição do Catálogo Oficial da Exposição Universal de Paris 1889.

Cópia do frontispício

Exposition Universelle de 1889

Exposition archéologique et ethnographique brésilienne sous les auspices du commissariat general du Brésil.

Directeur: Le professeur Ladislao Netto. Directeur du Muséum d'histoire naturelle de Rio de Janeiro, Membre du conseil de S. M. l'Empereur du Brésil

Cette Exposition a lieu au Pavillon de l'Amazone. (Section de L'histoire de l'habitation humaine) 1889

Annexe

Pavillon de l'amazone

Collectio céramique composée d'antiquités exhumées, em grande partie, de l'île de Marajó, a l'embouchure de l'Amazone, et appartemente ao Museum National de Rio de Janeiro.

190 itens.

1. Plat trouvé dans lês foilles faites au Mound de Pacoval, dans l'île de Marajó. Peint en rouge, noir et blanc.
2. Couverture d'urne funéraire, peinte en dedans en rouge, noir et blanc. Même origine **(doravante registrado como: mo)**.
3. Plat peint en rouge sur found blanc. Mo.
4. Plat peint en rouge sur found blanc. Mo.
5. Plat peint en rouge sur found blanc. Mo.
6. Patère au bourd sculpté, peinte en rouge et noir, trouvée dans le Mound de Sainte-Isabelle, île de Marajó.
7. Plat avec une anse, représentant la tete humaine, peint à l'intériuer et graná à l'exterieur, Mound de Pacoval.
8. Plat à deux anses figurées. Peint en rouge et noir exterieurement. Mo

9. Patère ciselée à l'extérieure et peinte en rouge intérieurement. Mo.
10. Plat ciselé extérieurement. Mo.
11. Plat peint en rouge, avec deux saillies figurées sur le bord. Mo.
12. Plat ciselé extérieurement, orné de sculptures sur le bord. Mo.
13. Plat ciselé extérieurement, orné de sculptures sur le bord. Mo.
14. Patère ciselée extérieurement et peinte à l'intérieur en rouge et noir sur fond blanc. Mo.
15. Plat peint en rouge et noir, trouvé dans la vallée supérieure de l'Amazonie.
16. Grande urne funéraire, sculptée et ciselée, à deux anses figurées. Trouvée dans le Mound de Pacoval, île de Marajó.
17. Urne funéraire, sculptée et ciselée, avec des reliefs figurés. Mo.
18. Urne funéraire, sculptée et ciselée, avec des reliefs représentant des visages humains. Mo.
19. Urne funéraire, sculptée et ciselée. Mo.
20. Urne funéraire, sculptée et ciselée, avec deux petites anses. Mo.
21. Urne funéraire, sciée transversalement à la moitié de sa hauteur, pour montrer la disposition des anses qu'elle renferme. Mo.
22. Urne funéraire, sculptée et ciselée. Mo.
23. Vase sculpté et gravé, avec des figures d'animaux. Mo.
24. Urne funéraire ciselée, à base conique, avec deux anses. Quelques feuilles y sont nettement représentées. Mo.
25. Urne funéraire ciselée, à base conique. Mo.
26. Vase ciselé, sphéroïdal, avec saillie d'un côté. Mo.
27. Vase sculpté et ciselé, avec des peintures. Mo.
28. Vase ciselé, ayant le bord sculpté. Mo.
29. Petit vase ciselé, de forme aplatie. Trouvé dans le Mound de Sainte-Isabelle, dans l'île de Marajó.
30. Vase ciselé, quadrangulaire, au bord sculpté. Trouvé dans le Mound de Pacoval.
31. Vase noir, rudimentairement ciselé. Haut Amazonie.
32. Vase noir, rudimentairement ciselé. Haut Amazonie.

33. Van ciselé, quadrangulaire, au bord sculpté. Trouve dans le Mound de Pacoval..
34. Vase ciselé. Mo.
35. Vase sculpté et ciselé, à anse zoomorphe. Mo.
36. Vase sphéroïdal ciselé. Mo.
37. Vase sculpté et ciselé, orne de reliefs zoomorphes. Mo.
38. Vase sculpté et ciselé, avec quatre anses zoomorphes. Mo.
39. Vase ciselé, à base conique. Mo.
40. Vase quadrangulaire, à ciselures rudimentaires. Mo.
41. Vase ciselé, à gorge resserrée, avec saillie d'un côté. Mo.
42. Vase sculpté et ciselé, orne de reliefs figures. Mo.
43. Vase ciselé, quadrangulaire, dont la bouche représente celle d'un batracien largement ouverte. Mo.
44. Vase en forme de goude, finement ciselé. Mo.
45. Vase en forme de goude, finement ciselé. Mo.
46. Vase en forme de goude, finement ciselé. Mo.
47. Petit vase ciselé, cylindrique. Mo.
48. Petit vase ciselé, représentant le fruit d'un Lecythis. Mo.
49. Petit vase un forme de gourde, à deux anses zoomorphes, orne de ciseleurs très fines. Mound de Saint-Isabelle, île de Marajó.
50. Petit vase forme de gourde, à deux anses zoomorphes, orne de ciseleurs très fines. Mo.
51. Grande urne funéraire, peinte en rouge et noir, sur fond blanc. Mound de Pacoval.
52. Vase peint en blanc et noir, à gorge rétrécie. Mo.
53. Vase peint en blanc et rouge, sur fond blanc. Mo.
54. Vase peint en rouge, sur fond blanc. Mo.
55. Vase peint en rouge, sur fond blanc. Mo.
56. Vase peint en rouge, sur fond blanc. Mo.
57. Vase peint en rouge, sur fond blanc, avec deux anses rudimentaires. Mo.
58. Vase sculpté, zoomorphe. Mo.

59. Vase sculpté, anthropomorphe. Mo.
60. Vase sculpté, anthropomorphe, avec deux trous pour être suspendu. Mo.
61. Urne anthropomorphe, peinte en rouge et noir, sur fond blanc. La partie supérieure de cette urne est très remarquable. Trouvée dans la vallée du Madeira (Haute Amazonie).
62. Urne anthropomorphe représentant un individu assis. La tête est ornée de saillies, probablement numériques. Trouvée dans les carrières sous roche de Maracá, rive gauche de l'Amazonie presque en face de l'île de Marajó.
63. Urne anthropomorphe rudimentairement sculptée. Trouvée dans l'île de Marajó.
64. Vase anthropomorphe. mo.
65. Tête de vase anthropomorphe ou d'une statuette. mo.
66. Anse de vase anthropomorphe. mo.
67. Anse zoomorphe d'un vase funéraire. mo.
68. Anse ou ornement de vase représentant un bossu. mo.
69. Anse ou ornement anthropomorphe de vase. mo.
70. Ornement de vase représentant un bossu. mo.
71. Ornement de vase représentant la tête d'un oiseau de proie. Trouvé sur le bord du Rio Trombetas.
72. Ornement de vase. mo.
73. Statuette représentant un bossu. Cette statuette était primitivement peinte en rouge, sur fond blanc. Mound Pacoval.
74. Statuette représentant une femme. Trouvée sur le bord du Rio Trombetas.
75. Fétiche anthropomorphe, à la tête aplatie. Mound Pacoval.
76. Fétiche anthropomorphe, cisélé, orné de deux trous par où ce fétiche était suspendu. Mound Pacoval.
77. Anse figurée d'un vase. Rio Trombetas.
78. Polissoir en diorite. De la province de Sainte-Catherine.
79. Poids en diorite. Trouvé dans un sambaqui de la province de Sainte-Catherine.
80. Poids perforé en diorite. Trouvé dans un sambaqui de la province de Saint-Paul.

81. Poids perforé en diorite. Empliyé probablement comme cassu-tête ou hache. Trouvé dans la province de Rio Grande du Sud.
82. Hache perforée en syénite, servent peut-être d'amulette. trouvé dans la province de Minas Geraes.
83. Pointe de javelat en syénite, emplyée pour frapper les animaux sons les blesser. Trouvée dans le province de Goyaz.
84. Pointe de javelet en serpentine, pour le même usage. Trouvée aux envirens de Rezendem province de Rio de Janeiro.
85. Pointe de flèche en sulex, province de Minas Geraes.
86. Pointe de flèche en silex, province de São Paulo.
87. Pointe de flèche en quartz hyalin. Trouvée dans la province de Minas Geraes.
88. Pointe de flèche en quartz hyalin. Trouvée dans la province de Rio de Janeiro.
89. Tembete (ornement de la lèvre infèriure), en beryl. Trouvée dans la province d'Alagôas.
90. Tembete en beryl. Trouvé dans la province de Bahia.
91. Tembete en orthose verte. Trouvé dans ça province d'Alagôas.
92. Tembete en quartz hyalin. Trouvé dans la même province.
93. cometi um engano não registrando este artefato.
94. Amulettes en néphrite; appartenant aux collections du Museu National de Rio de Janeiro.
95. Instrument sons but connu, quoique ayant la forme d'une pioche, en diorite. Trouvé à Sainte-Catherine.
96. Instrument paraissant destiné à creuser la terre, en diorite. Trouvé dans la province de Sainté-Catherine.
97. instrument pareil au précédent. mo.
98. Pipe en stéatite ou argilite. Trouvée dans la province de Bahia, côte du Sud.
99. Pipe de la même substance. Trouvée dans la province de Sergipe.
100. Fuseau en grès compoet, ciselé. Trouvé à l'embouchure du Tapajoz.
101. Fragment de quartzite qu'on commençait à préparer pour en extraire un ornement de lèvre. trouvé en Goyaz.
102. Fragment d'orthose vert dont on allait extraire un tembete. Trouvé à Minas Geraes.

103. Anse zoomorphe d'un vase, même nature. mo.
104. Figure phallique en argile, primitivement peinte. Mound de Pacoval.
105. Figure phalliforme en argile sans la tête. mo.
106. Fétiche en argile, peinte en rouge sur fond blanc. mo.
107. Tangas (*folia vitis*) trouvés dans les urnes funéraires qui renfermaient des os de femme. Ces ornements de pudeur sont fait en argile cuite et peinte avec la plus grande délicatesse. On y voit les trous par où elles étaient attachés contre l'organe qu'ils couvraient. Mound de Pacoval.
108. Tanga en argile, sans aucun ornement. mo.
109. Instrument de musique, en argile sculptée. mo.
110. Mortier en forme de poisson en diorite noir. Trouvé dans l'intérieur d'un sambaqui (dépôt d'huîtres) à la cote de Santa-Catharina.
111. Mortier en forme d'oiseau, en diorite. mo.
112. Mortier en forme d'oiseau, en diorite. mo.
113. Mortier en forme d'oiseau, en diorite. mo.
114. Mortier en forme d'oiseau, en diorite. mo.
115. Mortier en forme d'oiseau, en diorite. mo.
116. Fétiche en forme de poisson, en diorite, avec deux trous par où on l'attachait à la proue des canots de pêche. Trouvé dans le Rio Trombetas, Amazone.
117. Mortier en forme d'oiseau, en diorite. Trouvé dans un sambaqui de Santa Catharina.
118. Mortier en forme d'oiseau, en diorite. Trouvé dans un sambaqui de Santa Catharina.
119. Mortier en forme d'oiseau, en diorite. Trouvé dans un sambaqui de Santa Catharina.
120. Mortier en forme d'oiseau, de la province de Paraná. Trouvé dans un sambaqui.
121. Pilon en diorite. Trouvé dans la province de Minas Geraes.
122. Pilon en diorite. Trouvé dans la province de Bahia.
123. Pilon en diorite. Trouvé dans la province de Bahia.
124. Pilon en diorite. Trouvé dans un sambaqui de Santa-Catharina.
125. Pilon en diorite. Trouvé dans la province de Rio de Janeiro.

126. Rouleau à moudre, en diorite. Trouvé dans l'intérieur de la province de Santa-Catharina.
127. Instrument en diorite, servente à creuser la terre. Province de Minas Gerais.
128. Instrument en diorite, servente à creuser la terre. Province de Bahia.
129. Hache en fibralithe, de lá province de Ceará.
130. Hache en fibralithe, de lá province d'Alagôas.
131. Hache en fibralithe, de lá province de Minas Geraes.
132. Hache en diorite, en ébauche. Province de Rio Grande du Sud.
133. Hache en diorite, en ébauche. **(sem local de origem)**
134. Hache en diorite, en ébauche. Province de Minas Geraes.
135. Hache en forme de croissant, en syénite, de la province de Minas Geraes.
136. Hache en forme de croissant, de la province de São Paulo.
137. Hache en forme de croissant, en porphyre, de la province de Bahia.
138. Hache en forme de croissant, en diorite, de la province de Maranhão.
139. Hache en néphrite, de la province de Bahia.
140. Hache en néphrite, de la province de Minas Geraes.
141. Hache en diorite, de la province de São Paulo.
142. Hache en diorite, de la province d'Alagôas.
143. Hache en diorite, de la province de Minas Geraes.
144. Hache en porphyre, de la province Bahia.
145. Hache en diorite, de la province de Santa-Catharina.
146. Hache en diorite, de la province d'Alagôas.
147. Hache en quarteite, de la province de Minas Geraes.
148. Pierre à arguiser, de la province de Santa-Catharina.
149. Pointes en diorite. Trouvées dans les sambaquis de Santa Catharina.
150. Masques des Indies Ticunas qui s'en servent dans leurs fêtes traditionnelles. Les ticunas vivent dans le Haut amazone, aus frontières du Pérou.

151. Vêtements des Ticunas pendant leurs fêtes, appartenant à Mme. de Santa-Anna Nery.
152. Vêtements des Indiens Caingangs qui peuplent une certaine zone de l'intérieur de la province de Paraná.
153. Ceintures des Indiens Jaouas, Rio Branco, Haut Amazone.
154. Ornement en plume des Indiens Apiacas, habitantes de l'intérieur de Matto Grosso.
155. Ornements en plumes des Indiens Munducurus, qui vivent dans la vallée de Tapajoz, affluent de l'Amazone.
156. Ceintures en écorce peite, employées par Indiens du Rio Branco.
157. Ornements en plumes des Indiens du Haut Amazone.
158. Batons en plumes des chefs Munducurus.
159. Panoplie composée d'armes de chasse et de pêche de quelques tribus d'Indiens du Brésil. Ces armes ont été choisies parmi les collections du Muséum National de Rio de Janeiro; et Mme. de Santa-Anna Nery.
160. Hamacs en fibres de tucum et ornés de plumes. Appartenant à M. Aurélio de Figueiredo. Haut Amazone.
161. Hamacs de la même nature et de la même origine.
162. Panoplie d'armes et de plumes, composée d'objets des Indiens de l'Amazone; appartenant à Mme. de Santa-Anna Nery.
163. Panoplie composé d'armes de chasse et de pêche des Indiens de l'Amazone; appartenant à Mme. de Santa-Anna Nery.
164. Instruments de guerre et de musique; le plus grand est le fameux *Mboré* dont le chef des Apiacas se sert pour donner des ordres à ses guerriers.
165. Casse-têtes, instruments de Indiens Guajajaras des rios Xingu et de l'Araguaia.
166. Sarbacones avec leurs carquois contenant des traits empoisonnés, appartenant à M. Ducasable. Ces instruments sont employés par les Indiens Ticunas dans la chasse aux oiseaux.
167. Cuias faites de demi-calebasses. On les fabrique dans la vallée inférieure de l'Amazone. Ces objets appartiennent à Mme. de Santa-Anna Nery.
168. Tableau représentant un missionnaire au milieu des indiens Yauperys dans la vallée du fleuve du même nom. Tableau fait d'après nature par M. Arturo Luciani.
169. Portrait d'une Indienne Botucuda, appartenant à M. Ducasable.
170. Portrait d'un Indien Uaupé, appartenant à M. Ducasable.

171. Portrait d'un du Rio Negro orné, appartenant à M. Ducasble.
172. Portrait d'un Botucudo orné d'un collier de dents, appartenant à M. Ducasble.
173. Portrait d'une métisse de Haut Amazone, appartenant à M. Ducasble.
174. Portrait d'une métisse de l'Amazone, appartenant à M. Ducasble.
175. Collier orné de dents d'Onça (Félix Onça), appartenent à Mme; la vicomtesse de Cavalcanti.
176. Collier orné de graines d'Ormosia, appartenent à Mme; la vicomtesse de Cavalcanti.
177. Tête momifiée d'un chef Jivarro, Haut amazone, appartenent à M. Lè baron de Marajó.
178. Bancs des Indiens Uaupés.
179. Râpe dont on se sert pour raper lè manioc chez lès Indiens Uaupé.
180. Tipitys, pressoirs employés pour comprimer le manioc après le râpage.
181. Paniers employés por tous les Indiens de l'Amazone.
182. Filet de pêche, appartenet à Mme. de Santa-Anna Nery.
183. Ornaments des Indies du Haut amazone, appartenant à MM. Boris frères.
184. Javelots de divers tribus de l'Amazone.
185. Instruments destines à l'absorption du Paricá.
186. Sacs de differentes tribus d'Indiens du nord et du sud du Brèsil.
187. Fleches des Indiens de l'Amazone, appertenant a MM. Boris frères.
188. Sacs de fibres vegetables, appartenant à Mme. la vicomtesse de Cavalcanti.
189. Ornaments des indiens de l'Amazone, appartenant À Mme; la vicomtese de Cavalcanti.
190. Bracelets orne de graines et de plumes, appartenant à MM. Boris frères.

APÊNDICE E

Relação dos objetos da “coleção de Vossa Majestade o Imperador” que figuraram na Exposição Antropológica de 1882

Total: 54 itens de Pedro II

Sala Vaz de Caminha

Nesta sala acham-se arcos, flechas, lanças, ramos, sararacas, ralos & c. de diferentes tribos do Brasil.

- Arcos dos indígenas Jurús do Rio Madeira – Exp.: S.M. o Imperador e M. Nac.
- Flechas de ponta de ferro de diversas tribos – Exp.: S.M. o Imperador; M. Nac. e Major Guimarães
- Grupo de flechas de diversas tribos. – Exp.: S.M. o Imperador, Conde d’Eu, M.Nac., M.Paraense, Lyceu do Ceará e barão de Teffé.
- Curabis, arcos e flechas dos Conibos e Coxibos, do rio Ucayale. – Exp.: S. M. o Imperador, M. Nac., M. Paraense e barão de Teffé.
- Balestrinas e as suas lanças usadas pelos Cambebas . Veja-se a estampa na Sala Rodrigues Ferreira sob nº 108 – Exp.: S.M. o Imperador e M.Nac.

Sala Rodrigues Ferreira

As colleções d’esta sala, compostas de instrumentos de guerra, de caça, de pesca e de musica, são constituídas não só pelos artefactos d’estas diversas naturezas, pertencentes ao Museu Nacional, mas também por muitos de propriedade particular, sendo a mais bella e a maior parte d’elles do gabinete de S.M. o Imperador.

- Lanças de guizo denominadas Murucú-maracá. São insígnias de mando e servem ao mesmo tempo de bastões com que marcam compasso os tuxauas do alto Rio Negro. – Exp.: S.M. o Imperador, Museu Paraense e M. Nac.
- Flechas empiumadas dos Carajás da província de Goyaz, e flechas implumes dos Botocudos do Rio Doce. – Exp.: M.Nac. e Manuel de Oliveira
- Flechas dos Guajarás, Ipurinãs e Ararás. – Exp.: S.M. o Imperador e M.Nac.
- Arco dos Caripunás e flechas dos Cunibos e outras tribos do Alto Amazonas. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac. e barão de Teffé.
- Arcos e flechas dos coroados de Matto Grosso. – Exp. S.M. o Imperador, M.Nac., d. Amelia C. de Albuquerque e major Guimarães.
- Arcos e flechas dos Carajás de Goyaz. – Exp.: S.M. o Imperador, conde d’Eu e M.Nac.
- Arcos e flechas dos Peuas e Jurunas. – Exp.: S.M. o Imperador e M.Nac.
- Arcos de Ipurinãs do Purus e Guajajáras do Maranhão e de tribos do rio Cairari. – Exp.: S.M. o Imperador, Conde d’Eu, M.Nac., Z. M. de Faria Falcão e T. Aranhas.

- Tacapes, mbucu-unas (zarabatanas) e suas huibarus (aljavas) e settas de tribus do Alto Amazonas. – Exp.: S. M. o Imperador, M.Nac., barão de Teffé, M. Paraense, Inst. Arch. Pernambuco, Inst. Arch. Alagoano. e d. Amelia C. de Albuquerque.
- Arcos de flechas de botocudos do Rio Doce e de Sancta Catharina. – Exp.: S.M. o Imperador, M. Nac. e visc. De Paranaguá.
- Businas de diversas tribus. – Exp.: S.M. o Imperador, Conde d’Eu, M. Nac., d. Amelia C. de Albuquerque, Inst. Onze de Agosto do Maranhão e Lyceu do Ceará.
- Maracás de diversas tribus. – Exp.: S.M. o Imperador, Conde d’Eu, M. Nac., barão de Teffé e cônego Amorim.
- Arco dos Caripunas e flechas dos Ipurinãs e Tembés. – Exp. S.M. o Imperador, M.Nac. e M. Paraense.
- Flechas dos Carajás. – Exp.: S.M. o Imperador e M. Nac.
- Curabis (flechas envenenadas) de diversas tribus do Alto Amazonas. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., e barão de Teffé
- Curabis (dardos envenenados) de diversas tribus de Alto Amazonas. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., M.Paraense e barão de Teffé.
- Arcos e Flechas dos Guajajaras e Tembés. – Exp. S.M. o Imperador, Conde d’Eu, M.Nac e Inst. Onze de Agosto do Maranhão.
- Tacapes tangapemas, e macánas de diversas tribus. – Exp.: S.M. o Imperador, Conde d’Eu, M;Nac., M.Paraense, Inst. Arch. Alagoano e barão de Teffé.
- Flechas dos Parecis. – Exp.: S.M. o Imperador, M. Nac e Lyceu do Ceará.
- Arcos de diversas tribus. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., M.Paraense e barão de Teffé.
- Lanças farpadas dos Guaycurus (?). – Exp.: S.M. o Imperador e M.Nac.
- Tacape dos Carajás. – Exp. S.M. o Imperador.
- Flechas de ponta de taquara farpada dos Matanaués do Aripuanã. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., Inst. Arch. De Pernambuco e Lyceu do Ceará.
- Remos e armas de caça e guerra dos Guatós, Cabixás e Guanás, de Matto Grosso. – Exp. S.M. o Imperador, M.Nac., d. Amelia C. de Albuquerque.
- Arcos e flechas dos Conibos, Coxibos, Catuaquinas, Peuas e Jurúnas. – Exp. S.M. o Imperador e M.Nac.
- Grupo de lanças de tribus do Alto Amazonas. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac. e Lyceu do Ceará.

- Grupo de flechas dos Parecis. – Exp.: S.M. o Imperador e M.Nac.
- Grupo de flechas dos Pacajás. – Exp.: S.M. o Imperador e M.Nac.
- Lanças de palmeira de ponta farpada. –Exp.: S.M. o Imperador.
- Flechas de ponta de taquaras lisas de todas as tribus do Brazil. – Exp.: S.M. o Imperador, Conde d’Eu, M.Nac., M.Paraense, Inst. Arch. De Pernambuco, Lyceu do Ceará, d. Amélia C. de Albuquerque, Barão de Teffé, major Martins Guimarães.
- Flechas dos Parecis da província de Matto Grosso. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., M.Paraense e Lyceu do Ceará.

Sala Lund

Esta sala contém esqueletos e craneos de indígenas Tembés e Turiuáras exhumados pelo Dr. Ladislau Netto nas antigas muiracãueras das margens do rio Capim, Província do Pará; três esqueletos expostos pelo dr. Duarte Paranhos Schutel; grande número de craneos de diversas tribus de botocudos; muitos ossos retirados dos sambaquis da província de Sancta Catharina; e photographias de Botocudos tiradas pela Commissão Geológica dirigida pelo professor Hartt.

- Craneo indígena, procedente da caverna do morro da Babylonia, município do Rio Novo, prov. De Minas Geraes. – Exp. S.M. o Imperador.

Sala Martius

Nesta sala estão algumas bellissimas esteiras, jamachis ou uaturás, pacarás, pñacarys, urupembas e alguns productos cerâmicos modernos do Amazonas, do São Francisco (Alagoas) e do Paranã, e as collecções cerâmicas de Peru e da Guyana Hollandeza, de propriedade estas de S.M. o Imperador.

- Vasos antigos de barro fabricados no Peru. – Exp.: S.M. o Imperador
- Vasos modernos de barro fabricados na Guayana Hollandeza. – Exp.: S.M. o Imperador.

Sala Gabriel Soares

Nesta sala acham-se expostos muitos productos de arte plumaria brasileira, adornos, tecidos e vestes de muitas tribus do Brazil. Nella estão igualmente as collecções archeolithicas do Museu Nacional, da sñra. d. Amelia Machado Cavalcanti de Albuquerque e dos sñrs. Cons. Caminhoá, J. Barboza Rodrigues e Tommaso G. Bezzi.

- Pentas dos Uaupés. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., M.Paraense e d. Amelia C. de Albuquerque.
- Objectos para o fabrico do tabaco Paricá. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., M.Paraense e Barão de Teffé.
- Sceptros dos indígenas Parintintins. – Exp.: S.M. o Imperador, M. Nac., M.Paraense e d. Amelia C. de Albuquerque.

- Patuá fabricado no Pará. – Exp.: S.M. o Imperador
- Bandejas de palha tecida fabricadas no Pará. Exp.: S.M. o Imperador e M.Nac.
- Tangas de contas usadas pelas mulheres dos indígenas Uaupés. – Exp.: S.M. o Imperador, M. Nac. e d. Amelia C. de Albuquerque.
- Redes de tucu com enfeites de pennas, fabricadas no Pará. – Exp.: S.M. o Imperador.
- Vestimentas dos indígenas Uaupés, Maués, Ipurinãs, Canamarys, Manetenerys e outros do Alto Amazonas. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., M.Paraense e Barão de Teffé
- Embornaes fabricados de algodão e de fibras vegetaes. – Exp.: S.M. o Imperador, M.Nac., M. Paraense, d. Amelia C. de Albuquerque e Barão de Teffé.
- Bolsas de entrecasca de arvore, contendo a tinta carajurú. – Exp.: S.M. o Imperador.
- Cabeça mumificada e reduzida de um chefe indígena do Equador, conservando toda a sua structura em miniatura. – Exp.: S.M. o Imperador.
-

Sala Anchieta

Encontram-se nesta sala as obras relativas a língua tupi ou guarani expostas na sua quase totalidade pela Bibliotheca Nacional; livros sobre ethnographia americana; quadros a óleo representando typos de diversas tribus do Brazil; photographias, gravuras a buril, cromo-lithographias, aquarellas & pertencentes a S.M. o Imperador, ao Museu Nacional e a Biblioteca Nacional.

- Estampas cromo-lithographadas da obra de W. Reiss e A. Stubel das Todtenfeld Von Ancon in Peru, Berlin. – Exp.:S.M. o Imperador.